1954

ABRIL - N. 443

EU SEI TUDO





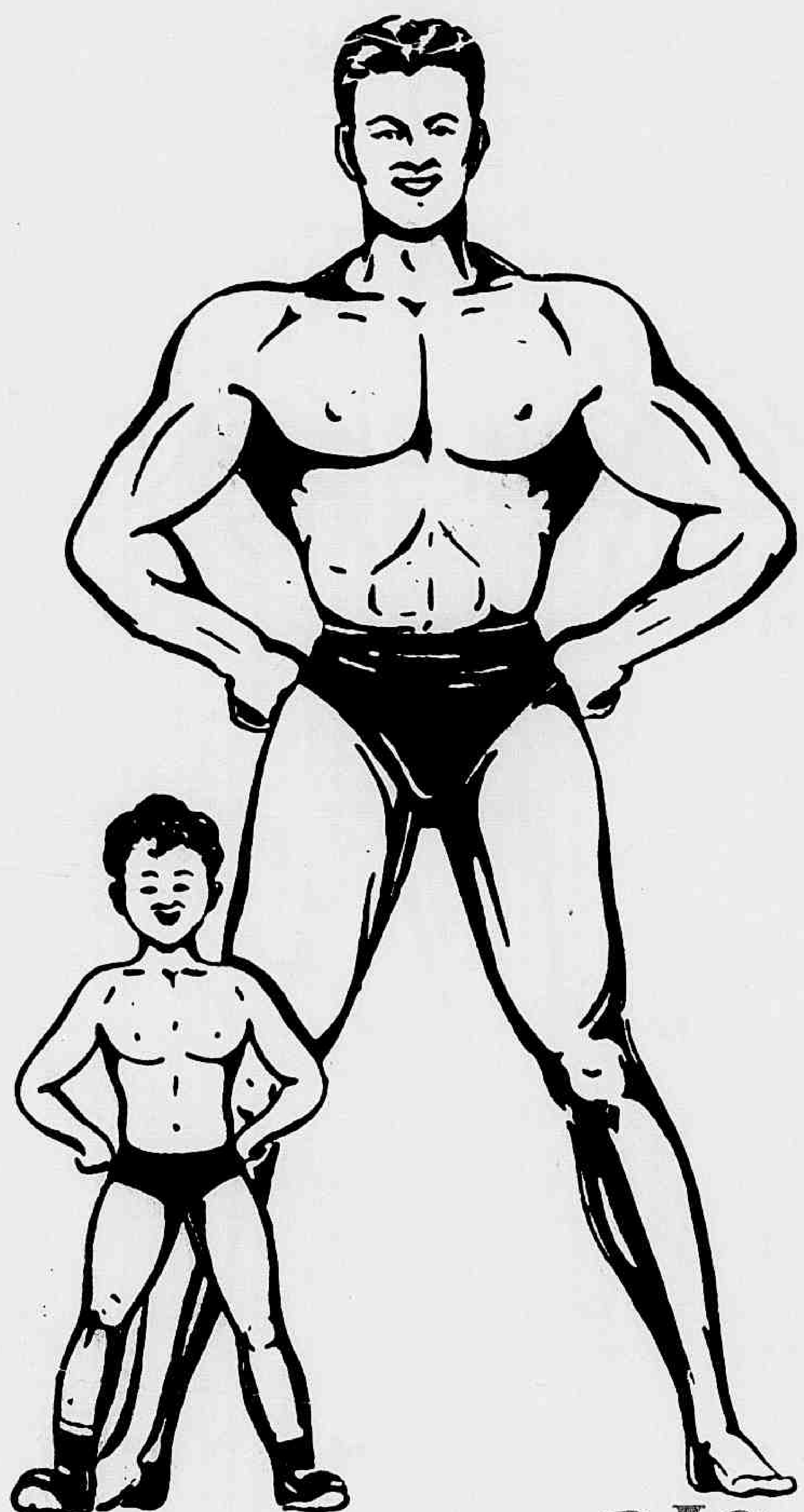
40 milhões de operários trabalham no estômago ★ Uma advogada no processo de Jesus ★ São Jorge (História, Tradição e Lenda) ★ Sou o homem mais desprezível do mundo.



ARROZINA

O alimento ideal dos bebês





JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

TORTA PAULINHO

ACENDA o forno; prepare os utensílios e os ingredientes. Tire os brinquedos de cima da mesa. Engordure a fôrma. Meça duas xícaras de farinha; tire as mãos de Paulinho da farinha, escove a roupinha e lave o rostinho dêle; torne a medir a farinha.

Passe a farinha na peneira assim como o levedo e o sal. Apanhe a vassoura e varra os cacos da batedeira que Paulinho acaba de quebrar. Consiga outra batedeira. Vá à porta ver quem bate.

Volte à cozinha. Tire as mãos de Paulinho da batedeira. Atenda ao telefone. Tire o sal que Paulinho jogou na fôrma untada. Procure Paulinho. Engordure outra fôrma. Atenda ao telefone.

Volte à cozinha. Tire as cáscaras de noz da fôrma untada. Veja Paulinho que saiu correndo e, tropeçando com a mesa, jogou ao chão a nova batedeira com a farinha peneirada.

Lave o chão da cozinha, a mesa e as paredes. Peça uma torta à confeitaria. Procure repousar.

★

SERIA mais fácil aos moços manter-se no bom caminho se fôssem aconselhados por alguém que tivesse marchado por êle. — **D. O. Flynn.**

★

SE é ou não má-sorte encontrar um gato prêto depende de que seja um boneco ou um homem. — **The New York Times.**

★

DE passagem pela Europa, Jorge Burnnel, recebe um telegrama do seu sócio, da distante S. Francisco da Califórnia.

— «Sua sogra faleceu. Que devemos fazer? Enterrá-la ou cremá-la?"

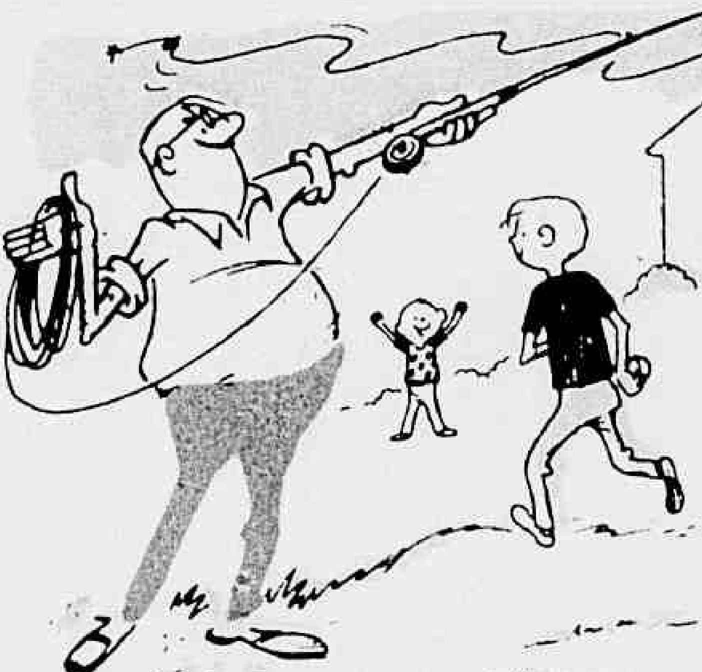
— «As duas coisas. Não devemos facilitar» — foi a resposta.

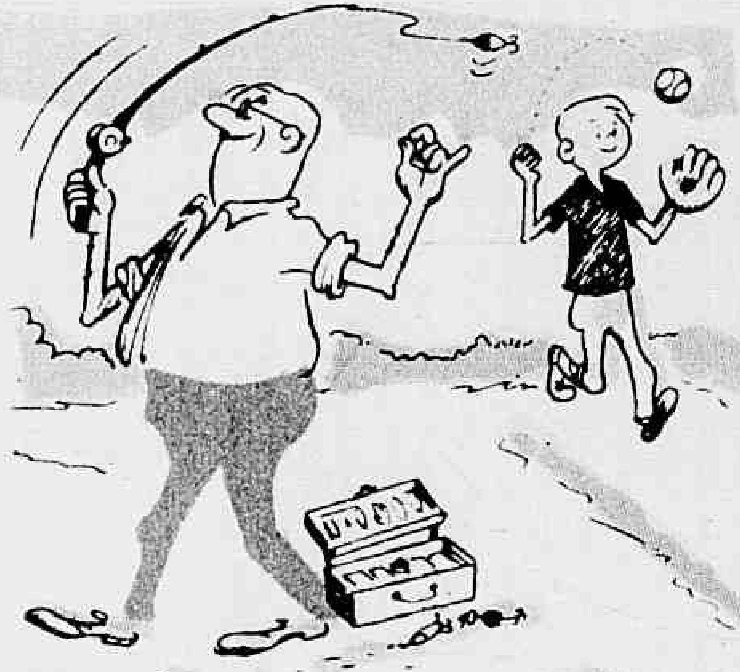
A GRANDE PESCARIA

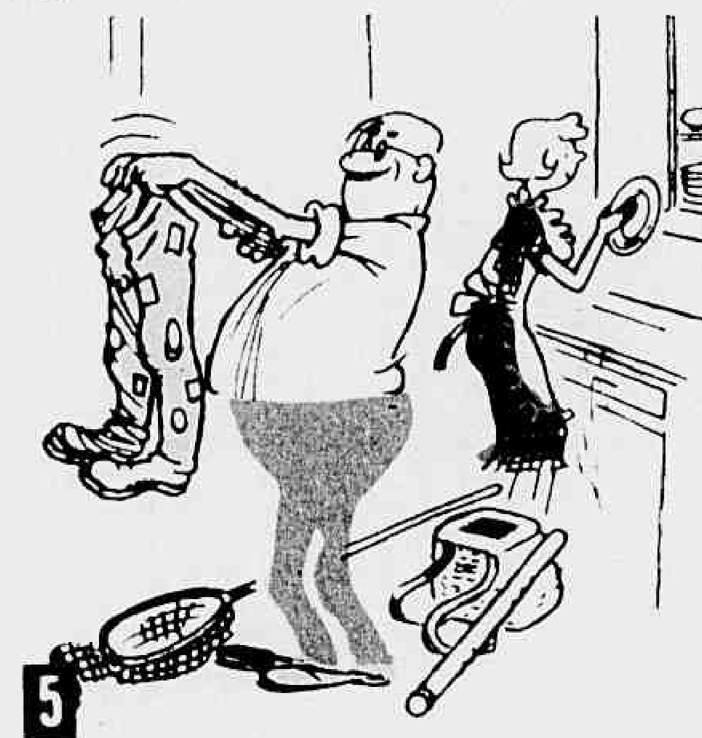
Por GEORGE WOLFE







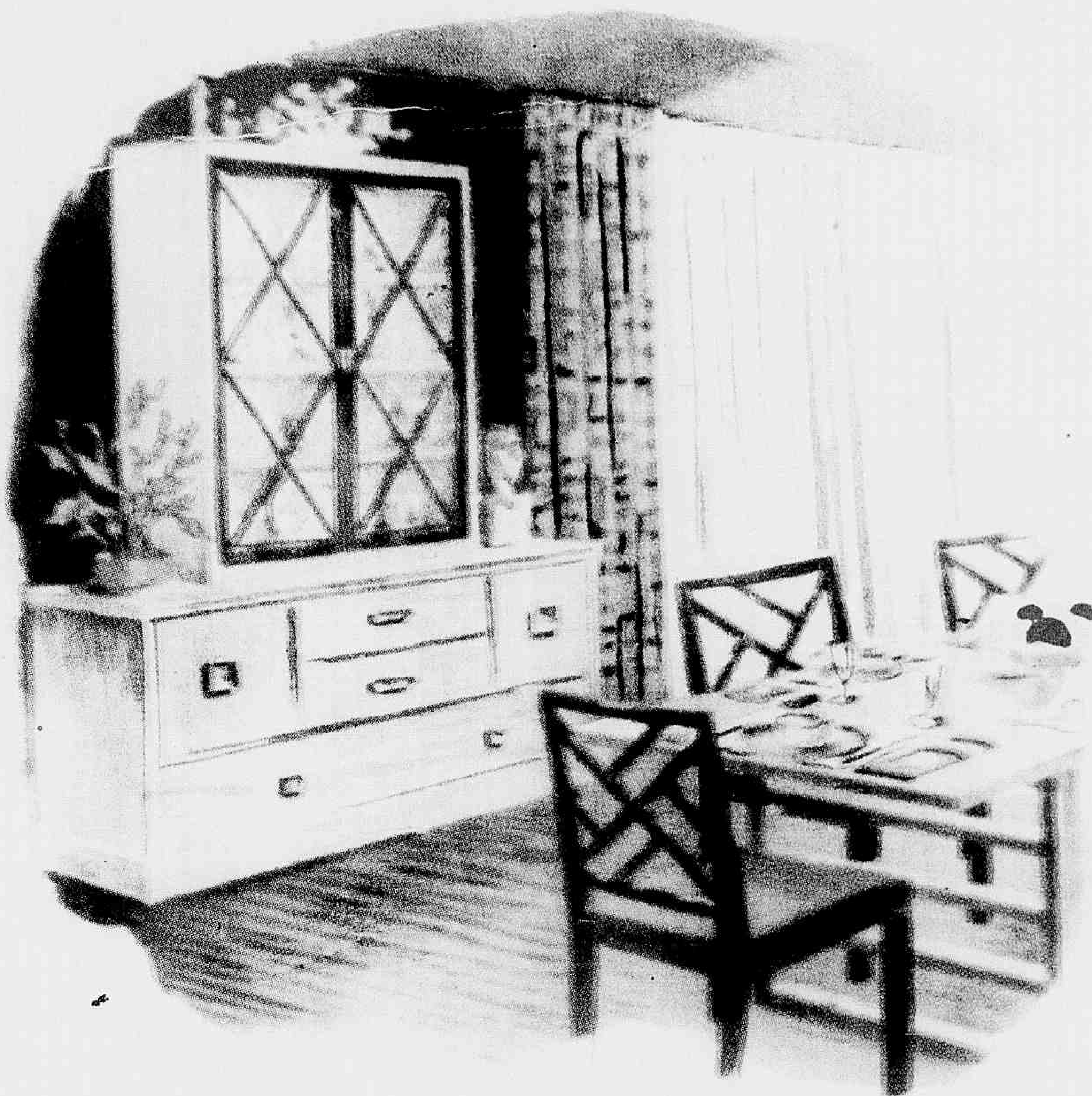




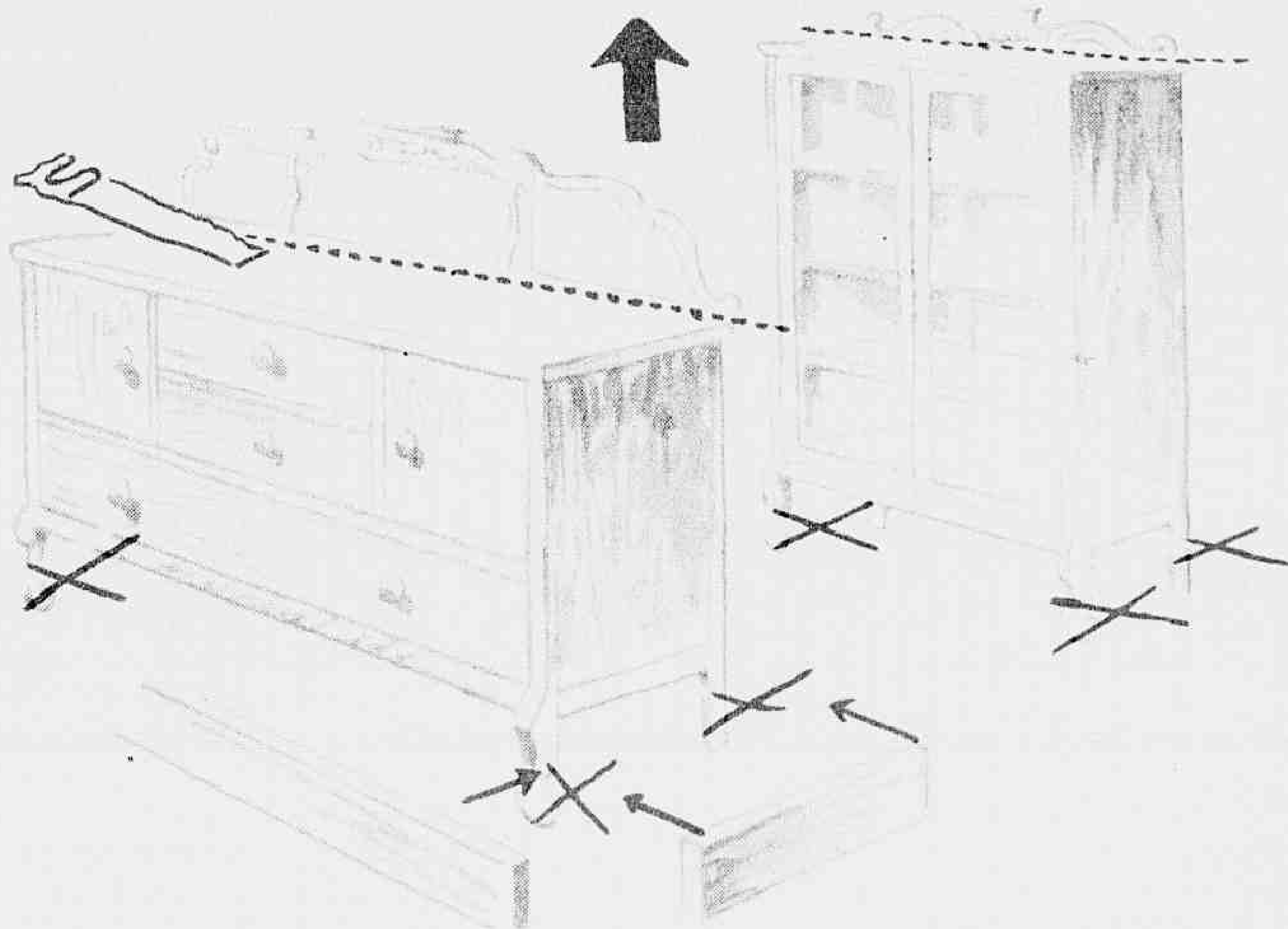


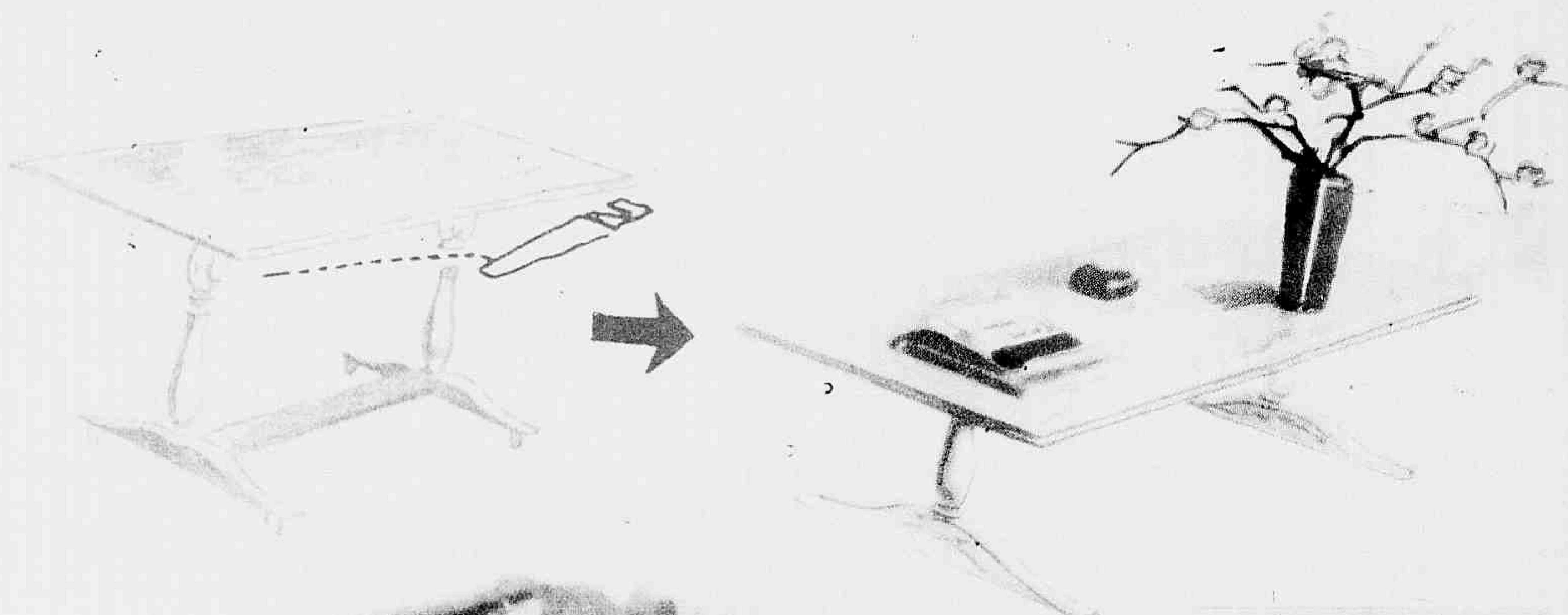


RENOVAR QUASE SEM DESPESA



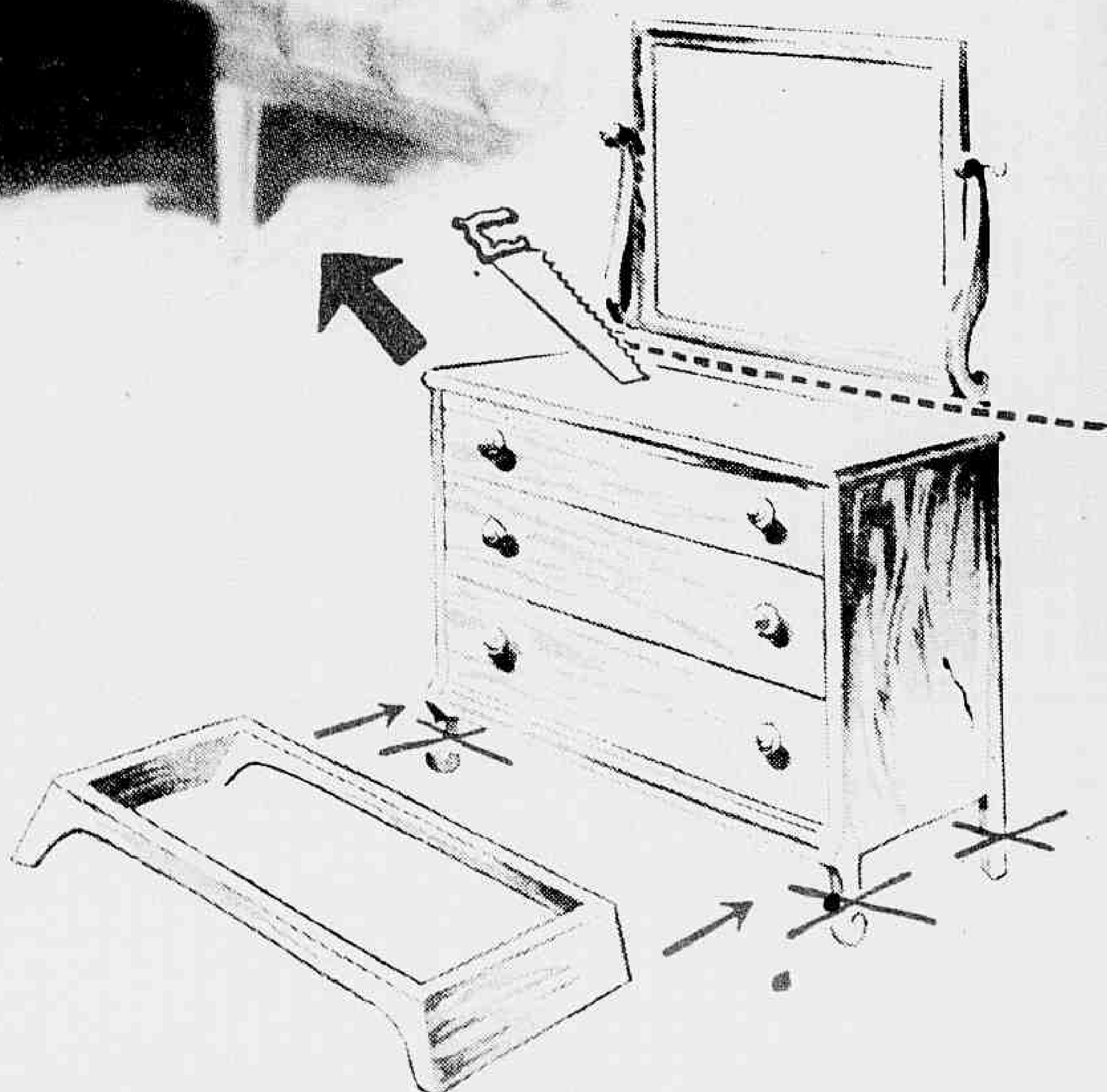
O antiquado mobiliário da sala de jantar, pode ser modernizado, removendo-se os pés da cristaleira e o espelho do étagère e colocando um sôbre o outro, dando ao conjunto uma base moderna. Os puxadores, também devem ser substituídos.







OUTRO golpe de mágica. Essa cômoda bastante antiquada ganhará nova e melhor fisionomia, se fôr retirado o espelho e a moldura, colocado o móvel em nova plataforma, pintando-o com côr diferente e colocando o espelho sôlto, sôbre êle — e sem moldura.



VEJAM essa velha mesa de biblioteca. Retirem todos os torneados, baixando a altura até a de melhor conveniência, troquem a côr, para melhor casar com o ambiente e o resultado será magnífico.

A NEBULOSA DE ANDROMEDA... NAO É UMA NEBULOSA!

O «Almagesto» — primeiro catálogo de estrêlas — feito por Ptolomeu, no ano 130, antes de Cristo, inclui a constelação de Andromeda, que mereceu desde então especial atenção dos astrônomos. O alemão Eduardo Heiss, em meados do século passado, determinou em 139 o número de suas estrêlas visíveis, contando a nebulosa. Entende-se por nebulosa os objetos visíveis da esfera celeste, mas de contornos imprecisos, como uma nuvem diminuta. A nebulosa de Andromeda foi a primeira que se descobriu no céu e é o objeto mais distante que podemos ver sem a ajuda de prismáticos ou telescópios. O dado mais antigo que se tem sôbre ela é o do astrônomo persa Sufi, que a assinalou no século X. Na Europa, foi descoberta por Simão Marius, em 1612.

Em recente edição de «The Sky Reporter», órgão do Planetário Hayden, é assinalado que, de fato, não é uma nebulosa, mas sim, um conglomerado estelar, porém, que o costume consagrou o nome de Grande Nebulosa. Segundo a mesma publicação, os astrônomos que calcularam que Andromeda se encontrava a 750.000 anos-luz (ou seja 6.750.000.000.000.000.000 km.) da Terra, ficaram muito distantes da verdade. Estudos realizados nos últimos meses determinaram que essa distância é exatamente o dôbro, isto é: que podemos ver Andromeda no firmamento, graças à luz que dela saiu há um milhão e meio de anos!

★

EXTREMOS

HÁ dois tipos de pessoas que raramente chegam a destacar-se: as que nunca fazem o que se lhes ordena, e as que sempre fazem só o que se lhes ordena. — Cirus H. K. Curtis.

★

UMA prova de boa-educação é suportar amàvelmente a má educação alheia. — **The Wedge**.

HOMEM RICO, HOMEM POBRE

OU "O DRAMA DE ABRIL" — *Por CLAUDE*



ANO XXXVII ★ Nº 11 ★ EU SEI TUDO ★ Nº 443 ★ ABRIL — 1954



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO e LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: J. M. Costa Junior, S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant-Anna. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33. Av. 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O BOTÃO DOURADO

Por OSCAR SCHISGALL

O jovem Bill Cordair saiu decidido a despedir o velho empregado, mas voltou com uma lição que jamais esqueceu na vida.

O jovem Bill Cordair, novo Presidente da *Companhia Cordair*, olhou para o gerente com ar zombeteiro:

— Que há, Dave? Está ficando mole? — perguntou.

— Pois bem, julgue-me assim, se quiser — respondeu Dave — mas não consegui dizer a êle. Eu não! O senhor terá de despedi-lo pessoalmente.



— Ora, você tem despedido muita gente na vida.

— É, mas êste caso é diferente. Sam trabalha para a companhia há trinta e dois anos! É a vida dêle tôda!

— Ora... — replicou Bill. — Pelo que vejo êle está fazendo todo mundo aqui de bôbo. Mata o tempo como quer. Nunca vi uma pessoa gastar tanto tempo inùtilmente!

— Olhe, Bill. Êle sabe o que faz. Talvez seja um pouco excêntrico, mas seu pai se arranjou muito bem com êle êstes anos todos, e...

— Agüentou com êle tempo de mais — falou Bill. — Mas eu o despedirei.

Levantou-se de sua cadeira. Era alto, magro e ainda usava o corte de cabelo característico das universidades e das escolas de aviação.

Com passos rápidos, atravessou a sala, pensando: sentimentalismo é muito interessante, mas cada coisa deve estar em seu lugar. E quando é preciso pôr eficiência e bom-senso numa organização é necessário mostrar energia e trazer lucros positivos.

Seu pai se aposentara três semanas antes e ao partir para a tão sonhada viagem de turismo pelo mundo lhe dissera:

— De agora em diante, Bill, você é o presidente da companhia; você é quem manda!

E êle achava que não poderia agir inteligentemente com aquêle bocado de *madeira velha* encostada — como êle chamava os velhos empregados como Sam. Hawk, que cuidava do departamento de botões para casacos e que ganhava oitenta dólares por semana para fazer um serviço que, segundo êle achava, qualquer garôto poderia fazer e sem perder tempo em inutilidades.

Bill foi encontrar Sam Hawk na sala de cortes, curvado para o telefone. Era um homenzinho franzino, em mangas de camisa e nesse instante segurava um botão em uma das mãos, enquanto o descrevia para a pessoa, no outro lado da linha.

— Tem mais ou menos o feitio de uma meia-lua, compreende? É de madeira trabalhada e com algum relêvo, ouviu? É dourado! É parte de uma encomenda, feita há alguns anos... Tem certeza de que não foi do seu estoque, Ed? (Esperou um pouco, enquanto o outro falava). Quem? Ah, o Sheinrod? Está certo. Vou procurá-lo.

E Sam Hawk desligou o telefone.

Era calvo e o pouco cabelo que sobrava era prateado. Foi até ao cabide e apanhou o paletó.

Bill Cordair então disse:

— Sam, preciso falar com você!

— Agora não posso, tenho que achar outro botão igual a êste.

— Olha aqui, Sam... — recomeçou Bill.

— É um pedido de Paul Brothers, South Bend — explicou Sam, olhando o relógio. — São dez para as cinco. Preciso chegar à fábrica de Sheinrod antes que feche. Procure-me quando eu voltar.

Bill quase perdeu o contrôle quando viu o velhinho calvo sair.

Que modos de se dirigir ao patrão, ao Presidente da firma! E o pior era que Sam Hawk não dava muita importância a esta questão de saber quem era patrão.

Bill olhou para um dos operários e perguntou:

— Há quanto tempo está êle procurando êste maldito botão?

O operário sorriu e respondeu:

— O dia inteiro: começou hoje cedo!

Bill murmurou qualquer coisa.

A "Companhia Cordair" costumava usar sempre botões originais para enfeitar os casacos de senhora, de sua fabricação exclusiva.

Alguns dêstes botões tinham preço bem alto e quando alguma freguesa perdia algum começava a confusão.

Primeiro, ela reclamava do revendedor e êste apelava para a "Cordair".

Geralmente, a Companhia tinha em estoque tôdas as espécies e conseguia suprir imediatamente a falta.

Mas daí a passar um dia inteiro a procurar um botão...

Não seria muito mais inteligente mandar um novo grupo de botões, todos iguais? E informar depois, que aquêle outro tipo já estava fora do estoque?

Bill suspeitava de que Sam inventara aquilo para *matar o tempo* pra lá e pra cá. Seria mais um pretexto para ir às fábricas e ficar de conversa com antigos companheiros. Seus olhos se estreitaram. Sabia que, se fôsse até à fábrica de Sheinrod, agora, encontraria Sam conversando, à-toa, com o ridículo pretexto do botão.

"Sim, é exatamente isto o que devo fazer" — pensou êle.

Assim, teria a faca e o queijo na mão, isto é: o motivo mais do que justo para despedir o antigo empregado. Resolveu e foi. Intimamente, regozijava-se com a oportunidade.

Quando entrou na fábrica de Sheinrod viu logo Sam, curvado sôbre o balcão e conversando com um homem gordo.

Nenhum dos dois se virou para olhar para êle. Ambos estavam curvados, examinando o tal botão.

— Sim, êste é de nossa fabricação, Sam — disse o gordo. — Mas não fabricamos mais dêste tipo desde 1949. Sinto muito, mas não posso serví-lo!

— Mas, Joe, é preciso! — insistiu Sam. — É um pedido de um dos nossos mais antigos e conceituados fregueses! Nada mais, nada menos que "Paul Brothers"!



— Ora, "Paul Brothers" ou "Samuel Brother"... que quer você que eu faça? Fabricar um único botão?

— Sim, sim. E procurar dar a coloração *exatamente igual*!

— Sam, você está doido!

— Preciso dêste botão!

— Você sabe quanto custaria um trabalho *extra*, assim? Talvez uns cinco ou seis dólares!

— Eu disse que fazia questão de preço? — perguntou Sam. — Trate de fabricar o botão, Joe!

Bill estava a ponto de meter-se na conversa. Que coisa ridícula! Começou a andar em direção ao balcão.

O gordo fabricante de botões olhava para Sam, espantado:

— Você acha que vale a pena dar êste preço por um botão?

— Escute aqui, Joe — disse Sam, com ar paciente. — Que pensa você da "Cordair"? Nós fabricamos casacos há quarenta e quatro anos e conservamos quase todos os nossos primeiros fregueses! Por quê? Porque temos orgulho do nosso serviço! Porque nos responsabilizamos pelos nossos artigos, entende? Quando um freguês nos pede um favor nós viramos o mundo pelo avêsso, mas satisfazemos o freguês — *e êle sabe isso*!

— Sim, mas cinco dólares por um botão!

— Equivalem a um milhão em confiança e boa-vontade. Não discuta comigo, Joe! Estou neste negócio há bastante tempo para saber quando e o que vale ou não vale a pena fazer e gastar. Quando fica pronto o botão?

— Depois de amanhã, sem falta.

Só então, Sam resolveu ir embora e estava satisfeito.

Quando viu Bill na sua frente ficou admirado.

— Olá! — perguntou, espantado. — Está me seguindo?

— Mais ou menos — respondeu o rapaz.

— Que aconteceu?

Bill olhou para o chão da calçada. Seus pensamentos eram estranhos. Pensava na reputação da "Cordair" e nos produtos de sua fabricação e...

— Sam... — começou êle. — Eu acho (falava enquanto caminhava, e sua voz não estava muito firme) que você representa exatamente o que meu pai sempre quis conseguir dentro da firma...

— Onde deseja chegar, menino? Que...

— Bem; o que eu queria dizer, Sam... (Bill experimentava uma estranha sensação de humildade). Isto é, agora que eu assumi a presidência da firma... Vou precisar de homens como você... junto de mim e queria saber se... se posso contar com você; isto é: quero ter a certeza de que você vai continuar conosco. Aí está!

Sam olhou para o rapaz demoradamente. Depois começou a falar e havia calma em sua voz:

— Creio que estava enganado a seu respeito, Bill — disse êle. — Antes de seu pai se aposentar eu mesmo disse a êle que você nunca seria o que êle foi.

O velho empregado falava com ternura e suas palavras eram confortadoras.

— Vejam só! E no entanto você vem atrás de mim até à fábrica de Sheinrod para garantir ainda mais a minha autoridade; para me apoiar na encomenda de um simples botão!... Isso, menino! Muito bem! Isto é exatamente o que o seu velho pai teria feito!...



ERA uma dessas noites em que a chuva cai copiosa, interminável, enxarcando tudo e enlameando os interiores mais luxuosos. Um homem de elevada estatura, aparentando quarenta anos, de aspecto aristocrático, penetrou no *hall* de um hotel de Toronto, Canadá, caminhando até o balcão da gerência. Uma capa de superior qualidade protegia a sua elegante pessôa até os tornozelos, estando abotoada até à altura do pescoço. Em seu redor, quando parou, para assinar o nome

Então foi grande a surprêsa do "boy"-carregador ao ver diante de si um cavalheiro apenas de chapéu, óculos, camiseta sem mangas, cuecas, meias e sapatos. Roupa mesmo... era coisa que não havia por baixo da capa.

Foi realmente humilhante para o hóspede quando o detective do hotel, alertado pelo pequeno carregador de valises, bateu à sua porta, minutos depois, para uma "conversa" em que tratou de explicar a Mr. Himber a inconveniência de usar tão



O HÓSPEDE DAS NOITES DE CHUVA

(Episódio real)

no livro próprio, a água escorreu, molhando o tapête de borracha.

— Que tempo horroroso — comentou êle, dirigindo-se ao gerente, depois de haver pedido um quarto e um banho imediato.

— Tem tôda a razão, senhor — concordou o funcionário, que, a seguir, chamando um "boy", indicou-lhe com um olhar a bela valise de couro de crocodilo que o hóspede abandonara sôbre o balcão, entregando a êste a chave dos seus aposentos.

Mr. Himber — tal era o nome escrito pelo hóspede — acompanhou o carregador com movimentos nervosos e apressados. Tão logo o elevador parou no andar devido, o hóspede tratou de sair, acompanhando o "boy", porém o impaciente cabineiro logo fechou a porta do elevador... e com isso colheu a comprida capa de Mr. Himber. Em pânico, temendo ser arrastado pelo elevador que subia, o hóspede resistiu. Os botões saltaram e, para não sofrer maiores danos, o cavalheiro elegantíssimo tratou de sair de dentro da capa o mais depressa que pôde,

pouca roupa, principalmente num hotel de respeito. Rubro de vergonha, o hóspede elegante explicou que tinha sido assaltado e roubado, em outro hotel, e que por isso tivera que recorrer à capa, para sair em busca de outro pouso.

O detective, porém, não aceitou a explicação e, num rápido inquérito em outros hotéis, tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos, veio a saber que Mr. Himber se especializara nesse golpe da capa comprida, agindo sòmente nas noites de forte chuva. Pedia um quarto, fechava-se nêle e na manhã seguinte promovia escândalo, declarando-se roubado não apenas na roupa, como também em seu dinheiro, relógio, etc. Ameaçava levar o fato para os jornais e acabava obtendo plena indenização do hotel. Com isso já havia tomado cêrca de quatro mil dólares de diversos estabelecimentos.

Felizmente, desta vez, a pressa de um cabineiro "descobriu" o enbuste e um juiz não tardou a arranjar as coisas de maneira a que Mr. Himber, durante três anos, ficasse impedido de andar procurando hotel em noites de chuva, enviando-o para o cárcere.



Os artistas sempre imaginaram o santo realizando a mesma façanha. Ao alto, temos a concepção de Bartolomeo Vivarini, pintada em 1485.

S. JORGE

QUE sabe, afinal, o leitor a respeito de São Jorge, padroeiro da Inglaterra, santo e cavalheiro, Ogum, senhor dos elementos, rei dos terreiros e dono do mundo? O fato do seu martírio, na Ásia Menor, no ano 300 da nossa era, é absolutamente certo. Da mesma forma a veneração de que começou a ser alvo, pouco depois, na imensa planície de Sharon, nas cercanias de Jaffa (ou *Joppa*). Sharon foi famosa por suas rezas, admirável pelo colorido, o tamanho e a fragrância, segundo encontramos na *Canção de Salomão*. Portanto, é justo o que se faz em quase todo o mundo: usar uma rosa no dia da festa dêsse santo, costume muito antigo e ainda hoje fielmente observado pelos devotos. Entretanto, o resto do que é contado a respeito de S. Jorge pode ser dividido em três classes, que classificaremos como *provável, possível* e *falso*.

Se não considerarmos a última, se admitirmos a segunda com as devidas reservas e aceitarmos a primeira, a história de S. Jorge pode ser contada como adiante apresentamos.



Ao aproximar-se o fim da terceira centúria depois de Cristo, Anastácio, o Cristão, governador da Palestina ao tempo do imperador romano Deocleciano, ganhou de sua espôsa, Teógnosta, filha do conde de Lydda (uma cidade na estrada que ia do que é hoje Tel-Aviv a Jerusalém), um filho, a que os pais deram o nome de Jorge, que era e continua sendo

um nome favorito nessa parte do mundo. O menino foi desde cedo educado para ser soldado. Serviu como Tribuno Militar na Guarda Imperial Romana nas prolongadas campanhas que terminaram com a conquista da Pérsia por Galerius, associado no govêrno ao imperador Deocleciano, em 297.

Enquanto Jorge estêve servindo no exército, conheceu outro oficial cristão, com o qual se ligou por grande amizade. Tratava-se de Constantino, filho de outro adjunto do imperador. Constantino estava destinado a ser Constantino, o Grande, e a fazer do Cristianismo a religião oficial do Império Romano. Após a guerra, George retornou à Palestina. Pode ter vivido, realmente, em Beirute, na Siria, onde existe uma Baía de São Jorge. Também é provável que tenha visitado seu amigo Constantino, que tinha mãe inglêsa e estava vivendo, então, em York. Se Jorge realizou, de fato, essa viagem à ilha destinada a tê-lo mais tarde como santo padroeiro, deve ter adotado como via o Canal de São Jorge, entre a Grã-Bretanha e a Irlanda.

Em 1298, o imperador Deocleciano, que era pagão, havia convencido seu colega Galerius, mais moço do que êle, de que os soldados cristãos eram uma fonte de desentendimento no Exército.

Galerius, um rude disciplinador, queria que todos os homens pensassem de uma só forma e não podia admitir que os Cristãos não sacrificassem, como os demais soldados, aos deuses do Estado. Isto, é claro, porque os Cristãos consideravam o seu próprio Deus superior aos de Roma. Para Galerius, os soldados que repeliam as tradicionais formas religiosas não ofereciam segurança, nos dias de batalha.

De acôrdo com êle, Deocleciano decretou que todos os seus soldados teriam, em futuro, que tomar parte nos periódicos sacrifícios oficialmente oferecidos às deidades romanas. Como resulatdo dessa lei todos os Cristãos trataram de deixar o exército, por meio de renúncia formal ou, não sendo isso possível, pelo meio mais rápido da deserção. Seu nome não foi lá muito grande, porém sua atitude



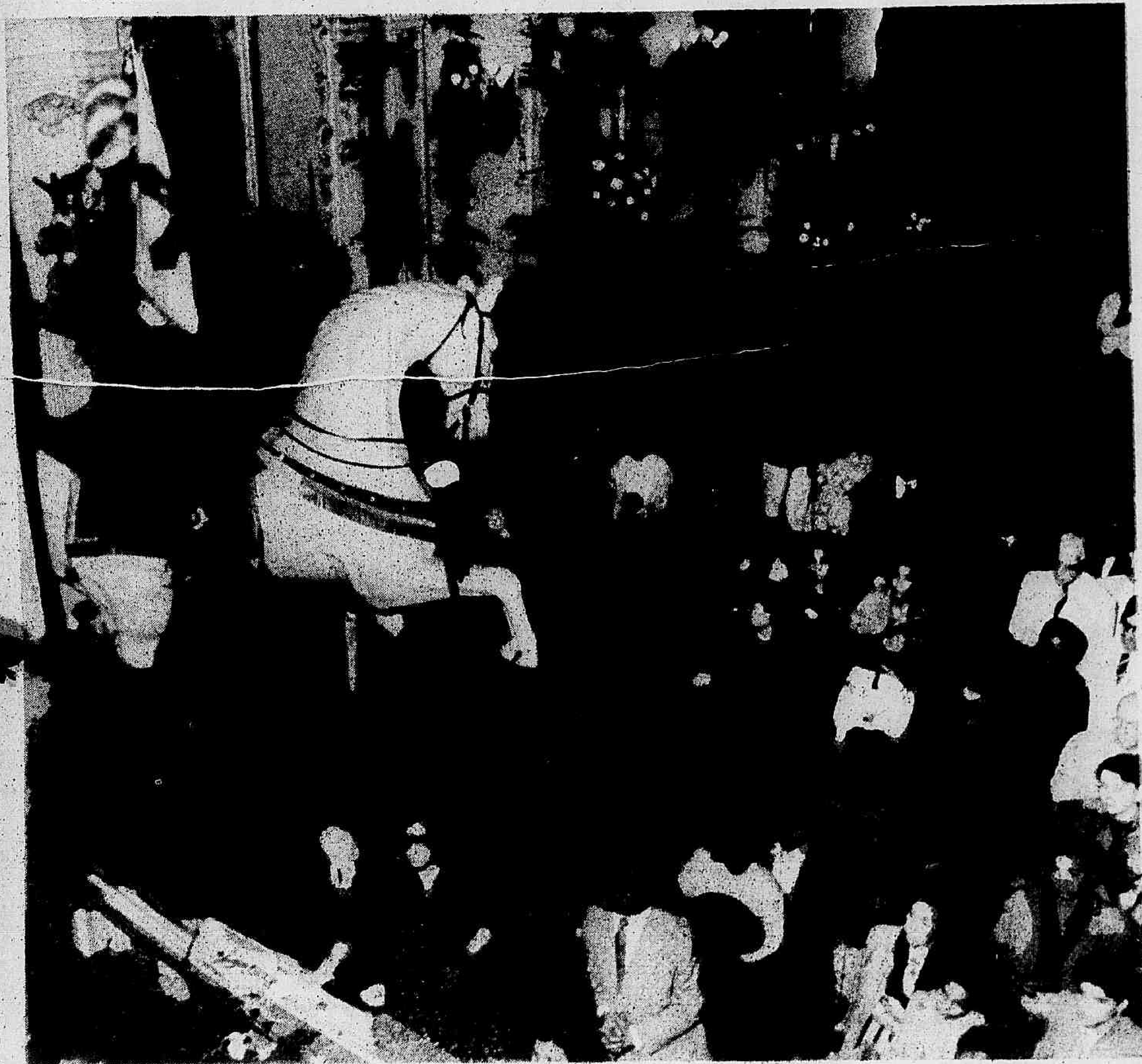
O São Jorge de Rafael é a mais romântica concepção dêsse santo, embora o seu dragão pareça um animal quase inofensivo, comparado com o de outros artistas.

enfureceu Galerius, que decidiu combater essa "crescente heresia" por todos os meios em seu poder.

Entre outras medidas obteve de Deocleciano um édito proibindo tôda e qualquer reunião dos Cristãos e, não contente com isso, ordenou a destruição de todos os templos e livros sagrados dos mesmos, privando-os ainda de todos os direitos civis. Não tardou muito, como era habitual nessa época, a que êsse movimento se transformasse em total perseguição. Os Cristãos eram acusados por todos e das mais diversas faltas e, imediatamente, sofriam os mais cruéis castigos, desde a perda de todos os seus bens até à da própria vida. As atrocidades contra os Cristãos não tiveram limites, chegando mesmo, nos distritos mais remetos, ao verdadeiro massacre.

Jorge, em virtude do seu prévio estágio no Exército Romano, e por ser membro de família distinta e com incontáveis serviços ao império, foi para Nicomédia, cidade importante ao noroeste do que é hoje a Ásia-Menor, a fim de protestar perante Deocleciano e Galerius, então ali residentes. Foi êsse um ato tão corajoso como se um antigo oficial germano-judeu fôsse afrontar a cólera de Hitler no seu quartel-general nos anos de 1934-35. Jorge, aliás, devia conhecer perfeitamente o risco que corria, pois que deu as necessárias instruções a seus amigos, rogando-

Em todos os tempos, é grande e incessante a homenagem dos crentes. A gravura que publicamos acima mostra o interior da Igreja de São Expedito, onde os fiéis se reúnem aos pés de São Jorge.



lhes que, no caso de ocorrer o pior, tentassem enterrar o seu corpo na sua cidade natal de Lydda.

ANOS EM PRISÃO

Deocleciano recusou dar ouvidos ao apêlo do seu ex-Tribuno Militar. Simplesmente consentiu em colocar Jorge fora do alcance das medidas disciplinares de Galerius, o mais fantástico dos dois. Mesmo assim, Galerius manteve o futuro santo em prisão por seis anos aproximadamente, durante cujo tempo o prisioneiro foi repetidamente torturado, desejando seus algozes forçá-lo a sacrificar aos deuses da antiga Roma. Porém Jorge, corajosamente, negou-se a obedecer.

Sua resistência e a eloqüência com que sustentava sua fé, revelando que sua palavra era tão forte como sua vontade, impressionaram todos os espíritos que não estivessem tão fanatizados como o de Galerius. Entre os que se deixaram vencer pela sua resistência e dominar por sua eloqüência podemos citar a imperatriz Alexandra, espôsa do próprio Galerius. Tornou-se cristã, para maior furor do seu brutal marido, que, segundo alguns cronistas, acabou ordenando que fôsse ela também martirizada juntamente com as demais vítimas da sua crueldade maníaca.

Não é impossível que essa crença de *haver salvado a alma de uma dama tão casta, tão elevada, da maldade do seu espôso, que era como um verdadeiro dragão*, tenha servido de base à lenda do *salvamento de uma indefesa princesa*, pelo herói e santo, *do monstro que estava prestes a devorá-la*.

Finalmente, em 304, Galerius acabou mandando degolar o seu obstinado prisioneiro. Os amigos do decapiatdo só seis anos mais tarde pensaram no pedido que lhes fôra feito.

Conseguiram reconquistar o seu corpo, que levaram para Lydda, onde o enterraram, marcando o local com uma das famosas roseiras de Sharon.



Detalhe da estátua do milagroso santo, existente no Museu Histórico, localizado na Quinta da Boa-Vista.

PRECISA-SE DE UM CAMPEÃO

Alguns anos depois, o Cristianismo foi instituído como a religião oficial do Império Romano, por ordem de Constantino, o Grande. A atual Igreja Grega Ortodoxa sustenta que no Conselho de Arles, em 314, no sul da França, S. Jorge foi escolhido como Campeão da Cristandade e Capitão do Nobre Exército dos Mártires. Bizâncio, quartel-general da Igreja Grega, foi, sem dúvida, nesse tempo, o maior baluarte do Cristianismo no Oriente e necessitava, portanto, de um campeão.

No Oriente, Constantino foi o primeiro a usar a Cruz Vermelha, símbolo do martírio para a fé Cristã e que seria um estandarte na guerra. Êsse estandarte passou pouco depois a ser conhecido como a Cruz de São Jorge. O mesmo imperador, talvez em memória da velha amizade, também construiu muitas igrejas

em honra de S. Jorge. Entre elas, ergueu uma em Lydda, da qual algumas pedras ainda podem ser encontradas entre as ruínas ali existentes.

Sabemos que uma Ordem de S. Jorge foi instituída pelo Rei Artur, que foi não apenas o famoso herói lendário, mas, possìvelmente, um verdadeiro rei na Inglaterra, durante a primeira metade do século VI. Sua famosa Mesa Redonda, de dezessete pés, com a Rosa de Sharon no centro, parece ter sido parte do mobiliário dessa Ordem.

LENDA SIMBÓLICA

Ao findar êsse distante século, um dragão passa a ser associado com a figura de S. Jorge. É possível que o missionário enviado à Bretanha pelo Papa Gregório, o Grande, em 597, tenha relatado aos seus convertidos alguma lenda simbólica. Sabido é que desde os tempos de Constantino, o pecado a depravação e a maldade dêste mundo eram descritos como uma espécie de crocodilo alado. Mais tarde, os historiadores inglêses reconheceram que o Venerável Beda (673-735) apontou o 25 de abril, em seu Calendário, como a data do martírio de S. Jorge.

O estandarte da Cruz de S. Jorge foi usado pelos primeiros Cruzados. De fato, foi desfraldado sôbre a cabeça dos Normandos, invasores da Inglaterra, conforme está representado nas Tapeçarias de Bayeux, trabalhos, sem dúvida, completados ao tempo em que vivia o próprio Conquistador. A partir de então, S. Jorge passou a ser considerado, mais e mais, pelos Inglêses, como o seu padroeiro especial.



Vemos na foto um estandarte de São Jorge dominado por dois espadões de cavalheiro.

Êsse santo "oficial", entretanto, até ao reinado de Eduardo III, foi o rei Saxão, Eduardo, o Confessor, sem dúvida alguma homem piedoso, embora muito longe de ser um monarca corajoso ou sensível.

A escolha dessa mediocridade como herói nacional por homens rudes e guerreiros poderá parecer curiosa, se não refletirmos que os Inglêses dos mais recuados tempos medievais tenderam por muitos anos a olhar para trás, para o reinado de Eduardo, o Confessor, que consideravam como uma espécie de idade de ouro.

Ricardo, Coração de Leão, quase ao terminar o séc. XII, parece ter sido inspirado por uma visão de S. Jorge, com formosa e brilhante armadura, comandando uma carga irresistível, numa batalha travada durante o cêrco de Acre, na costa norte da Palestina.

Contam certos escritores que essa visão animou os Cruzados para a luta e, de fato, dirigidos por Ricardo, alcançaram brilhante vitória sôbre os Serracenos.

Segundo os mesmos, o rei Inglês, em gratidão por essa assistência sobrenatural, mandou reparar a antiga igreja de São Jorge, em Lydda.

LUTA TREMENDA

Em 1222, o National Council of Oxford, decidiu organizar um grande festival em honra ao santo, no qual o dragão foi apresentado, à guisa de satânico adversário da verdadeira fé, para ser dominado e vencido pelo herói do dia.

Por todos êsses motivos foram inúmeras as histórias ligando S. Jorge ao dragão,



Uma das inúmeras e belas imagens do santo, existentes em muitas igrejas e «terreiros» do Rio de Janeiro.

naqueles tempos. A mais popular entre tôdas foi, talvez, a que contou Jacques de Voragine, arcebispo de Gênova (de 1236-1898), em sua "Lenda Dourada", traduzida para o inglês por William Caxton. Segundo essa lenda, houve uma vez, na Líbia, uma cidade chamada Selene. Todos os campos em seu redor tinham sido devastados por um monstro terrível, que sòmente era impedido de atacar e devastar a cidade pela oferta diária de dois gordos carneiros. Mas chegou um tempo em que não havia mais nem um só carneiro para apaziguar a fome do monstro, que imediatamente começou a aumentar sua devastação em tôrno da cidade. Por isso, diàriamente, eram sorteadas duas crianças até à idade de quinze anos e as indicadas pela sorte eram oferecidas em sacrifício ao monstro.

Um dia a sorte apontou a própria filha do rei, Cleodolinda. Imediatamente o soberano ofereceu tudo o que possuía ao cidadão que se apresentasse para substituir a infeliz. Porém todos recusaram e Cleodolinda foi abandonada, só, fora das muralhas de Selene, a fim de seguir o seu triste destino.

Um Tribuno do Exército Romano, Jorge da Capadocia, surgiu cavalgando um cavalo branco e, ao saber da triste história da jovem princesa, decidiu, imediatamente, sair ao encontro do dragão, em nome de Jesus Cristo, a fim de matar a fera ou morrer nessa emprêsa.

O monstro se atirou contra o cavalheiro e tremenda luta se seguiu, até que Jorge, com ousadia e perícia sem par, varou o dragão com sua espada. Porém a fera não morreu imediatamente e Jorge disse

a Cleodolinda que passasse seu próprio cinto em redor do pescoço do monstro, a fim de o conduzir em triunfo até à cidade. Ela assim fêz e o monstro a seguiu submissamente. À chegada do estranho grupo, o povo, cheio de terror, tratou de fugir. Porém, Jorge a todos serenou e, depois de os ter reunidos na praça principal, degolou o dragão. Foram necessários quatro juntas de bois para arrastar para fora da cidade a imensa carcassa.

O rei, a rainha, Cleodolinde e vinte mil cidadãos abraçaram o cristianismo. O rei ofereceu a Jorge a mão de sua filha em casamento. Porém o santo herói, cortêsmente, declinou essa proposta e, após recomendar ao rei que honrasse a religião e amasse aos pobres, beijou-o nas duas faces e continuou viagem.

Em 1346, ano da vitória de Eduardo III sôbre os franceses, em Crécy, êsse soberano instituiu as Ordens da Jarreteira, de Nossa Senhora e de S. Jorge, em substituição à do pálido Eduardo, o Confessor, padroeiro dos soldados da Inglaterra. Foi outro grande rei vitorioso, Henrique V, quem pela primeira vez gritou o nome de S. Jorge, antes da grande batalha de Agincourt.

Desde então, aliados e inimigos, sôbre tôda a Europa e outras terras, passaram a ouvir, com alegria ou temor, êsse grito de batalha dos Inglêses.

Spenser utilizou uma variante dessa velha história, em seu Faerie Queene. Shakespeare se refere constantemente a São Jorge. Richard Johnson, em sua obra "Most Famous History of the Seven Champions", publicada na primeira metade do século XVIII, vai mais além, apontando o sétimo campeão, Jorge, como o filho de um conde de Coventry! Quando a Inglaterra começou a ser governada, por mais de cem anos, por uma sucessão de Jorges, êsse culto atingiu o maior fervor.

Os nobres inglêses começaram a usar casacos azuis no dia 23 de abril, em memória de S. Jorge, do rei Eduardo III e seus Cavalheiros da Ordem da Jarreteira. Ainda hoje, em muitas aldeias da Inglaterra, na mesma data, as crianças cavalgam seus cavalinhos de brinquedo e investem contra o "dragão". Na verdade, a terrível fera parece ter despertado particular interêsse nos instintos combativos das populações rurais.

UMA INSPIRAÇÃO — Há, realmente, inúmeras razões, nesse longo culto por S. Jorge, na Inglaterra, para que os Inglêses não lastimem que o seu padroeiro tenha sido um filho de outras terras.

Nem é necessário acreditar em tôdas essas velhas lendas, tão numerosas e fantásticas que delas apenas narramos ínfima porcentagem, neste artigo. Nem mesmo é preciso acreditar, como ocorre com muita gente, que S. Jorge foi visto, cavalgando seu corcel branco, entre os soldados Inglêses, na cruenta batalha de Mons, em 1914.

Todo Inglês acredita na mágica inspiração dêsse nome, que estêve sempre nos lábios dos seus grandes compatriotas, desde Eduardo III, passando por Shakespeare até ao vice-almirante Sir Roger Keys, que conduziu o heróico e vitorioso ataque a Zeebrugge, durante as operações costeiras na Bélgica, no dia de S. Jorge do ano de 1918.

S. JORGE IDENTIFICADO COM OGUM PELOS AFRO-BRASILEIROS — No Brasil, o culto de S. Jorge está vinculado estreitamente com a crença afro-brasileira de Ogum, Dono do Mundo, Senhor dos Terreiros. Artur Ramos, em várias e excelentes obras, tais como "A Culturação dos Negros na Bahia" e "Os Negros no Brasil", descreve como os escravos, pobres pretos africanos, trouxeram do continente negro as suas velhas crenças, os seus deuses e as suas tôscas imagens. Aqui, o senhor branco não podia consentir, católico que era, que os escravos rendessem culto aos seus ídolos bárbaros e o prêto, astucioso e teimoso, escolhia entre as imagens dos santos aquelas que consideravam mais vistosas ou poderosas e rebatizaravam tôdas elas com os nomes de seus ídolos. Assim, ganhou S. Jorge numerosos crentes entre os pretos escravos, mas não exatamente como o glorioso cavalheiro, Campeão da Cristandade, mas como Ogum, senhor todo-poderoso, manipulador dos elementos e cuja côrte, muito extensa, manobra com o destino de vários milhões de indivíduos no Brasil.

ÊLE QUERIA OURO

UM ruído qualquer interrompeu o seu sono. Durante um minuto ficou imóvel, procurando mentalmente identificar a causa do barulho que o despertara. Chegou, finalmente, à conclusão de que fôra o zurrar do burro, no terreiro.

Não obstante, nem se moveu nem dormiu enquanto seus olhos não se acostumaram à escuridão, encontrando-a sem novidade.

Silenciosamente, ajeitou a cabeça nos sacos de lona, onde guardava o pó de ouro que tanta lhe custara colhêr, e seus olhos passearam pelo rústico interior, depois pela janela, observando o poço lá fora e o burro. Ficou algum tempo olh[illegible] o animal, vendo-o baixar a cabe[illegible] comer o capim.

Olhou, depois, para a lua prat[illegible] calculou que seriam duas horas d[illegible] drugada e adormeceu novamente.

Duas horas mais tarde tornou [illegible] pertar. Uma claridade fraca, acinzent[illegible] começava a invadir a escuridão e, a alguns pés de distância, divisou uma silhueta curvada. Prendeu a respiração e, apesar da



O VELHO GARIMPEIRO AVISOU: — «FIQUE COM O OURO SE QUISER, MAS SE ASSIM FÔR VOCÊ CONTINUARÁ FURTANDO... ATÉ QUE ALGUÉM O MATE.»

Por CARL PRIME — *Tradução de SYLVIA JAMBEIRO*

sonolência, estreitou os olhos para ver melhor. Esperou que a claridade aumentasse para poder identificar a figura.

Quando, finalmente, a silhueta ficou mais firme e êle pôde distinguir a pistola que lhe era apontada, disse apenas:

— Estou acordado.

A figura saltou, como se recebesse uma chicotada. E então uma voz mal definida falou:

— Levante-se e não tente apanhar a pistola, pois é a que está em minha mão apontada para você!

O velho ficou apoiado nos cotovelos. Por momentos sentiu um arrepio de frio. Depois disse:

— Você está com tudo; mas que quer, afinal?

— Onde está o ouro?

A resposta veio num muchocho:

— Você sabe se eu tenho ouro?

A voz ainda não definida entre menino e homem adquiriu um certo tom de orgulho e confiança ao dizer:

— O seu celeiro diz tudo, garimpeiro. A quantidade é muito pequena para que você seja vendedor de mantimentos, mas é bem razoável para seu consumo próprio, a não ser que você tenha mais algum, para guardar no banco.

O garimpeiro podia, agora, observar melhor a figura do adolescente que o ameaçava.

O vento da madrugada trazia um manto úmido que o fazia tiritar e ao outro também.

— Você é bem esperto, garôto; e está com frio também.

O rapazinho tratou de dar uma entonação ríspida à voz insegura e insistiu:

— Onde está o ouro?

— Onde está também a minha cabeça!

— Passe os pacotes para cá, então.

O garimpeiro sorriu, e uma cicatriz apareceu, indo do queixo até à orelha direita; depois disse:

— Venha buscar.

Grande irritação se revelou na voz do rapazinho:

— Eu disse para jogar os sacos para cá!

— Pois bem, lá vão — respondeu o garimpeiro.

E atirou os três pesados sacos de lona na direção do rapazola impertinente, que os puxou com a ponta da bota até ao alcance da mão e, depois, escondeu-os dentro da camisa.

Ergueu-se, depois, lançou um olhar desconfiado por cima do ombro e começou a recuar, pouco à vontade.

O garimpeiro falou:

— Você só planejou as coisas até êste ponto... e agora não sabe o que vai fazer, não é mesmo?

— Sei o que vou fazer — disse o rapaz, com voz que afinou de repente, contra a sua vontade. — Vou cair fora daqui... e é só!

— Sim; é só! A não ser por um pequeno êrro...

O mêdo fêz o garôto ficar hesitante, de bôca aberta; mas, de repente, fechou-a com tanta fôrça, que os dentes bateram.

E murmurou:

— Não errei nada!

— Errou, sim, menino. Você nunca será um bandido feliz assim. A pistola que você tem em mão não está carregada...

O jovem assaltante lutou para não olhar para a arma.

Seu olhar estava prêso ao garimpeiro, e a desconfiança amortecia seu ânimo.



Um vulto estava agachado a seu lado e uma voz ordenou: «Fique sentado e não procure apanhar a arma. Tenho um revólver apontado para você!»

O velho insistiu:

— Pode apertar o gatilho, se não acredita!

A mão do rapaz hesitou um pouco, apertando a pistola, mas sem calcar o gatilho; depois, lentamente, com o polegar, tateou a arma e todo seu corpo tremeu ao verificar a verdade.

Hesitou novamente; depois, pegando a arma pelo cano firmou os pés no solo e disse:

— Vou ficar com êste ouro de qualquer jeito!

— Ora, rapaz, eu mesmo o entreguei a você! Já esqueceu?

— E por quê? — indagou o rapaz, visìvelmente desconfiado.

Vagarosamente, o garimpeiro calçou as botas e se pôs de pé.

— Porque era mais simples do que lutar com você.

O velho respirou profundamente, dirigindo-se para a rústica lareira apagada.

Depois de um momento acrescentou:

— Mas é melhor você devolver!

Na claridade, agora quase completa, podia ver as feições e a linha arredondada



do rosto do jovem ladrão. O chapéu que o mesmo usava devia ser de alguns números maior que a sua cabeça e as roupas pareciam ter pertencido também a um dono maior.

O rapaz insistiu:

— Se quiser o ouro de volta vai ter que lutar para conseguir !

O garimpeiro começou a arrumar a lenha na lareira. Acendeu um fósforo, riscando no pano rústico das calças, e logo uma chamazinha começou a arder na pilha de lenha.

Só então respondeu:

— Não faço assim tanta questão do ouro menino! — E medindo o garôto com um olhar calmo e firme disse, vagarosamente: — É aqui que a estrada se bifurca para você, rapazinho. Pode escolher: ou devolve e vive tranqüilo ou fica com o ouro e então continuará furtando até que alguém o mate com um tiro... Se seguir êste caminho agora não poderá mais voltar atrás...

O rosto sujo do assaltante mostrou, por instantes, insegurança e hesitação.

De repente, ajeitou os sacos dentro da camisa e, com uma expressão desarvorada no olhar, disparou a correr pela estrada afora. No meio do caminho, parou, olhou para trás e disse:

— E vou ficar com a pistola também.

O garimpeiro olhou para o cinto, cheio de balas e sem a arma, pendurado a um canto; sorriu então e disse para si mesmo:

— Deve ficar com ela, pois vai precisar muito da arma.

Voltou-se na direção do poço e foi encher o bule para fazer o café. Retornando para perto do fogo, ficou numa posição em que podia ver a estrada ao longe.



Quando viu o garôto alcançar o cavalo e montar, dirigiu-se para a janela, pegou a carabina e disparou três tiros a êsmo.

O cavalo se assustou e o cavaleiro também, aumentando a velocidade. No rosto do garimpeiro se estampou um largo sorriso, e a cicatriz novamente se alongou até à orelha. Deixou a carabina novamente no lugar e voltou para junto do fogo.

Foi na metade da tarde do dia seguinte que chegou a Silver City. Levando o burrinho pouco carregado, caminhou pela rua principal com o passo descansado das pessoas que sabem que não dependem senão de si mesmas. Parou em frente aos escritórios da "Wells Fargo", prendeu a corda do burro na trave e entrou:

Atrás do balcão, um homem magro, com as mangas da camisa protegidas por punhos pretos o saudou. Êle respondeu e depois perguntou, com naturalidade:

— Tem alguma coisa para mim?

O homem magro passeou o olhar pela fisionomia do velho, demorou-se um pouco olhando a cicatriz e respondeu:

— Sim; creio que sim. Sabe o que é?

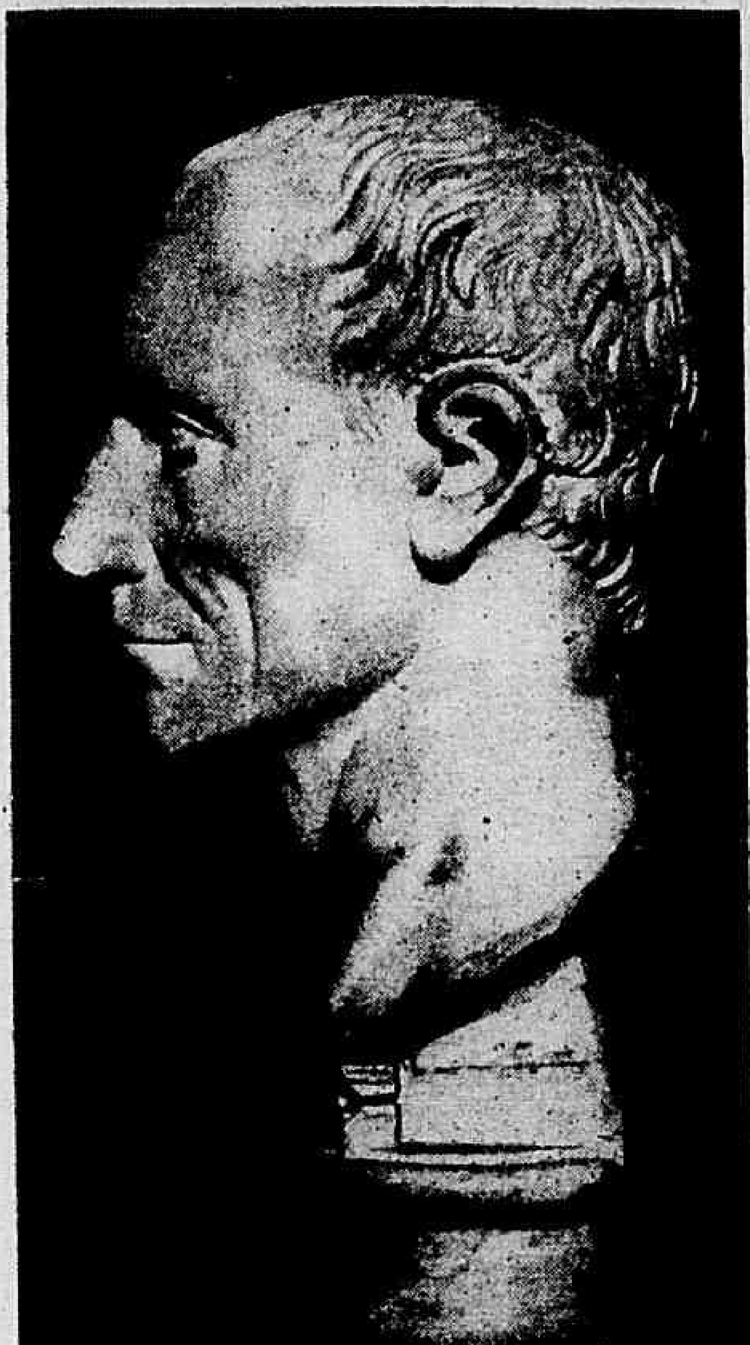
— Três sacos de ouro em pó e uma arma 44, descarregada.

Meio espantado, o homem coçou a cabeça e disse:

— Interessante... Um rapazinho com a cara suja trouxe isto aqui, pela manhã, e disse para entregar *ao homem da cicatriz* e para dizer que êle resolveu tomar o outro caminho... Sabe o que êle queria dizer com isso?

O garimpeiro riscou um fósforo no pano grosseiro da calça, e acendeu o cachimbo, sem pressa. Finalmente, falou:

— Sim... Compreendo. Calculei mais ou menos que seria assim...



Júlio César foi o primeiro a fortificar o pôrto de Trieste.

VISÃO MUNDIAL

TRIESTE, PÔRTO DA CONFUSÃO

A POLÍTICA DO ADRIÁTICO NA ANTIGUIDADE, NA ÉPOCA MODERNA, E TAMBÉM NO FUTURO.

Por
DE MATTOS PINTO



Augusto incorporou aos seus domínios grande parte da Ístria.

O dramatismo bélico voltou a impressionar a visão mundial, extenuada com o noticiário coreano e que parecia entrar num período de trégua psicológica. Instantâneamente, a ansiedade concentrada nas conversações de Pan Mun Jom e nas guerrilhas do Viet Minh, deslocou-se para as águas encurraladas do Mar Adriático e provoca soluções emergentes da ONU. Periòdicamente, a paz européia vem sendo fraturada por sismos políticos, cujo epicentro fica em cidades como Sarajevo e Memel, Dantzig e Fiume, Gibraltar e Tânger.

Litígios de minorias étnicas e ambições comerciais em busca de escoadouros marítimos jogam as potências umas contra as outras e lançam brados de alerta aos exércitos entorpecidos nas casernas.

Trieste — o pôrto da confusão racial — despertou o torpor dos estadistas, quando os Estados Unidos e a Inglaterra dispuseram-se a transferir a "Zona — A" à administração das tropas italianas e das suas autoridades militares. Tanto bastou para o marechal Jossip Bros Tito notificar à Organização das Nações Unidas, que consideraria a entrada de unidades do exército italiano como um ato de agressão contra a Iugoslávia e invocou direitos étnicos na região contestada. Sete mil soldados inglêses e norte-americanos guarnecem a "Zona — A" de Trieste e a retirada das fôrças anglo-americanas poderia deflagrar hostilidades entre a Itália e a Iugoslávia. A ameaça de guerra mobilizou a atenção dos Três Grandes, Eisenhower, Churchill e Laniel, que reuniram os técnicos geográficos e os peritos em estratégia, para solucionar uma pendência territorial, cujas origens vêm dos tempos de Átila e de Carlos Magno.



Carlos Gomes reconstruiu Trieste, que foi completamente destruída por Átila.

Em antigos dias, romanos, estrogodos, herulos, vândalos, hunos e lombardos devastaram o território triestino e na época moderna, alemães, austríacos, franceses, ve-

nezianos, italianos e eslovenos, disputaram o confôrto comercial do seu pôrto marítimo. E agora a Comunidade Política Européia, cujas bases ficaram estabelecidas na Conferência das Seis Potências em Haia e que deverá pacificar os interêsses coletivos da Europa, nos problemas internacionais do aço, do carvão e da defesa, deverá enfrentar realìsticamente o novo busílis de Trieste.

As exaltações públicas em Belgrado, Roma e Trieste, com as mobilizações de tropas nas fronteiras ítalo-iugoslavas, vieram atualizar o conflito de raças mediterrâneas, antes obscurecido pela guerra da Indochina e da Coréia. Quinze mil estudantes tentaram invadir a Embaixada Britânica em Roma e o general Sir John Winterton, comandante das fôrças inglêsas em Trieste, passou a ser hostilizado. E como evidência da heteregoneidade dos dissídios étnicos e geográficos a desintricar, há o fato de os técnicos militares espalharem cartazes em cinco línguas, desde Montfalcone, nas proximidades do Adriático, até o ponto de junção com a fronteira austríaca, em Tarvis. Enquanto negociantes triestinos se preocupam egoìsticamente, com a perda de dez milhões de dólares e de dois milhões de libras, que os norte-americanos e britânicos dispendem na ocupação militar e que cessarão de circular com a retirada das unidades estrangeiras da "Zona — A", o ministro iugoslavo e o ministro italiano Giuseppe Pella confabulam para descobrir uma solução patriótica, cujas cláusulas satisfaçam ambos os povos.



Na entrevista preliminar das Bermudas, Eisenhower, Winston Churchill e Joseph Laniel decidiram convocar uma Conferência das Seis Potências, em que italianos e iugoslavos, franceses, britânicos e norte-americanos, estudarão, à luz da análise histórica e das conveniências estratégicas, o choque de Trieste — o pôrto da balbúrdia racial.

TRIESTE — DESTRUÍDA POR ÁTILA E REEDIFICADA POR CARLOS MAGNO

A política comercial do Adriático, cujos interêsses agora afastam o povo italiano e a nação iugoslava, procede de movimentos raciais muito antigos. Trieste — cidade marítima da Veneza Júlia, florescente sob a linda paisagem dos morros de Karst, localizada na extremidade Noroeste do Mar Adriático e banhada pelas ondas do Gôlfo de Veneza, suscita contraditórias reflexões pela sua litigiosa antiguidade e pela sua estratégica posição mercantil.

Denominada em latim TERGESTUM, invocada em esloveno como TROT, descriminada pelos cartógrafos alemães como TRIEST e crismada pelos italianos como TRIESTE, essa cidade nasceu com o destino embaralhado pelas migrações de povos. Os triestinos sofrem há milênios o temor das periódicas invasões e esperam com ansiedade a passagem dos conquistadores. Atribuem sua fundação seiscentos anos antes de Cristo, aos primitivos Trácios, oriundos da raça dos pelasgos e que habitavam o Norte da Grécia, a Cítia e a Macedônia. Faltam dados concretos, mas sabemos que Felipe da Macedônia derrotou os trácios no ano 334 antes da era cristã.

Os romanos efetivaram uma expedição na Ístria cento e setenta e sete anos antes do nascimento de Cristo e a presença dos legionários de Roma nas águas do Adriático revela o valor comercial do pôrto de

Trieste, agora desejado pelos iugoslavos e pelos italianos com o mesmo objetivo de escoadouro de mercadorias.

Os romanos invadiram a Ístria, península da Veneza Júlia, que avança no interior do Adriático, situada entre o Gôlfo de Quarnero e o Gôlfo de Trieste, com uma superfície de quatro mil novecentos e sessenta e cinco qüilômetros quadrados.

Hordas de piratas se abrigavam no pôrto e os romanos liquidaram com a pirataria, garantindo a livre navegação comercial. Júlio César, que nasceu no ano 100 A.C. e morreu em 44 da mesma era, fortificou o pôrto. O imperador Augusto — Caio Júlio César Otaviano — primeiro imperador romano, incorporou aos seus domínios grande parte da Ístria e reforçou as fortificações do pôrto, levantando muralhas e edificando tôrres.

Os gepidas, povo germânico da família dos godos, saquearam a cidade triestina em 52 antes de Cristo. Veio, em seguida, o terrífico Átila, chefe dos hunos, estrogodos, francos, vândalos e gepidas, cujos bandos erravam saqueando tudo, entre o Mar Cáspio e a bacia do Danúbio.

Depois de aniquilar setenta cidades prósperas na Trácia, Macedônia e Grécia, entrou na Ilíria em 447, aterrorizando os povos distribuídos entre o Mar Negro e o Mediterrâneo. Em 452 da época atual, jogou as suas hostes de bárbaros contra a Itália, atravessando os Alpes e os Apeninos.

Mais ou menos nessa data, Átila destruiu Trieste como já arrasara tantas outras cidades .Com a queda do Império Romano, os povos da Ilíria e da Ístria também sofreram as conseqüências da desordem administrativa e política.

Os historiadores assinalam a visita de Trieste pelos gregos em 539 e a passagem dos Lombardos em 568, 590 e 591. Outros



Itália, Austria, Hungria, Iugoslávia e Adriático, que são considerados os pontos nevrálgicos do momentoso problema da cidade de Trieste.

bandos barbarescos, os estrogodos e os lombardos já haviam incursionado pela Itália, quando Carlos Magno incluiu como rei dos francos e imperador do Ocidente, as terras da península nos seus domínios, em 800 dos tempos modernos. Carlos Magno mandou reconstruir Trieste, reco-



Uma rua de Trieste cheia de sabor italiano: uma rua qualquer, pois ali não podemos falar de cidade velha e cidade nova. Tudo nos fala de tempos pretéritos, onde havia mais tranqüilidade e felicidade.

migrações caóticas. A partir de 874, não existe mais unidade de govêrno na península italiana, os grandes senhores feudais declaram-se soberanos em suas terras e desafiam-se mùtuamente.

Gênova, Pisa e Veneza passam a repúblicas e empreendem guerras particulares para conquistar os novos feudos e propriedades. Em 948, Lotario, que se intitulava rei da Itália, concedeu a Trieste direitos de independência, que não duraram muito.

Os margraves da Ístria disputavam o pôrto e a cidade de Trieste, aos invasores estrangeiros.

Todos os potentados, vizinhos geogràficamente, cobiçavam o escoadouro marítimo e sua interessante situação estratégica. A expansão da potência veneziana no Adriático, também concentrou suas ambições comerciais em Trieste. Os venezianos invadiram a Ístria em 1190 e 1197, acabando por se apoderar de Trieste no ano 1202. Durante cento e oitenta anos, os triestinos lutaram contra a conquista veneziana, que terminou em 1382, quando as autoridades administrativas de Trieste se revoltaram contra os Doges e imploraram a proteção de Leopoldo III, imperador da Áustria. Em 1461, a cidade de Trieste pagou uma indenização a Frederico III para usufruir a liberdade de se administrar, sem a ingerência de estrangeiros; mas os futuros dominadores não respeitaram essa regalia e suprimiram seus direitos. Em 1716, Carlos VI aliou-se aos venezianos e derrotaram os turcos em Peterswardem e Temsvar, entraram em Belgrado, hoje capital da Iugoslávia. Os

nhecendo a preciosidade da sua posição marítima para a navegação comercial entre as raças transalpinas e as raças mediterrâneas.

ANARQUIA POLÍTICA E CHOQUE DE RAÇAS

A desordem administrativa e a anarquia política sempre reinou ao Norte do Adriático, onde as raças invadem e refluem em

venezianos passaram a regulamentar a navegação em Trieste, em 1717, em conseqüência da vitória sôbre os turcos. Nessa época, a população de Trieste ia pelos seus cinco mil habitantes e tendia a aumentar crescentemente, os negociantes procurando o pôrto para se comunicarem com o Mediterrâneo.

AUSTRÍACOS, VENEZIANOS, FRANCESES E ITALIANOS COBIÇAM O PÔRTO TRIESTINO

A atração comercial de Trieste continua a suscitar contendas entre os Estados, fortalecida pelos interêsses puramente mercantis e agravada pelo tumulto racial na região Norte da Ístria. Graças ao Tratado de Passarowitz em 1718, os austríacos entraram no Norte da Sérvia e se instalaram no Adriático, visando hostilizar os rixentos Estados Italianos. O imperador germânico Carlos VI apoderou-se de Népoles, Milão, Toscana e Sardenha, baseado nas vantagens concedidas pelo Tratado de Rastadt. Naturalmente, interessou-se pela Ístria e com larga visão política, percebendo a heterogeneidade dos interêsses comerciais da área istriana, proclamou Trieste como pôrto livre em 18 de Março de 1719. Carlos VI fundou a Companhia de Navegação Oriental, para transportar os produtos agrícolas e industriais dos países transalpinos, do Norte da Itália, Ilíria e Ístria, bem como da Sérvia e de Montenegro.

A expansão de Trieste engrandeceu ràpidamente com a liberdade aduaneira do pôrto e os triestinos não se esqueceram dessa atitude, erigindo um monumento a Carlos VI. Os venezianos iam extrair nas matas do bosque de Mantagna, no Vale do Quieto, as melhores madeiras para seus navios. A República de Veneza reteve a Ístria até ao ano de 1797, quando começou e imperar no continente europeu a am-



O mais chocante é a diversidade de uniforme em Trieste. Os dois guardas montados são inglêses e patrulham a cidade durante o dia e a noite.



Os navios e lanchas inglêses e americanos, sulcam as águas de Trieste, sem aproximar-se muita da zona controlada por Tito, que está semeada de minas.

bição napoleônica, cujas guerras iriam obscurecer os planos dos estadistas austríacos e germânicos. Napoleão anexou às suas conquistas territoriais a Ístria, pelo



Rebeldes Curucsos conduzindo um prisioneiro austríaco. Em conseqüência da perseguição política e religiosa de Leopoldo I, rebelaram-se os húngaros em 1672 e durante dez anos, sustentaram contra os austríacos uma guerra implacável, no que foram imitados pelos sérvios, croatas e tendo êste movimento se estendido até à Carníola e a Ístria.

Tratado de Presburgo em 1805. Napoleão interveio em Modena, Reggio, Bolonha e Ferrara e transferiu o domínio de Veneza aos austríacos. Em 1809 incorporou a Ilíria ao seu império e dominou o pôrto de Trieste. Planejou a fundação de um reino especial composto da Ilíria, Dalmácia, Bôsnia, Montenegro e Herzagovina. Os franceses permaneceram em Trieste durante cinco anos, de 1809 a 1814.

A epopéia napoleônica perturbou a indústria na região, fêz decrescer as atividades industriais e o comércio marítimo de Trieste recuou em rendimentos. A campanha da Rússia trouxe a volta dos austríacos, que saíram triunfando do Congresso de Viena em 1815. Os arquiduques de Viena passaram a ditar a política na península italiana, sobrepondo-se aos decadentes venezianos. O estadista austríaco Metternich estendeu as conquistas dos Habsburgos até Veneza e em 1849 reinava em Carníola, Gortiz-Gradisca e Caríntia. A Ístria, região habitada por sérvios, croatas, eslovenos, dalmatas e italianos, veio a ser administrada e governada pelos margraves austríacos, que tentavam ampliar a área de influência sôbre os outros povos vizinhos. Em 21 de Dezembro de 1867, o imperador Francisco José proclamou a Ístria uma província particular do Império Austro-Húngaro, tentando transformar Trieste na sua capital marítima e o seu pôrto como o principal escoadouro comercial. Os países transalpinos preferiam a via marítima de Trieste, para se comunicarem com os outros povos do Mediterrâneo e do Atlântico.

As províncias meridionais da Áustria e da Alemanha exportavam seus produtos pela navegação do Adriático, sendo que Odessa e Marselha rivalizavam com a alfândega de Trieste, na primazia comercial do Mediterrâneo. As diferenças de raças na Ístria e nos Balcãs, obstruíram o esfôrço austríaco para absorver ètnicamente o território agora contestado pelos italianos e iugoslavos. A queda do império francês de Napoleão III em 1870, produziu com as suas conseqüências políticas, a unidade dos povos italianos em tôda a península, sob a coroa de Vittorio Emmanuele II.

A partir dêsse período, os italianos dissimulam o seu ódio histórico aos Habsburgos e enfrentando realìsticamente a política européia, aliam-se aos estadistas da Alemanha e da Áustria no panorama internacional. A Itália entrou na conflagração de 1914-1918, para afastar o inimigo hereditário, personificado nos arquiduques de Viena, da política comercial e estratégica do Mar Adriático.

Depois do Tratado de Saint-Germain de 1918, a Itália anexou a Ístria e ocupou o pôrto de Trieste, mas apareceu no cenário europeu a Iugoslávia, nação constituída de sérvios, croatas, eslovenos e

montenegrinos, cuja política nacional reivindica direitos especiais no Mar Adriático, contestando a hegemonia italiana.

O FUTURO DE TRIESTE NA POLÍTICA COMERCIAL DO ADRIÁTICO

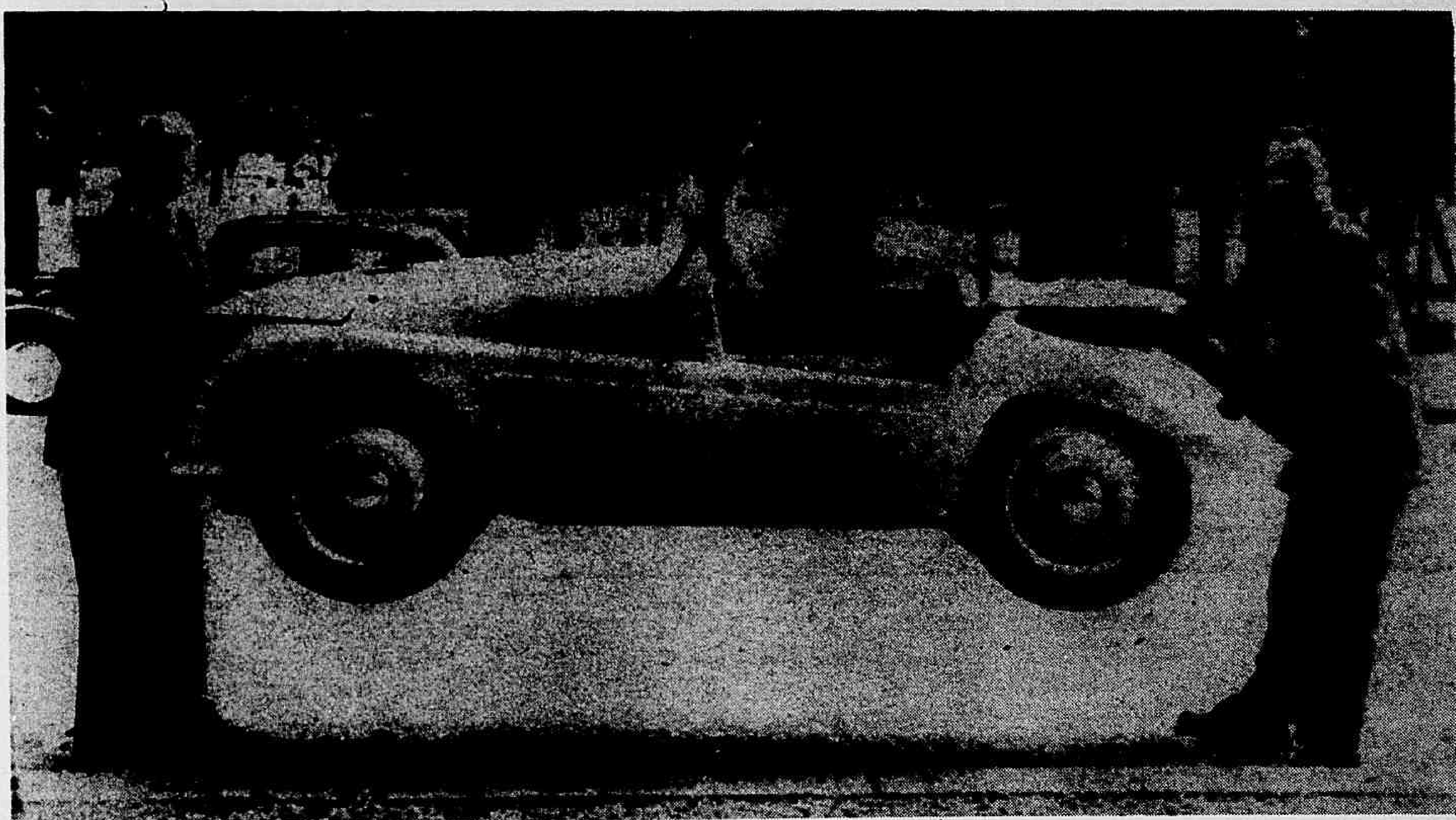
Eis a questão de Trieste, revista imparcialmente pela análise histórica e cuja solução irá ser debatida pelos Três Grandes, Eisenhower, Winston Churchill e Joseph Laniel, na próxima Conferência das Cinco Potências, conjuntamente com os estadistas iugoslavos e italianos.

Em vista da heterogeneidade da população, da mistura de interêsses comerciais e de reivindicações políticas, Trieste interessa a vários povos como o demonstra seu passado histórico, desde a antiguidade até os dias presentes. E predomina a impressão diplomática, de que só a proclamação de Trieste — como Territorio Livre, poderá satisfazer italianos e iugoslavos, que possuirão os mesmos direitos, sem ressentimentos nacionalistas e futuras represálias bélicas.

A Comunidade Política Européia só virá a ser um instrumento efetivo de paz se agir como árbitro inteligente dos problemas seculares do continente, sabendo interpretar a história dentro da realidade econômica do preesnte e sabendo respeitar as aspirações patrióticas dentro do ideal de solidariedade humana.

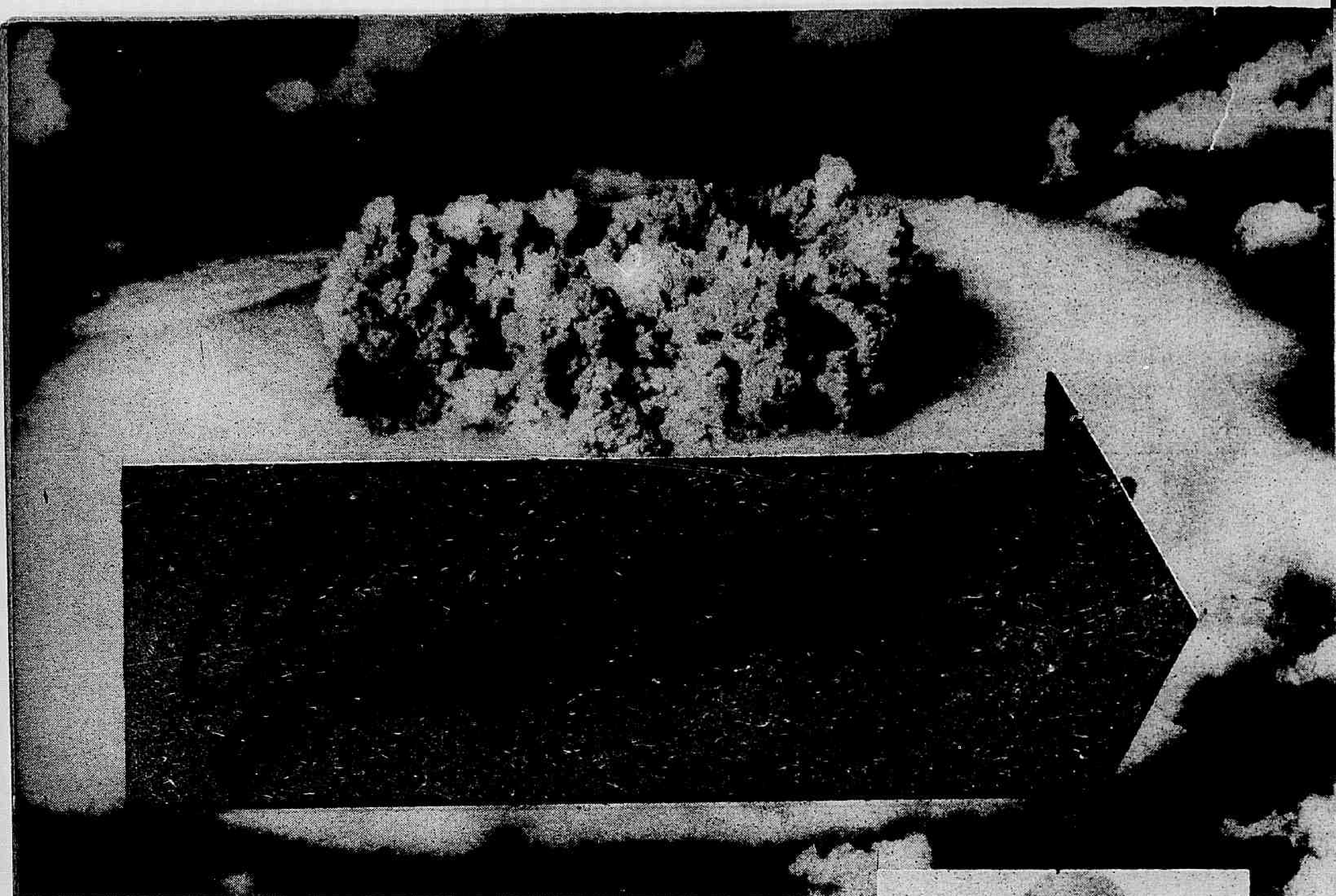
O AUTOMÓVEL MAIS LEVE!



Pesa sòmente 212 quilos e foi construido por dois engenheiros franceses. No caso de atropelar algum transeunte, êste sofrerá menos, talvez, que o motorista. Não deixa de ser uma vantagem... para os pedestres.

PODER E SABER — Se Deus me concedesse Sua onipotência por vinte e quatro horas, quanta coisa mudaria no mundo! — disse o grande orador Monagre, em certa ocasião. E logo acrescentou: — "Mas, se me concedesse também Sua sabedoria, certamente que deixaria as coisas como estão."





UM antigo correspondente, no Pacífico, da agência americana "United Press", William J. Coughlin, publicou, recentemente, na revista "Harper's Magazine", um artigo em que pretende demonstrar que o lançamento de bombas atômicas sôbre Nagasaki e Hiroshima, o esmagamento do Jopão pelos aliados (aos quais a Rússia se uniu *in extremis*) e, em conseqüência, o avanço fulminante dos exércitos russos no Extremo-Oriente, foram os resultados desastrosos e lamentáveis do êrro de tradução de uma só palavra japonêsa.

Eis a história que Coughlin afirma ter ouvido de um jornalista japonês, Katsuo Kawai, antigo redator-chefe do "Times", de Tóquio, órgão do Ministério do Exterior japonês.

O "ULTIMATUM" DE 26 DE JULHO DE 1945

NA primavera de 1945, o Japão se encontrava esgotado; três quartas partes de sua frota estavam destruídas, as cidades convertidas em ruínas, milhões de pessoas sem teto, os alimentos começando a faltar e os ataques aéreos dos aliados cada vez mais prolongados e cruéis. Entretanto, o *clan* militarista se propunha continuar combatendo até à morte; o ministro da guerra, general Korechika Anami, afirmava que os norte-americanos seriam forçados a sair de Okinawa. A êste *clan* se

O Secretário da Defesa, James Forrestal, era também partidário da paz.

opunha um pequeno grupo de diplomatas; êstes, sensatamente, acreditavam que o Japão tinha muito mais que perder continuando a luta que rendendo-se. Lentamente, em segrêdo, êsses partidários da paz conseguiram introduzir-se no poder em número suficiente para poder combater os projetos militaristas. Decidiram dirigir-se à Rússia, então neutra, e, a 3 de

oficial. Os japonêses o conheciam, realmente, mas só através do rádio.

O primeiro ministro, Kantaro Suzuki, devia celebrar uma conferência com os representantes da imprensa, na manhã seguinte e, supondo que seria fatalmente interrogado sôbre o "ultimatum", dispôs-se à declarar — enquanto esperava uma comunicação diplomática dos aliados que permitisse uma resposta igualmente oficial do govêrno japonês — que o govêrno do Mikado não adotara

FOI DESNECESSÁRIA A BOMBA ATÔMICA CONTRA O JAPÃO

A tradução incorreta de uma palavra motivou a explosão atômica de Hiroshima.

junho de 1945, o ex-primeiro ministro, Koki Hirota, foi visitar o embaixador soviética, Jacob Malik, a fim de submeter-lhe propostas de paz, que o Kremlin poderia transmitir aos aliados. Tendo Malik acolhido friamente as propostas japonêsas, o imperador, a 12 de junho, confiou ao príncipe Konoye, ex-primeiro ministro, uma mensagem pessoal pedindo a paz. Konoye partiria de avião para Moscou e ali obteria por qualquer preço a cessação das hostilidades. Porém Stalin e Molotof se negaram a receber o príncipe niponônico, alegando que estavam muito ocupados com os preparativos da conferência de Potsdam.

Durante essa conferência, Stalin teria falado ao presidente Truman das propostas de paz japonêsas, acrescentando que se negara a ouvi-las por não acreditar em sua sinceridade.

No dia 27 de julho, reuniu-se o Govêrno Japonês. Nessa ocasião o *clan* militarista foi derrotado e os partidários da paz, ou antes: *da aceitação do "ultimatum"*, dominaram o ambiente.

Entretanto, como era lógico, o gabinete devia considerar, de um lado, as negociações secretas com a U.R.S.S., que ainda não havia tido ocasião de responder e, de outro lado, o fato do "ultimatum" de Potsdam ainda não ter sido comunicado ao Japão por via diplomática

ainda nenhuma decisão com respeito ao "ultimatum" aliado.

A PALAVRA

EM 28 de julho de 1945, Suzuki déclarou, portanto, aos jornalistas reunidos para ouví-lo, que o govêrno havia adotado uma política de "*mokysatsu*". Esta palavra, que não tem equivalente exato em inglês, é ambígua em japonês, pôsto que pode significar "*ignorar*" ou "*abster-se de comentar*" ou, ainda, "*expectativa*".

Desgraçadamente — segundo escreveu Coughlin — os tradutores da agência japonêsa Domei, ignorando o sentido exato que haviam de dar a esta palavra, em sua precipitação escolheram... o errado: "O govêrno Suzuki decidiu *ignorar* o "ultimatum" de Potsdam". Essa notícia foi transmitida pelo rádio de Tóquio para todo o mundo — e sem perda de tempo.

No mesmo dia, o "Times", de New York, abria êste título, em seis colunas: "Tóquio decidiu *ignorar* o "ultimatum" de Potsdam. A esquadra vai atacar!". Por sua vez, o secretário da Guerra norte-americano, Henry L. Stimson, em sua informação sôbre a decisão de empregar a bomba atômica, prova que êsse êrro de tradução foi o que originou o ataque atômico contra Hiroshima:

— "No dia 28 de julho, Suzuki rechaçou o "ultimatum" de Potsdam... Essa

deliberado. A quem aproveitou êsse contra-senso? Evidentemente... à Rússia!

AS REVELAÇÕES DO VICE-ALMIRANTE ZACHARY

AS revelações de Coughlin parecem, assim, menos sensacionais do que as feitas, mais recentemente ainda, pelo vice-almirante Ellis Zachary, antigo subchefe dos serviços de Informações da Marinha de Guerra dos Estados Unidos (O.N.I.). De fato, Zachary publicou informações na revista "Look" e em suas "Memórias". Nelas, declarou formalmente que o emprêgo da bomba atômica era inútil, pois o Japão, desde vários meses antes, estava disposto a cessar a luta.

No início de 1944, conta ainda o vice-almirante Zachary, os chineses derrubaram um avião militar japonês, na região de Xangai. O único sobrevivente foi um oficial de alta patente, o capitão de fragata Kato, chefe do serviço de Informação da Marinha Imperial, no teatro de operações chinês. Os norte-americanos seqüestraram materialmente o oficial e o interrogaram hàbilmente. As palavras do prisioneiro não deixavam lugar para dúvidas: o Japão estava disposto a aceitar a paz!

Naquela época, Mr. James Forrestal, então secretário da Marinha, submeteu ao presidente Roosevelt um plano de paz que compreendia duas partes:

1º — Uma campanha, utilizando o rádio, a imprensa e todos os demais recursos da guerra psicológica, para sustentar, com argumentos apropriados, aos partidários japonêses da paz, à frente dos quais se encontrava o Mikado.

2º — Uma ação clandestina, dirigida com a ajuda dos serviços especiais e da diplomacia secreta".

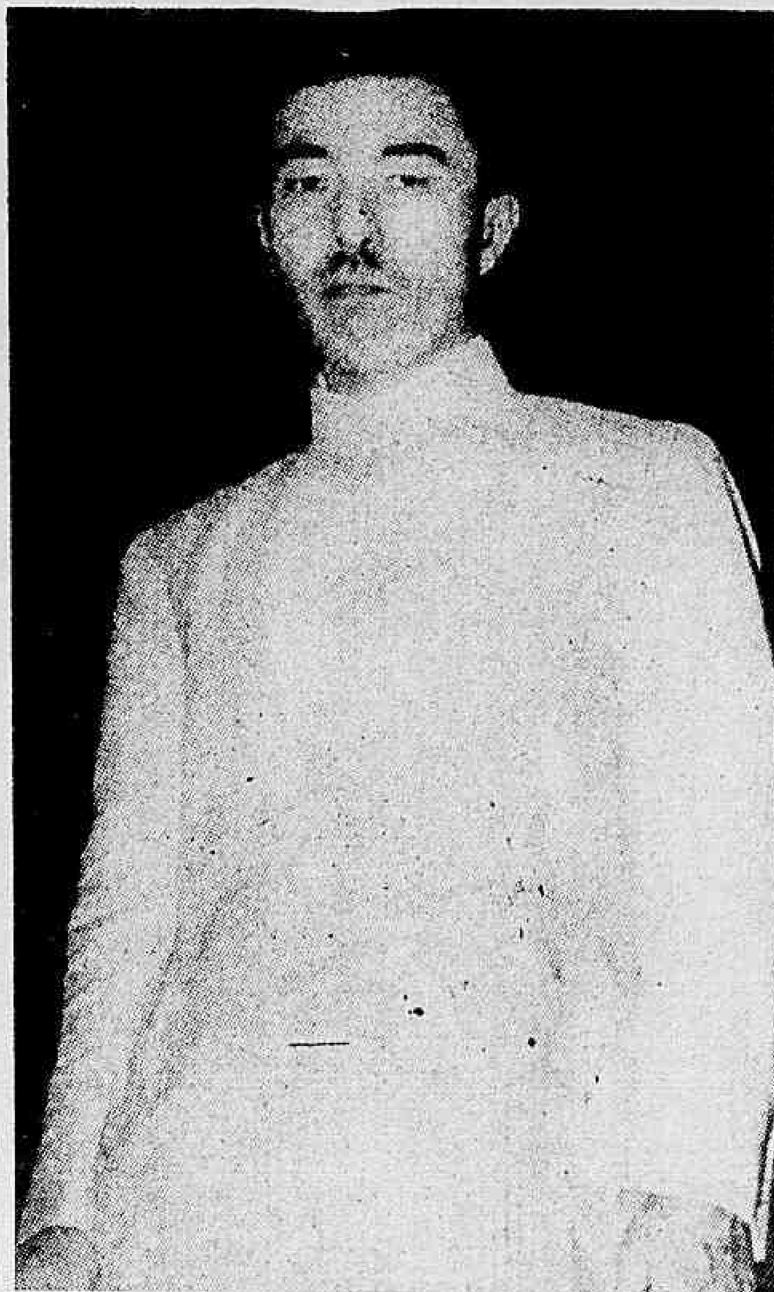
[illegible]

repulsa nos tirou a possibilidade de escolha... Tivemos que passar aos atos... A bomba atômica era, evidentemente, a arma mais apropriada para fazer do "ultimatum" uma realidade."



O episódio relatado parece pouco verossímil. Numa agência, como a Domei, os tradutores estão habituados a pesar o sentido dos têrmos diplomáticos e políticos. Tratando-se de conjuntura tão importante, como a da situação do Japão, naquela data, e havendo um têrmo de sentido duvidoso, o conhecimento que o tradutor tinha da situação política geral do país forçosamente o levaria a encontrar o sentido exato. Pelo menos, telefonaria, para confirmar o têrmo.

Cabe supor, por isso mesmo, que na agência havia jornalistas interessados em que a guerra continuasse e que cometeram um contra-senso


Príncipe Konoye, que tentou conseguir a paz, por intermédio de Stalin.

— As circunstâncias — explica o vice-almirante Zachary — eram extremamente favoráveis. O Mikado, por mediação de Monsenhor Tatsuo Doi, arcebispo de Tóquio, do cardial Fumasoni-Biondi, prefeito da Congregação da Propaganda da Fé e de outras diversas personalidades católicas, perguntara à Santa Sé se seria possível entrar em contato com o govêrno norte-americano e inteirar-se das condições prévias que poderiam surgir na proposição de negociações de paz oficiais. Essas proposições não foram apresentadas.



Truman, sob cujo govêrno foi decidido o lançamento da bomba contra o Japão.

O plano Forrestal foi letra morta.

Em desespêro de causa, o vice-almirante Zachary concebeu o projeto audacioso de oferecer aos japonêses a capitulação nas condições gerais inscritas na Carta do Atlântico. Contando com o apoio de Forrestal, Zachary, em 21 de julho de 1945, dirigiu-se diretamente ao govêrno japonês, pelo rádio. Declarou que o Japão podia escolher entre a destruição total, seguida de uma paz ditada ou a rendição sem condições, porém com o benefício de um estatuto inspirado nos princípios da Carta. O departamento de Estado, imediatamente, denegou a Zachary a qualidade de porta-voz oficial.

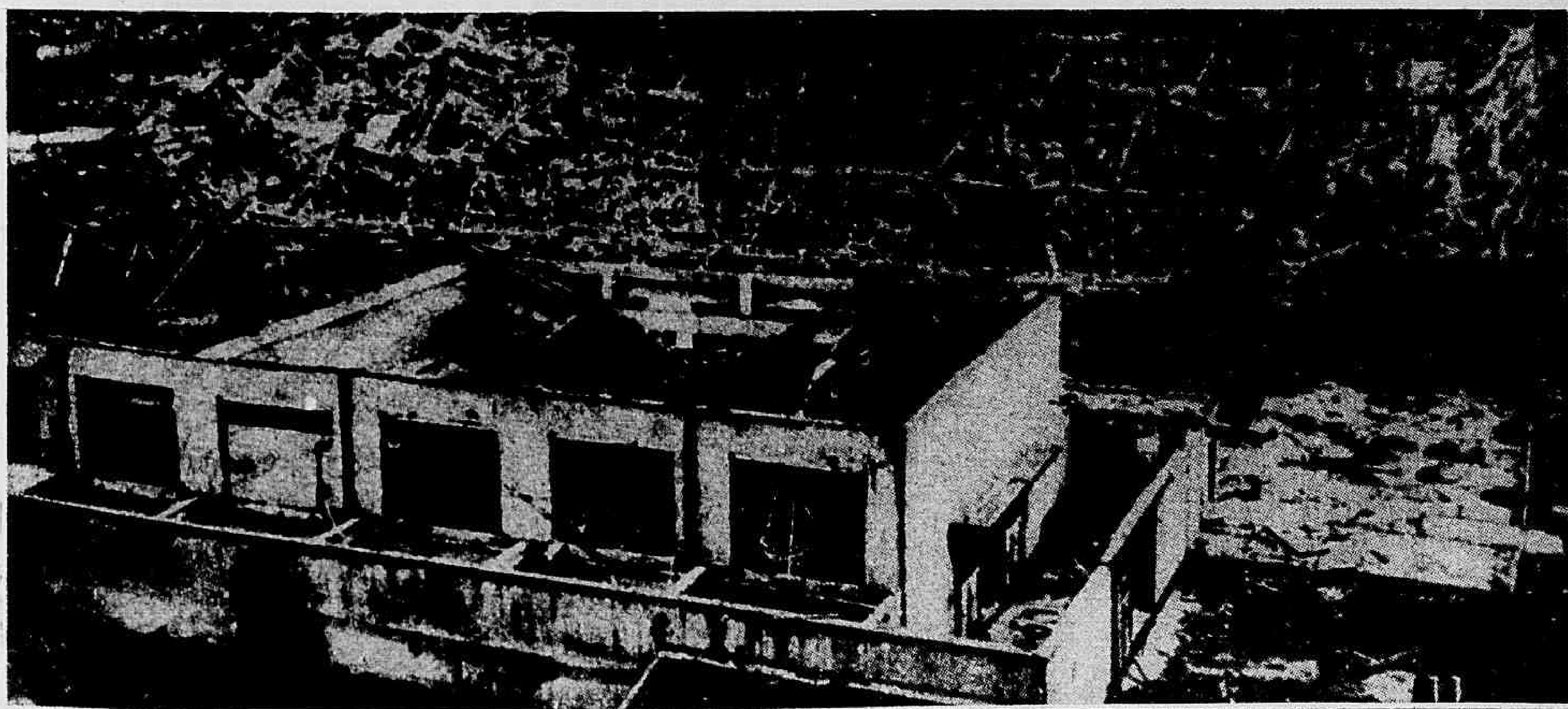
No entanto, Tóquio havia respondido pela mesma via, o rádio, declarando que aceitava entabolar negociações de paz nas condições oferecidas. Porém as autoridades, às quais incumbia a consecução do assunto, não tiveram em conta esta comunicação japonêsa.

Cinco dias mais tarde, de Potsdam, os aliados enviavam sua mensagem imperativa a Tóquio, como se as propostas de Zachary nunca tivessem existido.

A má tradução de uma palavra decidiria o destino de uma cidade de quase 300 mil criaturas.

Descuido imperdoável de alguém que devia saber, mais que outra qualquer, o pêso que podem ter certos vocábulos em certas horas dramáticas da Humanidade? Êrro proposital, inspirado na fanática decisão de resistir? Conhecidos são inúmeros episódios de nipônicos que resistiram — e ainda resistem — à capitulação. Aqui mesmo, no Brasil, tivemos lamentáveis exemplos... Essa má interpretação do têrmo teria sido unilateral apenas?

Por que Tóquio responderia com uma negativa às propostas que virtualmente havia aceitado, cinco dias antes?



Uma vista de Nagasaki após a explosão da primeira bomba atômica

UMA ADVOGADA NO PROCESSO

REFERE São Mateus que "*estando Pilatos sentado em seu tribunal*" para julgar o Senhor, recebeu êste recado de sua espôsa:

"*Nada haja entre ti e êsse justo. Porque hoje sofri em visão muitas angústias por sua causa*".

O Evangelho não quis ser mais explícito, deixando o versículo encerrado com uma série de interrogações, às quais nem sempre foi possível dar uma resposta satisfatória.

Quatro são as grafias que mais comumente empregam os cronistas para designar o nome que ora ocupa a nossa atenção: *Prócula, Procla, Próscula* e, mais correntemente, *Cláudia Procla*.

Sabemos, com absoluta certeza, que era casada com Lúcio Pôncio Pilatos, governador e representante de Roma na Judéia, de cujo cargo lhe fôra dada posse no ano 26, sob o poder do mandatário da Síria. Seu govêrno estava pontilhado de matanças e ódios que o povo judeu jamais perdoou; eram poucas suas simpatias e ganhara a inimizade de Herodes e outras personalidades de Israel. Histórias e lendas, numa pesada confusão de verdades e de sonhos, teceram uma coroa em tôrno da espôsa de Pilatos, e uma auréola nimbada com resplendores de poder e de formosura extraordinária.



Cristo, de Carraci.

Alguns a apontaram como descendente da ilustre "gente" Cláudia; outros afirmaram que se tratava de uma gaulesa, enquanto outros mais, finalmente, tentaram dar-lhe família ainda mais importante, aliando-a ao sangue imperial, na família de Tibério.

O PODER DE CLAUDIA

Assim podemos, com a ajuda de vários cronistas — em geral discordantes — esboçar a vida de Pôncio, através da influência sôbre êle exercida por Cláudia:

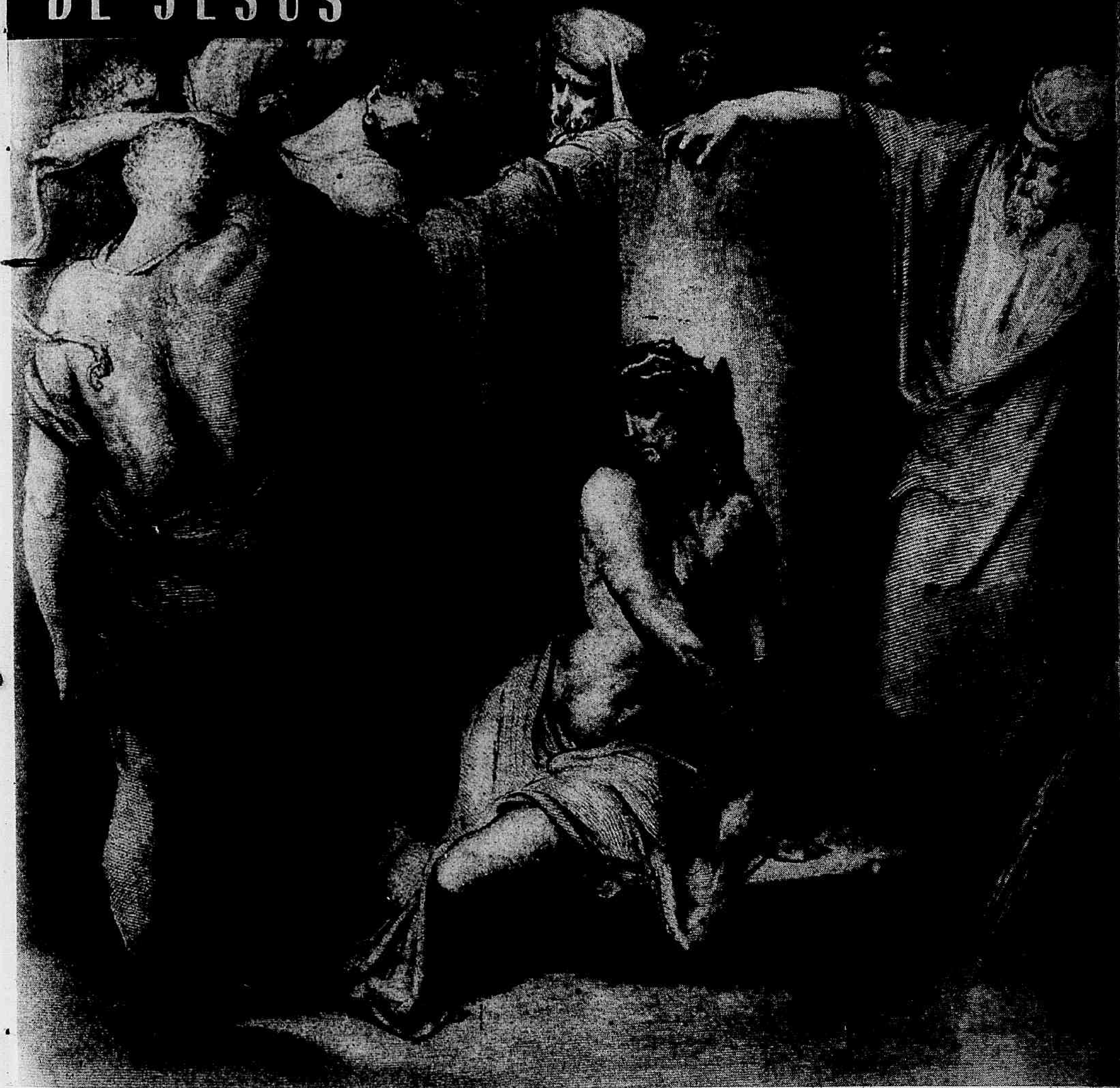
"Chegou como um vendaval de areia do deserto, que penetra em todos os lugares. Pôncio é liberto de um soldado da Ibéria. Serviu a Roma com deslealdade para os que lhe eram mais próximos; medrou com delações. Casando-se com Cláudia, ganhou o dote do favor de Tibério, que premia as complacências do espôso com favores rapazes nas províncias.

A procuratura da Judéia, antanho reduzida à cobrança dos tributos, à guarda do fisco no oriente e a um curto mandato militar, logra em Pôncio Pilatos a magnífica preeminência, a "*jurisdictio et imperium merum*", dos lugares-tenentes do imperador na Mauritânia, na Trácia e na Norica. Por Cláudia, é esquecida a "Lei Oppia", que vedava aos procônsules e legados levar suas espôsas às comarcas de seu regimento. O poder de Cláudia não tem limites. Também não teve limites o seu poder nas aventuras palacianas, entre as amigas do imperador."

Segundo parece, Pôncio Pilatos tinha aprêço a sua espôsa, e esta não apenas era adornada de beleza física, como de inteligência, rara virtude naqueles tempos de crueldade e vício tão generalizados.

Lendas e tradições do Oriente falam da simpatia e doce consôlo que inspirava Cristo, o "Nazir" de olhar sereno, o pregador do bem, o "Rabi", que tinha sempre

DE JESUS



OS AÇÔITES — Gravura de G. Doré.

palavras de consôlo para os miseráveis e aflitos.

Foram relatados encontros entre o Nazareno e Cláudia, o que ninguém pôde comprovar; houve, também, certo cronista que fêz referência a Cláudia, afirmando que *sempre falava com o marido, descrevendo-lhe a mansidão de Jesus, de seu amor aos pequeninos, de sua beleza celestial e divina.* Tudo, porém, rolou por vias variadíssimas e que acabaram apagando a sua origem.

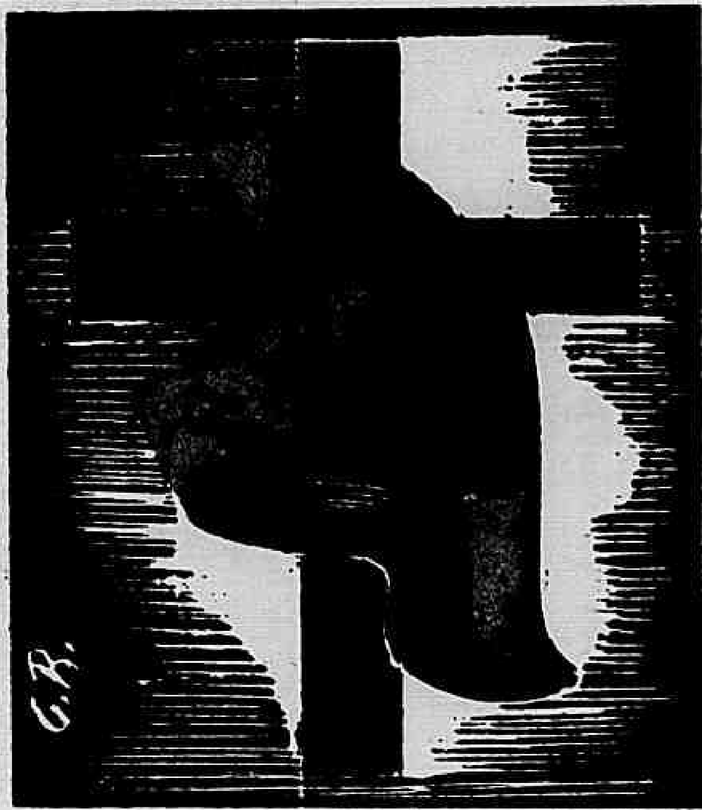
A lenda, a tradição e a literatura bordaram uma aventura luminosa de raros acontecimentos. Foi Escrich quem recolheu "entrevistas" havidas entre Cláudia e seu espôso, antes do processo civil, e põe na bôca de Procla estas palavras:

"Ah, Pôncio! Tive um sonho horrível, espantoso... E o mais estranho foi ter sonhado acordada."

Também obriga Pilatos a intervir, ao afirmar que *"se aquêle sonho era uma realidade, defenderia Jesus, desde que não houvesse conspiração contra Tibério"*. E, para dar mais solenidade ao ato e segurança a sua palavra, jurou sem hesitação, entregando-lhe na ocasião seu próprio anel, *"em cuja pedra estava gravada a cabeça de Tibério e uma águia com a asa aberta.*



VISÕES E PRESSÁGIOS — Conhecidos são os pormenores do processo e sôbre êles, intencionalmente, silenciamos. Os Evangelhos referem que *"estando Pilatos sentado em seu tribunal, recebeu um recado de sua espôsa: "Nada haja entre ti e êsse justo. Porque hoje sofri em visão muitas angústias por sua causa"*.



A intervenção de Cláudia não alcançou o resultado que desejava; mesmo assim, deve ter causado forte impressão no governador. Com muita razão Ricciotti comentou que *"tôda Roma sabia muito bem que Júlio César teria evitado as vinte e três punhaladas dos fatais idos de maio, caso tivesse ouvido os rogos de sua espôsa, Calpúrnia, que lhe suplicara que não fôsse à cúria naquele dia.*

E por que assim pediu Calpúrnia? Simplesmente porque na noite precedente tinha visto, em sonhos, o marido com o corpo ferido por muitas punhaladas!

O caso de Calpúrnia pode ter surgido, sem dúvida, na mente de Pilatos. Contudo, Barrabás foi pôsto em liberdade e o Salvador condenado a morrer, ante o regozijo e a gritaria de um povo que pedia o seu sangue. A covardia de Pilatos o levou a "lavar as mãos", à maneira judia. Os comentaristas, pelas janelas do sentimentalismo e da distância, contam que Cláudia enviou por seus criados ao governador o anel de mando com estas palavras:

"Pôncio; que Deus te perdoe o sacrilégio que vais cometer. Devolvo-te o teu sêlo imperial e tua palavra."

Sempre a frase evangélica: — *"Multae enimpassa sum hodie per visum propter eum"* preocupou aos leitores dessa passagem. Que visão ou que sonhos teve Procla? Houve quem descrevesse que seus olhos viram, através das paredes de seu aposento, tudo quanto havia de ocorrer na Paixão: tôda a longa agonia no horto das Oliveiras, as afrontas e a morte. Em contraste com a ferocidade dos deicidas, viu a mansidão do Mestre e o perdão no seu olhar e nas suas palavras.

Seria êste o *sonhar acordada?*

O Evangelho diz que foram muitas as angústias sofridas por Cláudia, e acrescenta que qualificou de Justo o réu; e isso nos autoriza a acreditar que tenha visto Cristo muitas vêzes.

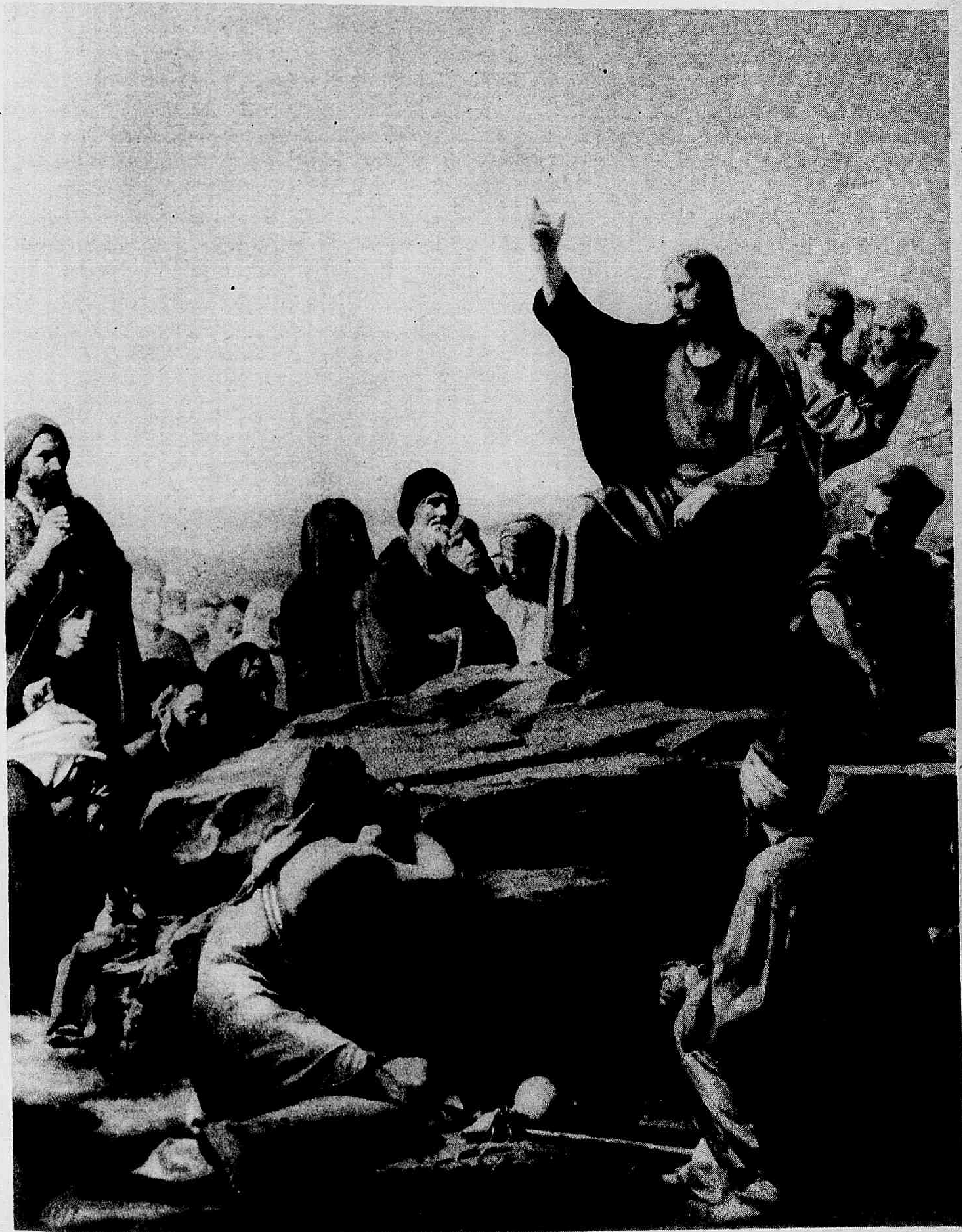


A IGREJA DIANTE DO SONHO DE PRÓCULA — Também preocupou o saber a causa de tais sonhos. Alguns autores, seguindo a famosa carta *"ad Philip"*, n. 4 — atribuída a Sto. Inácio, bispo de Antióquia — acreditam que o *diabo, conhecedor de que Cristo era o verdadeiro Messias, o que fàcilmente se vislumbrava por seus milagres e sua doutrina, decidiu colocar-se atravessado no caminho da Redenção, estorvando a morte do Salvador. Para isso, infundiu êsse sonho misterioso a Procla com o fim de que intercedesse e fôsse advogada junto de seu marido, logrando com isso a liberdade do réu.*

Não tem base sólida essa opinião, porque se, por permissão divina, o demônio podia sugestionar a espôsa de Pilatos, o caminho mais expedito seria o de agir pelo sonho *na pessoa do presidente do tribunal*, que era — em última análise —

o supremo juiz que tudo decidiria. Por outra parte, sabia Satanás que nada poderia fazer contra o cumprimento das Santas Escrituras. Se tentou ao Cristo, no deserto, aqui a tentação seria mais insensata, pois valia tanto quanto pretender derrubar o próprio Deus. Outros pais da Igreja vêem nesse sonho a vontade

O SERMAO DA MONTANHA, de Karl Bloch.



do Senhor, que desejou revelar a Pilatos a inocência do réu. Um dêsses vultos da Igreja, resumiu as diversas opiniões nestas poucas linhas:

"Alguns opinam que foi sugestão do espírito mau, receioso de que resultasse algum infortúnio pela morte do Cristo. Muitos o atribuem a um sonho provocado por Deus. Outros, finalmente, pensam que, mais provàvelmente, foi a emoção causada pela prisão de Jesus, que levou Procla a sonhar; mas, dificilmente, seria possível provar que soube da prisão do Cristo antes de deitar-se".

Nada mais comenta êsse escritor do século XVIII, padre Carlos Antônio Erra, em sua obra: "História do Velho e do Novo Testamento". Certo é que, dificilmente, seria possível provar que Cláudia fôsse sabedora da prisão de Jesus antes de dormir; mas não há, também, razão para supor o contrário. O Salvador era conhecidíssimo; a trama ganhara grande repercussão e saíram para prendê-lo com grande alvorôço e exibição de armas. Como estranhar que a espôsa de Pôncio se inteirasse?

Mas, desçamos um véu sôbre essa noite de mistério.



PERDOADA E REDIMIDA PELO MÁRTIR

A figura de Procla é muito simpática e interessante. Não devia causar surprêsa, pois, que a posteridade mimasse sua memória com carinhos especiais. Cristo, na Cruz, salvou um dos ladrões porque recriminou a quem o insultava e maldizia. Não se apiedaria, o Mestre, daquela "advogada" que intercedeu para que não fôsse condenado a morte?

Piedosamente pensando, vislumbramos a resposta.

A Igreja, porém, serenamente, cala; porém muita gente inclui Cláudia no número dos santos, como podemos ver no dicionário de Calmet. Outros, indo mais além, falando de tão interessante figura, afirmam que não só ela, mas também Pilatos, abraçou a doutrina do Crucificado.

Tôdas as simpatias estão do lado de Procla, advogada do Senhor, a terna mulher que a tradição recolhe, banhada em lágrimas, ao saber da sentença condenatória: o *Ibis-ad-Crucem* (Irás à Cruz), pronunciado naquele dia e que estremeceria o mundo.

Sonhemos, pois, com o perdão e a misericórdia d'Aquêle que morreu de braços abertos; que salvou Dimas e Madalena; que perdoou a Pedro e também àqueles que o crucificaram... Em nossa alma, vislumbramos Procla perdoada e redimida pelo Mártir, a quem um poeta chamou de ladrão entre ladrões e salteadores de corações.

E ao enfrentá-lo com seus dois companheiros de suplício, exclama:

"E o outro, o de longa cabeleira,
Que geme, que perdoa e que redime,
Roubou, afinal, a Humanidade inteira!"



A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Aurora de Nevers é a mais rica herdeira de França. Quando se julga ter semelhante prêsa na mão, tudo se faz para a conservar!... Compreendi isso muito bem... Melhor do que supõe!...

XXXVI
SEGUNDA ENTREVISTA

A noite ia adiantada. O ruído dos copos, entrechocando-se, aumentava a todos os momentos, mas as iluminações empalideciam e as vozes roucas, que principiavam a ouvir-se, anunciavam o fim da festa.

Quanto ao jardim, estava cada vez mais deserto. Nada devia perturbar a entrevista de Lagardère com a princesa de Gonzaga.

Nada indicava, também, que êles pudessem chegar a um acôrdo.

O orgulho de Aurora de Caylus acabava de vibrar um golpe tremendo em Henrique de Lagardère.

— Se me viu fria — continuou a princesa, ainda com maior altivez — se não ouviu sair do meu peito aquêle grito de alegria que esperava, é porque eu adivinhara tudo... Sabia que a batalha ainda não terminara e não era tempo de cantar vitória. Quando o vi, pressenti qualquer coisa: é um homem interessante, ainda moço, sem família... O seu patrimônio são as aventuras... e lembrou-se de fazer fortuna desta maneira!

— Senhora! — exclamou Lagardère. — Aquêle que está no Céu ouve seus ultrajes!

— Ousa dizer que não teve êste sonho insensato? — insistiu violentamente a princesa, desafiando Lagardère com o olhar.

O cavalheiro mudou duas vêzes de côr e, por fim, disse em voz grave e profunda:

— Não passo de um simples fidalgo... Serei por acaso fidalgo?... Não tenho um nome! O que uso vem dos muros arruinados, onde me abrigava, à noite...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a

Ontem, era um proscrito e, no entanto, tive um sonho; não um sonho insensato, como disse, mas sim um sonho lindo, divino!

"O que hoje lhe confesso, senhora, ainda era ontem, para mim, um mistério...

A princesa sorriu com ironia.

— Juro-lhe pela minha honra e pelo meu amor! — prosseguiu o cavalheiro. — Deus é testemunha de que eu tinha apenas um pensamento: restituir à viúva de Nevers a filha que me tinham confiado! Quando saí de Madrid tinha a impressão de que a mãe de Aurora abriria os braços ao ver-me, e mesmo ainda cheio de poeira da viagem apertar-me-ia de encontro ao coração! Mas, à medida que se aproximava o momento da separação, senti que se abriria uma ferida profunda em meu peito e, embora os lábios tentassem pronunciar aquelas palavras: *minha filha!* os lábios mentiam!... Aurora já não era a minha filha e, mesmo sem querer olhava para mim, também me sorria; mas... de uma forma diferente daquela como se sorri para um pai!

A princesa agitou o leque e murmurou, entre os dentes cerrados:

— O seu papel agora é dizer-me que ela o ama!

E sentindo a cólera aumentar, deixou-se cair num banco, perguntando:

— Aurora sabe o nome da família?

— Não, julga-se uma pobre moça abandonada e recolhida por mim — replicou Henrique, sem hesitar.

E, como a princesa erguesse involuntàriamente a cabeça, o cavalheiro acrescentou:

— Isso já lhe dá esperanças... pode respirar mais à vontade. Quando ela souber a distância que nos separa...

— Mas virá a saber?... — disse a princesa, desconfiada.

— Evidentemente! Quero-a livre, mas não pense que é para a acorrentar a mim. Se a senhora me disser: "Prometo pela memória de Nevers que minha filha viverá junto de mim, mas em plena segurança", logo a terá!

A princesa, que estava longe de esperar esta conclusão, julgou tratar-se de um estratagema e resolveu responder com sutileza... A filha estava em poder daquele homem...

---

assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocê, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão do seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem porém e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera.

Então, estendeu a mão a Lagardère e disse:

— Perdoe a uma pobre mulher que só tem tido inimigos à sua volta. Se me enganei, senhor de Lagardère, pedir-lhe-ei de joelhos que me perdoe...

— Por Deus, minha senhora! — respondeu o cavalheiro, surpreendido.

— Confesso que lhe devo muito — prosseguiu a princesa — e não era realmente assim que deveria ser a nossa primeira entrevista! Era minha obrigação dizer-lhe imediatamente que as palavras pronunciadas perante o conselho de família eram provocadas pelo aspecto da moça que me queriam fazer aceitar como Aurora de Nevers... Irritei-me, mas o sofrimento azeda o ânimo, e eu tenho sofrido tanto!...

"Agora, resta-me dizer-lhe que prometo tudo, tudo quanto me pediu, pela honra do meu nome e pela memória!...

Uma sombra de tristeza cobriu o rosto de Lagardère.

— Promete... Vou entregar-lhe Aurora. No entanto, peço-lhe apenas que me dê tempo a prepará-la e a avisá-la do que se passa. É uma alma terna que uma comoção demasiadamente forte poderia quebrar...

— E levará muito tempo?

— Uma hora apenas... Daqui a uma hora estarei junto da estátua de Diana.

A princesa sorriu e Lagardère se curvou para a sua mão, que beijou com sinceridade.

Estava doido de alegria, de reconhecimento e de ternura.

A princesa, porém, mal se afastou dêle, deixou cair a máscara. O sorriso desapareceu do seu rosto e principiou a correr pelo jardim, em direção ao pavilhão do Regente.

Lagardère, apesar do seu contentamento e da febre que dêle se apoderara, não deixou de tomar as suas precauções, a fim de verificar se era seguido. Duas ou três vêzes embrenhou-se pelas áleas solitárias, voltando a correr pelo mesmo caminho e, antes de entrar em casa de Le Bréant, lançou em redor um olhar pesquisador. Ninguém o seguira. Os maciços estavam desertos. Julgou ouvir apenas um ruído de passos em direção da tenda indiana, que se encontrava próxima, mas os passos se afastaram ràpidamente.

Lagardère introduziu a chave na fechadura, abriu a porta e entrou.

A princípio não viu Aurora. Chamou-a, não obtendo resposta, mas, à luz de uma lanterna que iluminava o interior da habitação, viu a jovem debruçada à janela, parecendo dormir. Chamou-a novamente. Então, Aurora correu para êle e perguntou-lhe:

— Quem é aquela mulher que estava há pouco em sua companhia?

— Qual mulher?... Como soube isso? — perguntou o cavalheiro, surpreendido.

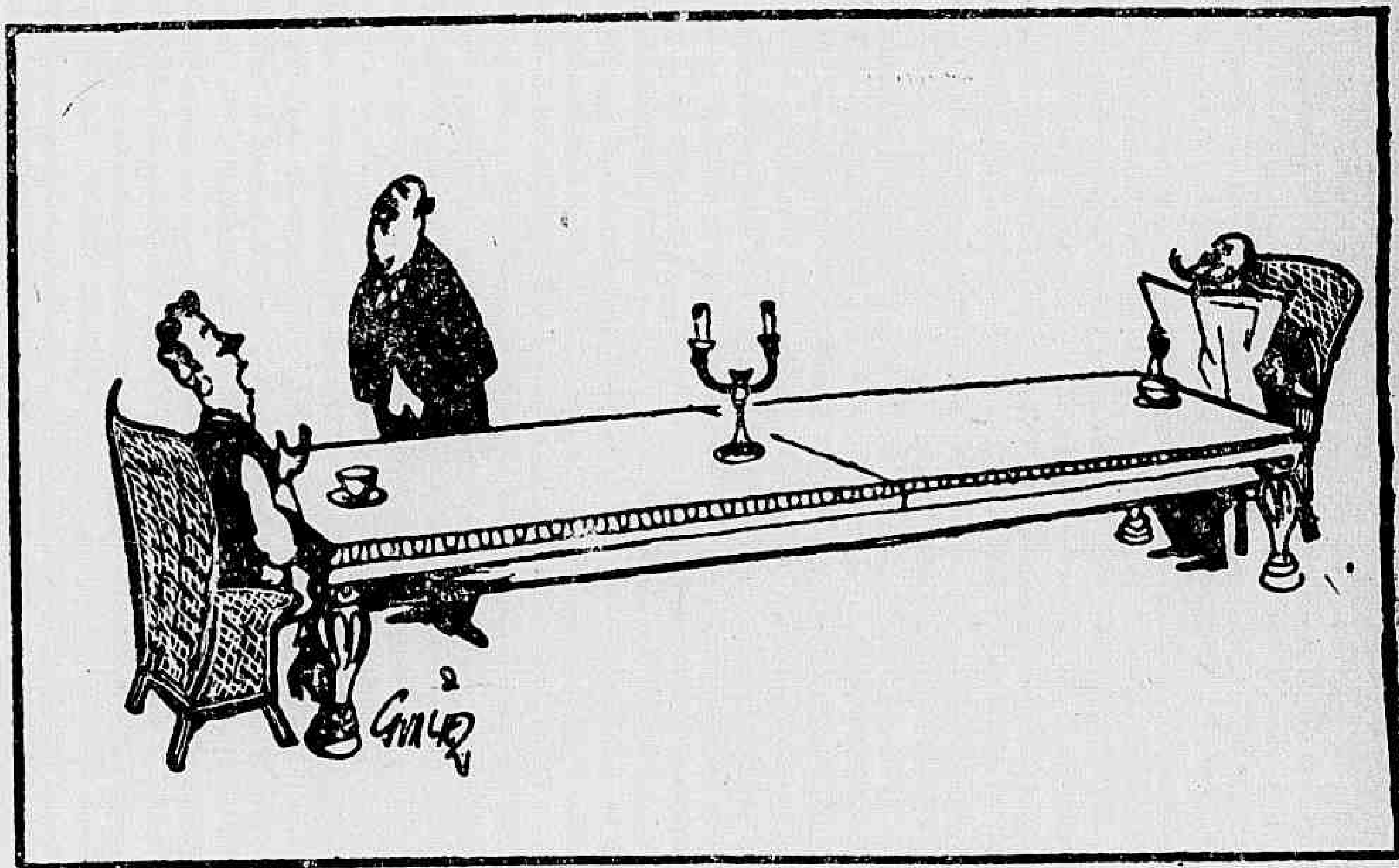
— Ela é sua inimiga, Henrique! Uma inimiga mortal!

Lagardère sorriu.

— Porque supõe uma coisa dessas, Aurora? — perguntou.

— Sorri... Então enganei-me... Melhor! Mas, deixemos isso e diga-me: por que razão me deixou aqui, enquanto todos se





— O dr. Carrapatoso vem, com a espôsa para jantar, hoje. Ponha mais uma tábua na mesa!

encontram na festa? Não me julga suficientemente bonita?... Tinha vergonha de me apresentar?

E a faceira abriu o dominó, cujo capuz lhe descaiu para os ombros e deixou a descoberto o seu rosto encantador.

— Não a julgava suficientemente bonita?... Ah! Minha boa amiga!...

Mas o acento de admiração que tinha a voz de Lagardère não conseguiu, porém, mascarar o seu ar distraído.

— Como diz isso! — exclamou Aurora, com tristeza. — Parece-me que pretende ocultar-me qualquer coisa, Henrique... Dir-se-ia que está preocupado... Ontem, disse-me ser o meu último dia de ignorância, no entanto, hoje não sei mais do que ontem...

Lagardère olhava-a e parecia sonhar.

— Mas não me lastimo — prosseguiu Aurora, sorrindo. — Uma vez que já aqui se encontra, sou feliz! Vai finalmente conduzir-me ao baile, não é verdade?

— O baile terminou... — disse Lagardère.

— É verdade!... Já não se ouvem os acordes harmoniosos que vinham até aqui entreter a pobre reclusa!... Há muito tempo que não via ninguém passar pelos caminhos vizinhos a não ser aquela mulher!

— Aurora — interrompeu Lagardère, com gravidade — peço-lhe que me diga a razão porque pensa ser essa mulher minha inimiga... Ia sòzinha?...

— Não... acompanhava-a um fidalgo com um rico e elegantíssimo traje da côrte, com um cordão azul formando cruz.

— Sim... mas que dizia ela?

— Apenas ouvi algumas palavras... pronunciou o seu nome... estava furiosa... parecia louca! "Monsenhor — dizia ela — se Vossa Alteza não vem em meu auxílio..."

— Então era o Regente! — exclamou Lagardère, estremecendo.

Aurora bateu as mãos com alegria e exclamou:

— Ah! eu vi o Regente!...

— "Se Vossa Alteza não vem em meu auxílio..." — repitiu Lagardère. — E depois?... Quando pronunciou ela o meu nome?

— Isso foi antes. Eu estava à janela e julguei ouvir pronunciar; mas não surpreende... parece-me que o ouço a tôda a hora!... Ela ainda vinha longe e, ao aproximar-se, dizia: "À fôrça! Só à fôrça podemos quebrar aquela vontade indomável!"

— Ah! exclamou Lagardère, com um gesto de desânimo. — Ela disse isso?

— Como está pálido, Henrique! — comentou Aurora.

Lagardère, de fato, empalidecera; o seu olhar parecia fogo. Se lhe tivessem cravado um punhal no peito não sofreria tanto. De súbito, o rosto mudou de côr e àquela palidez de morte seguiu-se uma vermelhidão intensa.

— A violência! — exclamou, procurando conter a voz. — A violência depois do estratagema!... Profundo egoísmo! Que coração tão perverso!... Pagar o mal com o bem, só um anjo ou um santo! Mas o contrário — por Deus! — é infame e odioso! Ela enganou-me!... Agora compreende tudo; vão procurar vencer-me pelo número... vão separar-nos!...

— Separar-nos! — repetiu Aurora, dando um salto como uma leoa ferida. — Quem? Aquela miserável mulher?...

— Aurora! — exclamou Lagardère, colocando-lhe a mão sôbre o ombro. — Não diga uma só palavra contra ela!

E a expressão das suas feições era, naquele momento, tão estranha que a pobre Aurora recuou, apavorada.

— Ah! Mas que aconteceu?... — perguntou, aproximando-se de Henrique, que colocara a cabeça entre as mãos, e tentando lançar-lhe os braços em redor do pescoço.

O cavalheiro repeliu-a com uma espécie de mêdo.

— Deixe-me!... Deixe-me!... Uma terrivel maldição pésa sôbre as nossas cabeças!

As lágrimas inundaram os olhos de Aurora, que balbuciou:

— Henrique, já não gosta de mim?...

Lagardère olhou-a. Parecia louco. Torcia as mãos, num gesto de desespêro, e uma gargalhada dolorosa saiu-lhe do peito.

— Ah! Confesso que não sei! Que há no meu coração?... A noite, o vácuo?

Amor... Dever... Qual dos dois, consciência?... Mas, se aquela mulher tem seus direitos, eu também tenho os meus!...

E deixou-se cair numa cadeira, desalentado. Aurora não ouvia as palavras entrecortadas que saíam da bôca do seu amigo; mas, ao vê-lo tão triste, ajoelhou-se-lhe aos pés e murmurou:

— Henrique... Henrique! Acalme-se... Explique-me o que se passa, sim?

— Que loucura! — prosseguiu êle, revoltado. — Que vale a dedicação?... Nada! Construí um lindo castelo sôbre a areia... um tufão arrasou-o... perdi a esperança... desapareceu o meu lindo sonho!

E era tal o seu estado de exaltação que não sentia as lágrimas ardentes de Aurora caírem-lhe sôbre as mãos.

— Quem sou eu?... Que necessidade têm de mim?... Aquela mulher não terá razão?... Falei como um insensato. Quem me diz que Aurora não seria mais feliz com ela?... Mas quê?... Chora?...

— Choro por vê-lo nesse estado — respondeu a pobre criança.

— Mais tarde, se eu a visse chorar, morreria!

— Por quê?...

— Sei lá, Aurora!... Sabe-se lá o que existe num coração de mulher?... Eu sei, por acaso, se gosta de mim?

— Se gosto?... Se o amo?... — repetiu Aurora, numa expansão louca.

Henrique contemplava-a àvidamente.

— Pergunta-me se o amo, Henrique?! — repetiu Aurora.

Lagardère colocou-lhe a mão na bôca. Ela beijou-lhe a mão, mas o cavalheiro retirou-a imediatamente, como se um ferro em brasa a tivesse queimado.

— Perdoe-me!... Não sei o que digo!... No entanto, escute-me... reflita... neste momento jogamos a felicidade ou a infelicidade de tôda a nossa vida. Responda-me com a sua consciência, com o coração...

— Responder-lhe-ei como a um pai! — retorquiu Aurora.

Lagardère tornou-se lívido e fechou os olhos.

— Não me chame pai! — balbuciou êle em voz tão fraca que Aurora teve dificuldade em ouvi-lo. — No entanto, que vê em mim, senão um pai?...

— Oh! Henrique! — tentou Aurora interromper, enquanto a vermelhidão lhe coloria o rosto encantador.

— Quando eu era moço — pensou Lagardère, em voz alta. — Os homens de trinta anos pareciam-me velhos!...

E a sua voz era suave e meiga, quando prosseguiu, dirigindo-se à pupila:

— Que idade me dá?...

— Que me interessa a sua idade, Henrique?!

— Gostaria de saber a sua opinião... Que idade me dá?...

Parecia um criminoso, aguardando a sua sentença. O amor, aquela terrível e poderosa paixão, tem por vêzes as mais estranhas criancices. Aurora baixou os olhos... o coração palpitava-lhe desordenadamente. Pela primeira vez, Lagardère viu o seu pudor despertar e teve a impressão de que as portas do céu se abriam diante dêle.

Ignoro a sua idade, Henrique — disse Aurora — mas o nome que lhe dera há pouco, poderei pronunciá-lo sem sorrir?...

— E por que, minha filha?... Eu podia ser seu pai!...

★



— Aula de culnária —

— Mas eu é que não poderia ser sua filha, Henrique!...

— Aurora, minha filha bem-amada, não queira ver-me pelo prisma do seu reconhecimento... Olhe-me tal qual sou...

Ela colocou-lhe as mãozinhas trêmulas nos ombros e, olhando-o fixamente, disse com um sorriso nos lábios e as pálpebras semicerradas:

— Eu não conheço nada neste mundo... mas nada... absolutamente nada de melhor, de mais nobre, nem de mais digno que Henrique de Lagardère... o meu querido e bom amigo!

XXXVII

O FIM DA FESTA

E o amor casto e sublime, a ternura santa que transforma duas vidas numa vida, casando estreitamente duas almas; o amor, aquêle cântico divino que se ouve na terra; o amor que embeleza a fealdade e dá à beleza uma nova auréola, encontrava-se naquele momento coroando e transfigurando o terno rosto de Aurora!...

Lagardère apertou de encontro ao coração a sua noiva querida e trêmula. Houve um longo silêncio... os lábios não se tocaram...

— Obrigado!... Obrigado!... — murmurou êle. — Queria, porém, saber uma coisa, Aurora: tem sido sempre feliz comigo?

— Oh! Muito!... respondeu ela.

— No entanto, hoje chorou... Por que foi?... Conte-me...

— Por causa da sua ausência, Henrique. Eu, além disso, pensava que...

— Quê?...

— Estou louca... — balbuciou Aurora, confusa .— Comecei a pensar que há em Paris muitas mulheres... mulheres bonitas que farão tudo para o agradar... receei que viesse a amar uma delas...

E pronunciando as últimas palavras, Aurora escondeu o rosto no peito do cavalheiro.

— Deus quererá dar-me tão grande feliciadde? — murmurou Lagardère, extasiado. — Então... posso acreditar que?...

— Que o amo, sim! — interrompeu Aurora, ocultando de novo o rosto junto do coração do seu grande amigo e abafando a sua própria voz, que a assustava.

— Mas conheces, por acaso, a voz do coração, minha filha?... Ontem, eras apenas uma criança...

— E hoje sou uma mulher, Henrique! Sou uma mulher e amo-o!

— Oh! Sou feliz!... Muito feliz!... — respondeu Lagardère, com as pálpebras úmidas.

Uma nuvem, porém, ensombrou-lhe o rosto. Ao notar isto, Aurora perguntou:

— Que é isso?...

— E se um dia viesse a se arrepender?... — pronunciou Lagardère, beijando-lhe os cabelos.

— Arrepender-me de que, se o tiver sempre junto de mim?...

— Ouça, minha adorada: esta noite tentei erguer uma ponta do véu que a afastava dos esplendores do mundo. Entreviu a Côrte, o luxo, e deslumbramento; ouviu os ecos da festa... Que pensa da Côrte?

— A Côrte é bonita — respondeu Aurora — mas ainda não vi tudo, não é verdade?

— Sentiu atração para essa vida?... Gostaria de freqüentar a sociedade e viver nela?

— Em sua companhia, sim!

— E sem mim?

— Nada me interessa!

— Mas viu essas mulheres que passavam, sorridentes?... Tôdas são felizes, têm castelos... palácios...

— Quando estás em casa gosto mais dela do que de um palácio!

— Mas elas têm as suas amigas...

— E eu o tenho comigo!

— Têm família...

— A minha família é formada por nós dois.

E Aurora dava tôdas estas respostas sem hesitar, com um sorriso franco nos lábios. Era o coração dela que falava. Mas Lagardère quis que a prova fôsse completa e, apelando para tôda a sua coragem, pronunciou após uns instantes de silêncio:

— E têm mãe!

Aurora empalideceu. Uma lágrima perlou-lhe as pálpebras semicerradas e repetiu:

— Mãe!... Muitas vêzes tenho a companhia dela... Depois de Henrique, é minha mãe a pessoa em quem mais penso!... Se a tivesse aqui, além de nós, Henrique, que mais poderia desejar?... Mas... — prosseguiu, após uma breve pausa — se fôsse preciso escolher entre minha mãe e...

Lagardère esperava, ansioso, trêmulo...

— Não está talvez muito certo o que vou dizer — pronunciou Aurora, com esfôrço — mas se fôsse preciso escolher...

Não terminou a frase e acolheu-se nos braços de Lagardère, dizendo entre soluços:

— Amo-o!... Oh! como o amo!...

Lagardère endireitou-se. Com uma das mãos segurava aquela figurinha frágil de encontro ao coração e com a outra parecia querer tomar o céu como testemunha das suas palavras:

— Deus, que nos vê — exclamou, com exaltação — Deus, que nos ouve e nos julga, foi quem me concedeu êste prêmio. Recebo-o e juro que será feliz!...

Aurora ergueu os olhos para êle, enquanto os lábios se entreabriam num pálido sorriso.

— Obrigado!... Obrigado!... — prosseguiu Lagardère, erguendo a fronte de Aurora de Nevers até aos seus lábios. — Olha!... Vê bem tôda a felicidade que me dá: choro e rio ao mesmo tempo; estou louco de alegria!... És minha, Aurora, minha!... Ainda sou moço... há pouco menti!... Sinto-me cheio de mocidade, de fôrça e de vida!... Muitos, com a minha idade, são mais velhos do que eu e sabes por que, minha adorada?... Porque não te encontraram no seu caminho!... Os outros amam, bebem, jogam e desperdiçam pròdigamente, loucamente, o tesouro da sua juventude! Eu, porém, guardei-o com avidez. Entesourei-o para te dar a minha alma... guardei num cofre-forte todo o ardor da mocidade!...

"Escutas-me e sorris... pensas que estou louco!... Mas não. Que fiz eu durante os anos da minha juventude? Passei-os a ver-te crescer a espreitar o despertar da tua alma!... Tens razão: somos inteiramente um do outro. Que interessa o mundo, a sociedade?... Iremos para bem longe daqui e sorveremos lentamente a doce taça do amor!... Do amor!...

"Mas fala, minha querida! Diz qualquer coisa!...

Aurora escutava-o inebriada e repetiu apenas, como um sonho feliz:

— O amor!... Só o amor!...



— Palavra de honra que êste pesa!... disse Cocardasse, que segurava os pés do barão de Barbanchois.





— Parei um pouco para que êles vissem o Zizinho.

Passepoil segurava pela cabeça o mesmo barão, que — homem austero e sempre censurando as orgias da Regência — se encontrava naquele momento completamente embriagado.

Os dois espadachins tinham sido encarregados pelo barão de la Hunaudaye de levar Barbanchois a casa. Atravessavam naquele momento o jardim deserto e sombrio.

— E se descansássemos um pouco?... — alvitrou o gascão.

— De acôrdo — anuiu Passepoil.

E, depois de colocarem o barão sôbre a relva, sentaram-se num banco, acenderam os cachimbos e principiaram a conversar a respeito da esplêndida ceia que lhes acabavam de servir.

— Se é a última, confesso que não podia esperar melhor!... — rematou Passepoil.

Neste momento, o barão, a quem a frescura da relva despertara, murmurou:

— Ah! Meu Deus!... Por êste andar onde irá isto ter?...

— Já me tinha esquecido da nossa missão... — disse Cocardasse.

— Bem... vamos levar o fardo à casa! — concordou Passepoil.

E, pegando no barão, puseram-se a caminho.

— Olha lá, tu não a tornaste a ver? — perguntou Cocardasse.

— Quem?... Aquêle amorzinho que estava diante de mim, na ceia?...

— Não!... O nosso dominó côr-de-rosa! — insistiu Cocardasse.

— Ah! Quanto a essa, confesso que não. Entrei no palácio e vi por lá muitas, mas nenhuma era a que nos interessava. Tentei abordar uma senhora que ia assim vesitda, mas qual não é o meu espanto, quando ela me deu um piparote no nariz e me chamou atrevido! Confesso que o nosso ilustre amigo, o Regente, recebe aqui uma socieadde um tanto ou quanto duvidosa!

— E êle? — interrogou por sua vez Passepoil — encontraste o?...

Cocardasse baixou a voz e disse:

— Não, mas ouvi falar a seu respeito. O Regente não ceou e estêve fechado durante mais de uma hora com o príncipe de Gonzaga. Se êles tiverem tanta coragem como palavreado, parece-me que o nosso "Petit Parisien" precisa de ter muito cuidado!...

— Ora, adeus!... Já o tenho visto sair de dificuldades maiores!...

— Pois sim, mas tanta vez o cântaro vai à fonte...

O nosso herói não teve tempo de terminar o provérbio. Um ruído de passos precipitados, vindo do lado da fonte, obrigou os espadachins, por simples fôrça de hábito, a esconderem-se num maciço próximo.

Os passos se aproximavam. Era um grupo de homens armados, à frente dos quais ia Bonnivet, o famoso espadachim, escudeiro da senhora de Berri.

À medida que a patrulha avançava, as luzes apagavam-se.

Cocardasse e Passepoil ouviram então o que o grupo dizia:

— Êle está no jardim — afirmava um sargento — interroguei todos os guardas; o seu traje é fácil de reconhecer; ninguém o viu sair...

— Olhem que êle sacudiu o senhor príncipe de Gonzaga como se fôsse uma pluma!... Vi com os meus olhos!

— Atenção, rapazes! — ordenou Bonnivet. — É pessoa perigosa!...

E afastaram-se.

Outra patrulha vinha do lado do palácio; uma outra surgia das arcadas e as luzes iam sendo apagadas à medida que passavam.

Dir-se-ia que naquela frívola mansão do prazer se preparava qualquer execução sinistra.

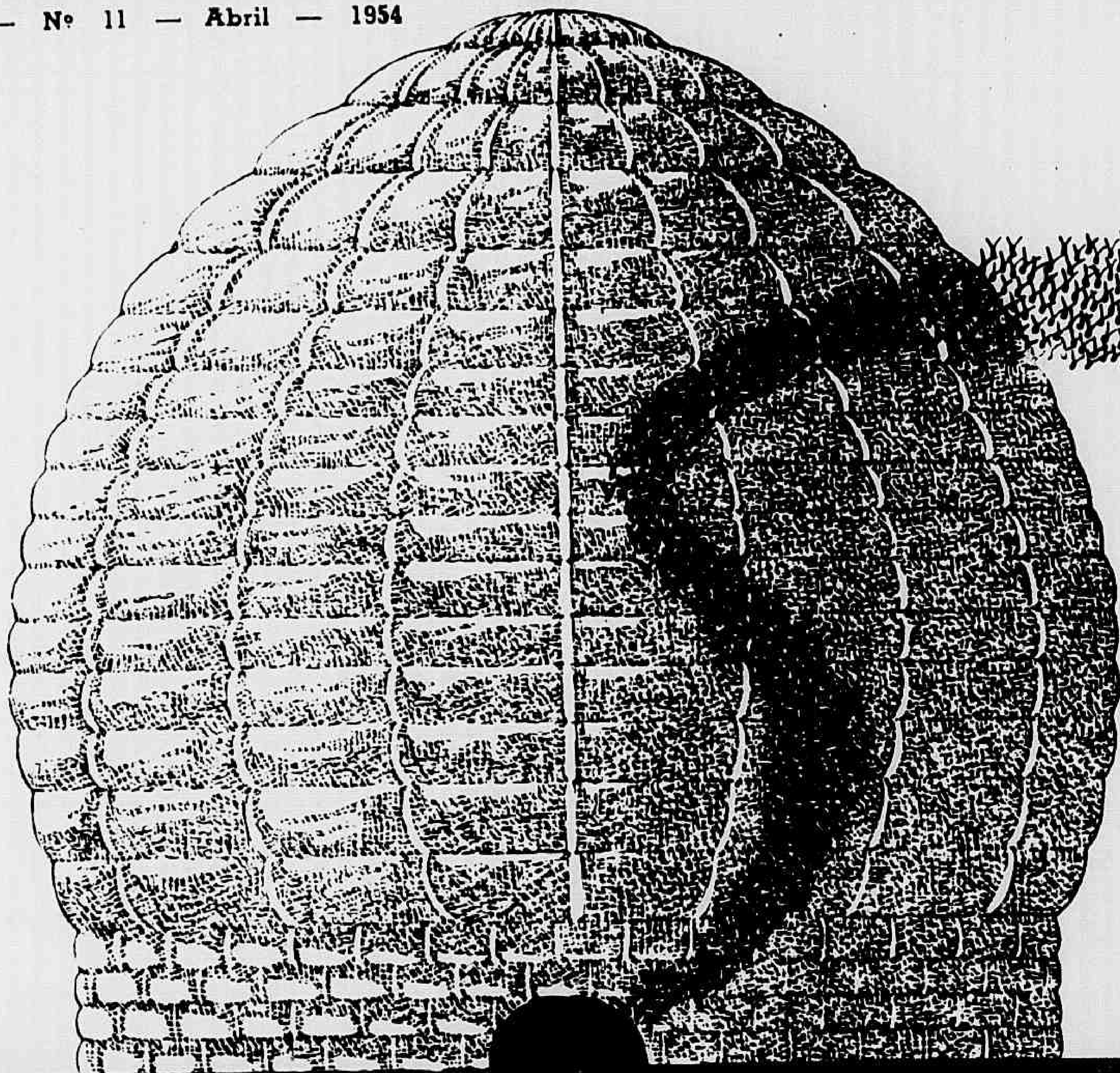
— Como vês — disse Cocardasse — procuram-no!... Eu já tinha ouvido dizer que êle tratara um pouco rudemente o príncipe de Gonzaga...

— Mas então para o procurarem apagam as luzes?...

— Não é para o procurar... é para o apanhar!

— Palavra de honra — comentou Passepoil — se êle lhes escapa desta vez...

(Continua no próximo número)



A VIDA DAS ABELHAS

ALGO DE NOVO E MARAVILHOSO REVELADO PELA OBSERVAÇÃO MICROSCÓPICA

NENHUMA sociedade humana ou animal está tão perfeitamente organizada como a das colmeias. Essa sociedade de abelhas acaba de ser meticulosamente revelada por Rudolf Freund, que a estudou durante dois anos através de poderosas lentes e mesmo de microscópio, a fim de executar as maravilhosas pinturas que os leitores encontram nestas páginas.

Mostram elas, entre outras coisas interessantíssimas, que a vida na colmeia é uma matriarquia sacrificial na qual cada abelha cumpre, sem a menor hesitação, o seu dever.

A colônia, contendo em média 30 000 indivíduos, é presidida por uma rainha, cuja função única é a de deitar ovos. Os machos ou zangões (cêrca de 1 500 na colônia) não trabalham, sendo tolerados durante o verão para que, finalmente, um dêles cruze com a rainha.

Tôdas as demais abelhas são estéreis, sendo simplesmente mulheres-trabalhadoras. Durante sua breve vida, realizam incríveis séries de pequeninos afazeres, primeiramente no interior da colmeia e, a seguir, fora dela, como caçadoras de alimento.

Dois tipos de alimento são necessários à colônia. Pólem, também chamado "pão de abelha", é alimento para a larva e sua principal fonte de crescimento robusto.

Porém a chave da vida de tôda colônia é realmente o mel, que é o alimento das abelhas adultas. Recolhido em forma de néctar, é armazenado em favos onde a maior parte da água que contém se evapora.

Tão imoprtante é a colheita do néctar que as abelhas chegaram a desenvolver um bailado especial e verdadeiramente científico para comunicar às companheiras o local exato em que encontram algum rico suprimento. E tão precioso é o mel durante o inverno que aos machos é negado êsse alimento, o que provoca a morte de todos êles, *de fome*.

A êsse tempo, porém, a rainha é carinhosamente tratada e conservada bem aquecida nos meses frios, a fim de que a colônia possa ser repovoada na primavera seguinte.



OS INIMIGOS DA ABELHA — São, geralmente, os animais que gostam de comer o mel, a cêra ou a própria abelha. A aranha dos jardins (esquerda) arma a sua teia nas proximidades da colmeia e campos floridos, para apanhar as abelhas.

A libélula (centro, ao alto) persegue a abelha em pleno vôo, aprisiona-a e come o animal, de preferência as asas.

O urso (ao fundo, à direita), tradicional inimigo das abelhas, destrói colônias inteiras para colhêr o mel. O pêlo farto e longo do urso protege o animal contra as picadas das abelhas.

Alguns pássaros (alto, à direita) apanham as abelhas para sugar-lhes o néctar e as entranhas, abandonando a carcassa.

O zangão (abaixo do pássaro), tem olhos enormes que tomam quase completamente a cabeça couraçada, o que lhe dá visão extraordinária. Avista a abelha desde longe e lança-se contra ela em pleno



vôo, matando-a instantâneamente com as poderosas mandíbulas em forma de foice.

A Manta Religiosa (baixo, à direita), que se esconde muito bem entre o verde das plantas e espera pacientemente que a abelha chegue perto, para a apanhar e devorar completamente em poucos instantes. O sapo, que se posta junto de uma flor e apanha a abelha, num salto ou com a comprida língua esticada e que aparentemente nada sofre com a picada da abelha. Também os ratos, conforme está indicado em outra página, invade a colmeia para roubar mel ou, no inverno, para ali construir ninho. Porém um dos maiores inimigos da abelha não quer nem sua carne nem o seu mel. Trata-se de uma larva minúscula que vive na própria cêra dos favos e vai abrindo caminho, destruindo as construções e também as abelhas jovens. Em alguns casos pode chegar a destruir a própria colônia.



A VIDA NA COLMEIA, é complicada, porém altamente organizada, nela cada abelha tomando uma parte bastante ativa e perfeitamente designada. O quadro acima revela as atividades nos diferentes períodos do ano. No canto superior, à esquerda, a rainha deita ovos, um em cada célula. Cercando a rainha, uma côrte de jovens operárias, prontas para alimentá-la e limpá-la após cada postura.

No centro, ninho com abelhas recém-nascidas justamente emergindo das células capeadas de cêra. Algumas abelhas operárias penetram logo nas células, limpando-as ativamente, para que estejam prontas para receber novos ovos. Outras colocam alimento nas células, para as larvas, que consomem mais de 1 300 rações diárias.

As células com protuberância em forma de casca de amendoim, um pouco mais para a direita, são aquelas especialmente preparadas para dar nascimento a rainhas. Embaixo, à esquerda, duas rainhas lutam até à morte; normalmente, apenas uma pode reinar na colmeia. Operárias fazem círculo para presenciar o combate, mas nêle não



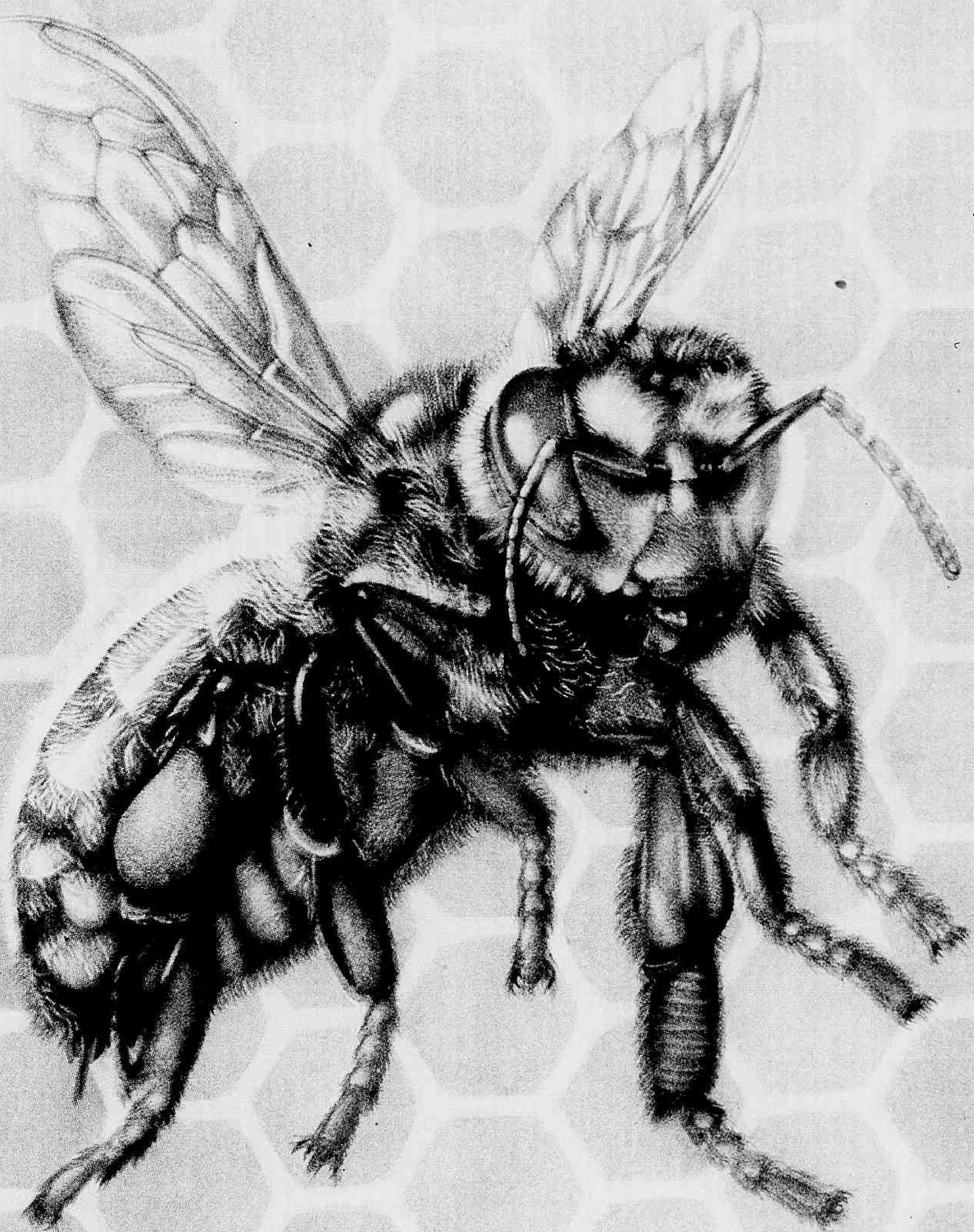
tomam parte, a menos que haja perigo de morte para ambas as lutadoras, deixando a colmeia sem **a máquina de fabricar ovos**.

No centro, algumas operárias trabalham no néctar que receberam das recolhedoras, enquanto outras operárias chegam, voando e com as patas pesadas de pólem, que vão descarregar nos depósitos próprios.

À direita, um camondongo, que penetrou na colmeia, atraído pelo cheiro do mel, é selvagemente atacado e crivado de ferroadas, morrendo sob a fúria das operárias, que assim dão a própria vida, a fim de proteger a colônia.

À entrada da colmeia três abelhas encarregadas do serviço de «ar condicionado», batem as asas, a fim de refrescar o interior e apressar a evaporação da água do mel.

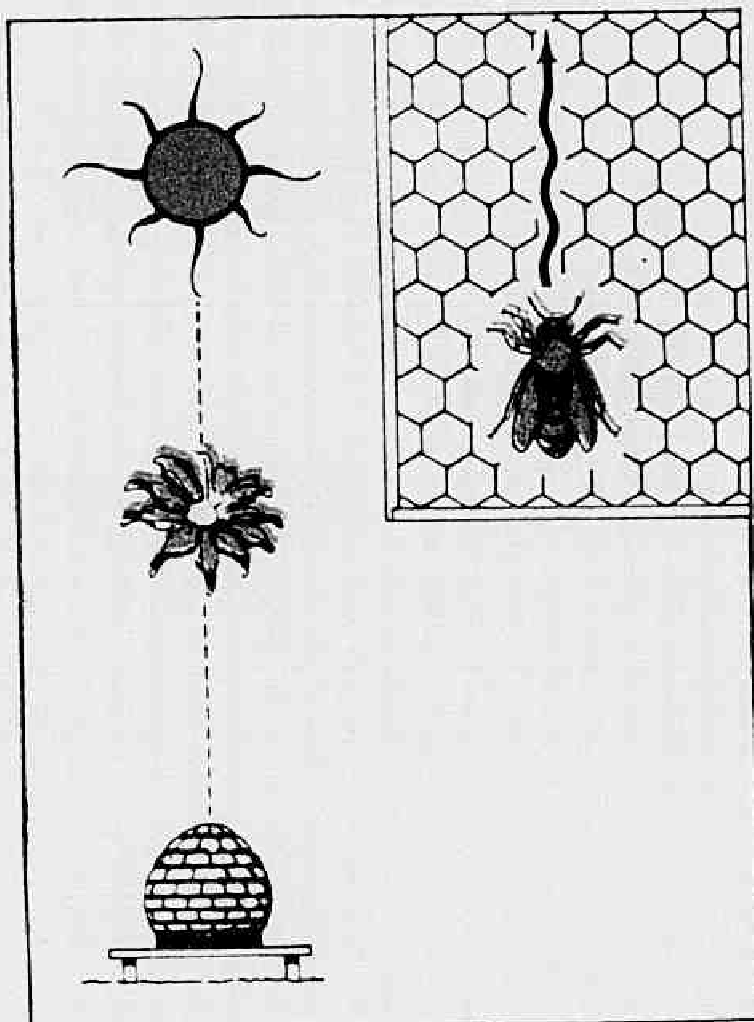
Finalmente, à direita, abelhas engenheiras construindo novas células com sua própria cêra e, mais embaixo, uma cena de inverno, quando as abelhas se reúnem, trepadas umas sôbre as outras, para aumentar o calor ambiente.



ANATOMIA DE UMA ABELHA OPERARIA — Retrato de uma operária (aumentado muitas vêzes) pintado com a ajuda de um microscópio. Os números identificam as partes da anatomia da abelha. A cabeça (1) equipada com três olhos simples, um dêles visível no centro da cabeça (2) e dois olhos compostos (3) com milhares de lentes separadas. A antena (4), dividida em 11 segmentos com 6.000 placas sensíveis e milhares de diminutos pêlos, que suprem os sentidos do olfato e do tato do animal. As mandíbulas (5), amassam e trabalham a cêra para construir as células. Os pêlos anelados, sob o maxilar (6) servem para a abelha sugar a água e o mel. As antenas baixam na direção das patas dianteiras (7) para limpeza. Longos espinhos (8) servem para depositar o pólem no favo. Os pés (9), são munidos de dois espinhos em forma de garras, que ajudam o animal a sustentar-se nas flores. O ferrão das operárias (10) têm pêlos que ficam no corpo do inimigo com parte das entranhas da abelha, que acaba morrendo. O da Rainha não tem pêlos e pode usá-lo sem cometer o suicídio. A cêra (11) é secreção que a abelha usa para construir os favos. A cesta de carregar pólem (12) na parte superior das pernas. O abdome (13) e o tórax (16), com a cabeça (1), formam as três partes do corpo da abelha. As asas (14) em duas secções separadas, que podem reunir-se por ajustamento marginal (15), quando a abelha voa.

COMO A COLMEIA É INFORMADA

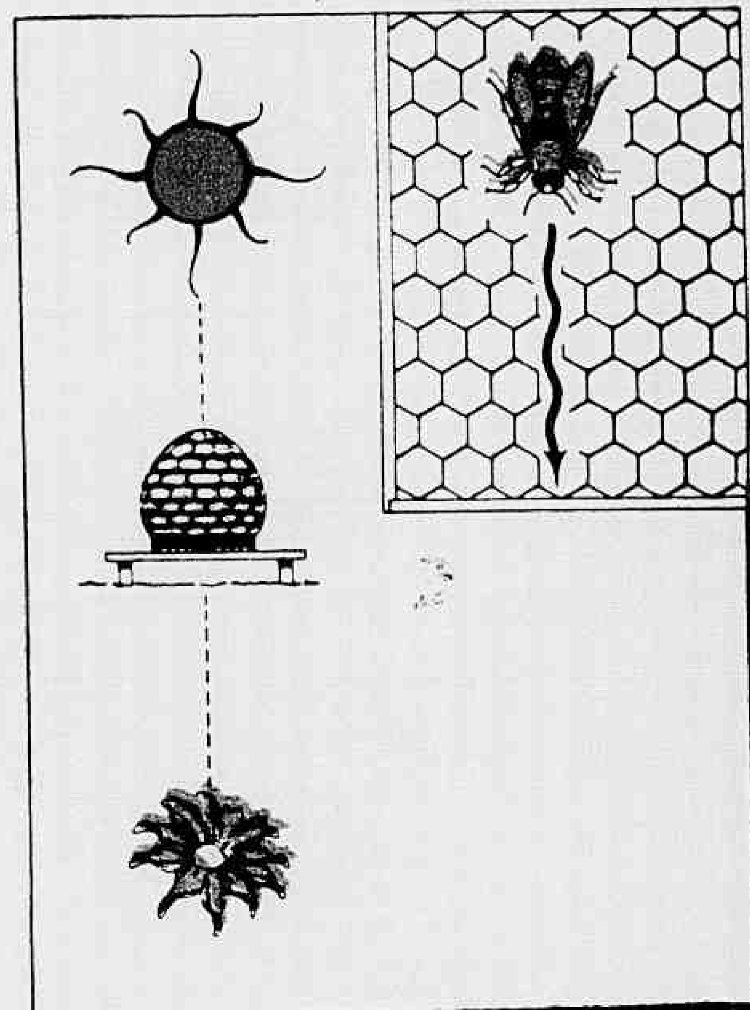
AS abelhas têm que saber apenas uma coisa: onde pode ser encontrado o alimento. Quando uma operária retorna de uma feliz caçada ao néctar, indica a localização do alimento executando um científico bailado no interior da colmeia. Essa linguagem das abelhas foi descoberta e descrita pelo zoologista austríaco Karl von Frisch, no seu livro: *"Abelhas: Sua Visão, Sentidos Químicos e Linguagem"*, editado pela "Cornell University". Se o bailado é simples, apenas executando voltas curtas, significa que o néctar está muito próximo, cêrca de cinqüenta metros, e um pouco espalhado em tôdas as direções. Se o alimento se encontra, porém, mais distante do que isso, a abelha indica a direção exata, sem o que as demais operárias jamais o encontrariam. Nesse bailado, a abelha anda em linha reta, mantendo a cabeça voltada na direção do alimento. Depois, executa um rodopio, repousa e, instante mais tarde, volta a executar o bailado. Nos desenhos, a linha reta aponta a direção do néctar.



★

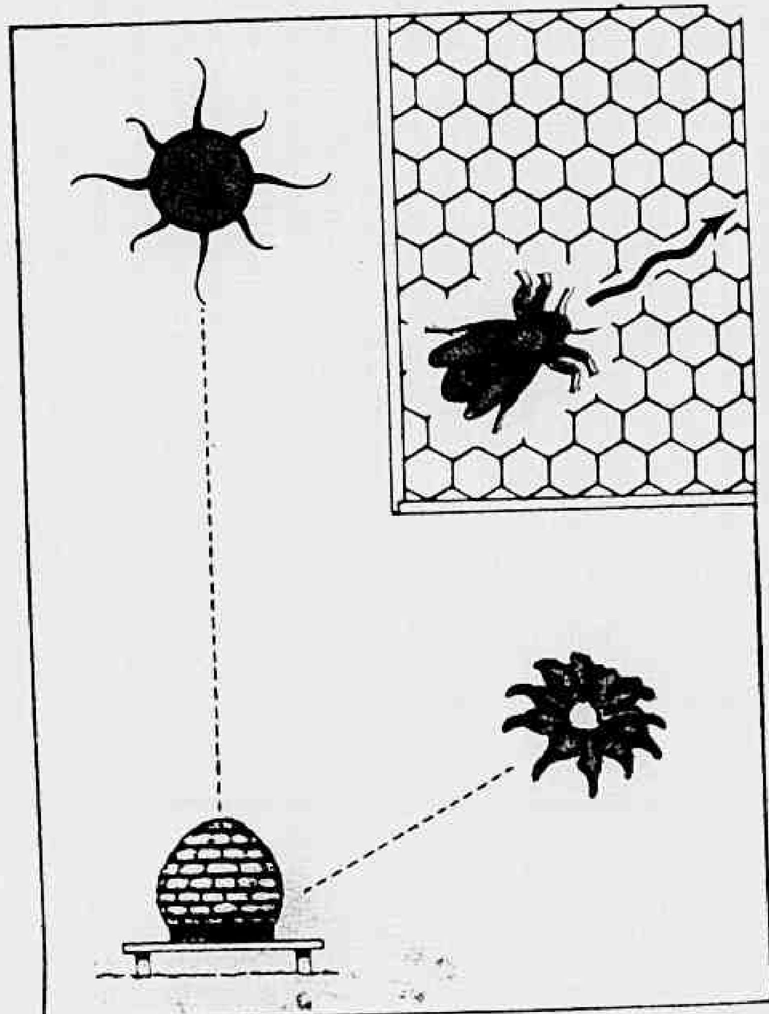
À esquerda — Com a presente marcha, a abelha indica às companheiras que poderão encontrar o néctar... voando na direção do sol. Em geral, o número de vêzes que executa essa manobra obedece a um tempo dado — justamente o que será necessário para voar da colmeia até ao alimento. O bailado será tanto mais vigoroso, quanto maior quantidade de açucar tiver o alimento encontrado

★



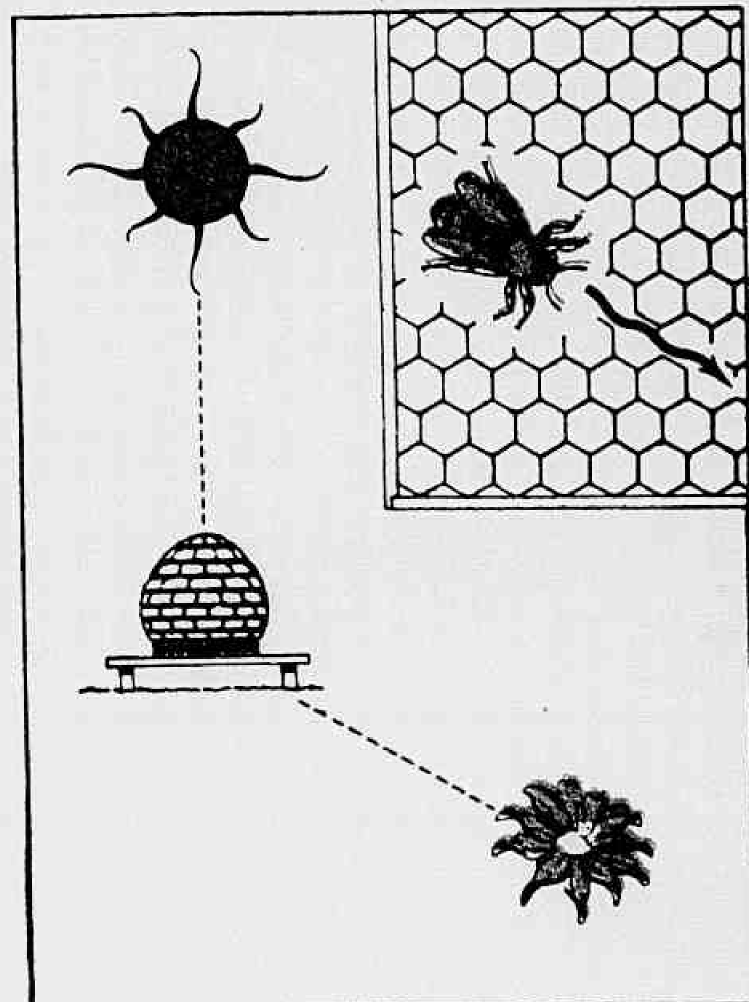
Embaixo — Para mostrar às companheiras que devem sair da colmeia adotando uma direção de 60 graus em referência à posição do sol para encontrar as flores almejadas, a abelha executa a marcha indicada no clichê. As abelhas ficam muito excitadas quando a descobridora executa um bailado mais vigoroso e tratam de aproveitar o momento em que retorna voando, a fim de repetir a indicação, para assim provar o néctar que trouxe no seu próprio corpo.

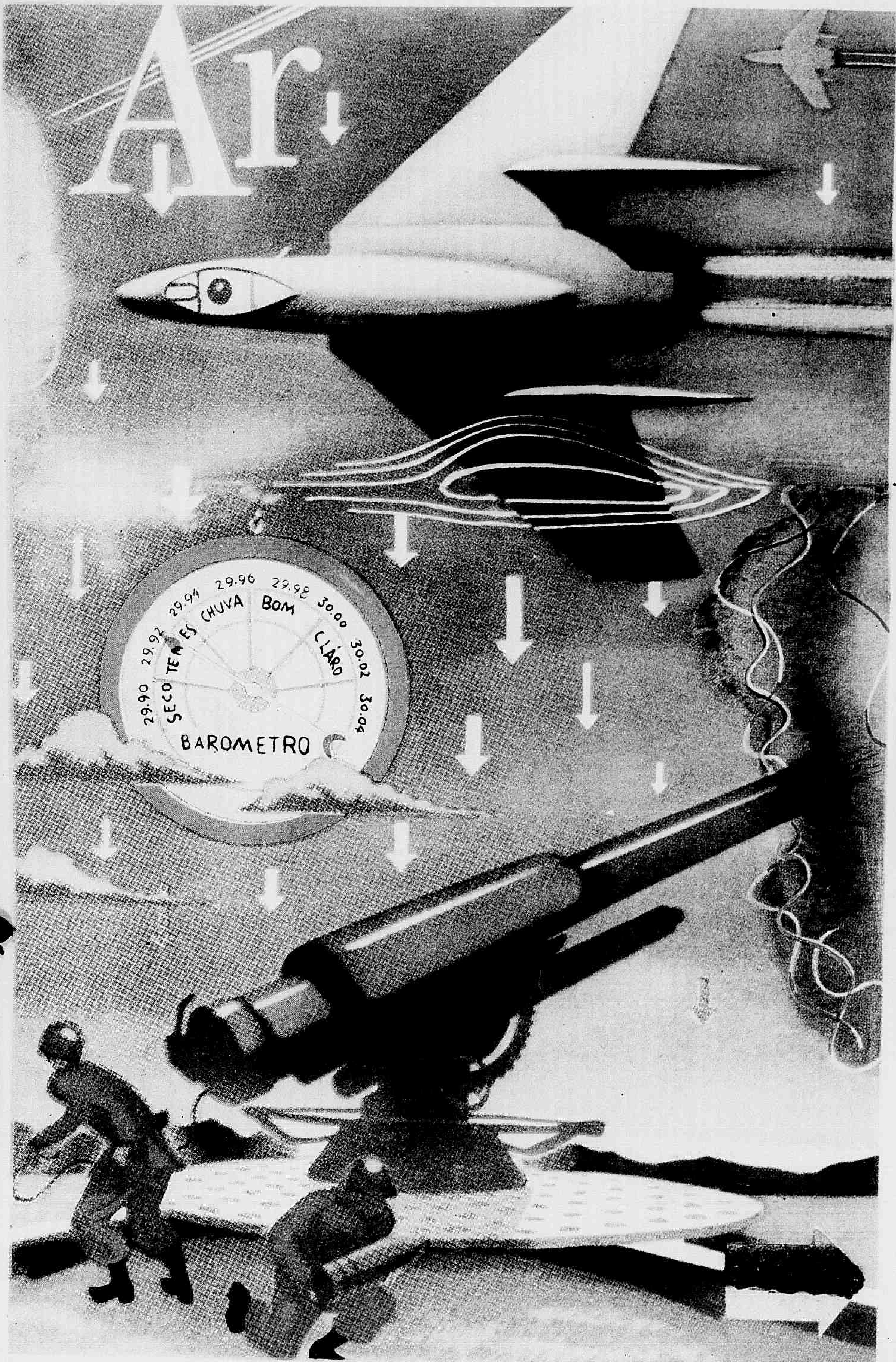
Ao alto — A abelha caminha em outro sentido, para indicar que o néctar se encontra na direção oposta à do sol, segundo a posição da própria colméia. Quando a abelha atinge o limite interno da colmeia, retorna voando e recomeça a executar o movimento de indicação caminhando. As abelhas sabem a posição do sol, mesmo nos dias nublados, porque as lentes dos seus olhos podem analisar a luz polarizada, mesmo que o sol esteja inteiramente fora de vista



★

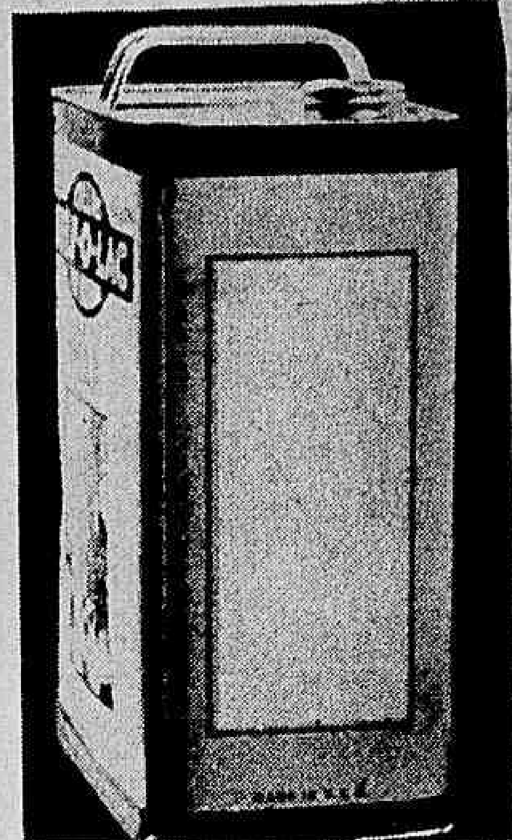
À esquerda — Com esta marcha, a abelha indica que o néctar se encontra a cento e vinte graus do ângulo da posição do sol. E as abelhas logo conhecem a qualidade da flor visitada, porque o perfume da mesma ficou no corpo da companheira. A descobridora executa o bailado em diversas partes internas da colmeia, a fim de que a maior quantidade de companheiras possa conhecer a grande novidade e dêste modo tratem logo de ir buscar o rico alimento.




Ar
29.90
29.92
29.94
29.96
29.98
30.00
30.02
30.04
SECO
TEMPES
CHUVA
BOM
CLÁRO
BAROMETRO

PRESSÃO ESMAGADORA





A fôrça da pressão do ar pode ser demonstrada, na cozinha, com a ajuda de lata vazia...

SE nosso corpo não estivesse composto de líquidos e sólidos e se o ar não enchesse os espaços entre êles, seríamos achatados pela pressão externa da atmosfera.

Se todo o ar pudesse ser removido, repentinamente, de uma casa, tôda a estrutura seria instantâneamente esmagada contra o solo. Êsse espantoso poder do ar pode ser provado com uma lata de qualquer inseticida, que tenha tampa de rôsca, fechando com firmeza. Deitem dois dedos dágua na lata e ponham para ferver. A seguir retirem do fogo, arrolhando logo, protegendo as mãos com uma toalha. Logo que a lata esfriar, o vapor interior condensa, formando vácuo parcial. O pouco ar de pressão reduzida, no interior, não resistirá à pressão maior, exterior e a lata será esmagada como entre as mãos de invisível gigante.

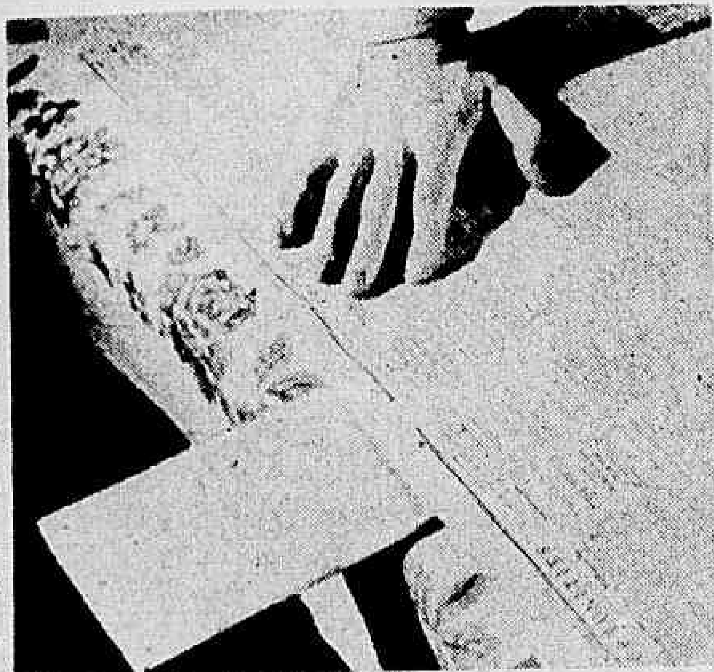


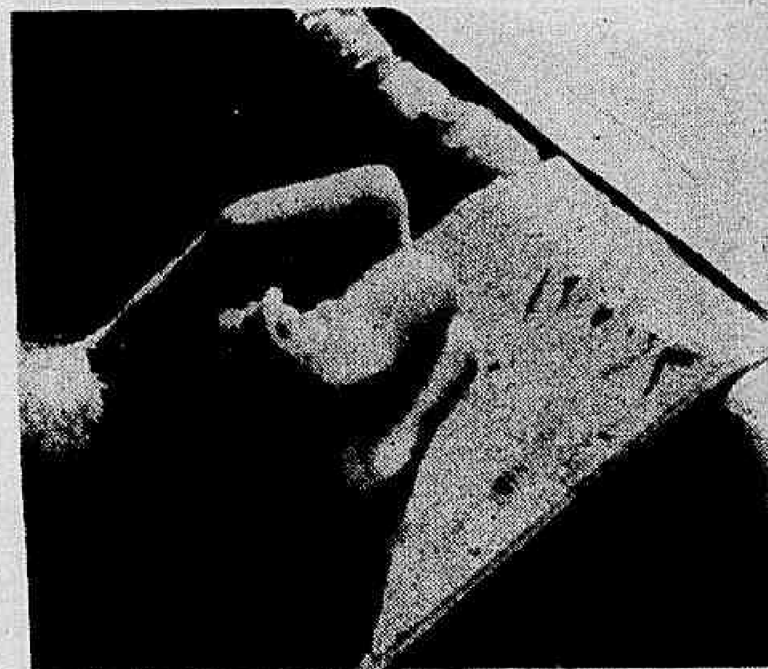
LEVANTAR OBJETOS PESADOS COM AR

Uma taça de sucção, ou qualquer tampa ou bocal, chato e liso. —— A pressão se incumbe de fazer o resto.

AS taças de sucção, de borracha, que sustentam cabides, quadros e também caniços no teto do automóvel, dependem da pressão atmosférica. Quando se comprime a taça contra uma superfície lisa, parte do ar é forçada para fora. Então a atmosfera empurra a taça contra a superfície da parede ou teto, fixando-a. Outras superfícies lisas podem operar o mesmo milagre, ajudadas pela pressão do ar. Isso pode ser demonstrado por uma tampa lisa, cuja parte inferior se umedeça, comprimindo-se contra um objeto liso, que será levantado como indica o clichê.

O TRANSPARENTE AR E' MATÉRIA PESADA





COM duas fôlhas de jornal e uma tábua fina, com 12 centímetros de largura e 60 de comprimento, podemos demonstrar o tremendo pêso do ar. Coloquem a tábua sôbre a mesa, de modo a que fique de fora uns 20 centímetros. Estendam sôbre a tábua duas fôlhas de papel, cobrindo inteiramente a parte da tábua sôbre a mesa, e passando a mão sôbre o papel para que fique bem encostado à tábua e à mesa. A seguir, dêem com o punho fechado uma pancada sêca sôbre a extremidade da tábua. Em vez de levantar o papel para o teto, a tábua quebrará como se a parte maior estivesse aparafusada sôbre a mesa... *porque o ar pesa sôbre o papel* o suficiente para mantê-lo sôbre a mesa com uma pressão que poderá ser, momentâneamente embora, de 5 toneladas! Se a densidade do ar fôsse constante em qualquer altitude, poderíamos calcular, pela pressão ao nível do mar, qual seria com oito mil metros de altitude. Mas, ao contrário, decresce — ràpidamente, a princípio, e mais vagarosamente, depois — quanto mais nos elevamos da superfície da terra. Metade de todo o nosso ar fica abaixo de 5.600 metros e 95% abaixo de 20.800. Quanto mais além o ar se estende, pode apenas ser calculado.

Pela altura do reflexo da aurora, os cientistas calculam que existem vestígios de ar até uns novecentos e sessenta mil metros de altura!

O PARADOXO DE BERNOUILLI

Uma lei científica, descoberta há duzentos anos, ajuda os inventores a desenhar aviões e vaporizadores.



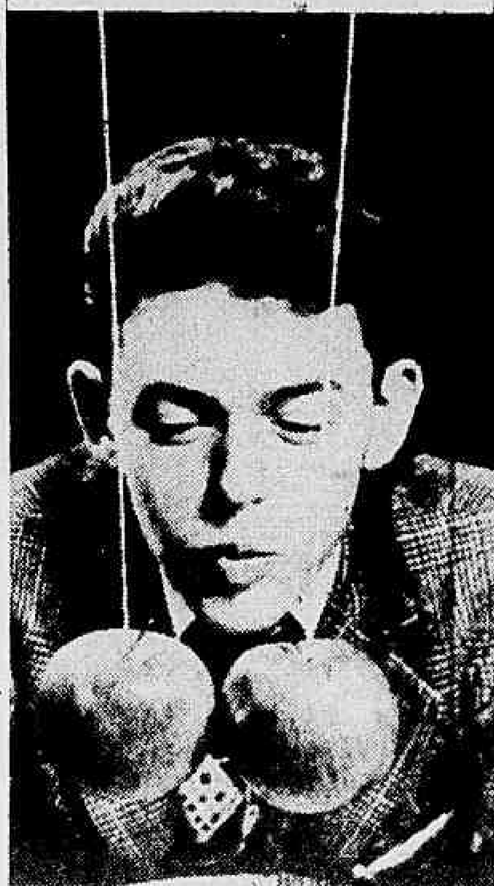
SEMPRE que o leitor espalha inseticida no jardim, ou pinta a pistola dentro de casa, conjura a mesma espantosa lei científica que permite voar um avião. Daniel Bernouilli, famoso matemático suíço, descobriu e formulou essa lei há mais de duzentos anos.

Hoje o "Efeito de Bernouilli" é um dos mais importantes princípios da aerodinâmica.

A lei é a seguinte: *Aumente a velocidade do fluido* (seja água ou ar) *e a pressão no interior do mesmo decresce!* Num primeiro exame, parece não ter sentido. Diga-se a uma pessoa de mediana instrução que a pressão no interior de um vendaval de 60 milhas horárias é menor que a pressão do ar parado e ela dirá que estamos loucos.

Mas existem duas espécies de pressão. A primeira é dinâmica, que resulta quando o fluido esbarra contra alguma coisa resistente; a segunda é interna ou *estática*, ou melhor: — pressão de uma partícula contra outra dentro do próprio fluido.

A pressão dinâmica aumenta com a velocidade, mas na mesma proporção em que esta pressão aumenta, a pressão estática diminui. Por felicidade, êsse paradoxo pode ser fàcilmente demonstrado. Suspendam, por exemplo, duas maçãs (ou laranjas) em compridos barbantes, de modo a que fiquem absolutamente livres e separadas por uns cinco centímetros. Depois soprem persistentemente e com habilidade entre as duas. Que acontece? Elas se separam? Nunca! Confirmando a lei de Bernouilli, as duas maçãs se aproximarão até bater uma contra a outra.





A pressão de ar normal nas faces exteriores das frutas empurrará as mesmas para a região de baixa pressão, criada pelo sôpro!

Outro exemplo é o do ventilador, pôsto a funcionar para cima. Lancem então um balão de borracha na corrente de ar, tendo o cuidado de juntar um "clip" para papéis, como lastro, a fim do balão não se distanciar muito da corrente de ar.

Embora o balão suba e desça não abandonará o corredor de ar formado pelo ventilador, em razão do envelope de ar veloz e de baixa pressão, em seu redor. Cada vez que atingir a orla dessa corrente de ar, a pressão mais elevada, do ar parado da atmosfera, o empurrará de novo para dentro da corrente de ar. Melhor efeito é obtido quando se apruma o ventilador. O balão ficará parado no mesmo lugar, desafiando as leis da gravidade. Só baixando a velocidade do ventilador a gravidade prevalecerá e o balão cairá.

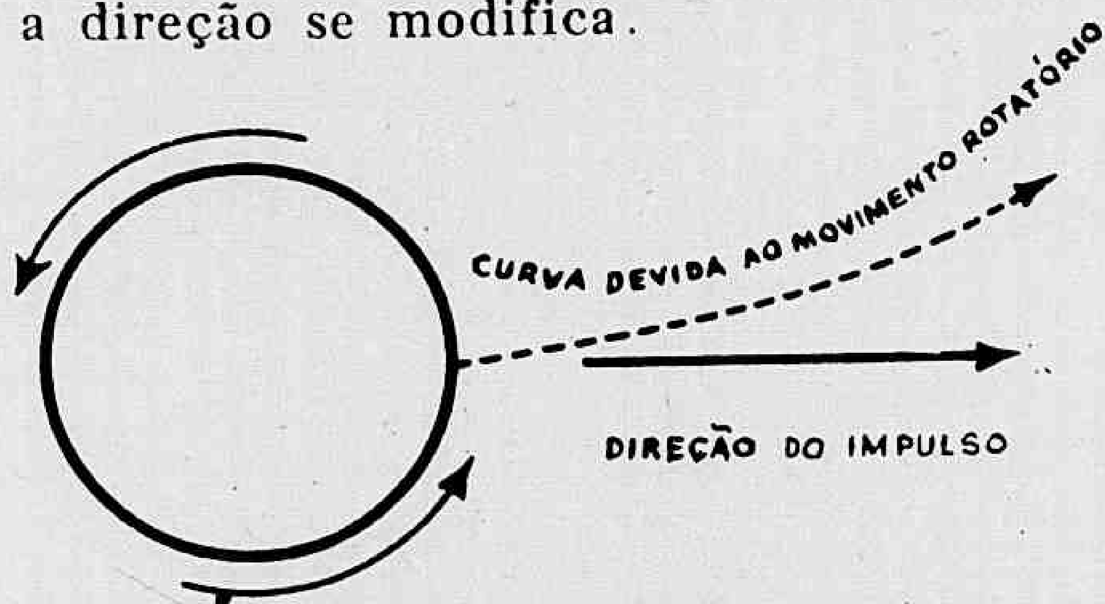
Nas pistolas de tinta ou inseticidas, como os vaporizadores de perfume, o ar em grande velocidade é lançado para cima pela parte alta de um tubo, cuja extremidade interior mergulha no líquido a ser espalhado.

Desde que a pressão atmosférica no fundo do tubo é superior à da pressão do ar veloz do alto, o líquido é forçado para cima, até ser colhido na corrente de ar e com ela encaminhado espalhando-se quanto maior fôr a distância do bico do vaporizador — ou à proporção que fôr perdendo velocidade.

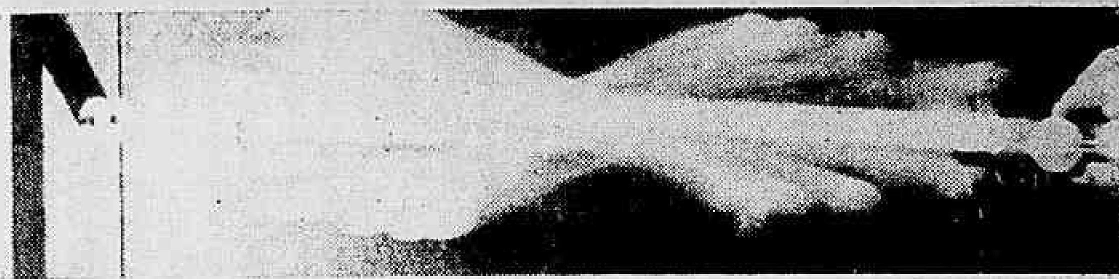
BOLAS COM EFEITO

Muitos jogadores de tênis, de gôlfe ou de pinguepongue sabem como dar efeito de curva numa bola. — Mas foi Bernouilli quem primeiro descobriu "por que" elas assim fazem.

A *lei de Bernouilli* também explica porque as bolas de tênis, gôlfe, *base-ball* ou pinguepongue tomam certos efeitos de curva, desviando-se da direção inicial. Quando uma bola gira sôbre o próprio eixo, o ar é carregado em seu redor. Num lado, êsse ar em rotação se move *com* a corrente de ar provocada pelo movimento de traslação da bola; no outro lado o ar se move *contra* a corrente o resultado dessa cooperação de um lado e dessa oposição de outro é que a velocidade do ar de um lado da bola é maior que do outro. Por isso, a bola curva para o lado em que o ar se move mais depressa. Êsse fato pode ser demonstrado com uma bola de pinguepongue, suspensa de um cordel. A distância entre os dois pontos (2 carretéis, por exemplo) poderá ser de uns 80 cm e o do cordel de um metro. Recolham a bola sôbre o ponto de partida e soltem-na. Êle seguirá normalmente, uma linha para a frente e para trás. Torçam, porém, o cordel, enrolando-o umas vinte vêzes para a esquerda. Seu giro será para a direita e se encurvará para a esquerda, que é onde o ar passa mais veloz. O movimento completo da bola girando primeiro numa direção e depois noutra, é revelado na segunda fotografia. Quando pára de girar num sentido e começa a girar em outro. a direção se modifica.







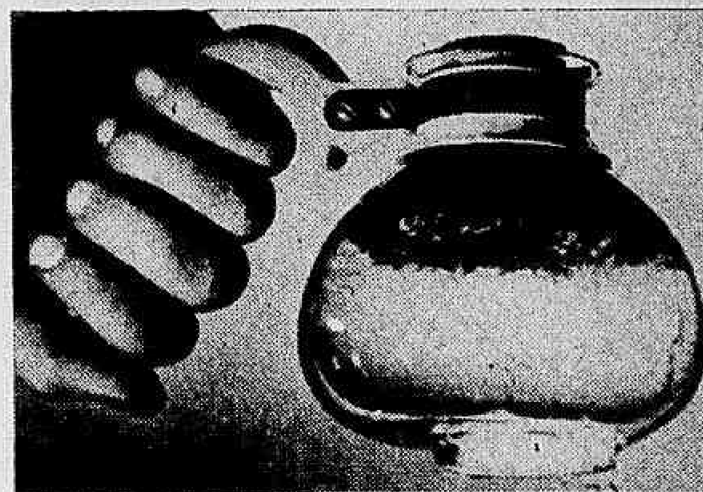
FERVER CAFÉ COM... GÊLO

O segrêdo está no ponto de fervura da água, que desce quando cai a pressão de ar reinante na superfície.

OS amigos ficarão boquiabertos, se o leitor ferver, diante dêles, o café com gêlo. Usem a parte inferior de uma cafeteira de "pirex", uma rôlha justa, para o bocal, e um cubo de gêlo. Ponham dois dedos de café no recipiente e tratem de fervê-lo, ao fogo, até que suba o vapor. Retirem da chama e arrolhem hermèticamente o bocal.

Quando a fervura deixar de ser visível, invertam a posição do recipiente e coloquem sôbre êle um cubo de gêlo.

O café recomeçará a ferver, até que o gêlo acabe. Isto porque o "ponto de fervura" da água depende da pressão de ar na sua superfície. Reduzida, a temperatura também baixo (o que torna difícil cozinhar ovos e vegetais em elevadas altitudes).



O gêlo baixando a pressão sôbre o café, por condensação do vapor, produz constante e parcial vácuo no recipiente.

ENCHER UM COPO POR CONTRÔLE REMOTO



Dois copos cheios de água até à metade, ligados por um tubo de borracha, como sifão. — O líquido permanecerá no mesmo nível.

QUANDO levantamos água por sucção de uma bomba ou sugamos soda com um canudo de palha, na realidade não sugamos para cima nenhum dos líquidos, pois que a água e soda são elevados por cano ou canudo de palha... *pela pressão da atmosfera!* Trezentos anos antes de Cristo, Aristóteles esboçou uma concepção que outros filósofos haviam transmitido, uns aos outros, durante dois mil anos.

Segundo êles, o vácuo simplesmente não existe, tendo a natureza verdadeiro horror ao espaço vazio, enchendo-o logo com aquilo que tiver em mão.

A água segue o pistão da bomba de sucção... porque a natureza assim quer. Quando, depois, alguém descobriu que uma bomba de sucção não podia elevar a água além de 34 pés, até Galileu ficou surpreendido.

Seu pupilo, Torricelli, entretanto, não tardou a descobrir que os misteriosos trinta e quatro pés representavam *a altura da coluna de água que podia exatamente com a pressão estabelecer equilíbrio atmosférico*. A água não é elevada no encanamento por nenhum místico horror ao vácuo; é empurrada para cima sempre que a pressão do ar, no alto de encanamento, fôr reduzida a menos que a pressão de ar *na base*, pelo trabalho do pistão.

E como o sifão depende da pressão do ar, êsses utilíssimos aparelhos não podem elevar a água mais além dos trinta e quatro pés cada um.

Como prova disso, encham pela metade dois copos com água, ligando-os com um tubo de borracha, também cheio de água.

Depois, levantem mais um copo que outro e a água passará, misteriosamente, do nível mais alto para o de baixo.

Troquem as posições e a água fará caminho contrário, nunca passando do nível do outro copo, conservando-os em mesmo plano.

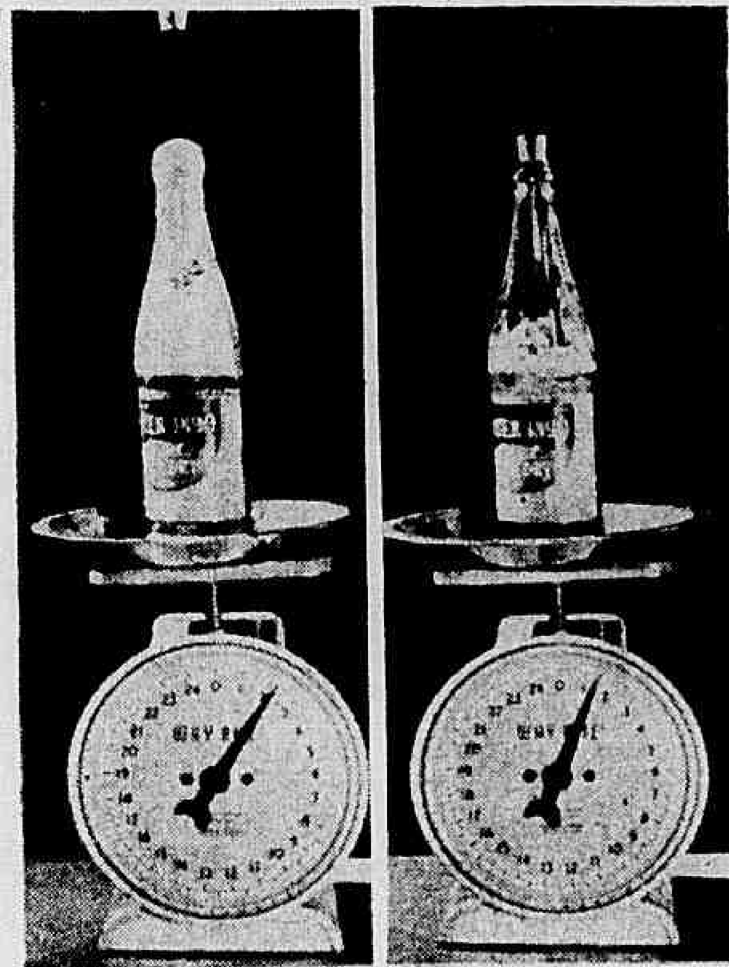
O segrêdo?

Quando o nível da água nos dois copos é igual, a pressão *para baixo* da água, nas duas extremidades do tubo, fica balanceada, opondo, também, iguais resistências à pressão do ar.

Baixando um copo, porém, a pressão *para baixo* na ponta do tubo, nesse copo, aumenta porque a coluna de água (medida do nível da água ao alto do tubo) é alongada. Com relativamente menor pressão de água para enfrentar, a pressão de ar no copo mais elevado, força a água a passar para o copo baixo, até que o equilíbrio seja restaurado.

FÔRÇA DE RECUO

Que faz um canhão recuar, quando dispara? Dois simples exemplos, que tudo explicam.



QUANDO uma rôlha espouca da garrafa, os gases de expansão empurram a garrafa para trás com a mesma "recua" pela mesma razão. Com isso, garrafa e canhão "recua pela mesma razão. Com isso, garrafa e canhão obedecem à terceira lei de Newton. Recuam com velocidade um tanto menor que a da bala ou rôlha, porque são mais pesados. Com uma garrafa e uma balança de cozinha podemos calcular essa fôrça de reação.



Deitem duzentas gramas de vinagre numa garrafa de soda e adicionem água, enchendo a garrafa até dois terços.

A seguir, coloquem a garrafa na balança, juntem ao conteúdo, por meio de um funil de papel, soda em pó e arrolhem imediatamente.

Observem a balança. No instante em que a rôlha saltar, a balança será comprimida.

Usando uma garrafa maior e colocada sôbre dois lápis, à guisa de rodas e operando depois como acima, verificarão que, ao saltar a rôlha, a garrafa recuará sôbre os dois lápis, como um canhão.

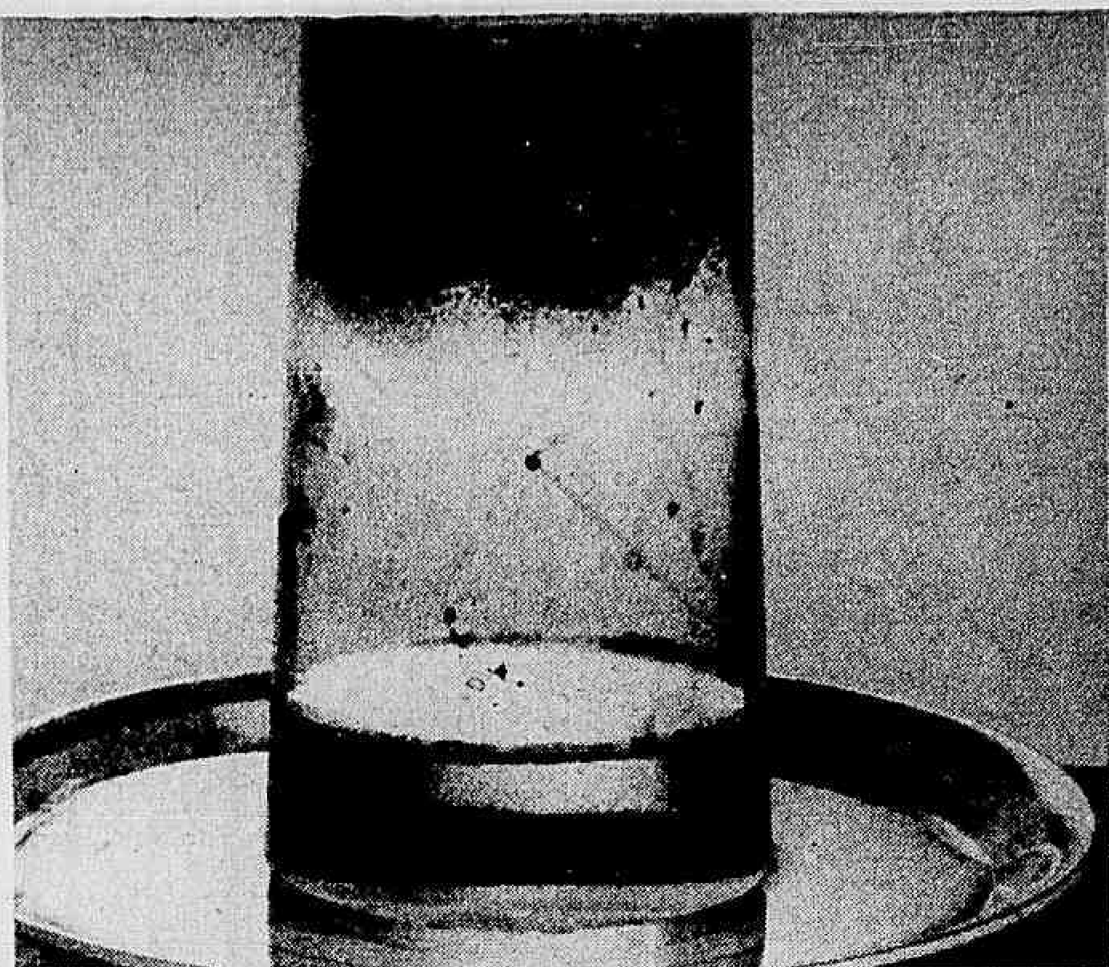
MEDIR OXIGÊNIO NUM COPO

Quebrar a atmosfera da terra em seções não é tão difícil como muitos pensam. — Façam isso num copo.

AO nível do mar, a atmosfera da terra consiste em uma mistura de 21 por cento de oxigênio, com *argon* e traços de outros gases inertes, formando o restante 1 por cento.

A quantidade de oxigênio no ar pode ser medida sumàriamente, colocando-se um pouco de palha de aço, embebida em vinagre para apressar a reação, no fundo dágua.

Quando o ferro contido na palha de aço, enferruja, rouba oxigênio do ar e a



água sobe pelo interior do copo, para ocupar seu lugar.

Em poucas horas, a água subirá até quase metade do copo.

COMO VOA UM AVIÃO

O aparelho é levantado pelo ar que passa sôbre a asa — não debaixo dela.

EMBORA muitos ignorem e considerem mesmo espantoso, as fôrças descobertas por Bernouilli, as mesmas que fazem a tinta subir e sair pela pistola do pintor e dão efeito à bola de tênis, também ajudam os gigantescos bombardeiros e aviões de transportes a percorrer o espaço. Ao contrário da crença geral, o ar correndo vertiginosamente sôbre a parte superior da asa de um aeroplano é o que mais o ajuda a levantar vôo.

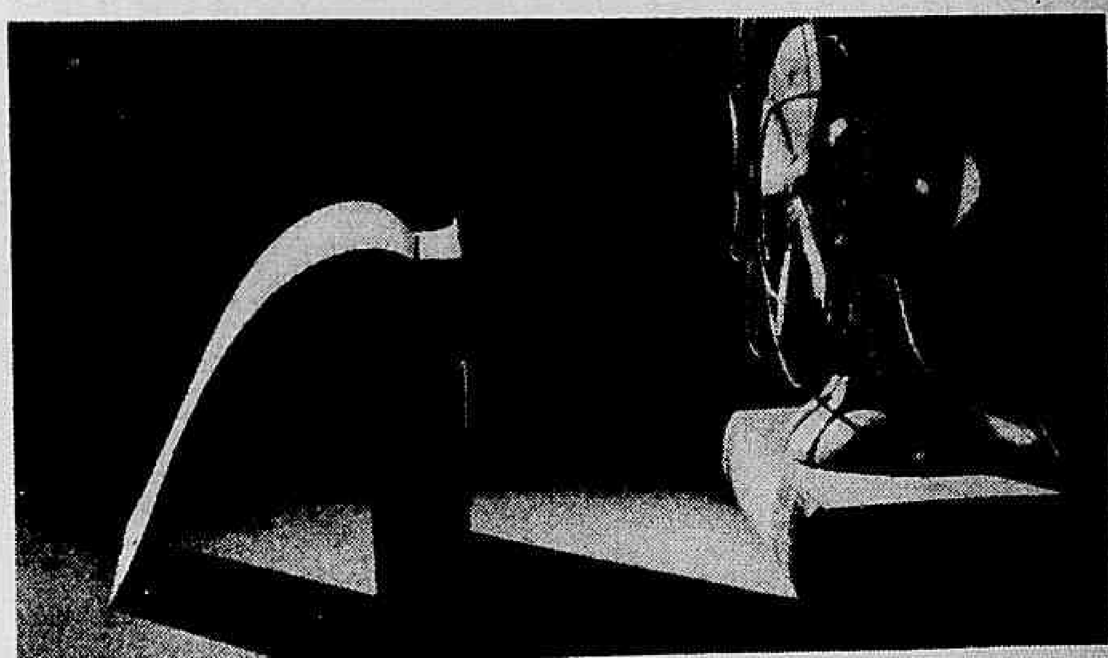
Com uma fôlha de papel, um livro e um ventilador podemos provar o fato.

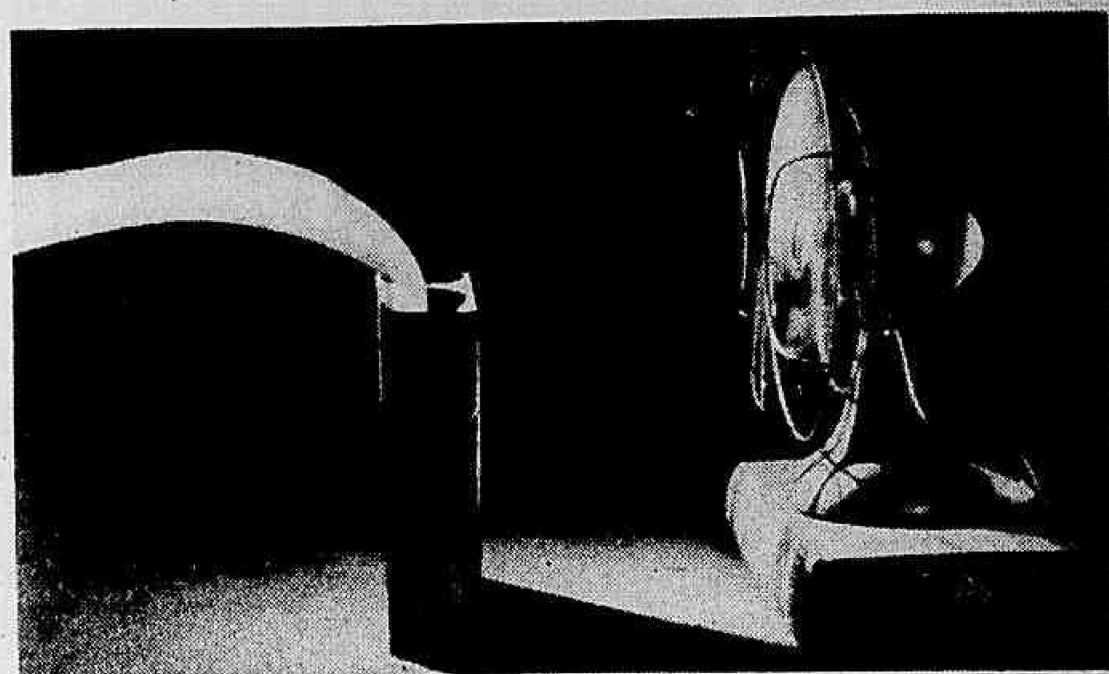
Prendam uma extremidade do papel entre as páginas do livro, segundo aponta o clichê. Para melhor resultado, encurvem o papel ligeiramente para cima (em linguagem aeronáutica: *cambar* o papel) segundo a forma comum da asa do avião.

Depois, liguem o ventilador, dirigindo a corrente de ar para a parte superior do papel, que se erguerá, flutuando na horizontal, segundo indica o segundo clichê.

A atmosfera inferior, normal, empurrará o papel para cima, para a região de menor pressão provocada pela corrente de ar.

Desde os primeiros aviões, os que os construíam não sabiam exatamente o que os sustentava no ar. O vôo era atribuído ora a uma positiva pressão de ar sob a asa, causada pelo movimento para a frente





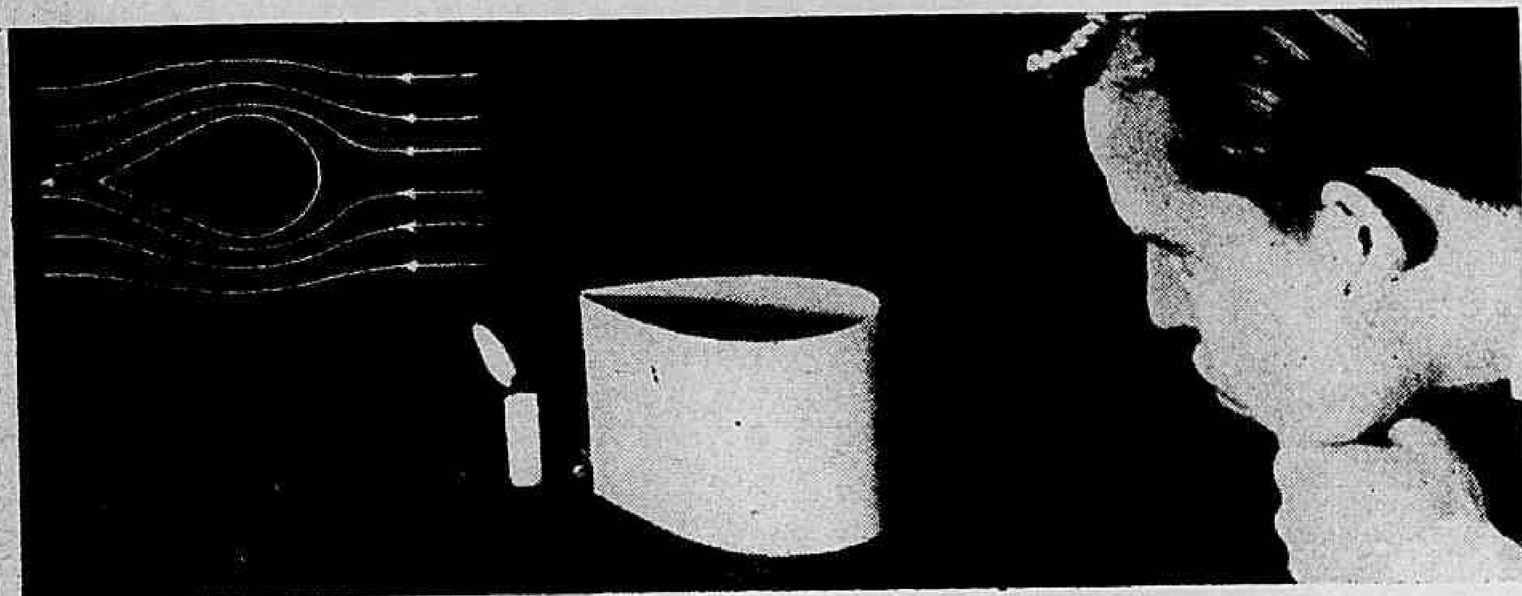
ou a alguma misteriosa sucção provocada sôbre a asa, pelo ar afastado dessa parte.

Depois que os cientistas estudaram os efeitos dos ventos sôbre modelos de avião e em "túneis de vento", mudaram de idéia.

Experiências com fumaça provaram que o ar não é afastado da parte superior da asa, mas cola-se estreitamente à superfície da asa. As teorias foram revisadas e descobriram que a ligeira curva na parte superior da asa forçava o ar a passar mais velozmente sôbre a parte superior da asa que na parte inferior da mesma.

A pressão superior assim reduzida, pelo aumento de velocidade do ar, representa setenta e cinco por cento da sustentação do avião.





POR QUE A FORMA INFLUI NA VELOCIDADE

Não é a testada de um automóvel ou de um avião o que diminui a velocidade. — A resistência ao vento está centralizada na extremidade traseira.

PARA conseguir maior velocidade de aviões, automóveis, trens e navios, os desenhistas estudam incessantemente o problema. Sabem que, se a resistência ao movimento é pequena nas velocidades mínimas, através da água ou do ar, é muito grande com velocidades maiores.

A resistência é quase totalmente anulada, se os objetos são desenhados de forma a que o ar ou a água flua suavemente e sem aspereza em seu redor. A forma ideal é a de um peixe com cabeça embotada; uma criatura fabricada pela Natureza, há alguns bilhões de anos, especialmente para navegar mais veloz que os outros. Ao contrário da crença popular, a maior resistência do fluido não é causada pela solisão do ar ou da água contra a testada do avião ou navio, mas pelo ar ou pela água que flui turbulentamente na sua parte traseira. E, se querem uma prova, sustentem um pedaço de cartolina diante da chama do fluido não é causada pela colisão segundo os clichês.

Em vez de fluir suavemente, o ar passa tumultuosamente pela cartolina, criando correntes contrárias e um vácuo parcial na ré. Isso é o que causa o **entravamento** de um automóvel ou navio em grande velocidade.

Se derem à cartolina a forma do peixe ou de uma gôta, ao sôpro afastará a chama e mesmo a extinguirá, como se a cartolina ali não estivesse.

AÇÃO E REAÇÃO

Uma lei da natureza fácil de demonstrar. A carroça puxa o burro para trás, quando o animal puxa a carroça para a frente. —

PARA tôda ação se opõe uma igual reação. Por isso escreve Newton na sua famosa Terceira Lei do Movimento: «Se apertarmos uma pedra entre os dedos, êstes também serão apertados pela pedra. Se um burro arrastar uma pedra, também será puxado para trás pela pedra". Se o leitor alguma vez pulou esforçadamente do bordo de uma pequena embarcação para um cais, terá observado essa lei. Para se lançar para a frente, terá empurrado... para trás. Respondendo a êsse empurrão, a embarcação empurrará, por sua vez, para a frente. Essa lei de fôrça em dois sentidos está sempre presente, mesmo quando os objetos se movam imperceptìvelmente.

Quando caminhamos há uma reação para a frente do solo que empurramos com os pés para trás.

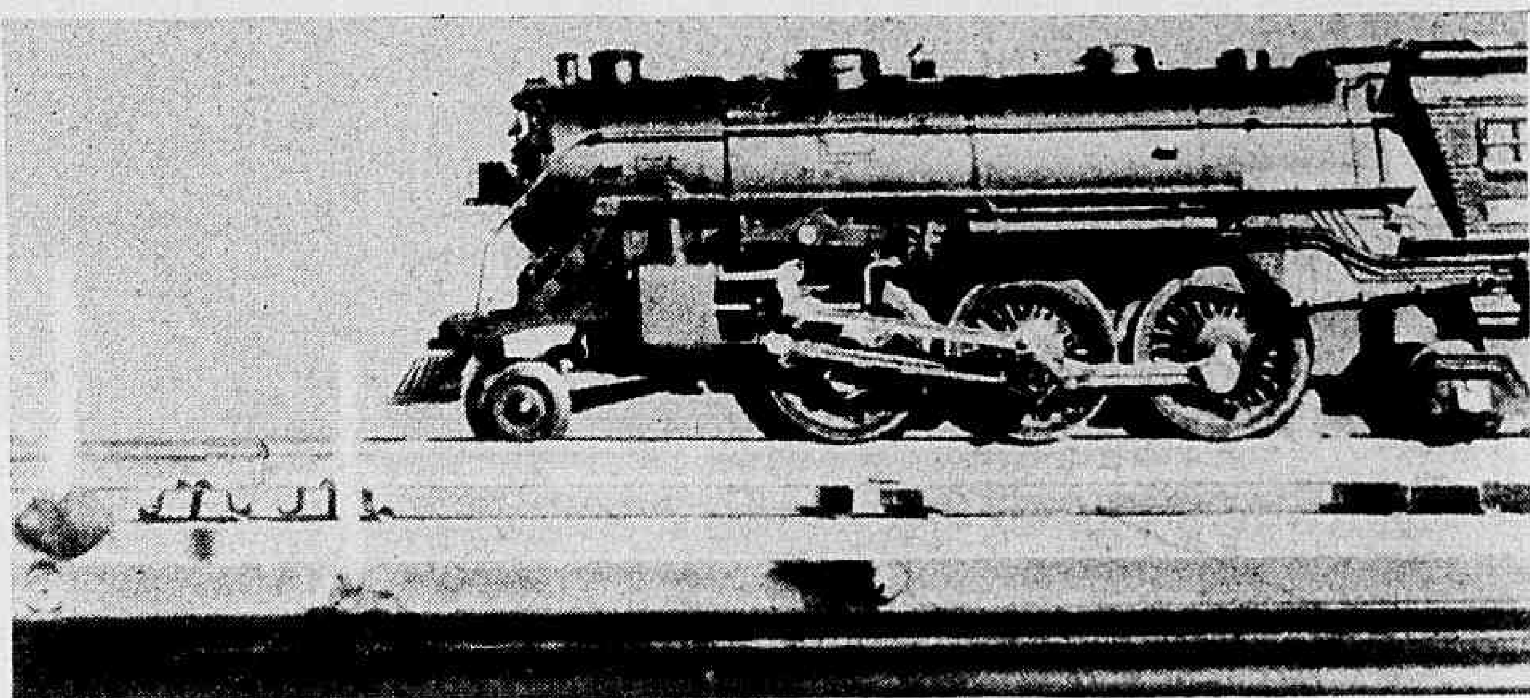
Para que os trens se movam sôbre os trilhos, êstes terão que empurrar para a frente, com o mesmo vigor com que a locomotiva os empurra para trás.

Se os trilhos não estão firmemente presos ao chão, poderão mover-se visìvelmente em sentido contrário. Isso pode ser demonstrado com uma locomotiva de brinquedo.

Montem os trilhos sôbre uma fôlha de papelão, tendo como dormentes, lápis redondos.

Quando ligarem a corrente elétrica, que acontece? Os trilhos correrão para trás, enquanto a locomotiva vai para a frente.

Embora o movimento seja muito pequeno para causar preocupação, instrumentos ultra-sensíveis revelam que uma locomotiva de verdade empurra tôda a terra para trás, quando se move para a frente!



OURO NO ALVO

ATÉ hoje, no alto Nevada, os rudes mineiros, o rosto sujo de terra e a caneca de café do Brasil na mão, sempre conversam, na hora do almôço, a respeito de Johnny Ballance, um veterano da Grande Guerra e que, não sendo mineiro como êles, conseguiu enganar os mais espertos e enriquecer. Johnny, embora não tivesse a profissão de mineiro... foi caçador de minas, perigosas minas de dinamite, nos campos de batalha da Europa, e tomara a mania de colecionar sucata, peças sôltas, estilhaços de granada e balas de fuzil.

Cumprindo seu dever na luta pela liberdade, Johnny retornou à sua cidadezinha na região montanhosa do sudoeste dos Estados Unidos, onde conseguiu emprêgo, como antigo combatente, num campo de prova de tiros do Exército, em Las Vegas.



Certo dia, percorrendo o campo imenso e passando por trás das trincheiras, onde ficavam os marcadores de pontos dos alvos, observou que os barrancos estavam totalmente crivados de balas. Os olhos de Johnny logo se abriram, deslumbrados.

— Quanta munição perdida! — exclamou. — Isto deve valer bom dinheiro!

— Perdão — respondeu o oficial, ao qual se dirigiu pedindo permissão para retirar todo aquêle chumbo e aço ali encravado. — O Exército só concederá essa permissão depois de abrir concorrência e escolher entre a oferta mais vantajosa. A idéia de Johnny foi imediatamente divulgada e aberta a concorrência.

Porém os mineiros mais experientes ergueram os ombros, nada entusiasmados e declarando que ali não havia mais que uma tonelada de material. Johnny, entretanto, teimou e, como ficara sòzinho com sua oferta, ganhou a concorrência, declarando:

— Êles são uns tolos... Já sondei aquêles barrancos e sei o que êles contêm.

Assinado o contrato, tratou de alugar uma escavadeira e vários coadores de terra do tipo apropriado aos seus desínios.

Fêz mais: — contratou quatro ajudantes, que, sob sol abrasador, trabalharam firmemente. O negócio fôra bem calculado. O que conseguisse retirar seria vendido a seis centavos a libra, pagando uma porcentagem aos seus auxiliares. Ao fim de pouco tempo, Johnny conseguiu retirar um total de duzentas toneladas de balas e estilhaços de granada. Cada ajudante recebeu uma média de setenta e cinco dólares por semana e Johnny obteve um lucro líquido de... quinze mil dólares.

Hoje, Johnny anda fazendo o mesmo tipo de negócio em outros "stands" de tiro, espalhados por todo o território norte-americano.

E diz que não quer outra vida.

★ ★

QUANDO DEIXARÃO DE CALUNIÁ-LAS?

Epitáfio num túmulo, no velho cemitério puritano de Boston:

"— Aqui jaz, a meu lado, minha sogra. Se, no dia do Juízo Final, ela se levantar, eu ficarei aqui mesmo."

— Um senhor disse que eu me parecia com minha sogra.

— E que disse você?

— Nada; êle era muito mais forte do que eu.

2 Venenos... para VIVER

QUEM PRETENDER ENVENENAR ALGUÉM, DEVE, PRIMEIRO, OBTER VASTOS E INUMERÁVEIS CONHECIMENTOS DE QUÍMICA. ISTO APENAS PARA NÃO VIR A FALHAR; PORQUE DA ORGANIZAÇÃO POLICIAL NUNCA ESTARÁ LIVRE!

EDDIE Crammer era homem alto, com cabelos negros e ondulados, olhos escuros e sorriso generoso. Quando abriu a geladeira e dela retirou a garrafa de cerveja, o sorriso se mostrou mais que generoso.

Com a garrafa já aberta, caminhou para uma extremidade da sala, sentando-se diante da lareira. Estava frio e com aquela noite de chuva incessante era realmente um prazer estar em casa. Tomando uma respiração profunda, levantou a garrafa até à bôca.

A cerveja borbulhou, derramando fora dos seus lábios e molhando seu colarinho. Apressado, Eddie se ergueu e correu para atender ao telefone.

— Alô!

— Eddie... Você assim estoura meu ouvido! — disse uma voz de mulher.

Reconheceu imediatamente Janet Perry.

— Em compensação, você estragou minha cerveja — disse êle, acariciando a voz. — Mas a que extraordinária idéia devo êsse seu chamado?

— Realmente uma grande idéia — disse ela. — Creio que descobri quem anda roubando todo o material químico do laboratório.

— Sério?

— Positivo!

— Onde está você, agoraa? — perguntou êle.

— Estou aqui mesmo, no laboratório. Você não poderia vir, num minuto?

— Mas... Que foi você fazer no laboratório, a esta hora e com o tempo que está fazendo?

— Eu tinha que vir, Eddie. Deixei minha bôlsa, com todo o dinheiro, aqui, quando saí do trabalho. Voltei há poucos instantes... e descobri muita coisa.

— De quem você desconfia? — perguntou êle.

— Não posso dizer, agora. Alguém está chegando. Depressa, Eddie!

— Janet! — porém ela havia desligado.

Calçando, apressadamente, os sapatos, que retirara, para melhor repousar e saborear a sua cerveja, Eddie quebrava a cabeça inùtilmente tentando descobrir quem poderia ser o ladrão de material químico e aparelhos de precisão do laboratório. Desistindo de decifrar o mistério, saiu, quase correndo.

VINTE minutos mais tarde, parava seu automóvel diante da porta principal do *Laboratório Cosmo*. Desligou o motor, guardou a chave no bôlso do paletó e tratou de vestir a capa impermeável, embora, agora, não estivesse chuvendo, mas a neblina era muito espêssa.

Saltou do veículo e correu para a porta de entrada do majestoso edifício. Uma luz brilhava no escritório do segundo andar, acesa, sem dúvida, por Janet, segundo imaginou. Distraidamente, com certeza, ela havia deixado a porta de entrada apenas encostada. Isto, ao menos, era vantagem para êle, pois não teria que tocar a campainha, chamando o vigia noturno.

Fechou a porta, embora apenas com o trinco interno, sacudiu ligeiramente as gôtas de chuva do impermeável e lançou-se pela escadaria de mármore que conduzia



ao segundo piso. Raios de luz, vindo da sala de provas, iluminavam o corredor, embora nenhum ruído chegasse aos seus ouvidos. Encontrando a porta aberta, penetrou sem dificuldade.

Mal havia dado três ou quatro passos, quando estacou.

Por um ou dois longos segundos ficou sem fôrças para fazer qualquer movimento. Janet Perry estava caída no chão ladrilhado, com o rosto para baixo, o corpo abandonado, imóvel... Um copo de provas estava prêso entre os dedos da mão direita. Sôbre a mesa estava desarrolhado, um frasco de ácido mortal.

Ajoelhando-se ao lado dela, Eddie segurou o corpo inerte pelos ombros, voltando-o até ficar de costas contra o chão, sacudindo-o com brutalidade. Nada conseguindo, bateu-lhe repetidas vêzes no

rosto, gritando pelo seu nome. A única resposta que obteve foi o da própria voz, ecoando em seu redor, na escuridão das outras salas e corredores.

Nervosamente, agarrou-a por um braço e palpou-lhe o pulso. Nada pôde perceber. Janet estava morta!

A bôca estava torcida para um lado, talvez pela dor que a acompanhara até à morte. O rosto, que antes sempre lhe parecera suave, rosado e desejável, tinha agora a côr-de-cêra. Os cantos dos lábios estavam ligeiramente queimados é apresentando pequenas bôlhas.

SUA surprêza, seu assombro e principalmente sua dor eram muito grandes para lhe permitir qualquer movimento.

— "Você gostaria de beijá-la uma última vez eh?"

A voz tinha vindo de algum ponto indeterminado da sombra.

Eddie Cramer se ergueu num salto elástico e olhou em redor.

— "Fique aí mesmo... Melhor será que não faça um movimento" — acrescentou a voz.

Na parte mais sombria da sala, junto da parede, pôde perceber um rosto... um rosto muito corado e familiar; um rosto de faces encovadas e uma cabeleira revôlta e de um grisalho sujo. Era Nat Morris, o vigia-noturno.

— Você!

— Sim, sim... Eu mesmo.

— Foi... você quem fêz... *isto*, hein? (Era mais uma afirmativa que uma pergunta.)

— Ora, Cramer... Qualquer pessoa dirá que ela praticou o suicídio — disse Morris, gesticulando com o revólver que tinha em mão. — Creio que ela bebeu ácido.

— Você a forçou a beber? — perguntou Cramer, começando a caminhar contra o vigia.

— Fique onde está, Cramer! — gritou Nat, em tom ameaçador. Depois, zombeteiro e sorridente, continuou: E você não deve esquecer, Cramer... O gatilho de um revólver é como uma mulher... Salta quando menos esperamos... E, se você me enervar... bem pode ser que desapareça metade da sua cabeça!

Houve um ligeiro ruído, junto da porta.

— Está tudo *okay*, Nat? — perguntou um vulto, na sombra do corredor, junto da porta.

— Sim, sim. Vai tudo bem — respondeu o vigia. — Trata de afastar êsse maldito camnhão. Quanto a mim, vou acabar com Cramer e depois telefonar para a polícia e contar uma linda história de duplo suicídio... Um pacto de morte!

VINTE segundos depois, vendo surgir milhões de pontos luminosos e trêmulos, na sombra da sala, Eddie caía, de bruços, depois de receber formidável murro na nuca. Nat, com a ajuda do revólver, o obrigara a voltar-se de costas, antes de atacá-lo.

— Isto foi só para amansar um pouco — disse o vigia, zombeteiro, quando notou que Eddie voltava a se mexer, procurando erguer-se. — Temos que conversar alguns minutos e não queria que duvidasse das minhas intenções. Mas, já sabe! Se não obedecer será muito pior!

Eddie se ergueu, apoiado à mesa, enquanto, com a mão esquerda, palpava o local atingido.

— Por que não me mata logo e acaba com isso? — perguntou.

— Quer que eu estrague a festa? Não... E agora que está ai, junto da mesa, trate de trabalhar depressa, pois não quero ficar a noite tôda esperando.

Com o cano do revólver, apontou para o vidro de ácido, sôbre a mesa:

— Deite isto num copo e trate de beber! — ordenou.

Eddie Cramer estremeceu. O frasco tinha um rótulo em que se lia: Ácido Hidroclórico Concentrado. Era um veneno mortal e, por isso mesmo, tinha, no mesmo rótulo, desenhado bem grande, uma caveira e duas tíbias.

Morrer com aquilo devia ser horrível. O conteúdo do fasco queimaria como fogo, tão logo penetrasse em sua bôca.

— Você não imagina que vou beber êsse ácido, Nat? — começou Eddie, fazendo um esfôrço para não gaguejar e procurando ganhar tempo.

— Naturalmente que você pode escolher... Ou encher o corpo com chumbo ou com ácido. Que decide?

EDDIE olhou longo tempo para os olhos frios e cruéis, que o fitavam e, depois, para a arma que o vigia tinha apontada para sua cabeça. Também olhou para os variados frascos sôbre a mesa de mármore, frascos de líquidos terríveis, venenos quase fulminantes: Cianido, ácido sulfúrico, hidróxido de sódio e outros mais...

— Se está pensanod em jogar um dêsses ácidos contra mim, deve saber que uma bala atingirá você antes de tentar fazer um movimento...

Porém Eddie, agora, quase ignorava a presença do vigia. Olhava para o frasco desarrolhado, contendo ácido hidroclórico e dêle seu olhar passou para o que continha hidróxido de sódio. Repentinamente, foi assaltado por uma idéia.



— Você quer mesmo que eu beba o ácido hidroclórico?

— Exatamente... Digamos que foi o "médico" que receitou..." — disse o vigia, zombeteiro.

— Está bem. Mas consinta que lhe peça um favor. Sei que, no fundo, você não é cruel...

— Você tem que morrer, Cramer! Portanto, não adianta perder tempo.

— Não estou tentando nada. Apenas você pode fazer a coisa com menor maldade... Isso que aí está queima como fogo... Se me deixasse juntar mais alguma coisa...

O miserável sorriu, antes de dizer, achando a coisa engraçada.

— Já estou adivinhando. Você até parece que ouviu a moça falar... Também ela choramingou assim... *Que ia queimar... Que era horrível...*

Uma onda de calor subiu pelo corpo de Eddie e seu cérebro se encheu de pensamentos tumultuosos; de esperança, de dúvida, mais de esperança... Seria que Janet...?

Mas o vigia não lhe dava tempo.

"— Também pediu que a deixasse misturar..." — comentou.

(Oh, Senhor! Então, Janet... Janet não estava morta? Não... Eddie nem queria olhar para o corpo adorado, caído à sua direita. Janet podia apenas estar desmaiada... A emoção, muito forte... Deus seja louvado!)

— Mas nada de truques comigo. Nada de mágicas químicas! — continuava o velho vigia. — Beba isso logo de uma vez! Se queimar ou não, não é comigo! Vamos!

— Veja, Nat — disse Eddie. — Isto que aqui está... Hidróxido de sódio, também é veneno! Leia o rótulo. Bem vê, pela figura da caveira, que isto mata qualquer um!

— Não adianta vir com truques...

— Não é truque. Veja!

Havia um peixinho vermelho dentro de um aquário sôbre a mesa. Eddie pingou algumas gôtas na água. O peixinho saltou, virou-se de costas e depois de curtos estremecimentos, cessou de mover-se.

— Es tá convencido, agora? — perguntou, ansioso.

— *Okay*! — concordou o vigia. — Se você também quer imitar a moça e fazer um coquetel com êsses "refrêscos", pode fazer. Mas não perca muito tempo! Afinal — concluiu, rindo — dois venenos valem mais do que um!

CRAMER apanhou um medidor, nêle deitando o terrível ácido hidroclórico. Depois, desarrolhando o mortal hidróxido de sódio, começou a deitar também seu conteúdo no medidor.

— Trabalho aqui há dez anos — falou o vigia — e conheço mais química do que muito professor.

Moveu-se um pouco, procurando nas algibeiras, depois continuou:

— E para que não pense que sou tolo, veja o que tenho. Vê êste papel? Tem na base a assinatura da moça que morreu.

Exatamente! Obriguei-a a assinar... Agora é só colocar na máquina e escrever um bilhete para a "suicida"! Qualquer coisa assim: *Eddie Cramer e eu somos os responsáveis por todos os roubos... Arrependidos, escolhemos o suicídio...* Então? Que diz da idéia?

— Realmente... Você pensou em tudo — reconheceu Cramer.

— Sim... Mas agora trate de beber... Depressa!

Eddie olhou para o medidor, contendo os dois fluidos mortais. A mistura borbulhava e o medidor estava quente, quando o segurou com mão trêmula, vagarosamente, levantou-o para os lábios, enquanto uma prece saía dos seus lábios.

— Beba logo — intimou o vigia.

Eddie fechou os olhos e bebeu um trago, ainda quente, logo seguido de outros...

Imediatamente começou a gritar. Porém seus gritos eram roucos, abafados. Depois de rodar uma ou duas vêzes sôbre os calcanhares, dobrou os joelhos e caiu completamente. No ladrilho, ainda estrebuchou, rolou, até que, repentinamente, ficou imóvel.

OS segundos de silêncio que se seguiram, pareceram durar séculos. Finalmente, ouviu ruídos de passos. Um segundo depois, ouviu o ruido familiar do papel sendo colocado na máquina.

Do chão, onde estava, observando com o canto de um ôlho, viu o vigia curvado sôbre a máquina. Nesse instante, o criminoso deixava o revólver sôbre a mesa, a fim de escrever o "bilhete".

Cramer calculou que aquilo não duraria muito. Teria que agir agora ou nunca. O vigia tinha as duas mãos sôbre o teclado. Com movimentos rápidos, Cramer se atirou contra êle.

Nat Morris ainda tentou apanhar a arma, porém Cramer, com as costas da mão, lançou o revólver para longe. Imediatamente passou uma gravata, apertando a garganta do adversário. Morris, porém, revelando vigor físico e presença de espírito, firmou-se com os dois pés contra a mesa, fazendo a cadeira em que se achava cair de costas e, com isso, arrastou o próprio Eddie. Ao mesmo tempo, agarrou seu atacante pelos cabelos, encarniçando-se nesse trabalho, até arrancar lágrimas dos olhos de Eddie. Furioso, Cramer conseguiu estender o vigia de costas contra o chão e imediatamente desferiu contra êle dois formidáveis socos, que o atingiram em cheio na face esquerda.

O vigia abriu duas vêzes a bôca, aspirando o ar com violência, depois cerrou os olhos. Um rápido e ansioso olhar para o corpo de Janet desanuviou a fisionomia de Cramer. Porém ainda não podia dedicar-lhe maior atenção. Com um pouco de água do filtro, chamou Nat à realidade.

— Então, você entende mais de química do que muito professor, *eh*? — perguntou quando o vigia tornou a abrir os olhos e ficou como que assombrado, olhando para a arma que Eddie agora tinha na mão direita. — Para quem afirmava conhecer todos os segredos dêste laboratório, você revelou ser péssimo aluno.

O vigia ouviu e não deu resposta.

— Se você conhecesse um pouquinho de química — prosseguiu Eddie — saberia que um ácido e uma base se nautralizam totalmente, formando um sal. Isto poderá parecer complicado para você, mas, na verdade, é muito simples .

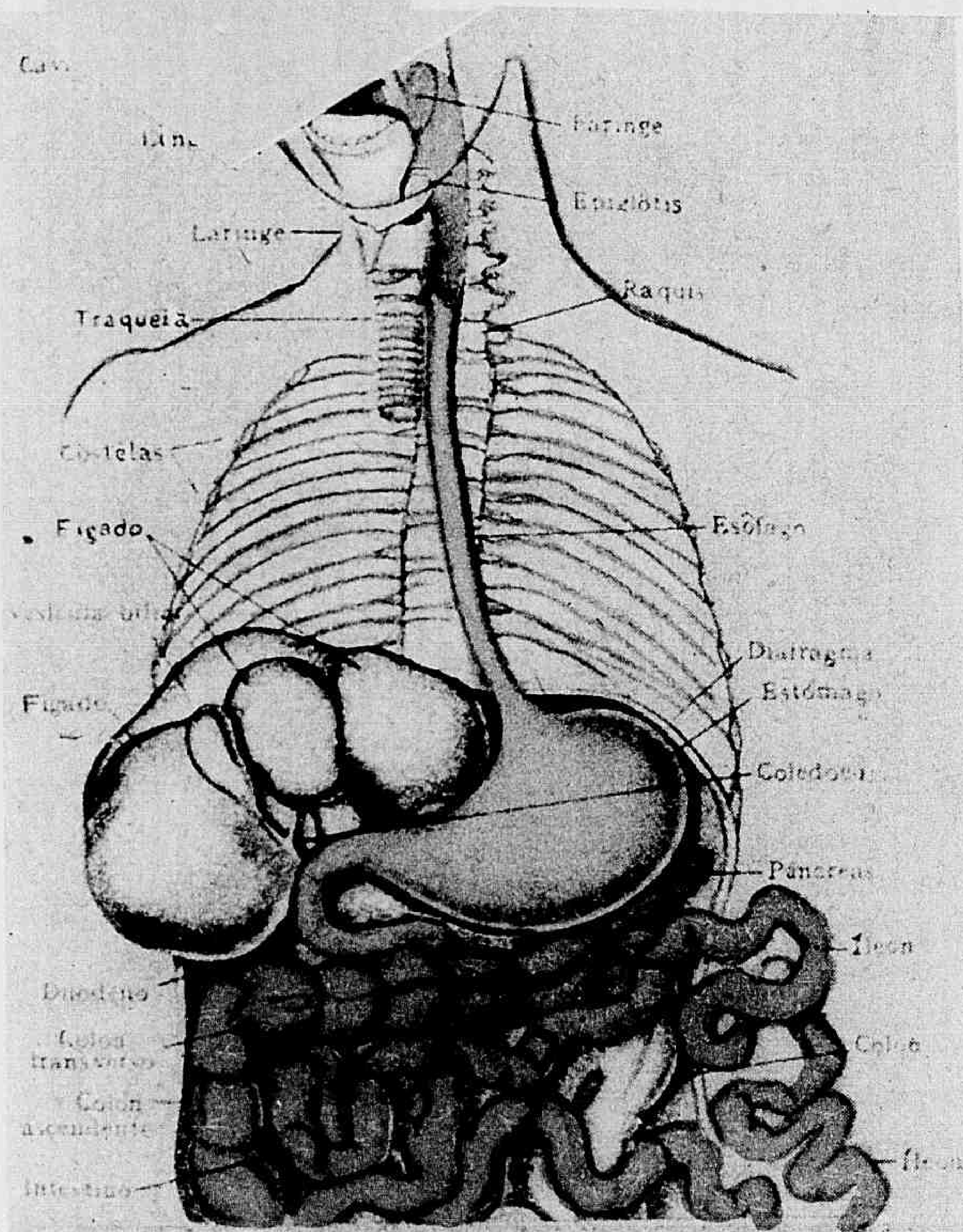
— Mas você não vai viver muito tempo, Cramer! — falou, repentinamente, Nat Morris e em sua voz havia ódio e cruel satisfação. — Bebeu logo dois venenos!

— Exatamente... — disse Cramer. — Como também bebeu Janet... No entanto, olhe para ela, um pouco. Já procura mudar de posição... Porque é preciso que você saiba, Nat: separadamente, qualquer dos venenos matará um homem; porém misturados em quantidade corretas incomodarão tanto quanto um copo de água quente, com um pouco de sal...

O rosto vermelho perdeu muito de sua côr, quando Nat, finalmente, compreendeu que todos os seus planos haviam falhado.

— Pena é que você para bem aprender a lição tenha que ir parar no cárcere por dupla tentativa de homicídio com premeditação e para fins de roubo. Poderá até mesmo significar cadeira-elétrica! — acrescentou Eddie, enquanto com o revólver em uma das mãos, fazia com a outra uma chamada telefônica, a fim de solicitar a presença da polícia.

40 MILHÕES DE OPERÁRIOS TRABALHAM PARA O ESTÔMAGO



Todos os mistérios do funcionamento do estômago e de seus quarenta milhões de «operários» ainda não foram suficientemente aclarados pelos cientistas.

Agentes misteriosos: as "Enzymas" — Um órgão indispensável, mas que pode ser reduzido à metade sòmente. — Progressos e limitações.

O corpo humano, sua constituição e os fenômenos que tornam possível nêle o nascimento, a vida, o crescimento e a saúde, encerravam uma série incalculável de mistérios e problemas, nem todos dèfinitivamente esclarecidos. No entanto, com o impulso que a última guerra mundial deu às investigações e estudos biológicos, médicos e químicos, foram realizados imensos progressos no conhecimento das causas e mecanismos da vida. Queremos, hoje, tomar como exemplo o funcionamento do aparelho digestivo, cujas fases são quase tôdas conhecidas e estão explicadas. A transformação que os alimentos devem sofrer, a fim de ser assimilados, é dupla: mecânica e química. Mecânicamente, os alimentos devem ser reduzidos, primeiro, a pedaços, depois a uma papa e, finalmente, a líquido; quìmicamente, o açúcar, o amido, as proteínas, as gorduras e os ácidos que ingerimos devem ser convertidos em glusoce, em aminoácidos, em gordurosos e em glicerina, únicos elementos que as células do corpo podem assimilar. Algumas dessas transformações poder ser realizadas em laboratório, difícil e lentamente; outras são impossíveis de conseguir.

A dupla transformação mecânica e química começa na bôca: os dentes cortam, estraçalham (incisivos e caninos) e mastigam (molares) os alimentos que a língua envia, em forma de bolinhas, ao esôfago. A saliva, líquido segregado pelas mucosas bucais, dilui os açúcares e inicia a transformação dos amidos (contidos no pão, nas batatas e nas féculas em geral) em açúcar.

Podemos notar, fàcilmente, que, se mastigamos longo tempo um pedaço de pão, êste adquire um sabor adocicado, indício de que começa essa metamorfose. O agente, conhecido há muito tempo,

é uma das vinte e tantas "enzymas", segregadas pelo corpo humano e chamada "ptialina", a qual se encontra na saliva.

As "enzymas" são agentes poderosíssimos, dado que algumas delas agem na dose de um centésimo por milhão; provocam as reações químicas necessárias à digestão, sem desempenhar, na realidade, nenhum papel nessas reações. O mecanismo de sua ação ainda não é conhecido inteiramente.

Uma vez no esôfago, a bola de alimentos é conduzida até o estômago pelas contrações dêsse conduto; não cai, como se poderia acreditar, por efeito da gravidade, pôsto que é possível comer de cabeça para baixo.

O estômago, com suas contrações (três por minuto), bate os alimentos, os liquifica e os transforma) segregando o elemento que coagula o leite, a pepsina e o ácido clorídrico, que iniciam a digestão das proteínas (carne). Êsses agentes são segregados por trinta e cinco milhões de glândulas, que atapetam a mucosa estomacal. Um dos milagres do corpo humano ainda incompreensíveis, segundo faz observar o dr. J. D. Ratcliff, é o que o estômago *não se digira a si mesmo!* Imaginam os cientistas que a mucosidade segregada pelas glândulas protege o próprio estômago contra a ação digestiva da pepsina e do ácido hiperclorídrico.

Da mesma forma, os agentes que provocam as reações químicas necessárias são "enzymas" especiais, que sòmente agem em um meio ácido.

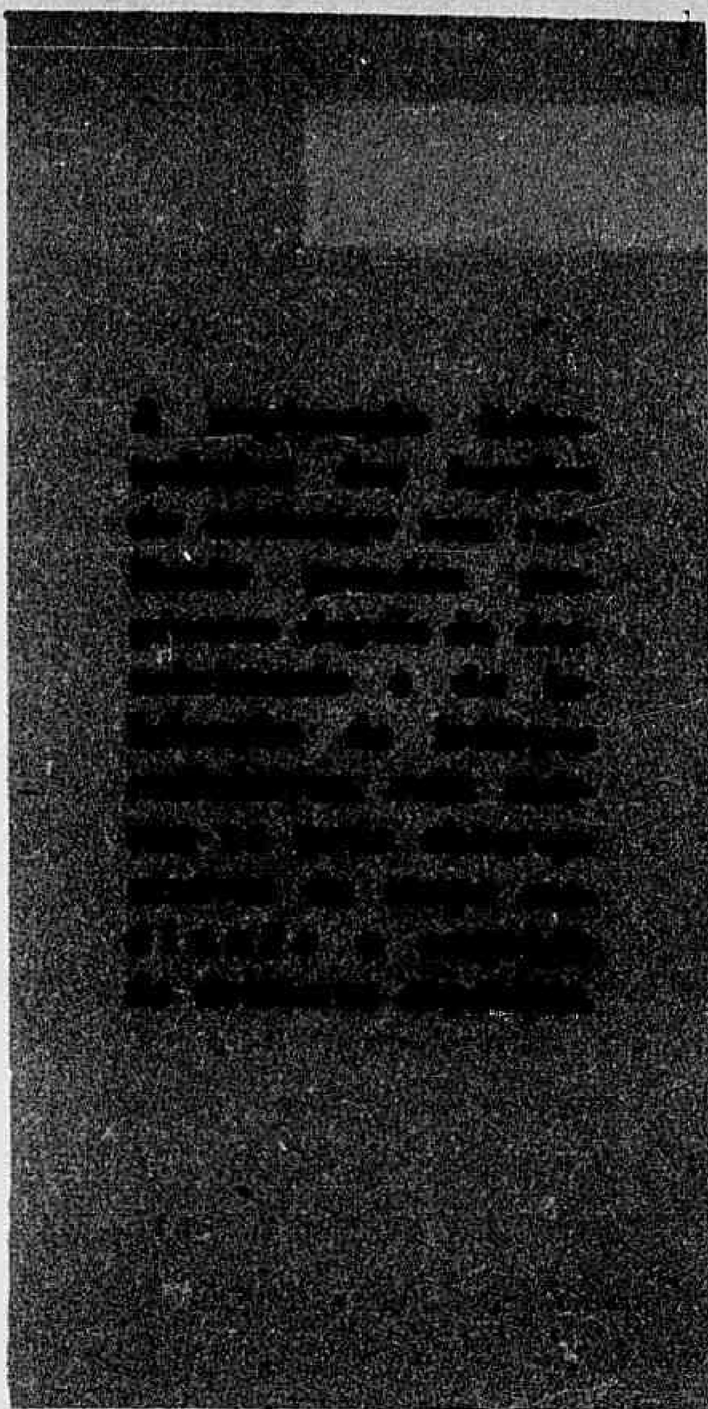
Uma comida pesada o próprio estômago digere, parcialmente, em umas seis horas; a atividade maior dêsse órgão se desenvolve ao fim de duas horas. Os líquidos passam pelo estômago quase sem parar.

Pelo piloro, os alimentos passam ao intestino delgado, surpreendente tubo de sete a dez metros de comprimento, absolutamente indispensável para a vida, pôsto que acaba de reduzir a alimentação a compostos químicos assimiláveis e os permite passar ao sangue. No entanto, numa operação cirúrgica é possível tirar a metade do estômago sem pôr em perigo a vida do indivíduo. O intestino delgado se contrai circular e longitudinalmente e se movimenta rìtmicamente para acabar de bater e misturar a papa alimentícia que recebeu do estômago. Se sua superfície fôsse lisa não chegaria para transportar ao sangue a quantidade de alimentos necessários à vida. Porém está quase multiplicada por vinte, graças às inumeráveis dobras e redobras das paredes e aos cinco milhões (aproximadamente) de pequenas protuberâncias, tão delgadas como um cabelo, que as eriçam.

Naturalmente, o indivíduo assim operado será obrigado a seguir rigorosamente um regime alimentar especialíssimo. Da mesma forma terá que comer uma quantidade menor de alimentos, de cada vez, podendo, entretanto, comer mais vêzes, diàriamente, que o comum dos mortais. Geralmente, passará a ter quatro refeições principais, em vez do almôço e do jantar das pessoas de estômago normal.

As "enzymas" do intestino delgado só agem em um meio alcalino. Também o fígado tem que desaguar continuamente sua bílis no duodeno (primeiros segmentos do intestino delgado), e o pâncreas suas secreções, a fim de criar aquêle meio. Além do mais, o próprio intestino delgado segrega um líquido alcalino. Quando os alcalinos e os ácidos gordurosos se combinam, é formada uma espécie de sabão que tira espuma da massa alimentícia, aligeirando-a e estendendo sua superfície. São necessárias três ou quatro horas para que o intestino delgado digira uma refeição, do que resulta um total de oito ou nove horas.

O que o nosso corpo não deve assimilar passa imediatamente para o intestino grosso, muito mais curto que o outro (tem menos de dois metros), que separa o líquido dos sólidos. Contém numerosas bactérias, cuja missão é a de fabricar vitaminas e decompor as proteínas ainda


[redacted]



não digeridas; tendo já passado ao sangue tudo o que era assimilável restam, apenas, fibras e celulosas (cáscaras de frutas, legumes, saladas, etc., etc.), células e bactérias mortas, além de mucosidade.

Quanto aos elementos assimiláveis, cada um dêles é recolhido por um tipo distinto de célula, mediante um mecanismo cuja explicação não foi ainda encontrada. Os ácidos gordurosos e a glicerina são transmitidos ao sistema linfático, através das finas protuberâncias do intestino delgado, até ao sangue, e passam ao fígado, voltando depois às diferentes células segundo suas necessidades, pois cada tipo de células parece saber escolher com discernimento o alimento que lhe convém.

Como vemos, são muitos ainda os mistérios a esclarecer: porque o estômago noã digere a si mesmo; o mecanismo de ação das "enzymas"; o processo de seleção que as células adotam para absorver os alimentos adequados.

No século XVIII, um italiano, Lázaro Spallanzani, com o fim de descobrir como funcionava o estômago, recorreu a um estratagema bárbaro: construiu uma caixa gradeada e bastante pequena para poder tragá-la, nela colocando pedacinhos de carne; assim tragou, realmente, caixa e conteúdo, mais um cordel, cuja extremidade lhe saía pela bôca e com o qual extraiu várias vêzes a caixa do próprio estômago, a fim de observar as transformações sofridas pela carne, à medida que o estômago a digeria.

Essa idéia, que deu origem aos *globos-sonda*, que se introduzem parcialmente no estômago, pela bôca, demonstra que Spallanzani era um audacioso revolucionário da ciência, um homem engenhoso e valente, além de um verdadeiro sábio.

Porém, simplesmente, revelou com isso *como* funcionava o estômago e, mesmo assim, de maneira superficial. Não revelou, porém, *por que* assim funcionava!

Foram precisos todos os progressos da química, a fabricação de inumeráveis aparelhos delicados e complicados, o descobrimento e a fabricação de isótopos radioativos — cuja passagem através do corpo pode ser seguida graças a detetores — o descobrimento e o estudo prolongado das "enzymas" para poder responder a quase todos os "*por que*" e os "*como*".

O sonho dos sábios, a convicção de alguns, eis o que, um dia, poderá responder a todos êsses mistérios. Menos a um — e justamente o último: o da vida e da morte.

Ou sim?

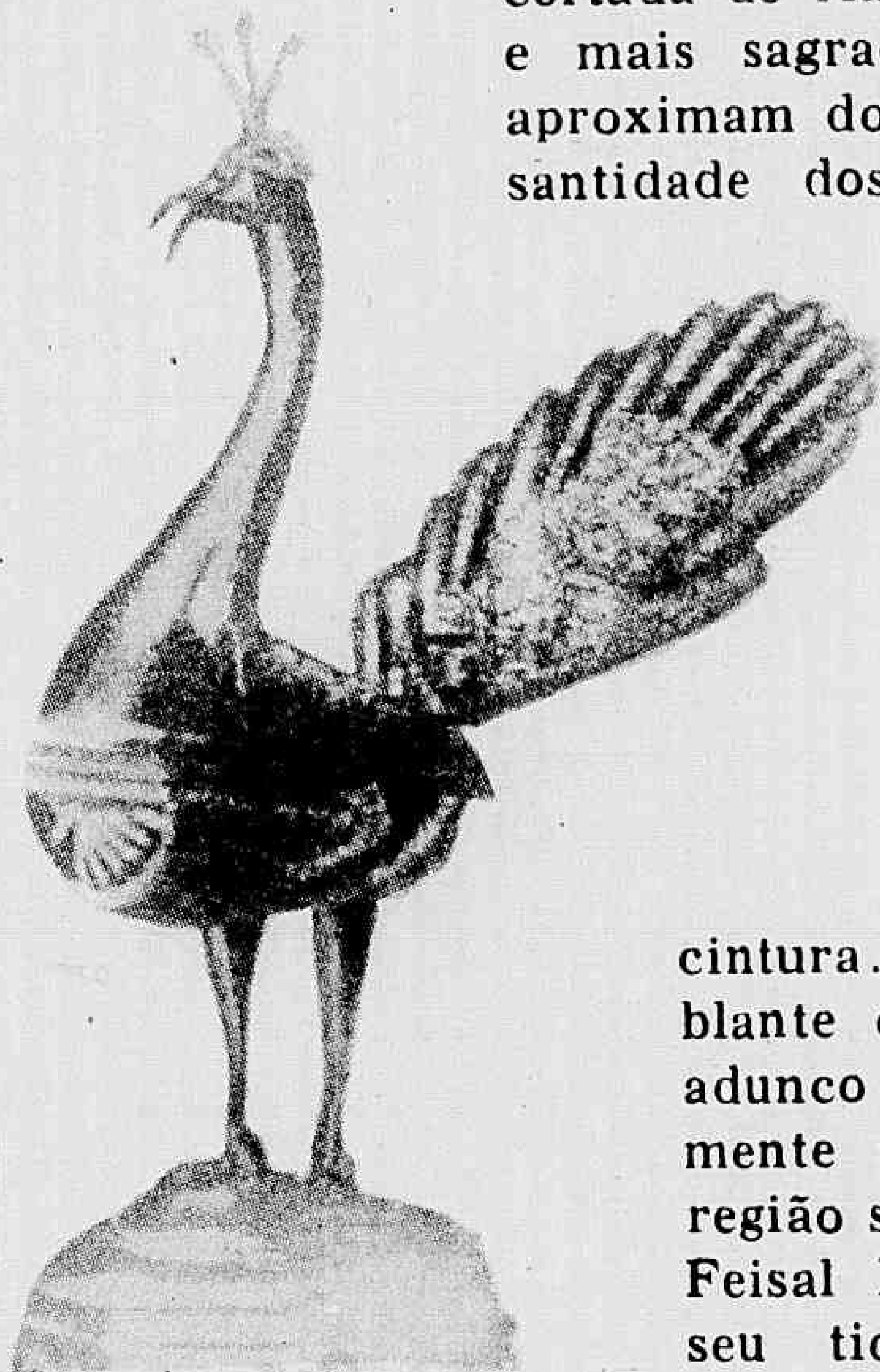
PERCORRENDO O MUNDO

OS ADORADORES DO DIABO

OS Yezidis formam uma tribo do norte do Iraque e adoram o diabo, sob a forma de um pavão. Habitam aldeias nas montanhas que cercam Aissenfi, uma região bíblica.

Como tôdas as aldeias do Iraque, Aisenfi tem as casas de barro com o telhado de palha e estêrco, secado ao sol. Diz uma lenda que dali partiu Noe, e que a *arca*, batida pela tempestade, ancorou nos contrafortes do monte Sindjar, em Senklub.

A estrada que conduz ao palácio real e ao santuário dos adoradores do diabo está tôda cortada de riachos, que se tornam mais e mais sagrados à proporção que se aproximam do templo do deus-diabo. A santidade dos arroios influi sôbre o organismo das mulheres e os Yezidis acreditam que a mulher estéril, bebendo aquelas águas torna-se fecunda.



Esta é a figura do diabo, segundo o representam nos livros sagrados dos Yezidis.

Os habitantes de Aisenfi vestem roupas do mesmo tecido e do mesmo corte, com turbantes coloridos e longos punhais kurdos à cintura. Caracterizam-se pelo semblante de ossos salientes, o nariz adunco e a cabeça extraordináriamente pequena. Os kurdos desta região são súditos fiéis do pequeno Feisal II e amigos devotados de seu tio, atualmente, o regente Abdul Illah.

No templo é venerada a tumba dos santos dos Yezidis, *Saykh Adi*.



O príncipe Tahsin, emir da tribo dos adoradores do diabo, observa a viatura de um jornalista europeu.



A velha rainha-mãe — Mayane Knaton — dirige as intrigas da côrte, com o neto, emir Tarsin.

Ao redor da colina ficam as tendas dos peregrinos, que, três vêzes ao ano, vão ao templo, onde ficam acocorados longas horas. Das árvores, pendem os *ex-votos*. A porta grande da igreja abre-se no fundo do pátio. Mármores com inscrições em árabe e desenhos alegóricos de pavões (animais sagrados dentro dos quais, dizem os Yezidis, está a alma do anjo rebelde) enriquecem êsse templo. O "sancta sanctorum" é uma espécie de galeria escura, na qual a luz penetra por uma pequena abertura no teto. Cantando um hino lúgubre e lamuriento, os fiéis se aproximam da sagrada tumba, diante da qual se prosternam.

Os muçulmanos consideram os Yezidis apóstatas e, se pudessem, os exterminariam. São, porém, quarenta mil, armados e ferozes como tigres. Outrora os Yezidis viviam espalhados pelo Médio Oriente. Hoje a comunidade mais forte fica no Iraque; os grupos da Turquia, Irã, Armênia soviética e da Síria são de pouca importância. É um povo de analfabetos e as suas práticas religiosas são transmitidas oralmente. Têm textos sagrados: o *Kitab el Dilwa*, isto é "A Revelação", e o *Miscefa Res*, o "Livro Negro". A síntese de seu pensamento religioso é esta: *o mundo anda como Deus quer. Não devemos indagar o por que dos mistérios que nos circundam; é suficiente ter alguma prática religiosa para se obter os favores de Deus.*

Entre os cultos há o de adoração ao diabo. Dizem os Yezidis, que o diabo é *um Vizir do Criador*, uma espécie de *Primeiro Ministro de Deus*, de quem nunca pronunciam o nome. Consideram-no um anjo decaído e acham que não se deve con-

Encravado em local quase inacessível e dominado por duas cúpulas em forma de cone, o templo dos Yezidis é visitado pelos fiéis 3 vêzes por ano.

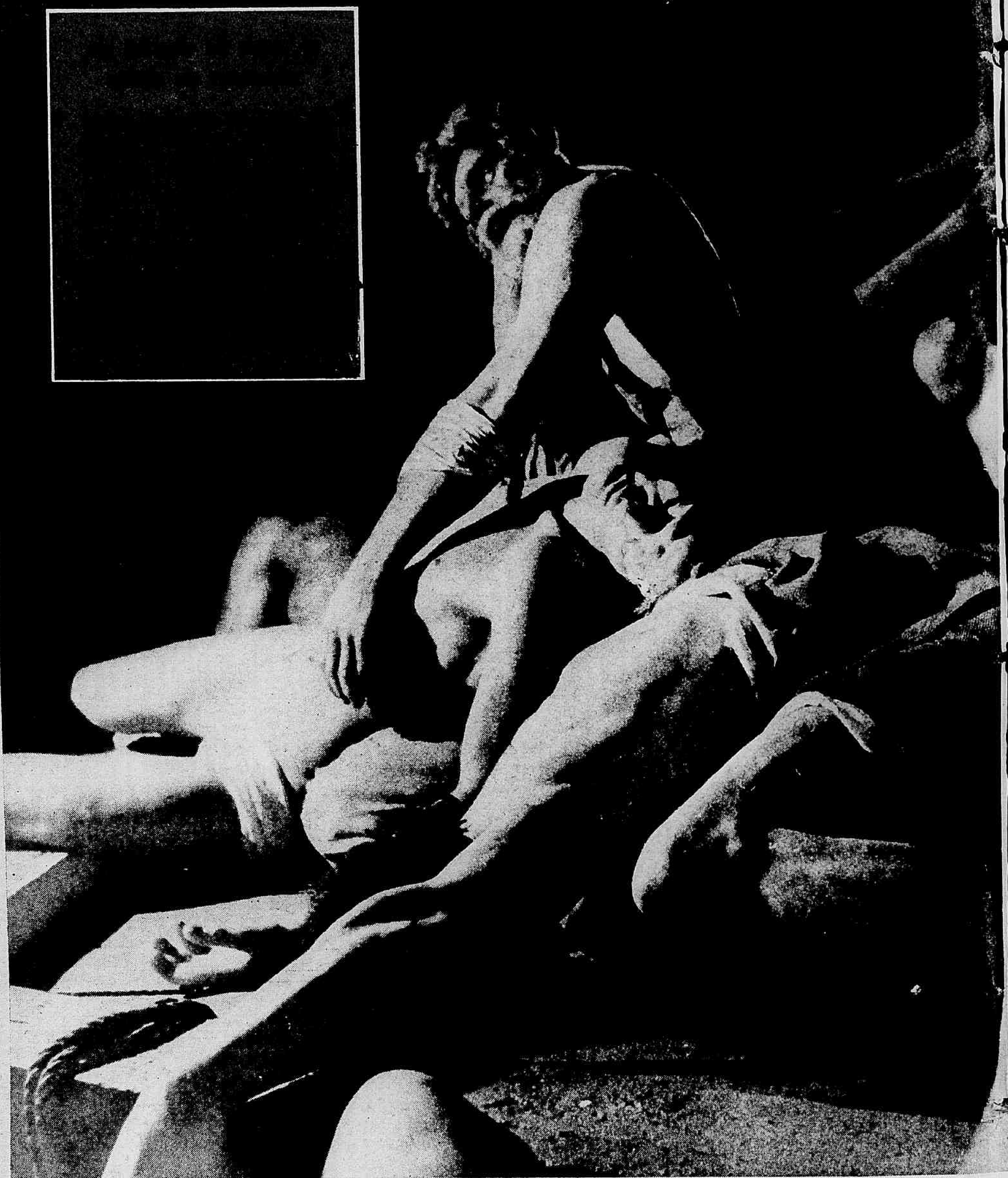
trariar quem se encontra em posição inferior, *porque amanhã poderá subir e então*... "Então, raciocinam os Yezidis, é melhor tê-lo sempre como amigo e adorá-lo".

Guardam o diabo no ventre de um pavão, o Iblis do paraíso terrestre e que êles denominam *Sincaq*; em data fixa, põe-no sôbre um pedestal de bronze, transportando-o de aldeia em aldeia para a veneração dos fiéis. Existem sete imagens de *Sincaq*, e tôdas elas em poder do Emir, que recebe uma discreta parte do que rendem estas peregrinações.

★ ★

FELIZ é a espôsa que ao lavar os pratos não se detém para contar quantos faltam ainda, mas, sim, para observar o arco-íris nas bôlhas do sabão. — *J. Hammond.*

A atual crise do mundo é teológica. A distância entre as igrejas vazias e os campos de concentração cheios é mais curta do que geralmente acreditam os homens. — *Mons. Thomas J. McCarthy.*



A JANGADA da MEDUSA FLUTUA no MUSEU GRÈVIN



O famoso quadro de Géricault foi reproduzido em cêra, para o Museu Grévin.

POUCAS catástrofes marítimas impressionaram tanto o mundo, em todos os tempos, como a que martirizou os náufragos da "Medusa". Foram tão prolongados e cruéis os sofrimentos de muitos de seus sobreviventes que muitas páginas foram escritas sôbre o drama, enchendo jornais e livros, além de inspirar artistas de renome, que deram côres angustiantes e dramáticas ao episódio, revivendo as cenas mais desoladoras do sinistro. Um dos que nela se inspiraram, escrevendo

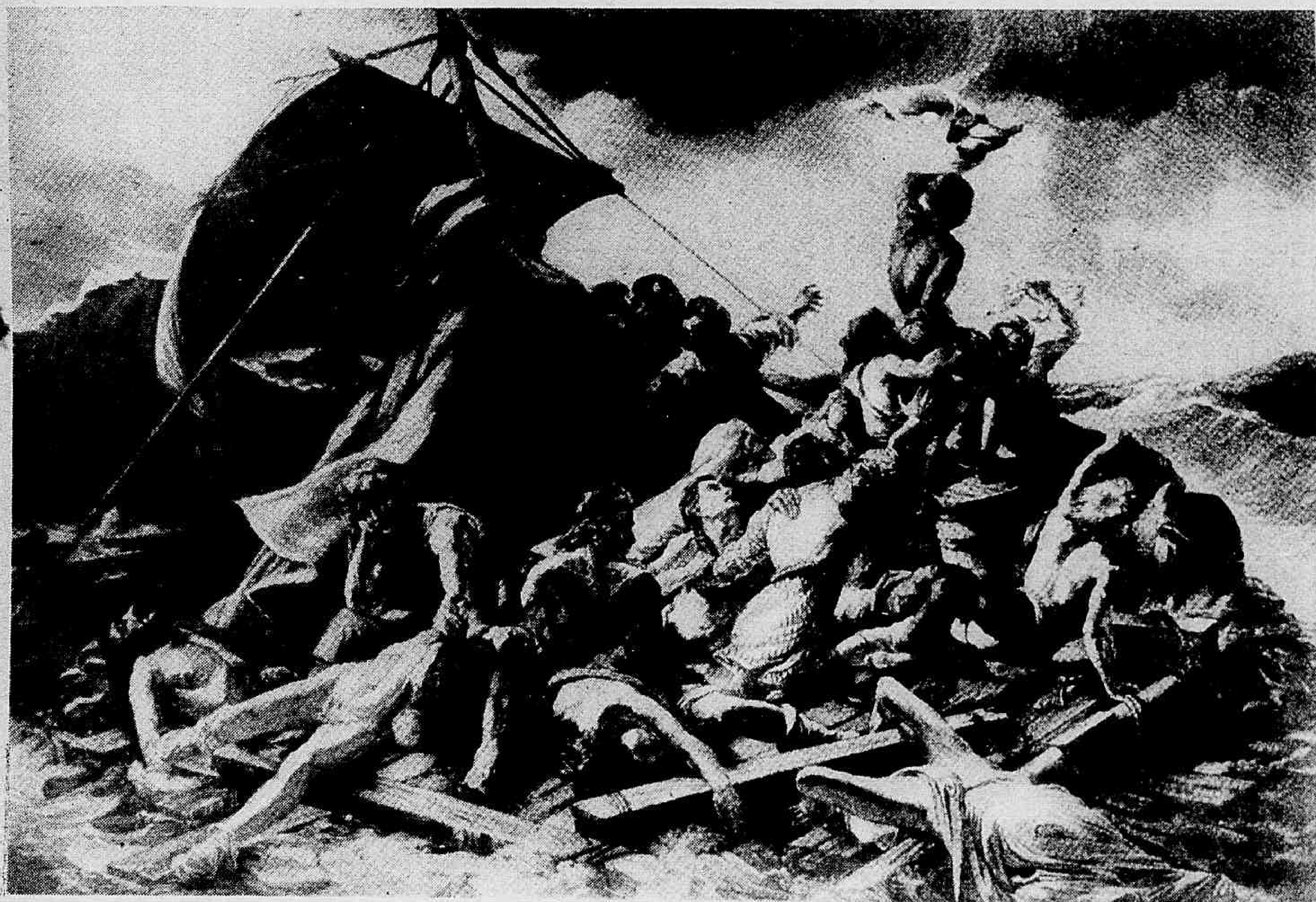
talvez o mais vivo e esmagador diário daqueles dias de desespêro, foi, sem dúvida, Júlio Verne, que dêsse fato real nos deu a sua *Galera Chancellor*, traduzida em vários idiomas, como em geral tôda a imensa e maravilhosa obra do escritor francês.

Mas, vamos aos fatos. No dia 18 de junho de 1816, a fragata *La Meduse* deixava a França para S. Luís do Senegal. Era seguida pela corveta *L'Echo*, a barcaça *La Loire* e o brigue *L'Argus*. Levava em seu bordo o governador da colônia e seus principais colaboradores, além de aproximadamente 400 marinheiros, soldados e passageiros. No dia 2 de junho, *A Medusa* encalhava sôbre o banco de Arguin. Após cinco dias de esforços para tentar fazer a fragata voltar a flutuar, decidiram construir uma jangada sôbre a qual se reuniram com esfôrço 148 infelizes que não puderam encontrar lugar nas canoas. O capitão de fragata Duroys de Chaumareys conseguiu alcançar a costa com seu estado-maior. Como tivessem partido os cabos que permitiam às canoas o reboque da jangada, esta foi abandonada, recebendo, antes, nada mais que 25 libras de biscoitos e alguns tonéis de vinho e de água para os 148 náufragos ali amontados e entre os quais havia uma mulher.

Enlouquecidos pela febre, a bebida e o terror, três dêsses infelizes se lançaram às águas no dia 6 de julho. Ao anoitecer do mesmo dia, por questão de víveres, soldados e marinheiros se lançaram uns contra os outros. Ao raiar o dia, tinham desaparecido sessenta e cinco homens, havendo ainda sete cadáveres sôbre a jangada. Na noite do dia 9, a luta recomeçou, atroz e selvagem. A essa altura, alguns dos sobreviventes haviam decidido matar a metade de seus companheiros, para dobrar a ração de água para os restantes.

No dia 10 restavam apenas, vivos, uns quinze homens, quase sem fôrças. No dia 17, às 8 horas da manhã, o brigue *Argus* recolhia quatorze infelizes, quase agonizantes e dos quais seis morreriam horas mais tarde.

Segundo o que declarou um dos sobreviventes, o jovem cirurgião Carréard, e o que descreveu o comandante Parmagon,



«Uma Cena de Naufrágio» — Êsse o famoso quadro de Géricault


Um detalhe da maravilhosa recomposição em [illegible]

da *Argus*, podemos entrever o horror das cenas desenroladas sôbre a jangada da *Medusa*.

— "Os que a morte havia poupado — escreveu o primeiro — precipitaram-se àvidamente sôbre os cadáveres dos sacrificados, retalhando os corpos e devorando-os em poucos instantes". Quanto ao segundo: "Êsses infelizes tinham sido obrigados a combater e a matar uma grande parte de seus camaradas, que se haviam revoltado para ficar com tôda a provisão deixada na jangada; outros tinham sido levados pelo mar, morrido de fome ou simplesmente enlouquecido. Os que pude salvar tinham podido sobreviver comendo carne humana durante quase duas semanas! Nas cordas, que serviam para sustentar o mastro central e único, vi inúmeros pedaços dessa carne, que os desgraçados haviam pôsto a secar". No dia 24 de fevereiro de 1817, o capitão-de-fragata Duroys de Chaumareys era condenado pelo conselho de guerra de Rochefort a três anos de prisão e a perda dos direitos de navegação.



Essa foi a espantosa tragédia. Como já dissemos, tentou muitos artistas e, entre êles um jovem pintor, Géricault, que trabalhou num local próximo do hospital Beaujon, cujos internos e enfermeiros lhe forneciam cadáveres e membros amputados. Conseguira, por outro lado, encontrar alguns dos sobreviventes da *Medusa*, entre êles o carpinteiro de bordo, ao qual encomendou uma réplica reduzida da trágica jangada, sôbre a qual colocou maquetes de cêra. Outros sobreviventes posaram para algumas figuras, como Corréard, que estende os braços para o horizonte; Savigny, junto do mastro; Dastier, oficial do estado-maior e, justamente, o homem visto de costas, na extrema direita do quadro. Géricault adorava a vida alegre de Paris e para não ser tentado a sair, antes de terminar o quadro, mandou raspar a própria cabeça, perdendo assim a bela cabeleira de que tanto se orgulhava. Em julho de 1819, a obra era exposta no *foyer* do "Teatro Italiano", na praça Favart. Intitulava-se: *Uma cena de naufrágio*. Obteve êxito medíocre, mas desencadeou as paixões políticas. Outras exposições, em Londres e em Dublin, renderam ao pintor cêrca de vinte mil francos (ouro). Em 26 de janeiro de 1824, aos 33 anos, Géricault morria de um tumor maligno. Desolava-se por não haver produzido uma grande obra.

— E "A Jangada da Medusa"? — diziam-lhe os amigos.

— Uma simples vinheta! — respondia o artista.

Uma vinheta de 6 m e 50!

A *"Jangada da Medusa"* se encontra atualmente no Museu do Louvre. Porém, para comemorar o 70º aniversário do pintor, os admiráveis artistas do *Museu Grévin* fizeram uma réplica do quadro, inteiramente em cêra, esculpindo todo o conjunto, que nada perdeu de sua beleza impressionante e trágica. Os leitores verificarão a fidelidade da reprodução, comparando as fotografias do quadro do Louvre e da escultura do Museu Grévin, que apresentamos.

RECENTEMENTE, aconteceu com um detective de Dallas, Texas, uma aventura que, realmente, veio trazer-lhe, numa excelente reunião, o útil ao agradável. Sendo indivíduo que, nas horas vagas, gostava de pescar, acabou *pescando* certos *peixes* graúdos e inesperados, que melhor seriam chamados de "tubarões".

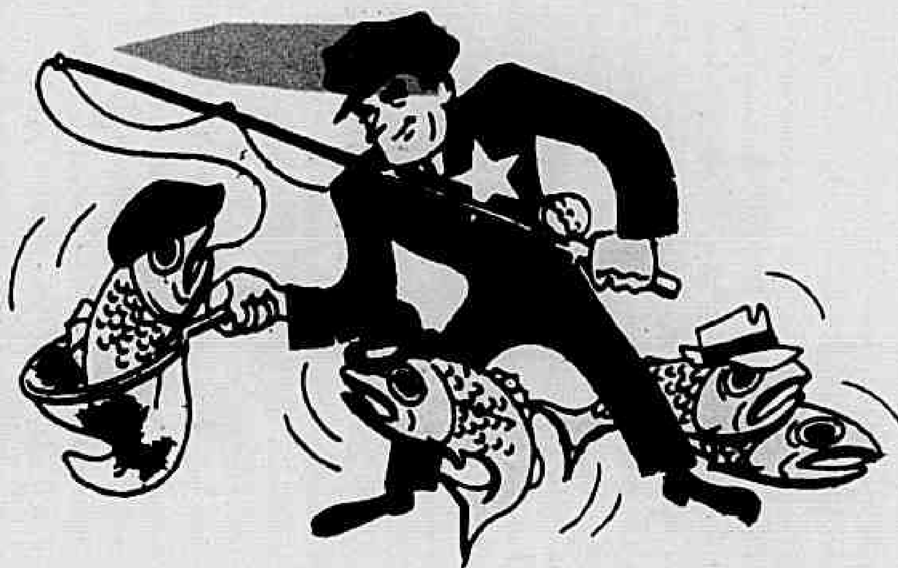
Mas, vamos à história: Dois detectives do setor especializado em narcóticos saíram na pista de um indivíduo, suspeitado de ser um dos mais ativos distribuidores de entorpecentes e também um dos mais hábeis, operando no Estado, sempre conseguindo realizar seus "negócios" sem se deixar pegar, zombando mesmo da polícia, que nada conseguia encontrar na sua residência, um casarão velho no subúrbio de Dallas. A casa, realmente, parecia honesta e bastante em ordem para receber qualquer inspeção.

APANHADOS COM ANZOL

Apesar disso os dois policiais decidiram fazer uma visita ao suspeito e interrogá-lo metòdicamente. Tudo parecia perfeito, aparentemente... a não ser os teimosos e indignados protestos do morador, cujas evasivas não soaram muito bem aos ouvidos dos representantes da lei.

Quando os dois detectives estavam para desanimar e retirar-se, um dêles, Richard Gardner, avistou um caniço, com a respectiva linha e o anzol, encostado a uma parede, no quarto de dormir. Um minuto depois, descobria também um orifício na madeira da parede, coisa insignificante, com uns três centímetros de diâmetro, e, por um dêsses acasos felizes, ligou os dois fatos e anunciou para seu colega: — Vou experimentar pescar um pouco pois nunca vi um material de pescar tão bonito!

Ao fim de mais dois minutos, tendo introduzido a extremidade da linha com o anzol pelo orifício da parede, sentiu que alguma coisa havia "mordido". Essa alguma coisa era nada menos que um embrulho de regular dimensões, contendo.



heroína em cápsulas, no valor de alguns milhares de dólares e o painel com o orifício podia ser retirado, dando passagem à perigosa carga.

Naturalmente, os ocupantes da casa foram levados para a delegacia. Nada, porém, foi noticiado, ficando o mesmo detective encarregado de tornar a visitar os demais locais suspeitos, onde nada pudera ser encontrado, antes. Desta vez, Gardner tratou de levar o seu próprio caniço e demais petrechos de pesca. E foi feliz porque conseguiu descobrir em todos êsses lugares, outros tantos orifícios nas paredes, realizando uma *pescaria* avaliada em cêrca de cem mil dólares e conseguindo prender todos os componentes de uma das maiores rêdes de vendedores de entorpecentes em tôda a América do Norte.

★ ★

MAPA DO MUNDO EM ESCALA 1:1.000.000

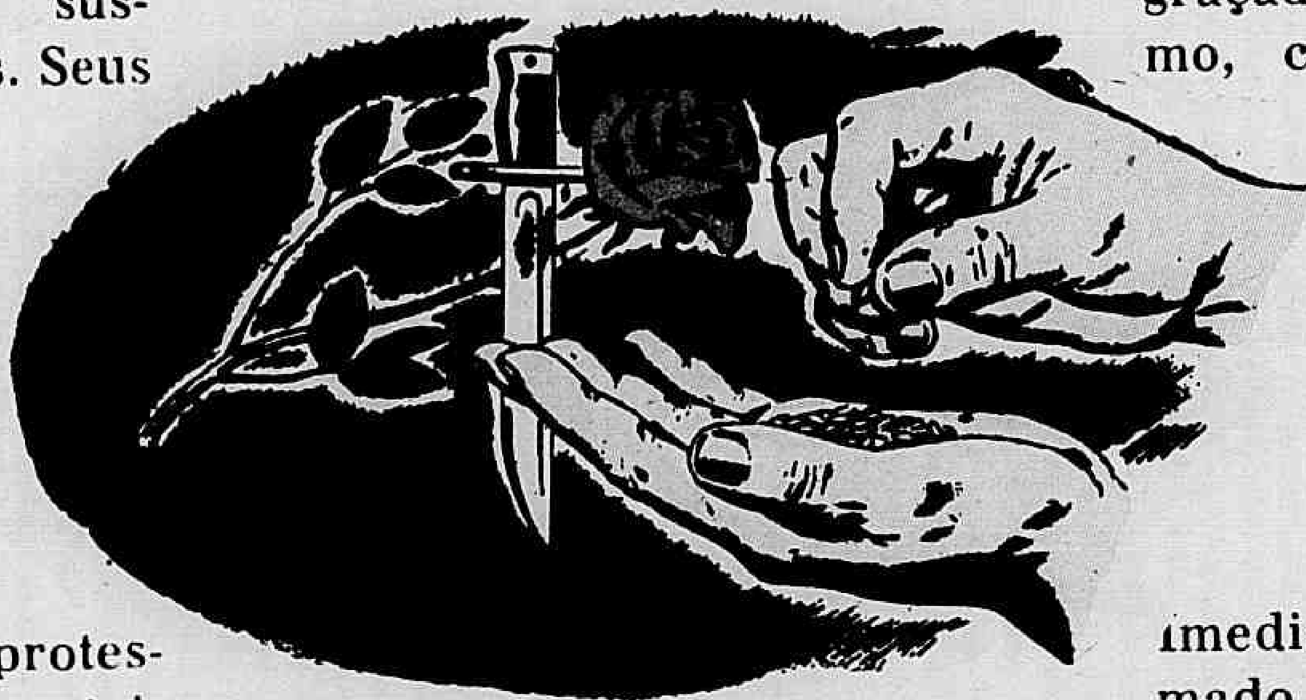
FORAM ultimadas as negociações para que as Nações Unidas tomem a si o trabalho de elaboração do mapa do mundo, na escala de 1 para 1 milhão.

Quando estiver pronto, êsse mapa será o mais completo do mundo e o Departamento de Cartografia das Nações Unidas calcula que só a parte continental da terra exigirá mais de mil fôlhas! O trabalho originário dêsse "mapa de um milhão" começou em 1909, quando os países membros da União Geográfica Internacional instalaram um escritório central, em Londres, com o objetivo de sistematizar as contribuições cartográficas, vindas do mundo inteiro.

«DETETOR DE MENTIRAS»

(Episódio real)

O corpo de um potentado indiano, irmão de outro senhor ainda mais pedoroso, foi encontrado, caído de dorso, no jardim do palácio. O crime fôra motivado pelo roubo, pois tôdas as fabulosas jóias com que usualmente a vítima se ornava, haviam desaparecido. Muitos suspeitos foram presos. Seus lares foram revistados e, realmente, algumas das jóias roubadas foram encontradas escondidas na casa de um dêles. O homem, porém, protestou enèrgicamente, teimando que nada sabia a respeito do crime ou das jóias; de qualquer maneira não sabia — ou não queria — explicar porque ali se achavam. As autoridades insistiram, perguntando ao suspeito o que havia feito das outras jóias, mas tudo em vão. O homem persistiu nas negativas.



Então foi levado para o grupo formado pelos demais suspeitos, sendo todos convidados a mascar um punhado de arroz. Depois receberam ordem de cuspir o arroz em recipientes separados. Após rápido exame do arroz, todos os suspeitos foram postos em liberdade.

Entretanto, passados alguns dias, o principal suspeito foi encontrado morto não distante de sua própria residência, estendido de costas, justamente como fôra encontrado o príncipe. Uma investigação revelou a existência de gôtas de sangue conduzindo até ao jardim do palácio. Imediatamente, a polícia prendeu um jardineiro e êste acabou confessando que matara o desgraçado porque o mesmo, certa vez, em sua ausência invadira a sua casa, abusando de sua espôsa. Interrogado a respeito da morte do príncipe, declarou nada saber. Imediatamente foi intimado a mastigar um punhado de arroz. Quando, depois, cuspiu o arroz, êste estava pràticamente *tão sêco como antes de ser mastigado*. Confrontendo com a evidência de ter a bôca assim tão sêca, o jardineiro terminou confessando ter matado também o príncipe. Admitiu, depois, ter escondido algumas das jóias roubadas na casa do seu rival, com a esperança de ver o mesmo punido pelo crime que êle próprio cometera. Indicou, depois, o local onde havia enterrado as demais jóias.

Como se verifica, enquanto os diferentes tipos de "detetores de mentira" usados atualmente em certos países ocidentais são considerados *modernas invenções*, a Índia usa o *teste do arroz* há centenas e, possìvelmente, milhares de anos — e com excelentes resultados.

* *

USAR OU NÃO USAR CHAPÉU

A maioria dos norte-americanos do sexo masculino, especialmente os mais jovens, parece decidida a abandonar definitivamente o uso do chapéu. Em vista disso, a indústria chapeleira está constantemente empenhada em promover o uso de chapéu, por meio de anúncios.

Recentemente, contudo, saiu um anúncio muito original, patrocinado pelos fabricantes de chapéus. Êste anúncio, de duas páginas, publicado numa das grandes revistas do país, foi visto e comentado por milhões de pessoas; consistia numa fotografia de um grupo de homens de diversas nacionalidades e profissões, com esta legenda: *"A marca do homem"* e, mais embaixo: *"Usar chapéu é uma obrigação do homem para consigo mesmo". "O chapéu reflete a sua condição social e é prova de seu amor próprio!"*



Você seria capaz de abandonar o homem amado só por não poder suportar a terra onde êle vive? Pois isso foi o que Margaret achou que devia fazer.

PARA NÃO MAIS VOLTAR

(And Never Return)

Novela de MARTHA OSTENSO

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

DENTRO da noite que cobria o prado ressequido soou o apito do trem, vindo das planícies áridas para os vales e lagos de Minnesota, que Margaret conhecera tão bem antes de vir com Olav para o terrotório de Dakota, três anos atrás.

Não existe som mais angustiante, pensou Margaret, do que o lamento longínquo do apito de um trem.

Acordada dentro da noite quente, ao lado do marido adormecido, Margaret sentiu a criança mover-se dentro dela. Era a segunda vez que se encontrava naquela situação, porém, da primeira criança, não se mostrara tão impaciente; na verdade o primeiro filho não chegara sequer a nescer com vida. E a culpa tinha sido daquela terra maldita.

Desta vez, porém, seria diferente; amanhã, à noite, Margaret não estaria mais ali.

A decisão já estava tomada com firmeza.

Ela tentara convencer o marido — oh! quantas vêzes já tentara isso — mas Olav Klebo era um homem teimoso e tinha um exagerado apêgo àquelas terras. E a disposição de convencê-lo desaparecia.



Sòmente uma vez, mais de um ano antes, depois de perderem o primeiro filho, êle se mostrara inclinado a atendê-la.

— Não permitirei que outro filho meu seja sacrificado nesta desolação, nesta terra árida e poeirenta, Olav! — declarou Margaret naquela noite, depois que o dr. Jensen saiu e Olav viera consolá-la com um abraço. — Ou sairemos, ambos, daqui, ou eu irei sòzinha!

Enquanto falava sentia que a perda da criança fôra em parte culpa da sua própria teimosia.

Naquele verão de sêca, enquanto no poço ainda havia alguns preciosos litros de água, ela carregara baldes e mais baldes para regar a pequena horta, que ela mesma plantara na primavera. O sol inclemente, porém, parecia zombar dos seus esforços, ressecando o solo árido.

E, num dia de calor verdadeiramente diabólico, enquanto Olav foi a Amberton buscar mantimentos, ela, perversa e exultantemente, desobedeceu as suas últimas recomendações de que não fizesse extravagâncias, tentando regar a horta sob o sol escaldante, enquanto êle estivesse fora.

Apesar do ilimitado amor que sentia por êle e que crescia física e espiritualmente desde que se casaram, e apesar de saber que *a hora importante* estava próxima, ela carregara baldes e baldes para molhar a terra ingrata.

Era como que um desafio que estava fazendo às terras de Olav.

Quando o marido voltou, à tarde, encontrou-a caída, inconsciente, no jardim. O sol implacável vencera sua resistência, p o n d o em risco a sua vida e a da criança, uma menina, que acabou nascendo morta!

"... ou sairemos ambos daqui ou eu irei sòzinha!"

Olav tentara consolar suas lágrimas com beijos e dizendo:

— Iremos ambos, minha querida. Voltaremos para onde você quer — logo que eu consiga resolver os negócios aqui. E agora vamos dormir, Margaret.

E, carinhosamente, ajeitou o travesseiro dela, apagou a luz e saiu do quarto.

Mas, isto acontecera há mais de um ano! Amanhã, Olav teria que ir até ao lago, cinco milhas adiante, para encher o tanque para o gado — o gado que só servia para beber água!

— "Pois amanhã — repetia ela para si mesma — amanhã, quando Olav saísse, seria o momento!"

Planejara todos os detalhes, até mesmo as palavras do bilhete que deixaria para êle:

"Quando você ler êste bilhete eu estarei a caminho de casa — sim do lar que eu sempre tive. Você voltará do lago ao meio-dia e é exatamente a esta hora que o trem parte de Amberton e eu estarei dentro dêle. Oh! meu amor, meu amor, não me queira mal e compreenda que não estou fazendo isto só por mim. Esta

terra ingrata, que você tanto preza, levou o meu primeiro bebê, Olav, mas não levará o segundo!"

Êle veria que ela tomara a única atitude lógica, no caso, e mais tarde, compreenderia. Enquanto pensava tudo isso, ouviu Olav ressonando e falando qualquer coisa incompreensível, como se estivesse tendo um pesadelo; e o seu exagerado amor por êle a levou a sentir-se comovida, acariciando-lhe a bela cabeleira bronzeada, que brilhava sob o luar que entrava pela janela.

Oh! Por que não havia Olav cumprido a promessa que fizera naquela noite, sentado na beira da cama, consolando-a com um abraço carinhoso?

E êle fôra tão terno com ela durante os dias em que convalecera!

Logo que se sentiu novamente bem e reassumiu seus afazeres domésticos entrou a observar o marido, procurando sinais de preparativos para a partida.

Mas... os dias foram passando, as semanas — e nada fôra vendido, nenhuma transação iniciada... Olav passava os dias no campo reparando uma cêrca quebrada ou qualquer coisa no gênero e, quando não havia o que fazer, ficava parado, como se fizesse parte da própria paisagem desolada, horas e horas olhando os acres de terra ressecada.

Aquela não era a ocasião para discutir o assunto com êle, que já estava tão magoado com o fracasso das plantações. Ela podia esperar.

E neste meio tempo tentou reanimá-lo com todos os recursos possíveis e alegres, lembrando os tempos felizes que haviam vivido antes.

A vida havia sido maravilhosa no primeiro ano de casados. Viviam naquela pequena cidade, onde Olav ensinava na Escola de Agricultura.

Tinham uma pequena casa branca com um jardinzinho cheio de rosas; a cêrca certa e aparada, de cedro; e os pássaros, que faziam ninho nas árvores da frente. E as noites misteriosas e perfumadas em que os vagalumes traçavam arabescos luminosos no jardim, enquanto ela e Olav, sentados na varanda coberta de hera, olhavam, calmos e encantados, para tudo aquilo que era apenas uma preparação do que fariam no futuro mais florido e mais amável ainda.

Ela fazia porém tudo para que êle não lembrasse a tragédia que os havia levado até ali — a morte brusca dos pais dêle, apanhados pelo furacão, enqunanto trabalhavam no campo. Depois da tragédia só restou aquela casa desolada. E ela não queria lembrar isto porque sofria com a expressão magoada que cobriria o rosto dêle à simples lembrança do triste desfecho. Diziam que, no verão passado, antes da chegada dêles, a colheita fôra feliz, e parecia a Margaret que a sua chegada fizera parar tudo. Por isso, odiava aquelas terras. Odiava aquela extensão plana, desolada, quase sem árvores e queimada pelo sol e pelo vento, e castigada pelo frio ou pelo calor sempre exagerados.

E a terra também a odiava. Não houve mais colheita, desde que ela chegara, três anos atrás. Por mais que se trabalhasse o solo não havia frutos. Até mesmo o fruto saudável do seu matrimônio havia perecido.

Certa noite de novembro, ela ouvira vozes, conversando, e chegou-se à janela da cozinha.

Viu Kohnke, o vizinho mais próximo, que chegara com Lundber, o outro vizinho, conversando com Olav.

— Você é um tolo, Olav; o govêrno está conosco e logo agora é que você quer desistir! — (Era Kohnke quem falava.)

— No ano que vem a coisa será muito mais fácil — declarou Lundber. — O agente me afirmou. Então um norueguês desiste enquanto um sueco continua? Kohnke e eu, e nossas famílias, vamos ficar!

E Margaret viu o vizinho bater, amigàvelmente, nas costas de Olav e, na semi-obscuridade, viu o riso do marido.

— Você resolveu ficar? — perguntou ela, tentando aparentar naturalidade, quando Olav entrou.

— Os outros não vão embora — respondeu êle, meio evasivo; depois, fitando-a com firmeza acrescentou: — Você está quase novamente como quando a conheci. Procure resistir mais um pouco — só mais uma ano!

— Se você ainda me ama, Olav... você voltará à Escola Rural; o diretor Daly disse que quando você quisesse...

— Margaret — respondeu êle, sério; os olhos ficaram ainda mais azuis — você sabe que a amo e que lhe fiz aquela promessa, mas não vir para aqui, minha mãe quero passar por um covarde, um desertor. Não está no meu sangue! Antes de só conhecia a praga das lagartas através dos livros, mas depois de viver algum tempo nesta terra, e depois que uma praga destruiu parte do celeiro, ela aprendeu muita coisa. Era muito religiosa mas, naquela ocasião, ergueu o punho cerrado para os céus e jurou que não seriam as lagartas que a tirariam de suas terras — sòmente Deus poderia fazer isso!



Margaret já havia ouvido tudo aquilo, antes, e compartilhava do orgulho de Olav pela bravura materna. Agora, porém, isto só conseguia irritá-la.

— Mas Deus a amparou, então, não foi? Deus ajudou na praga das lagartas; Deus ajudou no furacão, Deus ajudou na aridez daquelas terras... Que diferença havia, afinal? Aquelas terras eram amaldiçoadas! E Margaret, tendo falado, caiu em prantos, enquanto êle a abraçava, tentando consolá-la:

— Eu sei como você se sente, Margaret — disse êle, mansamente. — Quisera poder fazer com que você entendesse que nunca me senti à vontade, ensinando na Escola Rural — não está em mim! Parece-me algo de parasita; estou com vinte e seis anos, agora, e sei o que quero e o que sou. Quero ser e sou um fazendeiro, não um professor de agricultura!

— Mas eu escrevi a mamãe, há algumas semanas, dizendo que breve estaríamos de volta...

— Escute, querida, se você quer mesmo ir...

— Não sem você!

— Naturalmente! E não vamos mais falar no assunto. Ponha o jantar na mesa que estou mais faminto que um urso.

E Olav a beijou sorridente.

Naquela mesma noite, a terra preparou uma espécie de pequena traição para Margaret.

Ela vinha do celeiro para casa quando sentiu os primeiros grossos pingos de chuva.

Olav, que estava no curral, ordenhando uma vaca — tão pouco leite, tão pouco! — também ouviu a chuva e parou, alerta; com um sorriso vitorioso, disse para a mulher:

— Escute esta chuva, Margaret; isto significa alguma coisa. Ainda que vire geada amanhã. A terra fertilizará, que-

rida; a plantação não vai falhar! — olhou para ela, ansioso, e Margaret se atirou em seus braços.

Mais tarde, já deitados, enquanto continuavam a ouvir o ruído da chuva no telhado, Olav murmurou:

— Se você quisesse dar mais uma oportunidade... esperar só mais um ano... Margaret.

Ela quase chegou a esquecer o ódio que enchera seu coração durante a longa estiagem do verão.

— Como você quiser, querido.

E ouvindo a terra palpitar sob a chuva, lá fora, adormeceu nos braços de Olav.

Depois daquela noite não houve mais promessa de chuva sequer, mas por outro lado Margaret veio a saber que estava realmente esperando outro bebê.

E agora aquêle apito lamentoso do trem correndo para o este dentro da noite quente de julho, o marido ao seu lado ressonando, talvez com um pesadelo; Margaret procurava pelo sono que não vinha para sua mente fatigada.

Percebeu que havia dormido finalmente quando sentiu que Olav levantava da cama cuidadosamente para não despertá-la.

O sol de cobre, no céu sempre sem nuvens, estava nascendo quando ela desceu a fim de preparar a primeira refeição para o marido.

Apesar do estado em que estava sentia-se leve. Talvez fôsse a decisão que havia tomado que lhe estava dando aquela sensação de leveza, aquêle alívio do pêso da dúvida e da responsabilidade.

Olav entrou para a cozinha; já havia feito muita coisa naquela manhã.

O cão, Baldur, seguia-o. Margaret deu algum alimento ao animal e também ao galo, enquanto ouvia o marido falar já à distância, enquanto ia caminhando:

— Tenho tudo preparado para começar, antes de que o sol esquente muito. É melhor que Baldur fique em casa com você. Êle já está muito velho para a caminhada sob o sol. Parece que vamos ter outra queimada...

— Não esqueça de molhar a carneira do seu chapéu. O jarro com coalhada está na adega; enrole uma toalha molhada em volta para que continue fresca até você chegar ao lago. E os seus sanduíches também estão lá, embrulhados, sôbre a mesa.

— Obrigado, querida. Espero que você fique dentro de casa, hoje, e mantenha as portas fechadas. Espero estar de volta ao meio-dia, mas não quero instigar os cavalos por causa do calor.

— Oh! não deve cansar os pobres animais. Eu ficarei bem.

Parecia-lhe que a carroça em que Olav saiu nunca desaparecia de sua vista, na distância empoeirada.

Agora ela teria tempo bastante; mas tratou de começar a pôr tudo em ordem na casa.

Quando acabou de arrumar a cama, parou um pouco para se olhar no espelho da cômoda; seus cabelos, antes tão sedosos e ondulados, pareciam palha sêca por causa da água acre do lago em que tinha que lavar a cabeça. As mãos antes macias e claras estavam ásperas e não adiantava esfregá-las com gemas de ovos nem massagear.

"Mas tudo isso teria um fim, agora" — pensou; e ficou imaginando o quarto de banho, claro e brilhante, da casa de sua mãe, e as toalhas de banho, felpudas e macias, e a água cristalina jorrando fácil das torneiras niqueladas e reluzentes.

Arrumou dentro da valise de lona os poucos objetos que pretendia levar. Olav poderia mandar o resto, depois. Oh, não! Olav mesmo levaria o resto, depois. Sim; êle iria! Pensaria muito sôbre o assunto e compreenderia que ela tomara a atitude mais lógica possível. Então venderia tudo, como havia prometido, e iria encontrar-se com ela e ficariam juntos e felizes outra vez. A vida sem Olav estava fora de suas cogitações.

Retirou da gaveta a bôlsa de *crochet*, onde guardara as suas economias para a viagem, e contou quanto tinha apurado com a venda de ovos e galinhas. Havia o suficiente para a passagem e um trôco para comprar qualquer coisa para comer durante o trajeto. Fechou a bôlsa, escovou os cabelos, passou a mão pela fronte úmida e levantou a valise do chão. Não a achou pesada, ela agüentaria bem, apesar do calor. Sentiu, sim, um nó na garganta

quando parou junto da porta e olhou mais uma vez para o quarto. Sentiu também os olhos cheios de lágrimas e resolveu descer às pressas, para a cozinha, onde o gato se espreguiçou molemente, roçando nas suas pernas. Margaret parou um momento para acariciá-lo. O cão, Bauldur, levantou-se para acompanhá-la.

— Não, Bauldur, você fica vagiando a casa — disse ela.

Agora nada mais restava fazer senão escrever o bilhete que deixaria para Olav.

Dirigiu-se para a mesa, onde tinha um bloco de papel e um lápis. Foi então que viu a bôlsa onde Olav guardava o fumo d(cachimbo. Aquêle era, aliás, o único luxo que se dava, ùltimamente. Apanhou-a e ficou olhando um dos cantos que ela mesma remendara e que cedera à pressão dos dedos fortes do marido, olhou a corda que êle segurava nos dentes enquanto enchia o cachimbo, sentiu dentro da bôlsa o volume do pedaço de maçã que êle costumava colocar ali para que o fumo não secasse com o calor. Num gesto insopitável de caminho, encostou a bôlsa no próprio rosto, murmurando:

— Oh, não, querido! Não posso deixá-lo, não posso, Olav...

Neste momento, Bauldur saltou do seu canto e ficou junto da porta latindo e avisando a aproximação de um estranho.

Margaret chegou até à janela. Uma charrete de um só cavalo havia passado a porteira e parara na porta da casa.

O cão continuou alerta, de orelhas apontadas, tenso, quando um homem desceu da charrete, sustentando uma caixa escura e, dirigindo-se para a porta. Margaret estava acostumada a ver chegar vendedores assim, mas nunca sentira mêdo como sentia agora, vendo aquêle homem com cara de águia e com aquela caixa na mão.

Afastou-se da janela e esperou. Quando bateram à porta, Bauldur ficou tenso e pronto para saltar sôbre o intruso.

— Quieto, Bauldur — ordenou Margaret, segurando-o pela coleira depois foi abrir a porta.

O estranho tirou o chapéu e cumprimentou-a:

— Sou fotógrafo — disse, com voz calma. — Faço trabalhos garantidos e



sou barateiro especialmente retratos de crianças. Se a senhora quiser...

— Não — disse Margaret, quase gritando. — Não temos filhos!

O homem fêz uma reverência; depois, olhando a figura de Margaret, sorriu e replicou:

— Desculpe, senhora; talvez no próximo outono... voltarei em setembro, se Deus quiser.

— Não, não! — insistiu, nervosa e com uma voz que ela mesma não reconheceu. E fechou a porta precipitadamente.

— "Se Deus quiser..." — repetiu para si mesma. — Ouviu, já longe, o tropel do cavalo do fotógrafo, que se afastava. Que tinha a vontade de Deus com tudo aquilo? — pensou. Seria a vontade de Deus que a terra fôsse árida e sêca, que a plantação morresse, que seu primeiro bebê nem chegasse a respirar? Desta vez — raciocinou — seria a *sua própria vontade!*

Colocou o lápis e o bloco de papel sôbre a mesa e depois sentou; sabia o que devia escrever. Começou febrilmente, com mêdo de que o seu imenso amor por Olav a fizesse mudar de idéia novamente.

Cinco minutos mais tarde, estava fora de casa e havia fechado a porta atrás, com gesto decisivo.

Dirigia-se com passos apressados pelo atalho que levava à estrada de Amberton. Eram quatro milhas dali até Amberton e, embora a estrada fôsse pouco freqüentada, naqueles dias, e houvesse pouco risco de que alguém a encontrasse ali, Margaret tomou um caminho diagonal, através do prado ressecado, onde a vegetação queimada parecia protestar enèrgicamente contra a falta de chuva.

Oh! Ela chegava a ouvir — sim, chegava a ouvir as pobres plantinhas estorricadas, gemendo; ouvi-as dentro do coração. Quase uma hora depois pousou a valise no chão e passou os olhos pelo céu, onde o sol impiedoso reinava absoluto.

Cruzava pela fazenda abandonada de Nick Bender, que havia admitido o fracasso um ano atrás; vendera tudo e voltara para o este. O último ato de Nick, no seu rancho desolado, foi sacrificar o seu cavalo favorito. Ali, à direita, sôbre a terra requeimada, brilhava ainda o esqueleto do animal, limpo e branco depois da passagem dos urubus e dos coiotes e da ação do sol.

Desde o chapéu até à sola dos sapatos, Margaret estava coberta de suor. Uma pequena elevação de capim sêco era enfeitada por um salgueiro, onde umas poucas fôlhas, teimosas, resistiam heròicamente e parecendo uma espécie de miragem de sombra na paisagem desolada.

Por momentos, Margaret achou que o céu estava meio escuro, lá na direção para onde se dirigia; mas talvez fôsse apenas a tristeza que sentia.

Sentiu que o corpo pesava mais, agora, e teve uma forte vontade de parar um pouco, sob o salgueiro. Sentou-se para descansar e sentiu a criança mover-se. Talvez também ela quisesse demorar-se um pouco ali, antes de ir embora de uma vez. Não que estivesse desistindo ou mudando de idéia; isso não! A terra ainda não conseguira demovê-la do seu propósito de fingir. Ou sim? Aquêle pêso, que a forçava a parar... era, mais uma vez, a derrota? A derrota final?

Deitou-se na grama e estendeu os braços no solo; virou a cabeça e viu uma das mãos agarrar um punhado de capim, arrancar pela raiz e atirar longe. Porém a raiva estava em sua mão e não no seu pensamento. Êste, na verdade, já não se importava com isto ou aquilo! Então seus olhos fitaram o ponto onde o capim estivera pouco antes e ali, frágil e oscilante, estava uma plantinha verde e delgada, que provàvelmente estivera protegida pelo capim sêco, mais alto, contra a violência do calor. Então uma sensação profunda, de humilhação, invadiu Margareth Klebo. Fechou os olhos e tentou reagir, irritada contra a onda de emoção dominadora.

Que lhe importava, afinal, que aquela folhazinha de grama houvesse sobrevi-

vido enquanto o trigo, forte e bem cuidado, não tivesse resistido?

Não; não seria vencida por uma frágil bolhazinha de capim, escondida na terra escura. Não! Estava apenas descansando um pouco para depois seguir a caminho da cidade.

Uma vez mais, embora contra a sua vontade, viu a própria mão dirigir-se para a tal plantinha. E sorriu quando seus dedos tocaram as delicadas fôlhas, acariciando-as. "Tal como um bebê, guardado ali, *esperando pela hora de nascer* — pensou ela. Esperando que seja uma *boa hora!*"

Encostou o rosto no solo e teve a impressão de ouvir as pulsações da terra; sentiu-as no corpo e na alma e por momentos sentiu-se atraída como que até às raízes da plantinha que sobrevivera. Como se conseguisse ver, através da própria terra, o que aquilo significava para Olav — e para todos os outros, que resistiam, trabalhando e tendo pesadelos à noite; mas insistindo!

Era êsse o verde que resistia na terra o que alimentava a esperança dêsses homens; e o verde da terra, às vêzes, tardava um pouco... Mas acabaria por surgir e compensar tudo.

Ela já sentira *aquilo*, uma vez; há muito tempo; antes de que o amargor da derrota dominasse seu coração. Havia sentido mas esquecera... O amor de Olav pela terra, o seu amor por Olav... e o amor de ambos pela criança que ia nascer!

Isso tudo era *um amor só*, e um amor que requeria paciência e coragem para persistir.

Agora sabia o que tinha a fazer. Descansaria ali, um pouco, pelo amor da criança, pelo amor de Olav e dela própria — e depois voltaria depressa pelo caminho que a levara **até ali**.

Por algum tempo ficou assim, meio adormecida, meio acordada — e deve, finalmente, ter adormecido. Por quanto tempo jamais soube.

Foi o estrondo de um trovão, seguindo o clarão de um relâmpago, que a trouxe de volta à realidade. Despertou e julgou que tudo havia sido um sonho, mas logo verificou que não sonhara. A nuvem de prata, que caía diante de seus olhos abertos era mesmo chuva! Chuva leve e fria, caindo sôbre a sua pele, sôbre os seus cabelos, generosa como uma bênção.

Riu alto cerrando os olhos e voltando o rosto para o céu, afim de sentir a chuva sôbre as pálpebras. De repente ergueu-se. E o bilhete que deixara para Olav? Quanto tempo estivera ali? E se êle já



tivesse voltado e descoberto a atitude covarde que ela quase tomara? Não importava, agora...

Sentiu que nova fôrça e nova alegria a invadiam, quando se pôs de pé. Com decisão e firmeza, dirigiu-se para a estrada. Era bom caminhar um pouco para quem estava *naquele estado* — segundo havia afirmado o dr. Jensen.

Vinha pela estrada quando avistou a carroça de Olav, vindo em sua direção, ràpidamente.

Estavam quase em cima dela quando Olav freou os cavalos e saltou para o chão.

— Margaret!

Tinha o rosto angustiado, porém ela apenas sorriu para êle, antes de se atirar em seus braços, dizendo:

— Veja, Olav, não é maravilhoso? Está chuvendo!

— A mim que importa a chuva? — respondeu êle, aflito. — Pensei que não chegaria a tempo de alcançar você. Pensei que tivesse perdido você!

E noutro tom, mais depressa, ordenou:

— Suba para a carroça. Vamos para casa; vamos arrumar tudo e sair daqui, para sempre! Tenho sido um tolo! Vamos...

— Está bem, querido; ajude-me a subir. Vamos para casa, sim; mas não para arrumar tudo e sair daqui, para sempre. Não vamos daqui nem hoje, nem amanhã nem outro dia qualquer. Vamos ficar — e para sempre!

Olav olhou para Margaret, espantado e sem compreender.

Margaret ficou na ponta dos pés e beijou-o na bôca, que tinha uma expressão triste. As mulheres sabem o que querem quando assim agem e, naquele momento, a atitude dela nada tinha a ver com a chuva.

— "Quando chegarmos a casa eu contarei tudo, querido. Ajude-me a subir e... Oh! Deixei minha valise lá, na grama, junto daquele salgueiro!

E já sentada na carroça, lá de cima, ficou olhando o marido caminhar através do campo, sob a chuva. Acompanhou-o com o olhar, até que a chuva mais densa e a distância tornassem a figura dêle apenas uma sombra móvel. Depois aquela nuvem leve e úmida também a envolveu e aos campos. Envolveu tudo numa espécie de mistério.

Lá de longe veio um ruído... Lá dos lados da cidade. Era o resfolegar distante e abafado de um trem, correndo em direção ao este. O silvo angustiante da locomotiva, como um lamento, soou através do prado, depois decresceu, afastando-se, e desapareceu...

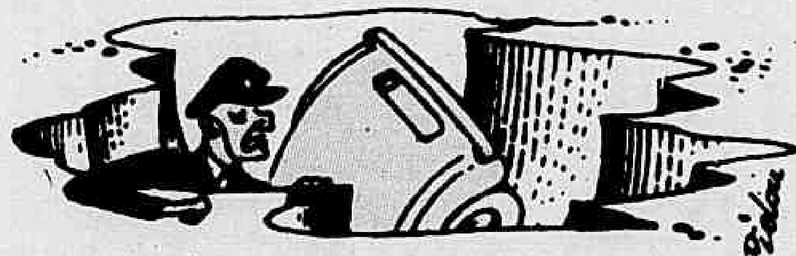
* * * * * * * * * * * *

INVASORES... DE CARTOLA!

AS notícias chegam inesperadamente, como chuva de verão: e chegam ao mesmo tempo daqui e dali, tonteando os técnicos.

A princípio, o público se assustou. Hoje, porém, a coisa serve apenas para divertimento (e oxalá nunca passe disse!).

Neste hemisfério é onde mais vêzes têm "aparecido" os Discos Voadores. Houve época, há menos de dois, em que havia mais discos nos céus das Américas do que estrêlas no firmamento.



Houve, então, um cidadão do Meio-Oeste norte-americano que declarou haver encontrado caído no seio de uma floresta, um dos tais discos;; em seu interior pôde encontrar "dois homenzinhos, com pouco mais de metro de altura... e vestidos de fraque e cartola".

Isto, na verdade, não deixa de ser uma boa notícia, pois invasores com êsse tipo de "uniforme" não podem realmente ser muito perigosos.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

Capítulo XXVIII

GERRY FALA

A porta, batendo, ressoou no gabinete de trabalho. Pouco depois Rodney reapareceu. Gerry levantou o rosto, um rosto de espectro.

— Então, êle sabe? Êle me viu... *lá?* — disse ela com voz lamuriosa.

Rodney se deteve, como se tivesse recebido um choque, mas não olhou sequer para sua cunhada.

— De que está você falando? — perguntou.

— De Sholto. Êle deve ter visto quando eu... Foi por isso que não quis falar comigo. Se eu tivesse podido explicar, êle teria compreendido. Mas eu não podia, diante dêsse homem odioso, sem piorar as coisas.

Finalmente, Rodney se decidiu a encará-la.

— Você estêve, então, em casa de Barry?

Um soluço a impediu de falar por alguns instantes. Depois, respirando com esfôrço, disse:

— Sim.

— Silêncio, por favor! — pediu sir Charles, curvado para o telefone. — Tenho que lhe pedir um grande favor — prosseguiu, falando com alguém, do outro lado da linha — Preciso que encontre

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, sir Charles Rossway e lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney. o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Júlia, pedira-lhe e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinada. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialemnte encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almo-

Lamb. Peça-lhe que telefone com urgência para sir Charles Rossway. Entendido.

Desligou, a seguir, com ar fatigado. Nesse instante, Gerry se ergueu, como se fôsse movida por mola invisível.

— Você sabia que Sholto voltara quarta-feira, Rod? — perguntou, palpitante.

— Não, Gerry. Ignorava, até ainda há pouco, que êle estivesse em Londres.

— Por que êle nada avizou... a mim? Por que foi à casa de Barry em vez de vir procurar-me? Você escreveu a êle, Rod? Com certeza mandou-lhe um relatório sôbre Barry e eu?

— Antes tivesse feito! Teria sido melhor. Mas não...

— Quem, então?

Com movimento furioso, voltou-se para lady Júlia:

— A senhora, sem dúvida?

Lady Júlia pareceu despertar de sua letargia.

— Eu temia ver você mesma estragar a própria vida — disse ela em voz baixa — E a de Sholto ao mesmo tempo. Agi no interêsse dos dois, Gerry...

Que importa? — interrompeu Rodney, com irritação — O interêsse de Sholto, agora, é só o que vale. Para que o ajudemos, temos que descobrir, por nós mesmos, tôda a verdade. Você, Gerry, deve saber o que êle está escondendo.

Gerry se deixara cair sôbre o sofá. Soluçava e cobria os olhos com o lenço de Aline. Sir Charles se aproximou, com passo lento.

— Gerry — disse êle, com voz carinhosa — Todos nós, aqui, somos seus amigos. Não será melhor dizer o que se passou, quarta-feira, à noite, na residência de Swete?

Ela levantou a cabeça, respirou uma ou duas vêzes, profundamente, depois pediu:

— Tem um cigarro, Aline?

Rodney, que estava encostado à mesa, ofereceu sua cigarreira.

— Posso dizer porque Sholto matou Barry — continuou ela — Mas, segundo

---

fada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão à um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta. da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles, Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Júlia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesma noite, procurando um livro, altas horas, para entretar sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que deseja, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desapareceu. Cheia de mêdo fogê e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas, É surpreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe o que descobrira. Em Frant House havia uma passagem secreta, nas imediações da figura do tambor, no «court» de tênis. A êsse tempo, Manderton apresentava um relatório ao inspetor-chefe e prometia-lhe melhores resultados para breve, pois descobrira que Larking se chamava realmente Harness e já tivera contas a pagar à polícia, anos antes. Precisava apenas de encontrar certo «chauffeur», para completar seu esquema tático e apontar o criminoso. Isso é o que consegue, instantes depois, graças a seus auxiliares e, imediatamente, retira-se para interrogar o homem.

Na mesma tarde surge em Frant House onde de novo interroga Gerry e declara-lhe que havia encontrado o «chauffeur» de um «Táxi» que a conduzira na noite do crime, de Covent Garden ao apartamento de Swete, ida e volta, ameaçando-a ainda com uma ordem de prisão, caso não contasse tôda a verdade. Nesse instante, para assombro geral surge Sholto que, dirigindo-se a Manderton apresenta-se e declara ser o verdadeiro assassino de Swete. E apresenta a arma do crime. Ao mesmo tempo, em voz baixa, pede a Rodney que apanhe e esconda o seu passaporte, que deixara no sobretudo, na saleta. Sir Charles trata de telefonar para um advogado, enquanto, no meio da desolação geral, Sholto é levado pelo Inspetor.

receio, isso apenas servirá para agravar a sua situação.

Dir-se-ia que o cigarro produzia nela um efeito calmante. Prosseguiu com mais segurança:

— Reconheço, sim, que minha conduta foi a de uma pobre tôla. Mas juro que não fui tão longe como estão imaginando.

E a um gesto de protesto de sir Charles:

— Sim... Evidentemente, todos pensam que dei a Sholto justos motivos de queixa contra mim. Não contesto que tenham razão.

Deteve-se para recolher uma mecha de cabelo e, como se a cabeça lhe doesse, deixou a mão espalmada, alguns instantes contra a fronte.

— Venha sentar-se ao meu lado, Chass, por favor. Não sei reunir minhas ideias, vendo-o, assim, de pé, olhando-me como faz... Então poderei relatar todos os fatos, como os recordar, desde o princípio.

Sir Charles obedeceu.

— Barry — prosseguiu ela — se enamorou de mim, logo que retornei à Inglaterra, há menos de dois meses. Eu mal o conhecera, quando êle surgia nesta casa, a fim de melhorar a posição dos quadros. Sholto e eu éramos noivos, nessa época. Tinha por Barry uma extrema simpatia.

Deteve-se e lançou para o lado de lady Júlia, um olhar receioso.

— Bem sabem como êle era... Mas talvez não saibam que ela podia despertar interêsse a qualquer mulher...

"Mau começo..." — pensou Aline que via a fisionomia de lady Júlia crispar-se — Dizer aquilo, diante de lady Júlia, tão severa!"

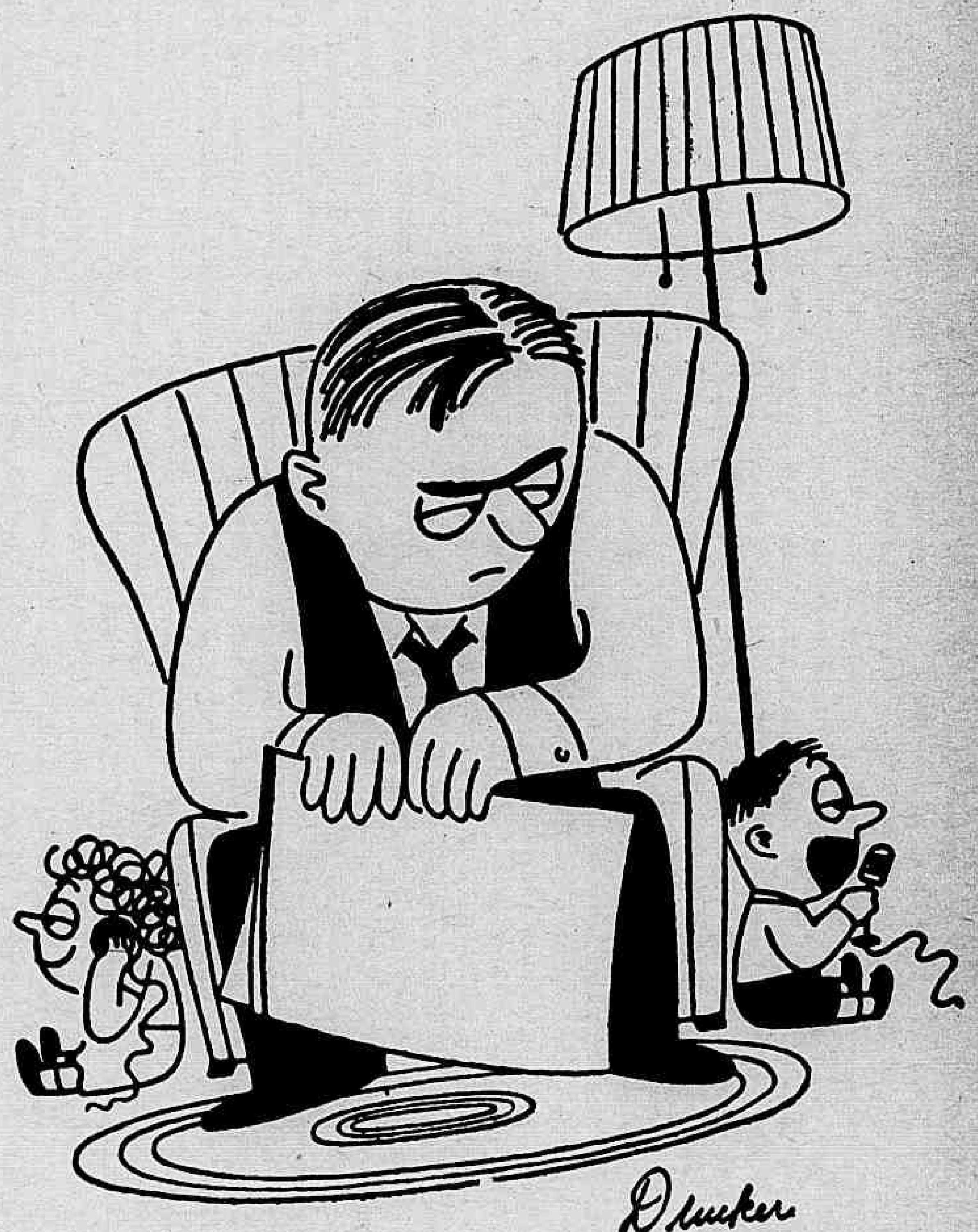
— Eu me sentia muito triste, ao retornar do Kenya. Não tinha vivido em boa harmonia com Sholto, naquela região desolada. Tudo me repugnava, seus amigos, os caçadores com os quais passava o dia todo; os que iam jogar, com êle, à noite; as conversas, as intriguinhas desagradáveis... Quase morria de tédio e de revolta. Sholto me acusava de ser injusta com êle e com a região. Começava a se mostrar irirtado e impaciente, no que não fiquei atrás. Discutíamos constantemente. Acabei por perder totalmente a paciência.

— No entanto, sei que êle a ama apaixonadamente — disse sir Charles com voz grave.

— Eis o mal! Melhor seria que provasse isso nem que fôsse com pancada. Ao contrário, nada demonstrava, senão indiferença. Resolvi, portanto, regressar à Inglaterra. Barry me esperava, por assim dizer, preparado... Sedutor, gentil, atencioso... Tudo, enfim, que Sholto fazia comigo habitualmente, antes, e que já agora não pensava mais em fazer.

A voz de Gerry se alterou repentinamente:

— Reconheço que perdi um pouco a cabeça. Mas quem recusará reconhecer que a culpa não foi tôda minha? Quando estava longe de Barry conseguia pensar em outra coisa, excluindo-o dos meus pensamentos. Era só quando pensava em Sholto, quando sentia saudades dêle, quando procurar adivinhar quando regressaria... Só então pensava um pouco em Barry e na diferença entre a frieza de um e as atenções de outro. Gostava, então, de palestrar com êle, de ouvir seus galanteios. Sòmente isso!



— Em experiênc'a... Em experiência... Um, dois, três, quatro... Um, dois, três, quatro... Está me ouvindo bem?

Aline notou, repentinamente, uma agitação estranha em Lady Júlia. Torcia seu lenço entre os dedos; sua habitual serenidade havia desaparecido sob um véu de angústia e de sofrimento.

— Para que servem êsses detalhes, Gerry? — disse ela, falando com precipitação — O que desejamos saber, é se Sholto tinha realmente motivos para mostrar-se ciumento, se...

Não pôde terminar.

Os olhos de esmeralda de Gerry pareceram incendiar-se.

— Se Barry era meu amante? É isso o que quer dizer? Bem imaginava que era êsse o pensamento geral! Por isso menti! Sim... Menti! Se tivesse podido explicar-me, a sós, com Sholto, êle teria compreendido e acredito em minhas palavras. Mesmo que tivesse faltado ao meu dever de fidelidade — o que não ocorreu jamais — eu teria confessado a êle...

Lady Júlia, não se contendo mais, interrompeu sua nora:

— Que adiantam essas palavras? Fiz uma pergunta. Por que não responde?

— Ao contrário. Já respondi! — replicou Gerry, trêmula de cólera. Jamais tive qualquer ligação com Barry, além da simpatia e da camaradagem. Jamais faltei ao meu dever relativamente ao meu marido! Se a senhora pensa o contrário, reconheço que a culpa não lhe cabe, realmente. O que Barry desejava era desposar-me, fôsse após um divórcio ou após uma fuga, segundo propôs muitas vêzes. Todos os meios eram bons, para êle, desde que o levassem ao seu alvo...

— Espera com isso que lhe tenhamos adimiração? — gritou Rodney.

— Apenas conto a verdade. É só! Exijo apenas que não o considerem um homem sem escrúpulos ou um depravado. Talvez tivesse tido, antes, conquistas fáceis. Nenhuma lhe resistira com firmeza, como ocorreu comigo. Perdoem-me... mas não posso odiá-lo, pois foi gentil e atencioso comigo!

— E Sholto? Pensava também em Sholto? — perguntou sir Charles com voz sarcástica.

— Sem dúvida... — respondeu ela, como quem refletia profundamente — Pensava nêle muito e constantemente. Mas, por favor, deixem-me contar os fatos como os entendo... Oh! Foi loucura de minha parte tentar enganar um homem como Manderton. Mas tinha uma razão muito séria para isso. Barry me apressava. Sabia que Sholto estava a caminho da Inglaterra e desejava colocá-lo diante do fato consumado. Sábado, à noite, levou-me para jantar no "Marlow". Fomos no meu próprio automóvel. Ao voltar subi ao seu apartamento por um minuto.

— Que horas eram? — interrompeu sir Charles.

— Uma hora da manhã — disse Rodney — Vi o automóvel parado à porta.

Sir Charles levantou os braços:

— Oh, Deus!

— Rodney sabe muito bem — disse Gerry em tom firme — o tempo que lá estive e, além do mais cada um com sua consciência. Detesto a mesquinharia!

— Compreende, ao menos — disse sir Charles, furioso — que Júlia e eu não admitimos essas liberdades?

— Sinto muito — disse ela, esmagando a ponta do cigarro contra o cinzeiro — Êle insistia pelo divórcio, teimava e chegava a ser enervante. Disse-lhe, nessa ocasião, que a minha resposta só poderia ser dada depois da chegada de Sholto; precisava muito de refletir sôbre a situação... Depois responderia...

Aline ouviu, nesse instante, pancadas cadenciadas. Lady Júlia batia com o pé contra o soalho.

— Fiquei, portanto, dois dias sem vê-lo, sem lhe dar notícias. Depois, terça-feira, a noite, êle estêve aqui. Procurei evitá-lo, mas êle sempre conseguiu dizer-me duas palavras em particular, no hall. Respondi afirmando que o que me pedia era impossível.

— E depois? — interrogou lady Júlia.

Gerry não respondeu logo. Seus dedos estavam entrecruzados e as mãos pálidas. Prosseguiu, finalmente.

— Não dormi, a noite tôda. Pensava incessantemente na situação. Na manhã seguinte não tive uma só carta de Sholto. Por sua vez, Rod me censurava. Passei o resto do dia desesperada. À noite, sem ter ainda uma decisão firmada, fui visitar Barry, que, segundo Aline me havia dito, sofrera um acidente.

Seu olhar flutuou, indeciso, por algum tempo, olhando tudo e nada vendo na sala.

"Não me decidi imediatamente. Ao seguir para a Ópera, passei pelas velhas estrebarias. Havia luz no *living-room*. Mas não me detive. Na ópera, não pude desviar o pensamento... Sholto estava para chegar e Barry exigia uma resposta! No segundo intervalo fui cumprimentar Mrs. Leadbury que me fazia sinais de seu camarote. Mas ali fiquei pouco tempo. A seguir fui fumar um cigarro no *foyer* e, repentinamente, sem saber como, estava num táxi.

Com gesto nervoso, procurou o isqueiro, para acender novo cigarro.

— Pretendia ficar um minuto apenas com Barry. Apenas o tempo de saber do seu estado e animá-lo um pouco. Recebeu-me com alegria. Fumei um cigarro e aceitei um licor...

— Que horas eram, então? — perguntou Rodney.

— Dez horas e dez. Eu acertara meu relógio pelo relógio de Endell Street.

— Depois?

— Como não pretendia demorar-me, levantei-me. Então Sholto começou a falar da nossa situação, do regresso de Sholto e, como eu teimasse em negar uma resposta imediata, êle tirou da gaveta da mesa uma pistola automática e, colocando-a sôbre a mesa, declarou: *"Ou você ou isto!"*

O gesto desagrada-me. Odeio o melodrama e, confesso, não esperava isso de Barry! Pedi-lhe que me poupasse gestos teatrais e êle compreendendo que seguira uma tática errada, desculpou-se, procurando desmanchar o mau efeito. Porém eu estava desapontada... irremediàvelmente desapontada, talvez! Desejei-lhe melhoras e, sem ouvir seus protestos, saí do seu apartamento.

Houve um instante de silêncio, o qual foi quebrado por Rodney, que perguntou, pela segunda vez:

— Que horas eram, então?

— Dez horas e vinte. Às dez horas e meia eu estava de volta ao Covent Garden.

— No instante da sua chegada à casa de Barry, Sholto devia estar por perto, à espreita. Você viu algum vulto?

— Nenhum!

— Mas, por que — continuou Rodney, exaltado — por que, demônios, não explicou isso mais cedo? Que quer, agora, que Manderton pense? Você terá que dizer tôda a verdade, no processo, pois do contrário será acusada de falso testemunho. Por que não se abriu com qualquer um de nós? Você, afinal, acabou ficando comprometida — e muito! Enfim, depois do que acabamos de ouvir, creio que tudo se arranjará...

Ela levantou a cabeça. Seu rosto manifestava uma alegria tímida.

— Então... Você acredita em mim?

Interrogava, com uma espécie de impaciência receiosa, o rosto de todos e especialmente o de Rodney.

Gerry se ergueu, caminhou para seu cunhado e, com ar temeroso, tomou-lhe a mão.

— Obrigada, Rod. Infelizmente, tenho ainda que por a sua confiança em jôgo...

Êle a fitou, empalidecendo, porém sem retirar a mão que ela segurava.

— Como, Gerry?

— Vou ter um filho, Rod...



— Não, não! Você está deixando o flanco esquerdo desguarnecido!

Êle tentou falar, porém ela não lhe deu tempo.

— Um filho de Sholto. Só vim a saber, há uns dez dias. E isso, com certeza, foi o que mais fortaleceu a minha resistência, aos desejos de Barry. Compreende, agora, porque menti a Manderton? Não era por mim que me preocupava. Era por Sholto. Se eu tivesse dito a verdade a Manderton e que o inquérito chegasse a revelar a minha visita à casa de Barry, que teria pensado Sholto, quando, ao regressar, soubesse a verdade, desde o princípio? Mas Sholto tem a pior opinião a meu respeito...

Teve um acesso de riso nervoso, antes de concluir:

— ... e essa pequenina complicação não o fará mudar de opinião. Oh, meu Deus!

Levou as duas mãos aos olhos, curvando a cabeça. Seguiu-se novo silêncio, que foi interrompido pela campainha do telefone. Enquanto sir Charles se apressava para atender, uma voz vibrante disse:

— Gerry!

Gerry se voltou e viu lady Júlia, os braços estendidos, fitando-a com infinita compaixão. Correu para a sua sogra e, caindo de joelhos, escondeu o rosto no regaço, que lhe oferecia um refúgio.

Entretanto, sir Charles, falava, ao telefone:

— "Obrigado, Lamb. Eu sabia que podia contar com você. Combinado! Encontro em Marlborough Street, dentro de dez minutos!"

Lady Júlia apertava Gerry contra o seu coração. Repentinamente, voltou-se para Aline:

— Minha querida — disse ela — Corra, por favor, à sala de jantar e apanhe um pouco de *brandy*. Creio que Gerry perdeu os sentidos!

Capítulo XXIX

O PASSAPORTE

Gerry havia perdido os sentidos; sofrera apenas ligeira vertigem, conseqüência do seu esgotamento nervoso. Ficou recostada, de pálpebras fechadas, contra o encôsto do sofá. Sir Charles, por sua vez, parecia mais firme e animado.

Lady Júlia — dizia êle, agora — levaria naquela mesma noite, Gerry para o campo. Gerry precisava de calma e repouso. Também lady Júlia precisava de outro ambiente, outra vida... Cox as conduziria, no automóvel, em menos de quarenta minutos. Quanto a Aline, os Chamberlain a aguardavam em Berkeley, na manhã seguinte.

Gerry protestou, afirmando que não precisava de ir para Broadlet, que preferia ficar ao lado de Sholto. Mas sir Charles foi inflexível. Evidentemente, queria que Sholto não se encontrasse com Gerry, por enquanto. Comoveu-se, no entanto, quando Cox, chamado por Rodney, ajudou Gerry a subir para o primeiro andar.

— Minha pobre Júlia! — disse êle, carinhosamente, à espôsa — Separar-me de você num momento como êste, é quase insuportável... Mas tudo correrá melhor. Os jornais da manhã vão aparecer com um noticiário escandaloso e quero que estejam à distância...

— Compreendo isso muito bem, meu amigo...

— Agora, vou encontrar-me com Lamb. Rod ficará aqui. No caso de Manderton telefonar, para reclamar Gerry, Rod lhe dirá que ela está doente e que teve que ser enviada para o campo. Se êle insistir, que vá a Broadlet, se quiser! Entendido, Rod?

— Sim, Chass.

— Você pretende avistar-se com Sholto, hoje ainda, Charles? — perguntou lady Júlia, com voz ligeiramente trêmula.

Um espasmo doloroso contraiu o rosto do velho barão.

— Não sei ainda. Lamb decidirá... Nem êle mesmo está seguro de que o deixarão falar com Sholto! Mas, agora, devem partir. Desejo-lhes uma boa noite. Já não estarão aqui, quando eu voltar. Vou no automóvel, mas Cox o trará logo de volta, para levá-las.

— Boa noite, Chass.

Ela envolvera os ombros do marido com os dois braços e com essa graça lenta, que presidia os seus menores gestos. Repentinamente, cedendo também à emoção, agarrou-se a êle, murmurando com voz soluçante:

— Meu querido Charles!

Êle a chamou para os seus braços e beijou-lhe os cabelos.

— Tão corajosa! Tenho orgulho de você, Júlia!

Ela chorava. Desviou a cabeça, tentando esconder as lágrimas. Porém êle a apertou mais ainda em seus braços:

— Não chore, Júlia. É preciso não chorar... querida! — murmurou com voz enrouquecida.

Depois, curvando-se, beijou-a nos lábios, passou num gesto rápido, as mãos pelas pálpebras úmidas e, afastando-se violentamente, saiu. Ela não fêz um movimento. Parecia de mármore. Com as costas voltadas para o fundo da sala, olhava pela janela, a praça iluminada pelos últimos raios do sol. Acalmando-se, pouco a pouco, secou os olhos com o lenço e, de cabeça baixa, retirou-se da sala.

Aline não se sentia à vontade, observando Rodney. Depois de ver lady Júlia em lágrimas, quando sempre acreditara que ela fôsse uma criatura inatingível pelas emoções humanas, sentia êsse malestar, como se tivesse cometido uma indelicadeza, sendo testemunha, embora involuntária, de um desgosto muito profundo e muito íntimo na residência de tão bons amigos. E porque lhe parecesse que devia dizer alguma coisa, falou. Mas só se lembrou de dizer:

— Ah! Como lamento tudo isso, Rod!

Sentado diante do *bureau* de seu pai, êle retomara o cachimbo e contemplava o vidro da mesa, com ar distraído.

— Sim... E' inacreditável...

— Rod! — disse ela com veemência — Êle será absolvido, sem sombra de dúvida! Um homem tem todo o direito de defender sua honra!

— Mas não tem o direito de matar! Sholto, além do mais, premeditou o crime, segundo reconheceu, ao declarar que viera até cá, a fim de apanhar o revólver com que matou Barry. Santo Deus! Pensar que êle próprio se esforçava para ser enforcado!

E, febrilmente, Rod rebuscou os bolsos, a fim de encontrar o fumo para o cachimbo.

— Como você imagina que êle conseguiu apanhar o revólver, Rod?

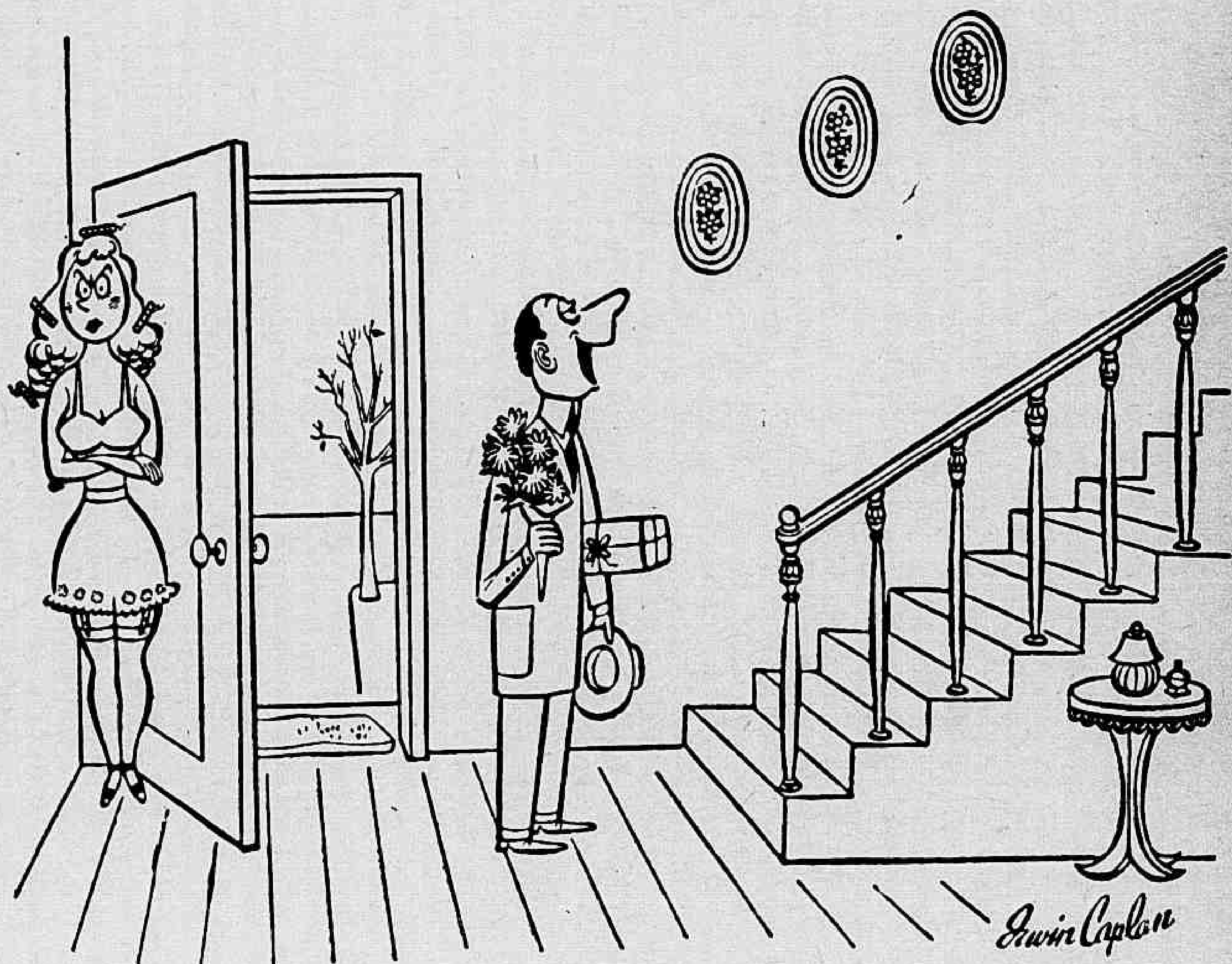
— Por intermédio de Larking, é claro! Larking deve ter sabido onde estava Sholto, desde a sua chegada. Foi ainda por Larking, evidentemente, que Sholto teve conhecimento das suspeitas de Manderton relativamente a Gerry. E foi isso o que o determinou...

Deteve-se. Havia tirado do bôlso uma espécie de caderno de poucas páginas, forrado de couro azul escuro. Abriu-o. Aline se aproximara, curiosa e pôde ver as marcas de carimbos de borracha.

— É o passaporte de Sholto? — perguntou — Eu devia dizer, antes, Rod... Ouvi, por acaso, quando Sholto falou, baixo, para você, rogando que fôsse apanhar êsse documento...

Rodney levantou vivamente a cabeça:

— Ah! Você ouviu?



— U — Uuuu, Dona Maricota... Cheguei um pouco mais cedo. U-uuu ...

— Sim... e creio que também lady Júlia ouviu. Estava junto de mim!

Mas Rodney já não a ouvia. Abrira o caderninho e olhava para as suas páginas, com ar curioso. Depois, bruscamente, levantou a cabeça e consultou o calendário, pousado sôbre a mesa, numa moldura. A seguir, voltou a examinar o passaporte.

— Aline! — exclamou repentinamente excitado. Passe-me, por favor, o indicador da estrada de ferro. Aí... à sua direita.

Ela fêz como era pedido. Rod, febril, quase o arrancou das mãos de Aline. Imediatamente, folheou várias páginas. Quando, enfim, surgiu a página que procurava, curvou-se mais para a frente. Seguiu-se prolongado silêncio. Para o perturbar, Aline foi sentar-se no sofá. Ali ficou observando Rodney, que, agora, envolto numa nuvem espessa de fumaça, parecia refletir. Em seu redor, a noite já quase completa, aumentava as sombras.

Um comutador estalou e a sala foi vivamente iluminada. Lady Júlia ali estava, já de costume de viagem, com um chapéu pequeno e uma *écharpe*. Atrás dela, pálido e parecendo acabrunhado, Mr. Murch. Lady Júlia havia recuperado tôda a sua calma dominadora.

— Vamos partir, minha querida — disse ela, voltando-se para Aline — Receio que lhe esteja dizendo adeus.

— Por que, lady Júlia? Havemos de nos ver novamente...

Lady Júlia sorriu com o mesmo riso, encantador e enigmático.

— Depois do que aconteceu — respondeu ela com um ligeiro tremor na voz — presumo que seu pai a vai chamar de volta a Nova York.

Enlaçou sua jovem amiga, antes de acrescentar:

— Procure não mudar, minha boa Aline. É deliciosa, assim como está. Se eu tivesse uma filha, pediria a Deus que fôsse como você. E lembre-se de que, aconteça o que acontecer, sempre pedirei a Deus por sua felicidade.

Qualquer coisa de pesado subira à garganta de Aline e a estrangulou. Oh! Lady Júlia podia aparentar serenidade orgulhosa... Sua voz a traía. Uma voz trágica, como se todo o ser estivesse saturado de aflição.

— Não... Nada disso, minha querida... — disse ela em tom carinhoso, notando que os olhos de Aline se afogavam em lágrimas.

Beijou-a a seguir, e o contacto de seus lábios era frio, quase gelado.

— Gerry a espera, no *hall*. Deseja despedir-se.

A saída de Aline foi como um sinal para reinar um grande silêncio. Nem Rodney nem sua mãe pareciam dispostos a falar. Êle havia pousado o cachimbo, levantando-se do *bureau*. O passaporte ficou, aberto, sôbre a mesa. Lady Júlia se aproximou e já ia apanhar o documento, quando Rodney a impediu.

— É o passaporte de Sholto? — perguntou ela.

Êle se inclinou, em silêncio. Depois, interrogou, por sua vez:

— A senhora ouviu... o que êle pediu?

— Sim — disse ela, respirando profundamente — Entregue-me êsse passaporte, Rod.

— Sholto pediu que me desfizesse dêle.

— Entregue-me êsse documento, Rod — insistiu lady Júlia.

— Não.

Ela, porém, não o ouviu. Apanhara o passaporte e, abrindo-o, levou-o entre as mãos, para a luz do *abat-jour* da mesa, para iluminá-lo melhor. Rodney a viu decifrar atentamente as inscrições e os carimbos, depois guardar o documento na própria bôlsa. Perturbado, perguntou:

— Que vai fazer?

— Deixe-o comigo, Rod. Mas que isto fique entre nós! Prometa-me, Rod... Entendeu? Nem uma palavra a seu pai!

— Então... — disse êle, hesitante — A senhora sabe?

— Por favor, Rod... Fiquemos nisto, apenas, meu querido.

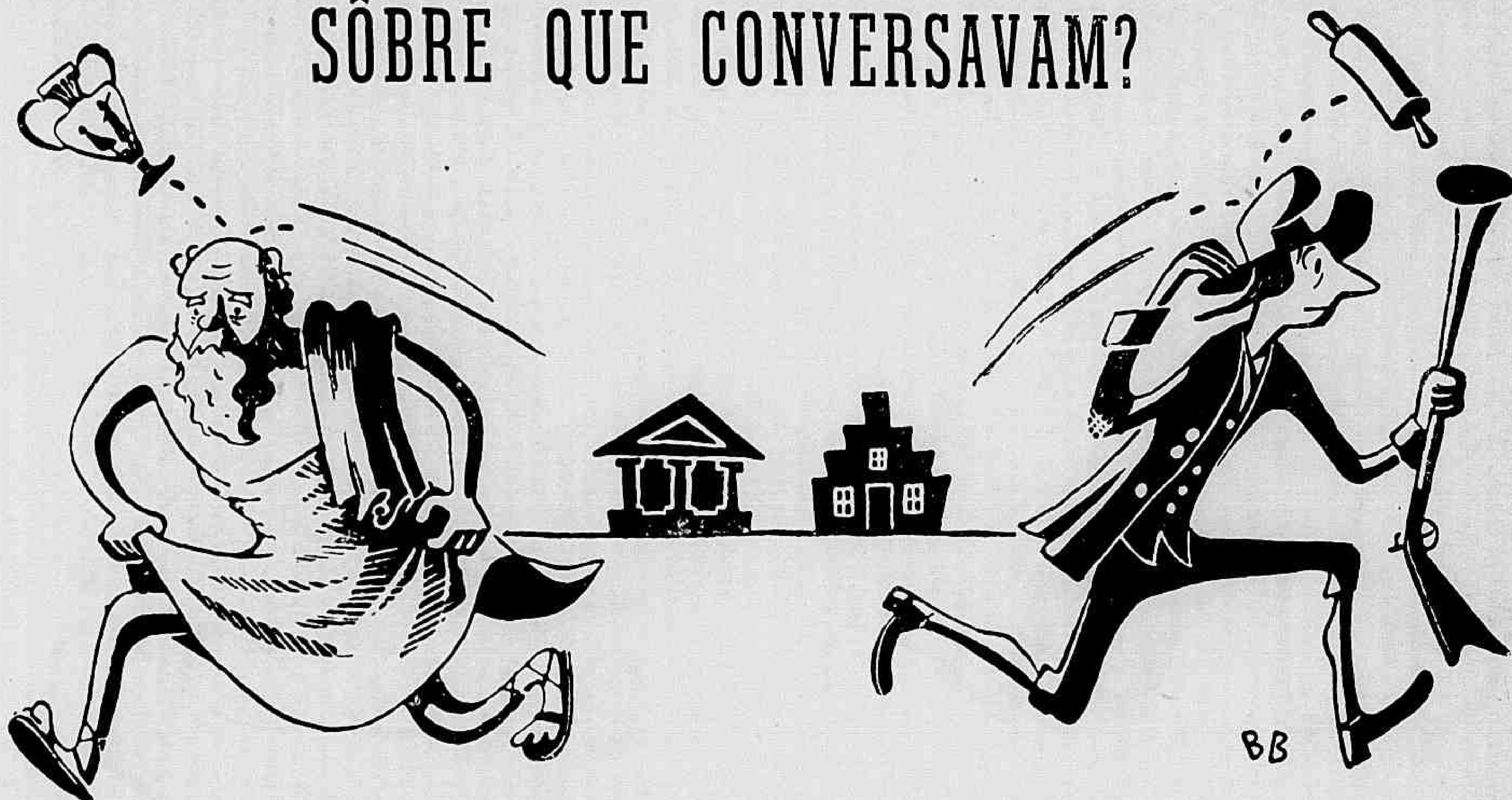
Tornou a fechar a bôlsa, apanhou as luvas e acrescentou:

— Gerry me espera. Tenho que ir. Até a vista, Rod.

Êle a reteve por um braço. Um pouco a contragosto, mas depois com repentina docilidade, ela permitiu que êle a abraçasse. Um ligeiro colorido reanimou a face que lhe oferecia.

(Cont. no próximo número)

SÔBRE QUE CONVERSAVAM?



IMAGINE o leitor — se puder — uma reunião de amigos em que dois cavalheiros, recém-apresentados um ao outro, ficassem isolados num cantinho do salão. Naturalmente não tardariam a conversar sôbre os assuntos do seu maior interêsse.

É claro que, se fôssem, por exemplo, Robin Hood e Cupido, logo entrariam a conversar sôbre arco e flecha. Agora prossigam e descubram sôbre que palestrariam os seguintes personagens, nas mesmas circunstâncias.

1 — S. Patrício e Cleopatra.
2 — Ben-Hur e Luís Rigoni.
3 — Pégaso e Santos Dumont.
4 — Lady Godiva e Absalão.
5 — Leandro e Piedade Coutinho.
6 — Guilherme Tell e Sir Isaac Newton.
7 — Peter Pan e Ponce de Leon.
8 — Hitler e Napoleão.
9 — Ulisses e Hércules.
10 — Sócrates e Rip Van Winkle.
11 — Arquimedes e Vênus.
12 — Nero e Paganini.
13 — Cheops e Oscar Niemeyer.
14 — Colbert e o sr. Oswaldo Aranha.
15 — Cinderela e a duquesa de Windsor.

(Respostas à página)

EM BUDAPEST

UMA mulher do povo foi comprar açúcar num dos armazéns nacionalizados. O empregado informou:

— Sinto muito. Não temos neste momento, mas esperamos ter brevemente.

A mulher pediu então farinha e recebeu a mesma resposta. O mesmo aconteceu quando pretendeu comprar sabão e sal. Desanimada, encaminhou-se para a porta, murmurando, mecânicamente, **Szabadsag**, a obrigatória saudação húngara, que significa **Liberdade.**

— Não temos neste momento, mas esperamos consegui-la brevemente.



Um obstáculo é algo que se vê, quando se afasta a vista da meta.

ALERGIA

ETIMOLÒGICAMENTE, a palavra alergia procede do grego: **allos**, outros, e **ergon**, ação, efeito, e refere-se à diferente (outra) reação que demonstram certas pessoas ante substâncias que não afetam a maior parte das pessoas.

O médico alemão, Clemens von Pirquet introduziu o têrmo na medicina, em 1906, para descrever a hipersensibilidade de alguns pacientes à tuberculina. Posteriormente, foi dado ao têrmo significação mais ampla, sendo aplicado aos fenômenos observados anteriormente pelo professor francês, Robert Richet, e que o mesmo denominara de **anafilaxis**.

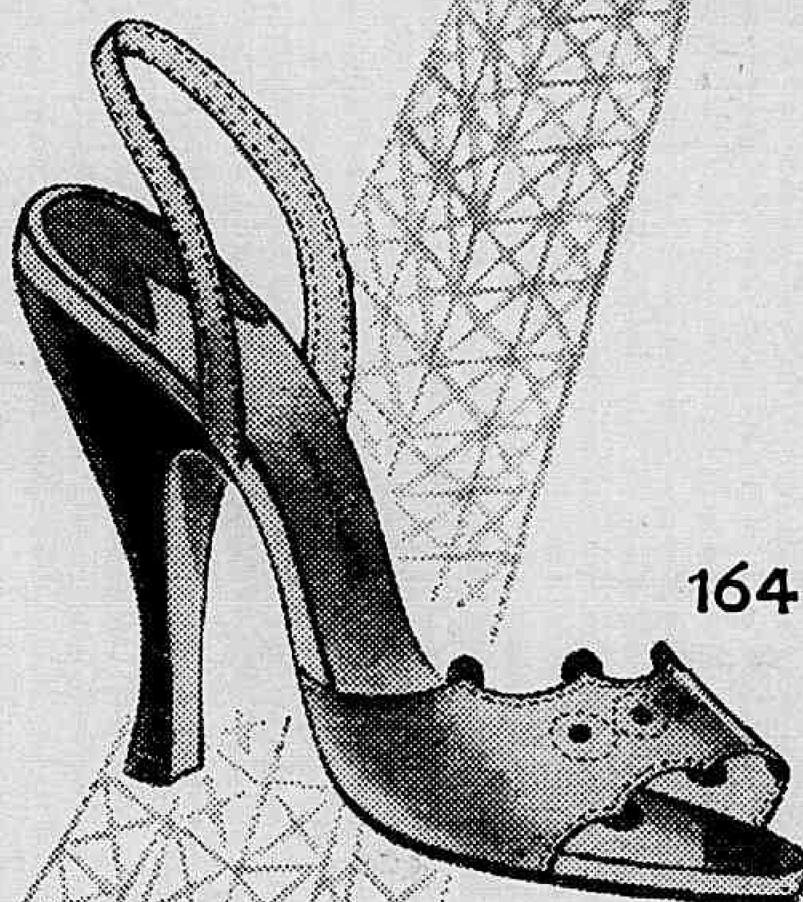
Precursora dos tratamentos para prevenir as alergias foi a vacina antivariólica de Edward Jenner, praticada há já um século e meio.

Torre Eiffel

o salto
SENSACIONAL!

- Finissimo (TIPO AGULHA)
- Inquebravel
- 8 centimetros de altura
- Uma maravilha

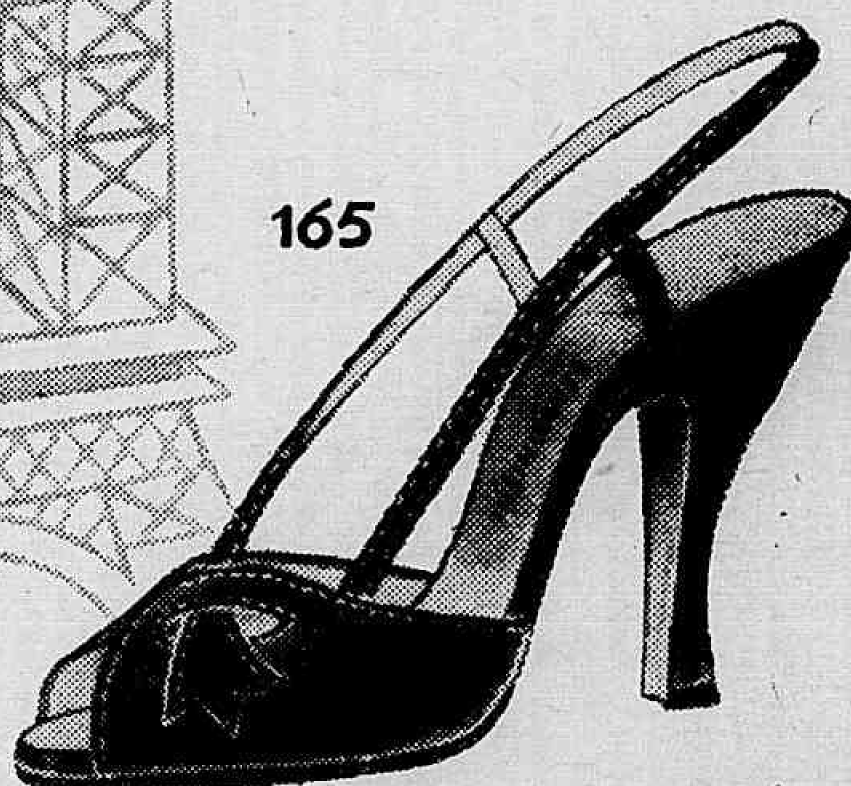

163


164

163 Cr$ 399,00. Um sapato de muita classe! Pelica envernizada de primeiríssima.

164 Cr$ 300,00. Maravilhoso! Muito lindo! Diversas côres e combinações.

165 Cr$ 300,00. Um verdadeiro espetáculo! Tôdas as côres.


165

AT. SZMOO/.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46·48
SETE SETEMBRO, 199·201

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos Reembolso Postal.

CIBERNÉTICA

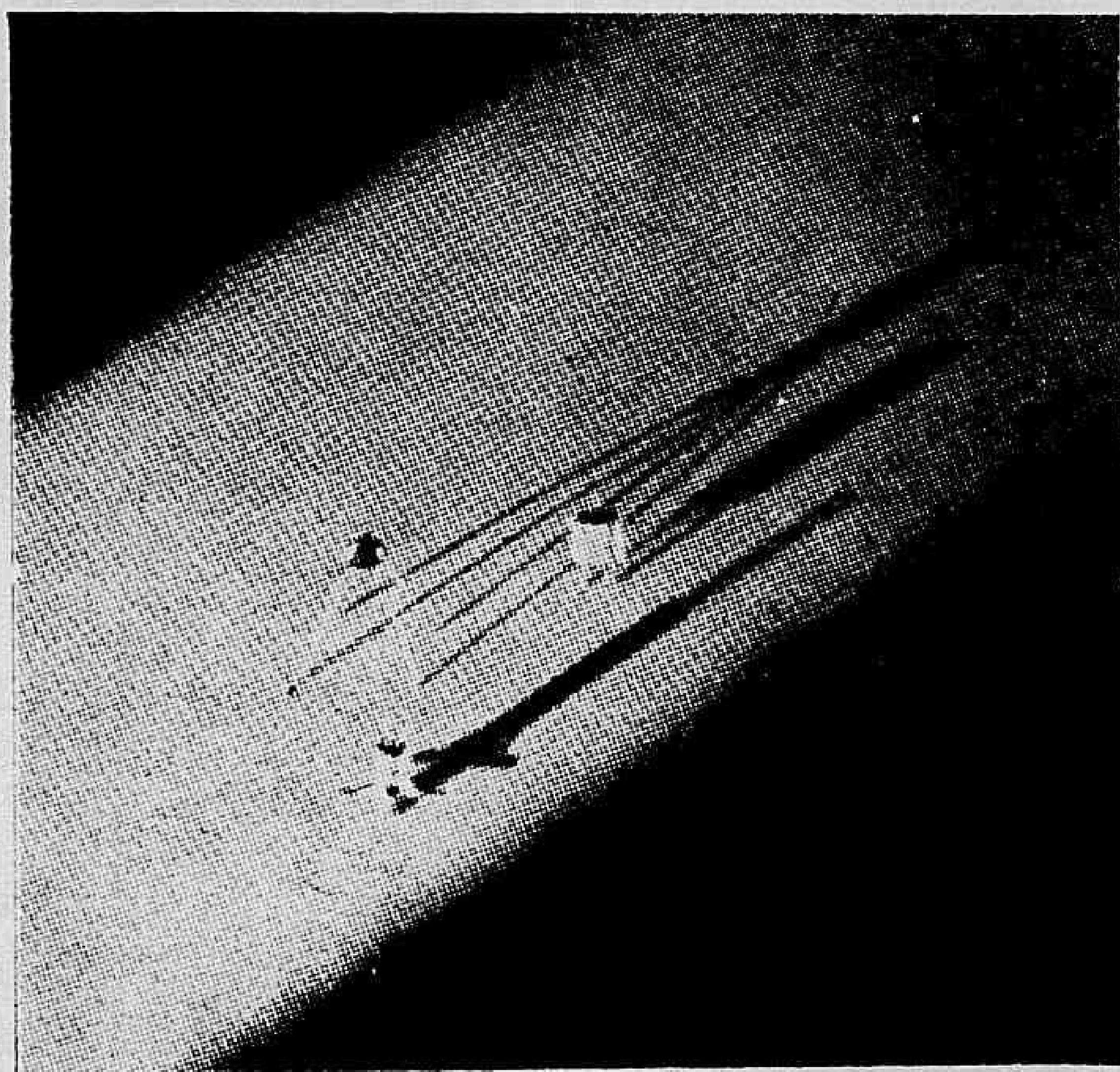
UMA REVOLUÇÃO NO CAMPO DO TRABALHO, JUNTO DA QUAL SERÁ UM BRINQUEDO INFANTIL A PASSADA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.

UM novo e prodigioso sistema para auxiliar a execução das tarefas rotineiras no campo do comércio, da indústria e do govêrno vem transformando ràpidamente nossas vidas. Deu-se o nome de "cibernética" a êsse sistema, que poderá exercer efeitos mais profundos sôbre o gênero humano que a própria bomba atômica. A aludida designação provém da palavra grega Kybernetiké, que, por sua vez, deriva de Kybernan, governar. Segundo a Enciclopédia, é "a parte da política pròpriamente dita, que trata dos meios de governar".

Por isso, sem dúvida, o dr. Nobert Wierner, professor de matemáticas do Instituto de Tecnologia de Massachussetts, a escolheu para o novo "cérebro eletrônico", que permite fazer funcionar uma refinaria de petróleo, uma fábrica de papelão, uma incubadora ou o fichário de um arquivo e mantê-los funcionando indefinidamente sem necessidade da intervenção humana, qual seja a de algum solitário inspetor.

Há muitos meses já o mundo vem tomando conhecimento dêsses novos e surpreendentes aparelhos, dotados de pasmosa facilidade para resolver problemas matemáticos e de infalíveis faculdades para governar certas funções. Eis porque era do maior interêsse do jornalista conhecer êsses aparelhos e verificar até que ponto pode influir sôbre a vida humana, a nossa saúde e o nosso destino.

Após vários meses de visita a uma longa série de laboratórios de investigação eletrônicas, fábricas, instalações industriais, além de algumas refinarias de petróleo, chegou à conclusão de que estamos vivendo um dos grandes instantes da história da Humanidade, estando prestes a desaparecer da vida de trabalho as atividades rotinárias, essas penosas tarefas que devemos repetir a vida inteira, até ao martírio. A máquina se encarregará das mesmas.



Os diminutos «transitores» de que trata êste artigo.

Um dos lugares visitados apresentava uma canalização com cêrca de 1 600 quilômetros de extensão, que cruzava terras lavradas, bosques e rios, para transportar 26 produtos diferentes e procedentes de distintos depósitos, situados ao longo do extenso tubo. Para selecionar o que deverá ser conduzido em determinado momento, é necessário um complicado sistema de válvulas. Porém o espantoso, no caso, é que êsse sistema, por inteiro, é governado de um edifício, na cidade de New York, situado a 1 500 quilômetros do ponto mais próximo da canalização. É a cibernética que governa!

Em 1938 eram contadas nos Estados Unidos apenas 68 fábricas de artigos eletrônicos. Tôdas modestas. Hoje passam de 500 e algumas são verdadeiras cidades. Cada uma dessas grandes instalações industriais tem à sua disposição maior quantidade de energia e de poder produtivo que o alcançado algum dia por todo o Império Romano.

Algumas fabricam desde ferramentas de bôlso até enormes calculadoras de maior tamanho que um vagão de estrada de

ferro. Duas salas completas estão dedicadas a experimentar como funcionam aparelhos e conexões, antes de ser iniciada sua produção industrial.

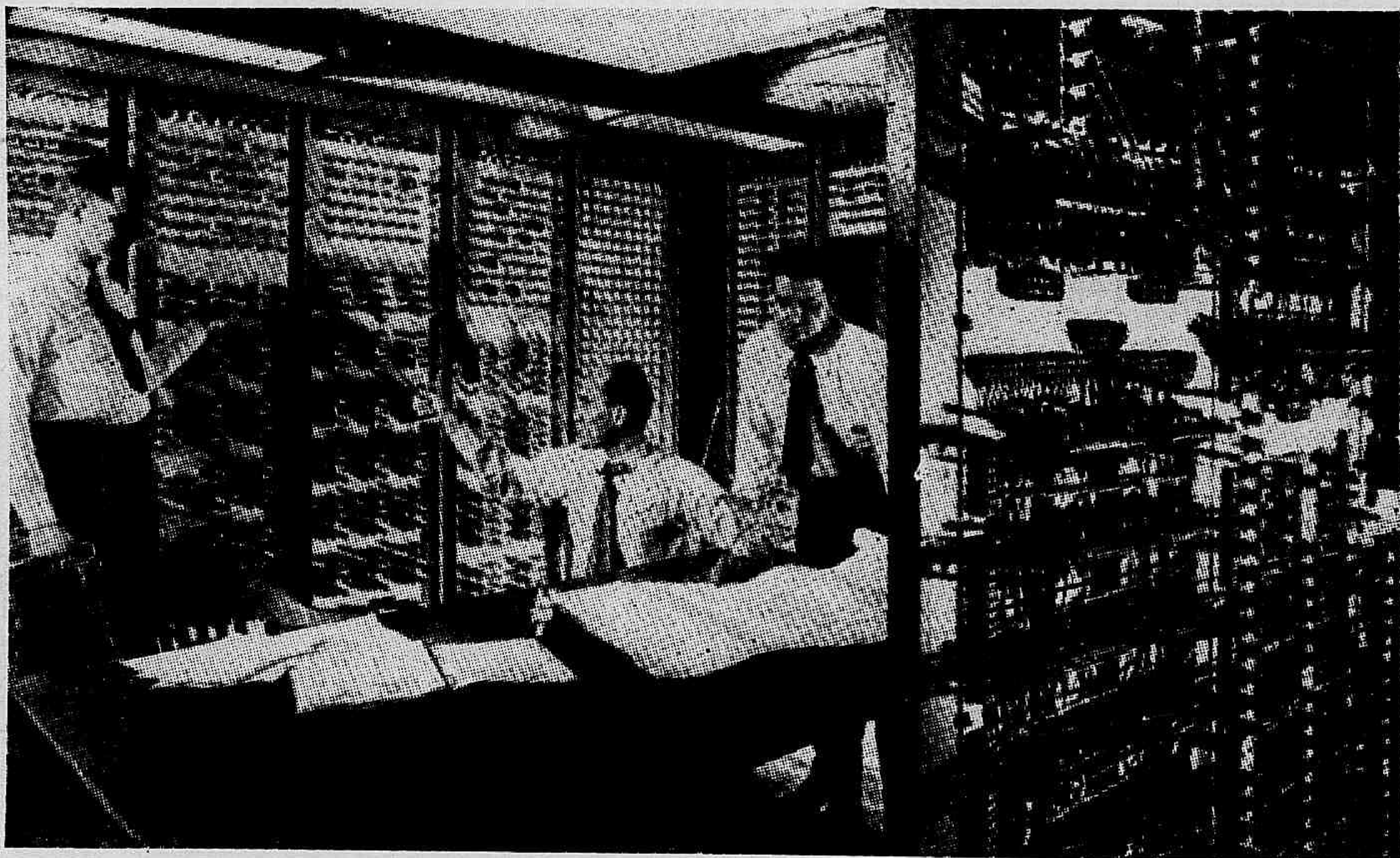
Na assobrosa indústria que se criou em tôrno da eletrônica — indústria que há vinte anos apenas nascia — estão hoje invertidos vários milhares de milhões de dólares. E, contudo, está ainda no início e o campo que oferece aos estudiosos, inventores, invensionistae e industriais é muito amplo. Porém já se conta com produção em grande escala de "cérebros eletrônicos"; seu custo não é muito superior ao de um automóvel de luxo e, no entanto, podem governar, automàticamente, o funcionamento de complicadas instalações industriais ou tomar a seu cargo tarefas de oficina, cuja atenção exigiria numeroso pessoal.

Como pode ser definida a cibernética em linguagem comum e corrente?

Como um contrôle mediante mensagens invisíveis: mensagens contidas em corte e perfurações de cartões, pontos de diversas côres, tiras imantadas, fotografias, etc., que guiam o funcionamento de conjuntos eletrônicos, calculadores e máquinas. Pràticamente, servem para tudo quanto se lhes encomende. São o escravo ideal. Quando incorrem em êrro, dão imediato aviso do mesmo. Asseguram o funcionamento perfeito das mais complicadas máquinas e, para maior entendimento do leitor, daremos um exemplo:

Um canhão automático entra em ação nos gelados campos da Coréia. A graxa lubrificante não permite que o mecanismo do canhão funcione com a rapidez normal. O "cérebro eletrônico" adverte ao citado mecanismo que a pontaria não é corrente. O êrro começa então a ser corrigido automàticamente, até que o "cérebro" informa que tudo está certo.

O cérebro também determina, com absoluta exatidão, o tipo de avião que o comando trata de atacar — coisa que o ôlho humano nem sempre pode fazer — e dá instantâneamente a necessária informação sôbre as características de vôo do aludido avião. Assim o canhão é apontado, sabendo-se, de antemão, o provável comportamento do avião, dadas sua velocidade, altura em que voa, velocidade do vento, etc., com o que ficam reduzidas consideràvelmente as probabilidades de



A êsse emaranhado de tubos, de circuitos elétricos e de comutadores de corrente foi dado o nome de OMIBAC. Trata-se de formidável usina calculadora, capaz de resolver problemas de matemática cinco mil vêzes mais depressa do que uma equipe composta de um grande número de peritos contadores.

errar o tiro. O cérebro eletrônico também está dotado de memória muito superior ao do cérebro humano. Pode acumular experiência para servir-se dela em um momento dado. Também pode guardar informação que se deseje que recorde para ser utilizada quando necessário fôr. De tôda essa experiência e de tôda essa informação se utiliza para executar o trabalho que lhe foi designado.

Eis, agora, como podem ter aplicação prática tôdas essas vantagens em certos trabalhos industriais. Um aparelho eletrônico, ligado a uma enorme máquina, governava o seu funcionamento para cortar certas envolturas de papel impresso. Tudo corria com velocidade superior à que é dado perceber o ôlho humano. Um "ôlho elétrico", cujo funcionamento era determinado por certos diminutos pontos impressos no papel, acionava o cortador no momento justo, de forma tal que todos os cortes eram perfeitos.



A calculadora que se vê ao fundo gastou apenas quatro milionésimos de segundo para realizar uma multiplicação que a jovem do clichê realizou em oito minutos (e o seu resultado foi errôneo). Tratava-se de multiplicar 8 645 392 175 por 8 645 392 175. O resultado correto é... 74 742 805 859 551 230 525. O êrro da moça foi «só» de um bilhão.

Antes, quando a máquina sofria uma panne, o operário tinha que deixar passar pelo menos 500 unidades antes de conseguir detê-la. E podia acontecer que os desperdícios resultantes fôssem consideráveis, além de muito cara e demorada a reparação respectiva. Hoje o aditamento eletrônico se encarrega de manter, automàticamente, um ajuste perfeito e constante da máquina, detendo ainda o funcionamento da mesma em qualquer instante em que isso seja necessário. O ponto do desarranjo pode ser encontrado em poucos minutos, sem graves prejuízos.

A êsses cérebros recorrem hoje os médicos para realizar análises livres de erros, tanto do sangue quanto de substâncias químicas. Com êles são registradas as ondas cerebrais em tecidos enfermos, podem ser diagnosticadas diabetes, tumores incipientes e são analisadas as palpitações do coração. Com o contador Geiser é descoberta a existência de cálculos biliares em intervenções cirúrgicas.

De fato, a eletrônica vem revolucionando a arte de curar desde seus próprios alicerces. Dá novas informações sôbre a estrutura celular, das atividades glandulares, do sistema nervoso e do cérebro. Está em vésperas de converter o diagnóstico em algo quase automático e seguro e de poder determinar com exatidão a origem do mal.

A portentosa nova que ora nos chega significa um mundo com maiores possibilidades. A Inglaterra afiançou seu poderio porque foi a primeira a introduzir a maquinaria movida por fôrça motriz durante a revolução industrial, logrando manter-se depois em lugar de vanguarda no progresso tecnológico. Os Estados

Unidos, por sua vez, têm hoje à sua disposição, só em energia elétrica, uma fôrça equivalente à de 165 mil homens. Tudo isso, porém, comparado com o que pode realizar a cibernética, é brinquedo infantil. Graças a ela cada operário será um general de numerosíssimas hostes no campo da indústria, tendo sob seu comando fôrças superiores às que obedeciam a Gengis Khan ou a Napoleão. Na nova era eletrônica, a máquina não apenas substituirá o músculo humano, como alguns dos sentidos do homem, o seu sistema nervoso e, em muitos casos, o seu cérebro. Tôda a sua tarefa rotinária será realizada com exatidão absoluta, em ritmo perfeito e com "corrente" contínua. O adjetivo "corrente" é de importância, porque o trabalho, mesmo enocmendado à mão mais perfeita ou à mais fina das máquinas, é executado a "sacudidelas", enquanto que com o electron "flui", "corre".

As calculadoras poder resolver em minutos apenas os problemas que a um matemático tomaria dezenas de séculos. Assim é o astrônomo, por exemplo, que em vez de empregar seu tempo resolvendo fórmulas, pode destiná-lo ao estudo das leis cósmicas.

Ante tantas maravilhas ficamos profundamente convencidos de que o homem vive hoje um dos maiores momentos de sua história, para construir ou para derrubar.



A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



IRRITADO por que um dos seus redatores mais capazes tinha sido requisitado pela administração do jornal uma segunda vez na mesma semana, Tom Manners, o secretário da redação, foi ao gabinete do gerente do jornal, a fim de protestar:

— Que idéia foi essa de tirar um dos meus homens, quando mais necessito de ajudantes? — perguntou.

E acrescentou:

— Não aprovo isso, principalmente, porque você sempre requisita o meu melhor redator.

O gerente, que estava sempre pronto a irritar qualquer colega, sorriu, encantado:

— Não me agrada requisitar o seu melhor auxiliar, Tom; mas a verdade é que isto aqui é mais importante que a sua redação.

O secretário do jornal ficou rubro de cólera e balbuciou:

— Bem... Isto é uma questão de opinião...

Encorajado por essa reação, o gerente prosseguiu:

— O que sei é que — disse êle, elevando a voz para ser ouvido por tôda a sala — *aqui*, na administração, precisamos de cérebro!

Ouvindo-o, Tom sorriu triunfante e declarou:

—Sim... Tem razão... Você *realmente* precisa!

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM FEVEREIRO DE 1954

1 — SEGUNDA-FEIRA — Um projeto de "Paz com a Alemanha" é apresentado pela Rússia aos aliados ocidentais. — Reiniciadas em Londres as conversações para resolver o caso do petróleo iraniano. — O Presidente da República pronuncia pela rádio, discurso sôbre o 3º aniversário do seu govêrno. — Aterrisam no Galeão vinte aviões a jacto da Fôrça Aérea norte-americana. Entre os pilotos está o homem mais veloz do mundo, vencedor da barreira do som.

2 — TÊRÇA-FEIRA — Repelido pelos Ocidentais o "plano" da Rússia para a Alemanha. — Reafirma-se nos Estados Unidos que o Brasil não provocou nenhuma alta do café. — No Cairo, reacende-se a questão do Suez, sendo atacada a Inglaterra, embora Churchill se manifeste otimista, enquanto que a República Dominicana alerta tôdas as três Américas contra o perigo da infiltração comunista no México e na Guatemala. — Decreto criando consulado brasileiro de carreira, na zona oriental de Berlim.

3 — QUARTA-FEIRA — Prossegue falsa e sem objetivo a conferência de Berlim, enquanto os Estados Unidos decidem estabelecer uma cadeia mundial de bases de armamentos atômicos, havendo para isso um crédito de mais de 22 milhões de dólares. — Continua o boicote do café brasileiro nos Estados Unidos. Revela o Gal. Mc Clark e que os norte-coreanos planejaram assassinar o presidente Eisenhower, quando, já eleito e empossado, visitou a conflagrada península. — Falece nesta capital o desembargador Manoel Santos Neves. — Designado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil no Afganistão, o diplomata Ildefonso Falcão.

4 — QUINTA-FEIRA — Brasil, Colômbia, México e El Salvador protestam contra a campanha contra os preços do café, nos Estados Unidos. — Prossegue a crise política italiana, pretendendo o presidente Enaudi entregar ao sr. De Gasperi a missão de formar o novo govêrno. — Entre manifestações de simpatia, a rainha Elizabeth II, na Austrália, recebe misteriosa carta de ameaça contra sua vida. — Falece nesta Capital Dom Rosalvo Costa Rêgo, arcebispo do Rio de Janeiro. — Assinado acôrdo básico para assistência

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Laboratórios BINDOBONA

n. 104 - 5.º - Rio
Rua Uruguaiana

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

ALM — 54

"Seleções do Reader's Digest" em português: números avulsos, perfeitos, desde 1942, vendo a colecionadores, a Cr$ 50,00 o exemplar. Escrever para sra. A. G. Pereira, Avenida Anita Garibaldi, 2417 — Curitiba, Paraná.

técnica entre o Brasil e a Organização Mundial de Saúde.

5 — SEXTA-FEIRA — Pràticamente paralisada a conferência de Berlim. — O médico assistente do Papa Pio XII revela que o estado de saúde do Sumo Pontífice foi agravado em consequência de uma gastrite. — Israel pede ao Conselho de Segurança a aplicação de sanções contra o Egito que embaraça a navegação daquele país no Canal de Suez. — 18 pessoas prêsas na Espanha, sob acusação de tramar contra o regime franquista. — Ruidosas manifestações no parlamento italiano, contra a possível volta de De Gasperi.

6 — SÁBADO — Discussões estéreis, propostas inaceitáveis e discursos sem qualquer resultado prático, marcam as sessões da Conferência de Berlim, enquanto a Alemanha espera, como também espera a desolada Áustria. — Na Zona oriental de Berlim são efetuadas mais de mil prisões diárias. — Enquanto isso, os Estados Unidos decidem enviar 200 técnicos para auxiliar as fôrças francesas na Indochina. — O Brasil paga 13 milhões de libras à Inglaterra, amortizando sua dívida. — Melhora o estado de saúde do Papa Pio XII.

7 — DOMINGO — Na Noruega as autoridades descobrem rêde de espionagem em favor da Rússia, sendo presos numerosos líderes comunistas. — Em discurso pelo rádio, o ex-premier francês, René Mayer encarece a necessidade de uma imediata ratificação do Tratado da Comunidade Européia, enquanto na zona que divide Berlim, os Russos aumentam o cordão de isolamento, prevendo fuga em massa para a zona ocidental.

8 — SEGUNDA-FEIRA — Desistindo, parece, de encontrar solução para o caso alemão, os representantes das 4 grandes potências, reunidos em Berlim, decidem passar à discussão do caso austríaco. — O Café continua preocupando os congressistas norte-americanos. — Incumbido o sr. Mário Scelba, antigo ministro do Interior do govêrno De Gasperi, de organizar o novo gabinete italiano.

9 — TÊRÇA-FEIRA — Sem nenhum progresso a conferência de Berlim. — Inaugurada na capital chilena a reunião do Comité Plenário da CEPAL. — Os comunistas do Viet-Minh voltam a ameaçar a capital de Laos, onde os franceses estão em difícil situação. — Entregam credenciais os novos embaixador da França e ministro do El Salvador.

10 — QUARTA-FEIRA — A Rússia propõe uma aliança européia de 50 anos, o que é recusado pelos Ocidentais. — Pio-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



rando a situação na Indo-China, os ocidentais tentam obter a interferência da Rússia, junto à China Comunista, para que cesse o envio de armas aos rebeldes da Indo-China. — O premier designado, Mário Scelba, forma gabinete de coligação, incluindo cristãos democratas, sociais democratas e liberais. — Prossegue a melhoria do estado de saúde do Papa Pio XII. — Aprovado projeto de lei do senador Gillette, que submete as transações do café ao contrôle do govêrno norte-americano. — Falece, nesta capital, o senador Fernando de Melo Viana, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado e ex-vice-presidente da República, no govêrno Washington Luís.






11 — QUINTA-FEIRA — Os países produtores de café ameaçam tomar represálias caso persistam as medidas contrárias à importação daquele produto, nos Estados Unidos. — Muito sérias as desinteligências franco-espanholas relativamente ao norte da África. — Por sua vez o premier indiano, Nehru "está considerando sèriamente a possibilidade de aquisição das possesões portuguêsas na Índia por motivos econômicos e políticos". — Falece, nesta capital o deputado Godofredo Menezes. — Decreto designando a delegação brasileira à Conferência Inter-Americana de Caracas.

12 — SEXTA-FEIRA — Peru e Colômbia, sob os auspícios da Comissão de Paz Inter-Americana, procuram solução para o caso Haya de La Torre. — A Espanha, desprezando o protesto francês, confirma a soberania do Califa do Marrocos espanhol. — A Venezuela protesta enèrgicamente contra o projeto Gillette relativamente ao café.

13 — SÁBADO — Os Ocidentais após comunicado declarando inaceitável a proposta russa, com relação à paz com a Áustria, voltam atrás, decidindo estudar a mesma proposta. — A Áustria, porém, declara desde já que não aceitará tal proposta. — Tôda a imprensa norte-americana contra o projeto Gillette de contrôle

governamental sôbre as importações do café. Iniciado grande "expurgo" na república soviética do Kazakhstan. — O govêrno português acusa a Índia de guerra fria contra suas colônias na Índia. — Falece nesta capital, o advogado Ubaldino do Amaral Filho.

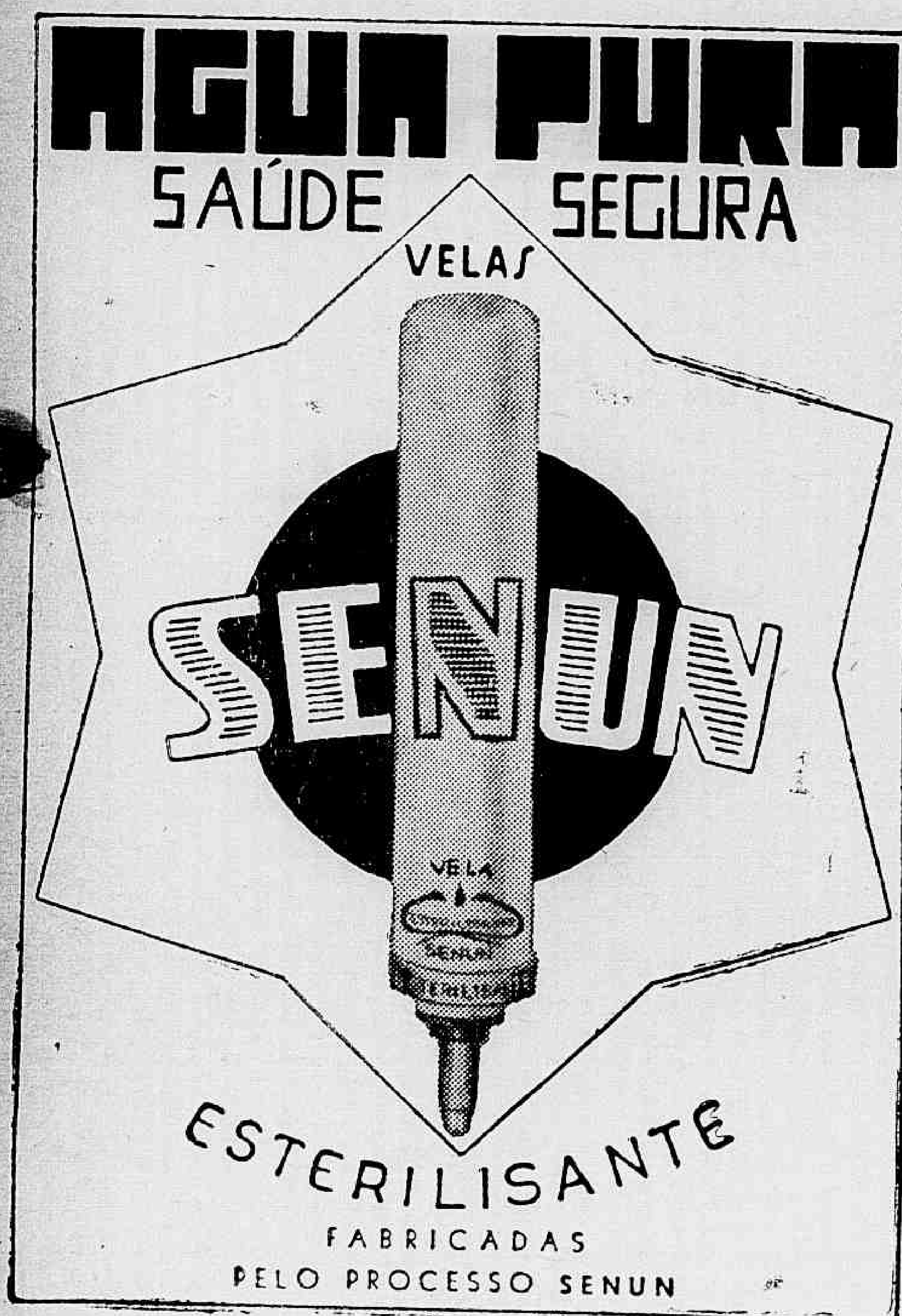
14 — DOMINGO — O embaixador do Brasil, em entrevista à imprensa de Nova York, afirma que o boicote contra o uso do café constitui um desvirtuamento da política de boa vizinhança. — O New York Times, aludindo às alterações no Departamento de Estado, no departamento encarregado da América do Sul, diz que "nem tudo anda bem".

15 — SEGUNDA-FEIRA — O Chanceler francês apresenta plano tendente a solucionar o problema da segurança européia. — O govêrno inglês, porém, é contra a neutralização da Alemanha, "o que criaria no centro da Europa um vácuo político dos mais perigosos". — Desce a mais de mil metros de profundidade, um batiscapo francês. — S. Marino exige da Inglaterra 750.000 libras de indenizações, pela morte de muitos de seus cidadãos e destruição de edifícios, pelos aviões da RAF, durante a última guerra.

16 — TERÇA-FEIRA — Parece frustrado em definitivo, o desejo dos aliados ocidentais de oferecimento de uma paz generosa à Áustria, devido à recusa teimosa da Rússia. — Convidado o ministro francês da Defesa, sr. René Plevin, a ir a Washington, estudar uma proposta de ajuda mais eficaz dos Estados Unidos, no conflito com o Viet-Minh. — Pretendem os Estados Unidos empregar 136 milhões de dólares na instalação de bases aéreas na Espanha. — Nova onda de greves e violências provocadas pelos comunistas na Itália. — Repele o govêrno da Guatemala acusação de receber instruções de Moscou.

17 — QUARTA-FEIRA — Com sessões vazias e mútuas acusações vai chegando ao fim a Conferência de Berlim. — Entretanto a Rússia e as potências ocidentais estão em vias de um acôrdo para celebrar uma Conferência de Paz para o Extremo Oriente, da qual participaria a China Comunista. — Disposto o govêrno italiano a agir com a máxima energia, para pôr fim às greves no país. — A Índia envia tropas para a fronteira com o Paquistão, agravando a situação entre os dois países. — Nomeado interinamente ministro das Relações Exteriores, o sr. Vasco Tristão Leitão da Cunha, para substituir o sr. Vicente Rao, que seguiu para Caracas chefiando a delegação brasileira à Conferência Inter-Americana.

18 — QUINTA-FEIRA — Confirma-se que será realizada em 26 de abril uma conferência sôbre a Coréia e a Indo-China com a participação dos 4 grandes, além da China Comunista e demais países interessados. — Confirma-se igualmente que os Estados Unidos enviarão para a Indo-China uma missão militar em ajuda aos Franceses. — Tumultos inenarráveis na Câmara dos Deputados italiana, como protesto contra o premier Scelba. — O novo secretário de Estado para os negócios com a América Latina diz que a melhor maneira de destruir a democracia na América Latina consiste em penetrar os assuntos internos dessas repú-



blicas irmãs. — Chega a esta capital o Sr. Ministro da Marinha do Paraguai. — Instalada a I Convenção Nacional dos Produtores de Açúcar.

19 — SEXTA-FEIRA — O govêrno suíço decide permitir a realização da Conferência em Genebra a 16 de abril próximo, para tratar da paz no Extremo Oriente. Pelo menos não faltará local... — Os 3 grandes ocidentais declaram que continuarão seus esforços no sentido de encontrar a solução do caso austríaco, apesar da má vontade da Rússia. — Porém o Sr. Anthony Eden regressa "desapontado" a Londres. — E a Chang Kai Shek declara, desde já, que não aceitará qualquer resolução dessa conferência, que seja contrária aos interêsses da China Nacionalista... Por sua vez, quebrando a unidade das Américas, o govêrno de Costa Rica anuncia que não participará da X Conferência Inter-Americana de Caracas. — Solicitam exoneração dos cargos que ocupavam, o Sr. General Ciro do Espírito Santo Cardoso, Ministro da Guerra e o Sr. João Goulart, Ministro do Trabalho. — Nomeados pelo Sr. Prefeito do D. Federal, os Srs. Mário Cabral, Ivan do E. Santo Cardoso, Roberto Bandeira Acióli, Alberto Borgeth e Murilo Lavrador, para os cargos de Secretários Gerais de Viação e Obras, Interior e Segurança, Educação e Cultura, Saúde e Assistência e Agricultura, respectivamente.

20 — SÁBADO — A Coréia do Sul anuncia que não comparecerá à Conferência de Genebra e que repelirá qualquer decisão que não tenha o seu referendum.

—Ao mesmo tempo a Coréia do Sul envia emissários aos franceses da Indo-China para que aceitem ajuda de suas tropas na guerra contra os comunistas. — O decano dos políticos católicos italianos, padre Luigi Sturzo, adverte o premier Mário Scelba de que não feche a porta aos monarquistas, se quiser permanecer no govêrno. — Os democrata-cristãos de Veneza pedem ao govêrno italiano a imediata expulsão do ex-Rei Faruk, do Egito, do território italiano. — A Hungria liberta



AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fá qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender aa ceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....

(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDERÊÇO ....

CIDADE .... ESTADO ....

1.272 reféns gregos, que manteve durante sete anos em prisão.

21 — DOMINGO — Reina calma na frente de Luang Prabang, na Indo-China, aproveitando os franceses para consolidar suas posições. — Negociadas 100 mil sacas de trigo russo para o Brasil, por intermédio da Finlândia. — Os jornais norte-americanos criticam a atitude de Costa Rica procurando sabotar a Conferência Inter-Americana de Caracas.

22 — SEGUNDA-FEIRA — O Paquistão solicita oficialmente ajuda militar aos Estados Unidos, o que provoca enérgico protesto da Índia. — Falece nesta capital o Sr. Conde Pereira Carneiro, diretor do Jornal do Brasil. — Nomeado Ministro da Guerra o General Euclides Zenóbio da Costa. — Decreto designando para responder pela pasta do Trabalho o Sr. Hugo de Faria.

23 — TÊRÇA-FEIRA — Surgem dificuldades nas negociações para estabelecimento de novo Convênio Comercial entre o Brasil e a Argentina. — As condições físicas do Sumo Pontífice voltam a preocupar os círculos do Vaticano, tendo reaparecido os soluços e as perturbações estomacais. — Revela Washington que a Conferência de Caracas tem como objetivo principal avitar a atividade comunista no Hemisfério Ocidental.

24 — QUARTA-FEIRA — Os 3 grandes ocidentais apresentam relatório dos resultados da Conferência de Berlim, salientando a má vontade da Rússia, mas revelando ser crescente o descontentamento da população oriental da Alemanha, contra o domínio soviético. — Washington anuncia que, embora aceitando a presença da China Comunista na conferência de Genebra não reconhece o govêrno dêsse país. — A Inglaterra consegue fabricar projetil foguete atômico de raio de ação médio, podendo ser disparado de terra. — O Secretário Geral da Onu declara que é preferível conseguir imediata ordem de cessar fogo na Indo-China, onde "a situação é insustentável". — O govêrno boliviano descobre e domina um movimento revolucionário. — O embaixador do Brasil nos Estados Unidos opina que o caso do café é mais uma exploração comunista, destinada a criar dissenção com o Brasil e outros países latino-americanos. — O Banco Internacional empresta cêrca de 20 milhões de dólares à Brazilian Traction, Light and Power Company Limited. — Toma posse o novo titular da pasta da Guerra, General Euclides Zenóbio da Costa. — Falece nesta capital o Sr. Embaixador José Bonifácio de Andrada e Silva.

25 — QUINTA-FEIRA — Apesar de haver Foster Dulles anunciado que na Conferência de Genebra a China Comunista terá, principalmente, que apresentar contas das agressões que efetuou na Ásia, a China Nacionalista, protesta contra essa conferência. — Eisenhower afirma à Índia que o empréstimo de armas feito por seu país ao Paquistão, não foi um ato inamistoso contra a terra de Ghandi. — Decretado estado de sítio para todo o Egito,

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

após a destituição de Naguib. — Irrompe levante armado na Síria, estando Aleppo em poder dos rebeldes, esperando-se grande luta entre governistas e revolucionários.

26 — SEXTA-FEIRA — O presidente da Câmara dos Deputados da Síria, Maamun El-Kuzbari, proclama-se chefe do Poder Executivo. Aguarda-se a dissolução do Parlamento e a fixação da data para novas eleições, em consequência da queda do Presidente Adib Shishakiy. — A China Comunista acusa os Estados Unidos de utilizarem as Filipinas como base de operações para a guerra da Indo-China. — Após duros combates os franceses repelem o inimigo ao norte de Luang Prabang. — Já possibilitado o rearmamento da Alemanha Ocidental. — O Premier italiano obtém voto de confiança.

— Donas de casa norte-americanas, de regresso aos Estados Unidos, revelam que o Brasil não está retendo a exportação de café. — Nomeada a delegação do Brasil à V Conferência da Divisão de Comunicações da Organização Internacional de Aviação.

27 — SÁBADO — Revela-se que o Brasil provocará a questão do café em Caracas. — No Egito, por pressão do Exército e do povo junto ao Conselho da Revolução, o General Mohammed Naguib é reintegrado na presidência da República. O Coronel Gamal Abdei-Nasser continua sendo 1.º Ministro. — Noticia-se que a França teria proposto à China Comunista ajudá-la a ingressar no concêrto das nações desde que esta nação concorre para por têrmo à guerra na Indo-China. — Do seu leito de enfêrmo o Papa adverte aos estadistas de todo o mundo que "não há, outra solução que a de construir o mundo de novo, tendo por base o espírito de Cristo.". — Nomeado interinamente superintendente da Moeda e do Crédito, o Sr. Níbio Foltran.

28 — DOMINGO — Manifestações em Pôrto Rico contra a união aos Estados Unidos. — Agrava-se ainda mais a posição das fôrças francesas na Indo-China, ameaçadas de cêrco e aniquilamento. — Muito grave, também, a situação na fronteira do Paquistão com a Índia, retirando-se do local os observadores norte-americanos. Começam os festejos do carnaval carioca, com tempo bom e firme e a presença de grandes figuras do cinema internacional.

Alívio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides. Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.

Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

GRÁTIS!

EM CADA 10 LIVROS V. ESCOLHE MAIS UM

Romances Brasileiros. Cr$ 10,oo cada

300-José de Alencar-O Guarani • 222-Alencar-Iracema • 256-Alencar-O Tronco do Ipê • 224-Alencar-Ubirajara • 225-Alencar-Diva • 226-Alencar-A Viuvinha • 241-Alencar-Senhora • 238-Alencar-A Pata da Gazela • 239-Alencar-Lucíola • 227-Joaquim Manuel de Macedo-A Moreninha • 228-M. Macedo-O Moço Loiro • 243-M. Macedo-Amôres de Um Médico • 273-M. Macedo-Uma Paixão Romântica • 274-M. Macedo-A Namoradeira • 240-Bernardo Guimarães-A Escrava Isaura.

Os melhores Romances. Cr$ 10,oo cada

270 - Balzac - A Mulher de Trinta Anos • 245 - Dostoiewski - O Jogador • 207 - Dostoiewski - Crime e Castigo • 195 - Flaubert - Madame Bovary • 225 - Dumas Filho - A Dama das Camélias • 179 - Sienkiewcz - Quo Vadis • 210 - V. Hugo - O Homem que Ri • 181 - Wilde - O Retrato de Dorian Gray • 289 - Warin - Romeu e Julieta • 216 - Gauthier - Mademoiselle de Maupin • 266 - Brontë - Morro dos Ventos Uivantes • 250 - Prévost - Manon Lescaut • 255 - C. Brontë - Jane Eyre • 265 - Austen - Orgulho e Preconceito • 275 - Merimée - Amores de Carmen • 293 - Lamartine - Graziela • 285 - A Viúva Alegre • 223 - Dumas - O Conde de Monte Cristo • 232 - Escrich - História de um Beijo • 249 - Ohnet - O Grande Industrial • 251 - A Mão do Finado • 252 - Stevenson - A Ilha do Tesouro • 248 - Feuillet - Romance de um Moço Pobre • 180 - E. Zola - Naná • 215 - E. Zola - A Bêsta Humana • 269 - E. Zola - Teresa Raquin • 65 - E. Zola - O Banho • 208 - E. Zola - A Taberna • 261 - E. Zola - Germinal • 206 - As Amantes do Imperador.

Romances para Moças. Cr$ 10,oo cada

F 1 - Delly - Sonho de Amor • F 2 - Bontá - Olhos Sombreados • F 3 - Ardel - Mulher e Nada Mais... • F 4 - Brane - O Segrêdo da Sua Vida • F 5 - Brane - Rósa de Junho • F 6 - Brane - Amor Entre Flores • F 7 - Maryan - Magia de Amor • F 8 - Chantepleure - Coração Infeliz • F 9 - Dezit - O Segrêdo de Sônia • F 10 - Bontá - Amor Inimigo.

VENDAS:

RIO: Av. Rio Branco, 25 e Rua do Ouvidor, 150
SÃO PAULO: Rua Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 884
e nas "Lojas Brasileiras de Preços Limitados"

INTERIOR:

Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, enviando o seu pedido, pelo talão abaixo, pára o Rio de Janeiro.

Manuais Práticos. Cr$ 15,00 cada

153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro • 158 - Aprenda a Fazer Mágicas • 182 - Regras para Vencer na Vida • 139 - Elimine Seu Complexo de Inferioridade • 146 - Rádio para Principiantes • 122 - Discursos para Tôdas as Ocasiões • 64 - Grafologia Prática • 186 - Você Sabe Conversar? • 192 - 1001 Informações Úteis 1.° vol. • 247 - 1001 Informações Úteis 2.° vol. • 199 - Homeopatia para Todos • 220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros • 233 - Fotografia para Principiantes • 234 - Manual do Fotógrafo Amador • 253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas 82 - Desenvolva a Memória • 170 - Aprenda a Dançar sem Mestre • 16 - Calendário do Jardineiro Amador • 50 - Enxertia Prática em Figuras • 36 - Manual do Motorista • 138 - Enguiços do Automóvel • 61 - Eletricidade do Automóvel • 188 - Guia do Mecânico do Automóvel • 141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho.

Passatempos. Cr$ 10,00 cada

157 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 1 • 279 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 2 • 100 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 4 • 68 - O Livro das Mágicas • 78 - Testes de Inteligência • 12 - Como Interpretar os Sonhos.

Cartas. Cr$ 15,00 cada

90 - Modelos de Cartas para Todos os Fins • 162 - Formulário de Correspondência Social • 163 - Modelos de Cartas Sentimentais • 143 - Modelos de Cartas Comerciais • 20 - Sugestões para Cartas de Amor • 21 - Correspondência Amorosa • 237 - Guia de Redação Oficial.

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros cujos números indico abaixo:

....

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.

(Nos romances para moças peça pelo número, indicando a letra que o precede).

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S. A.

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 4-8 — RIO DE JANEIRO

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado).

ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR.

CURIOSIDADES DA "MORGUE"



Por E. SPAWLING

(Episódio Real)

TORNEI-ME familiar do dr. Charles Norris de uma maneira muito singular. O chefe do "Corpo Médico Legal", de New York estava de pé, em seu laboratório do Bellevue Morgue, metido no seu longo avental. Tinha acabado sua macabra tarefa daquela manhã, na sala de autópsias, e se aprontava para o almôço num restaurante próximo.

— Charley, sirva um "drink" a êsse jornalista — ordenou êle. Charles Lieberman, seu "chauffeur" e sua sombra, dirigiu-se a uma mesa de mármore com uma pia no centro, onde apanhou um copo próprio para experiências químicas com resíduos humanos.

— O senhor já terminou com *êste*, chefe?

O chefe acenou afirmativamente com a cabeça. Logo a seguir o conteúdo do copo foi despejado na pia e, naturalmente, *muito naturalmente*, Charley após passá-lo ligeiramente pelo fio d'água da torneira, deitou-lhe a bebida a mim destinada. Valorosa e heròicamente esvaziei o copo que me era oferecido.

Os olhos do chefe pestanejaram. Eu havia passado no difícil teste e estava aceito como amigo do grande patologista!

Eu aprendera a *topar qualquer coisa* e poderia entrar para a Morgue imediatamente. O dr. Norris desejava mostrar um cadáver que havia estado num rio três meses ou mais.

— Meu velho, isto é magnífico! — exclamou êle.

O que o chefe queria significar por "magnífico" era que, a despeito do nauseabundo estado de deterioração do corpo, êle esperava provar que a morte não tinha sido por afogamento, mas sim por violência.

Quando Vicente Coll, mais conhecido por Gato Maluco, nas rodas do crime, foi perfurado por balas de metralhadora de mão, enquanto usava uma cabine de telefone, o chefe ficou em êxtase.

— Meu velho, isto é magnífico! Você deve ver isto, de perto!

Esta era a primeira vez que um *bom caso* de assassinato a metralhadora vinha parar às mãos do dr. Norris.

O chefe tinha um particular interêsse pelos ferimentos a armas de fogo. Descobrira que os detectives não estavam investigando certos assassinatos muito eficientemente, devido à natural repugnância por sangue em decomposição, e por isso sempre reclamava ao chefe de Polícia para que lhe enviassem alguns cadáveres dêsse tipo.

O pior para os pobres detectives era quando se viam solicitados ao andar térreo. Ali sempre encontravam um ajudante costurando corpos. Sôbre a mesa de mármore, além do corpo, deveria estar também seu sanduíche e uma garrafa de leite. Entre alguns pontos de sutura, êle ia comendo. Os detectives sob as ordens do dr. Norris nunca facilitavam durante êsse serviço de treinamento.

Aquêles que o conheciam consideravam o chefe o maior detective de todos os tempos. Como um exemplo de suas *proezas* apontava-se o "caso Troy". Um leiteiro encontrará às duas horas de certa madrugada, o corpo de mrs. Bessie Troy caído sob a sua própria janela. A polícia acusou Mike Troy, o marido, como sendo o assassino de sua

mulher. Mas o dr. Norris mantinha as suas dúvidas. Mike pesava sòmente 55 quilos, enquanto sua espôsa era mulher de grandes proporções, passando dos 80!

Duvidava também de suas próprias conclusões; por isso, foi visitar o dr. George B. Magrath, médico examinador-chefe de Boston, e um caráter tão pitoresco quanto o seu. Juntos se encaminharam para o cemitério de New Jersey. À luz de uma lanterna, o dr. Magrath, ostentando sua flutuante gravata preta, e o dr. Norris, fumando seu inseparável charuto, levaram a efeito uma improvisada autópsia. Podiam, naturalmente, ser presos por infração dos regulamentos, mas...

— Encontramos uma magnífica aspiração de sangue nos pulmões! — revelou o chefe, mais tarde. — E isso vinha provar *que mrs. Troy estava viva quando seu corpo bateu no pavimento*. Mike foi pôsto em liberdade.

Tão excelente detective era o chefe que estou certo de que podia saber *quando e como êle próprio viria a morrer*.

De outra feita, um grupo de jornalistas se reunira numa festa. Um dêles foi sùbitamente atacado de convulsões. Tendo melhorado, todos se tranquilizaram, porém horas mais tarde voltaram novamente os acessos. Um médico declarou o homem morto, mas escusou-se de apontar as causas.

Alguém chamou o dr. Norris ao telefone. Êle fêz apenas duas perguntas. *"Diga aos coveiros que podem levar êsse camarada. É um caso de trombose das coronárias"*.

A autópsia tudo confirmou.

O chefe também morreu de trombose das coronárias. O homem que podia diagnosticar pelo telefone com duas perguntas, devia saber o que o ameaçava. Proibiu, entretanto, nas suas disposições testamentárias, que seu corpo fôsse autopsiado. Êle, que tinha executado mais de 26 000 autópsias, não quis que um *amador* violasse o seu próprio corpo.

★ ✶

BOM-HUMOR INDUSTRIAL

UM comerciante da cidade de Chicago, cansado de aguardar uma encomenda que havia solicitado meses antes, telegrafou ao seu fornecedor:

— **Anule Imediatamente Encomenda.**

Uma semana depois recebeu a seguinte resposta do fabricante:

— **Lamentamos Não Poder Anular** Imediatamente. **Rogamos Esperar Vez.**



CRUELDADE... GASTRONÔMICA

PAUL Joaneths, proprietário de um restaurante de Miami, acaba de solicitar e obter divórcio em seu favor.

Motivo: desde o seu casamento (1947) sua mulher recusou cozinhar no lar e o forçou sempre a comer os pratos do seu próprio estabelecimento.

Isto, sim, é crueldade...



Tenho que lhe dizer "umas coisas" sôbre a vaca que você me vendeu — Mas não diante das crianças

INICIAIS

ACREDITEM ou não, existe um Oficial das fôrças armadas norte-americanas que é descrito nos documentos do Departamento de Estado como D.E.F.O.I.I.D.U.S.S.D.

Que significa isso?

O citado oficial é o **Diretor of European Field Operations for the International Information Division of the United States Sate Department.**

Tá?



SÔBRE QUE CONVERSAVAM. (Respostas da pg. 15)

1 — Cobras; 2 — Cavalos de Corridas; 3 — Voar; 4 — Cabelos compridos; 5 — Natação; 6 — Maçãs; 7 — A eterna juventude; 8 — Como invadir a Inglaterra; 9 — Trabalho; 10 — Suas terríveis espôsas; 11 — Da conveniência de mostrar-se sem roupas; 12 — Rabeca; 13 — Arquitetura; 14 — Finanças; 15 — Reis e príncipes.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Dentro do equilíbrio entre o humanismo e a técnica é que terá que se efetivar tôda a atividade educativa nacional, condicionada às necessidades sociais de uma nova época". — *JORGE MACHADO*

A QUESTÃO DO LATIM — I

A questão não é de hoje: desde muitos anos se discute sôbre a conveniência ou não do ensino do latim, no curso secundário. Na Inglaterra, como na França, na Alemanha, como nos Estados Unidos, têm sido o latim alvo dos mais diversos comentários, uns favoráveis, outros contrários ao estudo da "imortal língua morta".

Entre nós, divergem igualmente os pareceres dos educadores: uns querem o ensino do latim, outros o acham dispensável. Enquanto isso, continua êle entre as matérias do curso secundário, em caráter geral e obrigatório (1), enquanto subsistem os velhos métodos de ensino, caracterizados pelo trabalho estafante de decorar declinações, verbos, regras de sintaxe, de prosódia e de metrificação, tudo isso acompanhado de traduções ditadas e sem comentários históricos e filológicos.

Apresenta-se, assim, o problema sob duplo aspecto: se se deve, ou não, ensinar o latim, em caráter obrigatório, no curso secundário; no caso afirmativo, qual o método a seguir no ensino dessa língua.

Argüi-se, geralmente, que a língua de Cícero deve ser eliminada do canículo, porque "os alunos não mais se interessam por ela..." Nós acrescentaríamos: "... e porque se não lhes desperta o gôsto pelo estudo". Mas a questão exige melhor e mais profunda análise. O caso do latim não existe insuladamente: está prêso a um problema de ordem mais geral, que é o referente à orientação, que se deva imprimir ao curso secundário. Em poucas palavras: deve adotar-se a educação clássica, a educação científica, ou sistema outro que mais adequadamente atenda às necessidades vigentes, dentro da realidade brasileira?

O problema é eminentemente social, porque está relacionado com os fins da educação, e sob êsse aspecto deve ser examinado.

Quanto à metodologia do ensino do latim, depende da dinâmica da aprendizagem, revelada pela psicologia experimental, com bases na biologia, e, principalmente, dos fins visados no ensino dessa língua.

Voltaremos ao assunto no próximo número.

CORRESPONDÊNCIA

Literatura Portuguêsa

Herbert Palhano — Não aprovamos os métodos adotados por nossas editôras, com relação aos livros didáticos. E não aprovamos porque, em geral, os interêsses comerciais preterem as conveniências do ensino. Não se edita o melhor, mas o que possa, pelas circunstâncias do momento, alcançar maior êxito comercial. E o resultado ai está: dezenas de livros didáticos (!) sem o menor valor, repletos de erros, para cuja elaboração parecem ter concorrido apenas a tesoura e a goma, porque, na verdade, uns reproduzem as tolices de outros.

Abrimos exceção para algumas obras. Entre elas, as *Unidades Literárias,* de Virgínia Côrtes de Lacerda; a nova edição da *Antologia Nacional,* de Carlos de Laet, comentada por Daltro Santos. Às exceções podemos agora acrescentar, e o fazemos com prazer, a nova série do professor Herbert Palhano, publicada sob o título *Literatura Portuguêsa.*

Não se trata, ainda aqui, de aventura nos domínios da literatura didática, mas de trabalho consciente e honesto, saído da pena experimentada de quem já nos ofereceu estudos vários, de real interêsse glotológico e filológico, entre os quais *Fatôres Externos na Formação do Léxico Português* (1941), *Ensaios de Língua Portuguêsa* (1944).

1) Neste momento, transita pela Câmara Federal projeto de lei que exclui o latim do currículo ginasial.

Que, sujeito de infinitivo — Há vestígios, em português, da construção latina em que o infintivo aparecia com sujeito próprio (no acusativo). Na clássica e conhecida construção — *deixai-o ir, ao velho fidalgo* —, o *o* é sujeito do infinitivo *ir* (deixai-o ir = deixai que êle vá).

Daí a análise, que fizemos, da construção — *que se sabia dever embarcar para a Europa* — onde encontramos:

1ª oração — sabia-se (= era sabido; *se* = partícula apassivadora)

2ª oração — que (= o qual) dever embarcar para a Europa (que = sujeito)
(Consultar o EU SEI TUDO de dezembro de 1953)

Como clamores discordantes, de pessoas autorizadas, tenham chegado até nós, voltamos ao assunto e reafirmamos o nosso entendimento.

Sendo intercalado, ou independente o período, o *que* passa a significar, ali, *êle, o mesmo*, correspondendo a *quem, illum, ipsum*, como no seguinte trecho de Cícero, nas *Catilinárias*:

"Tunc eum, *quem* esse hostium comperisti, *quem* ducem belli futurum vides, *quem* exspectari imperatorem in castris hostium sentis patieris exire? (Por acaso deixarás partir aquêle que compreendeste ser inimigo, *que* vês há de ser o chefe da guerra, *que* percebes ser esperado nos acampamentos dos inimigos na qualidade de comandante?)

Na construção acima, o *quem* é sucessivamente sujeito dos infinitivos *esse, futurum* e *expectari* (na tradução, o que funciona como sujeito de *ser, há de ser, esperado*). — JOSÉ RICARDO NETO.

MÁQUINAS IMPRESSORAS

VENDEM-SE: — Marcas "KOENING & BAUER", "MIEHLE", "RECORD" e "AUFGUSTARKE", Formatos 2-A (76 x 112) e 2-B (66 x 96). Dupla Rotação. Usadas em Perfeito Funcionamento. CIA. EDITÔRA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — DIST. FEDERAL.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 11 — ABRIL — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso. Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossilabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape. 15 — e endereçada ao redator desta seção

LOGOGRIFO 1

DESOLAÇÃO

A vida. meu amigo. é sempre [assim.
Dá-nos sonhos de amor. dá-nos [ventura.
Dá-nos tudo que é **belo**, tudo [enfim, 8, 10, 3, 11
Que inebre nosso alma de ter- [nura.

Essa fase da vida, bela. sim,
— Sem vislumbre de **dor** e de [amargura 3, 1, 7, 2
Fatalmente terá dolorido **fim** — [11, 3, [illegible], 2, 11
Porque a felicidade nunca dura!

E quando já sentimos a alma [**aflita** — 4, 9, 2, 10, 11, 2, 4
Pelo golpe profundo da desdita
Sucumbimos na **atroz** desolação, [10, 9. 6, 1, 8, 9, 4, 5

Coragem, meu amigo, é no tor- [mento,
Na tortura **Cruel**, no sofrimento,
Onde se purifica o coração.

Heliotrópio - Pôrto Alegre

CHARADAS SINCOPADAS

2 — Três (duas) — De ordinário não é **astuto** o indivíduo **valente**.

Conde de la Fère - A.C.C.O. [Salvador

---

3 — Três (duas) — Já estava **escuro** e o **jôgo** prosseguia.

Acobar - GCOR - GCN (Maceió)

---

4 — Três (duas) — É na **saída** da festa, que o **poeta** faz seresta.

Asil — A.C.C.B.

---

5 — Três (duas) — Uma dôce **música** quebrou o **silêncio** da noite.

Bereco — (Recife)

---

6 — Três (duas) — O **tanque** que **fura** fàcilmente deixa de ser um auxiliar excelente da lavadeira.

Cysneirense

7 — Três (duas) — Em **lugar alto** e **pedregoso** é sempre perigoso levar **algum** tombo.

El Príncipe - (Uberaba)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

8 — Três (duas) — **Tourada** não se faz em **série**.

Fuzinho — (Rio)

Ao Dr. Zinho

9 — Três (duas) — O **velhaco** não se sente feliz, senão quando **mente**.

J. D. Mingo - (S. do Bonfim)

---

10 — Três (duas) — **Amabilidade** não é coisa que qualquer um **possua**.

Nilva — (Rio)

---

11 — Três (duas) — Com excesso de **excitação** até uma dentada se **dá**.

Lutércio — (Rio)

---

12 — Três (duas) — **Terra esteril** só serve para se abrir **vala**.

Mavicaro

---

13 — Três (duas) — Homem de bom **comportamento** gosa sempre de boa **reputação**.

Odnaref - (Santa Cruz)

---

14 Três (duas) — Quem tem **brandura de gênio** não pode ser um **déspota**.

Sefton — (Rio)

---

15 — Três (duas) — **Bem estar material**, **tenho** de sobra em minha casa.

Zigomar - T.E.M. (B. Horizonte)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

16 — Duas — uma — Você **sofre** profundo **desgosto** quando vê no **passeio do jardim** o namorado da menina?

Fiote — (Cuiabá)

---

17 — Três — três — O **sertanejo revolucionário** impõe que lhe dêem o **nome que nas lavras diamantinas dão a hematite**.

Seron Silpes — (Canavieiras)

---

18 — Uma — duas — **Por** êste **arganel** perdi a amizade de **parente muito próximo**.

Joleno — (São Paulo)



Aprenda a Embalsamar!

CURSO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA

O INSTITUTO FLORESTA lhe ensinará, em curso rápido, eficiente e intensivo como dissecar aves, animais, reptis, crustáceos bem como curtir pele para taxidermia, preparar tapetes com péle, montagem de chifre, preparação de borboletas, etc.

Curso único e interessante no Brasil
MENSALIDADE: CR$ 100,00

Para obter mais informações remeta o cupon ao lado.

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - SÃO PAULO - BRASIL
Nome ....
Endereço ....
Cidade ....

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - S. PAULO - BRASIL

19 — Uma — uma — **Após o número** musical foi servida a **sobremesa**.

KTQZ — (Rio)

---

20 — Duas — três — **Ladrão** que rouba **embriagado** não passa de um **sujeito qualquer**.

O Sineiro — (S. Paulo)

---

21 — Três — uma — Com **graça** e **garbo** procuro **falar com chiste**

Oarcim — (Rio)

---

22 — Uma — duas — O **chefe** não aceita informação de **origem** obscura e **suspeita**.

P. Del Debbio — (S. Paulo)

---

23 — Uma — duas — Com lã de **carneiro** mandei costurar o **buraco da meia**, depois fui tomar uma **xícara grande de café com leite**.

Eva Dio — (Rio)

---

24 — Duas — uma — **A mulher** deve **dizer** sempre a verdade, a fim de **evitar** brigas.

Guilherme Tell — (Rio)

---

25 — Uma — uma — Dizem que o **carbonato de cal amorfo**, usado **aqui** pelo homem **careca**, cura a calvície.

José Balsamo — (Rio)

26 — Duas — duas — O **granizo** não mata mulher **selvagem** nem pessoa **ruim**.

Pauiistinha — (Rio)

---

27 — Três — duas — A polícia **enxota** os **larápios**, ou **aquele que faz espalhafato por motivos fúteis**.

Iza Abel — (Rio)

---

28 — Duas — duas — A **pesquisa** causou grande **azafama** e não foi encontrado o **tecido com fios de prata**.

Guilherme Tell — (Rio)

---

29 — Duas — duas — A **investigação** continua **imparcial** à procura da **espécie de rêde de arrasto**.

Scamva — (Santos)

---

30 — Duas — uma — **Estampa** com cuidado; **basta** a **manta do pescoço**.

Zenon — (Ouro Fino)

ENIGMAS

— 31 —

Com fé no banho entrei
Naquele lindo regato,
E logo que me banhei
Tive um grande **sobressalto**.

Mavicaro

— 32 —

Tu íras tão toiamente
com os teus lindos cabelos
[**sujos**!...
Espera a náu novamente
e verás belos marujos
que, de mulheres sedentos,
não notam cabelos poeirentos...
Onde?

KTQZ — (São Paulo)

— 33 —

Alguem que tudo examina
Tem sòmente uma intenção.
No trabalho da oficina,
Obter a promoção.

Assumiu um compromisso,
E dêsse modo procura,
No decorrer do serviço,
Fazer bonita FIGURA.

Gil Vírio — (Andradina)

CHARADAS CASAIS

34 — Três — **Repreendo** o indivíduo **maçante**.

Anchieta - R.S. — (S. Paulo)

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa,. Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

35 — Três — Que **tratante! Deseja tudo que vê.**

Bisilva — (Manáus)

---

36 — Três — Nem sempre uma crônica **satírica** é escrita por cronista **sarcástico**.

Cysneirense Júnior

---

37 — Cinco — Pelo seu estilo **nebuloso** e afetada **transcendencia no decorrer**, a tese do nosso recomendado foi regeitada.

Conselheiro — (R. G. do N.)

---

38 — Três — Aquele mocinho **incorrigível** acha que fazer algazarra em cinema é bonita **façanha**.

De Souza - T. G. — (Rio)

---

39 — Três — No Carnaval **oculto** o rosto com um **disfarce.**

Edur G. Monteiro - (Cuiabá)

---

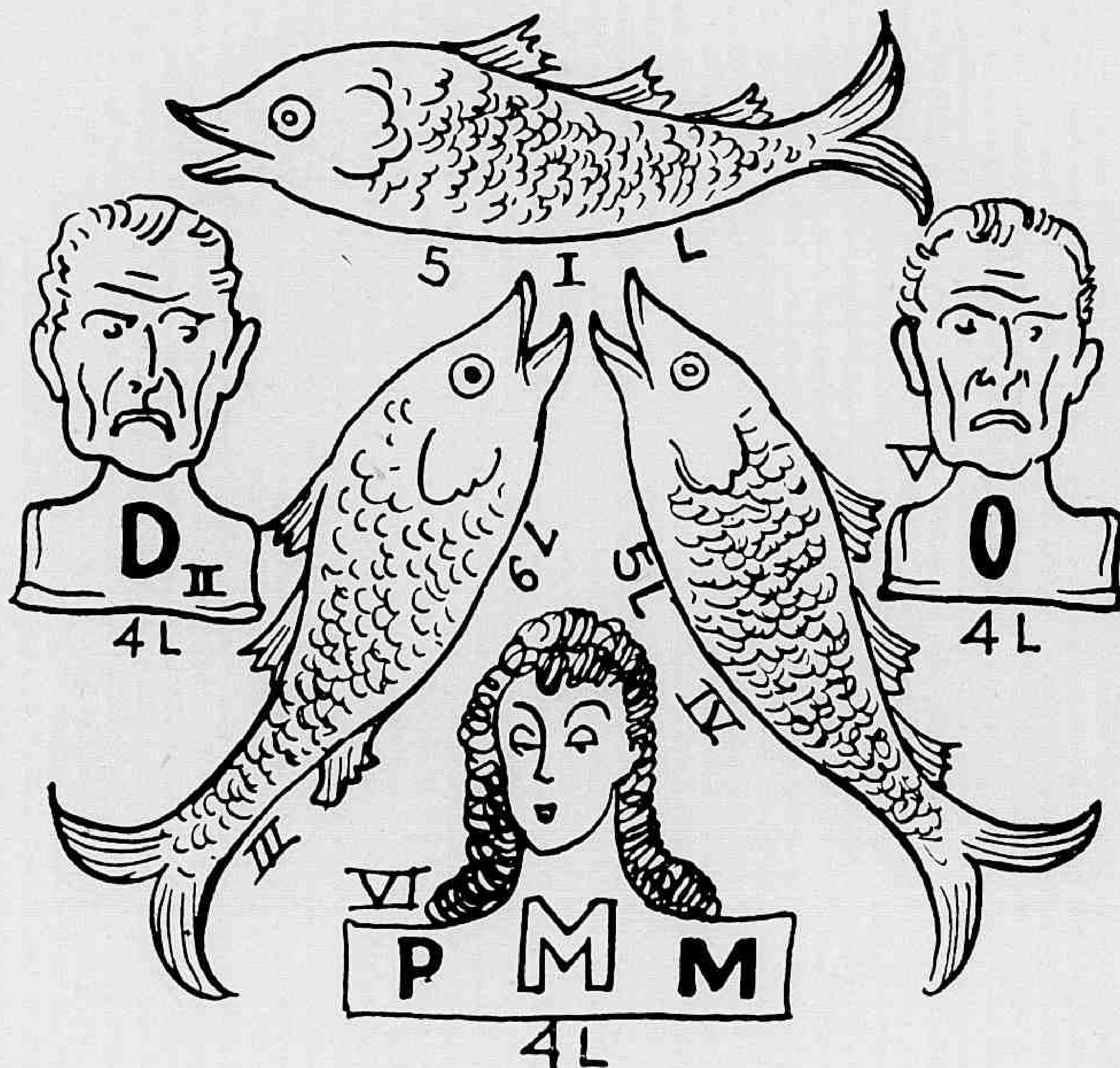
40 — Três — É fato **sabido de todos** que a água **estagnada** abriga perigoso micróbio.

Ecêbê — (Maceió)

---

41 — Duas — Para quebrar

ENIGMA FIGURADO — 49



P. Del Debbio — CEP — (São Paulo)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
FUNDADO 1926
PEÇA PROSPECTOS

um **eixo liso** não preciso fama de **valentia**.

Irahydes — (Rio)

---

42 — Duas — É uma **estopada** conversar com homem **de poucas palavras**.

Iris — (T. Otoni - Minas)

---

43 — Três — Fatigado, o sacerdote **murmura** com voz ininteligível a **oração pelos defuntos**..

Malba Tantan — (Santos)

---

44 — Quatro — Tomou chá de **rosa-de-jericó** e parece **que remoçou**.

Tony — Campo Florido

---

45 — Duas — Prato de **porco** é **gamela**.

Zigomar - T. E. M. - (B. H.)

---

46 — Três — Os homens do **passado** enfrentaram sorridentes. uma longa **caminhada**.

Gil Vírio - (Androdina)

---

47 — Três — Para homem **tolo**, mulher **adoidada**.

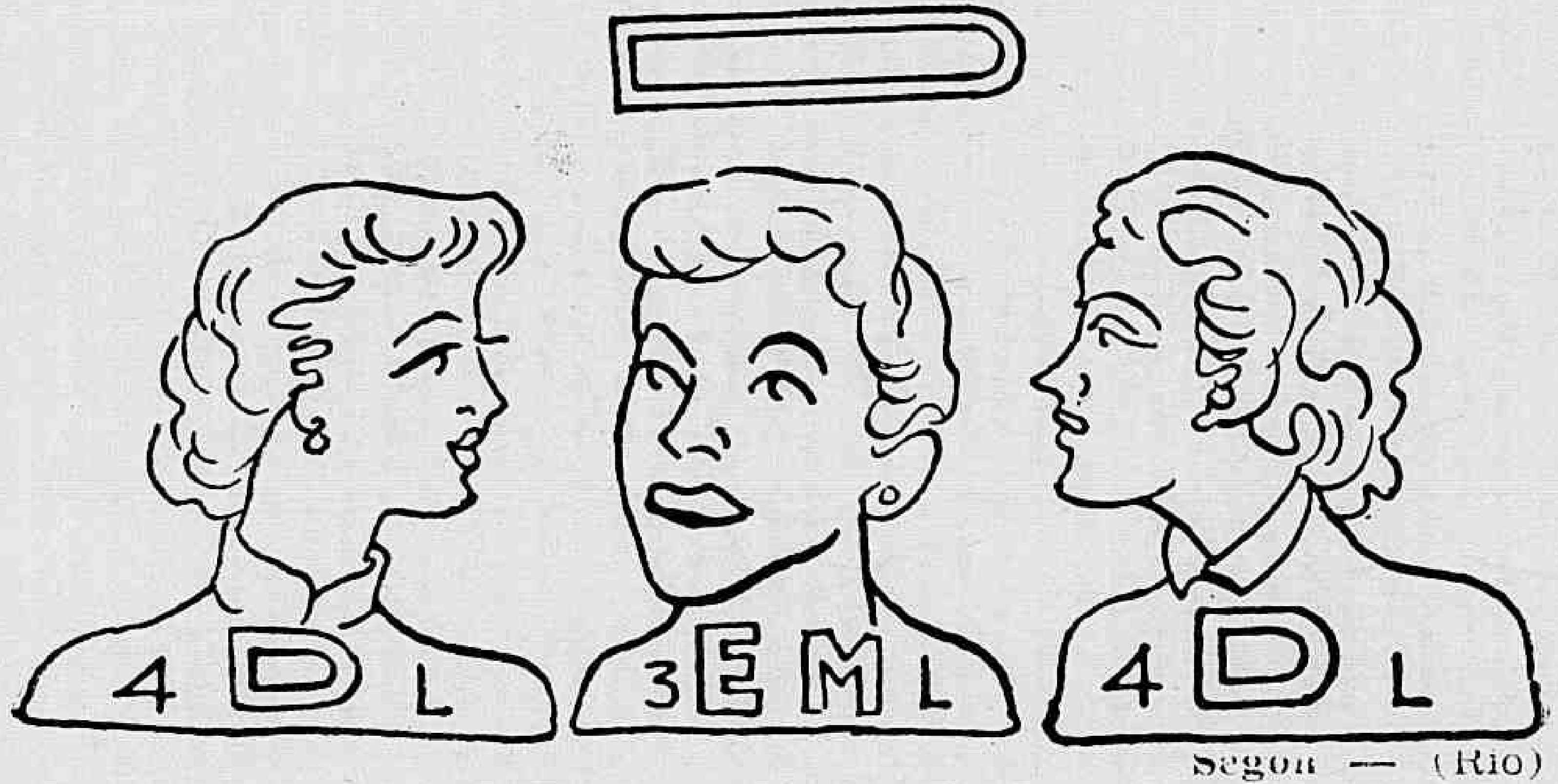
Anchieta - R.P. - (São Paulo)

A distinta confrade Heron Silpes

48 — Quatro — Fico **contemplativo** ao notar quanto sóis **devota**.

Bisilva — (Manáus)

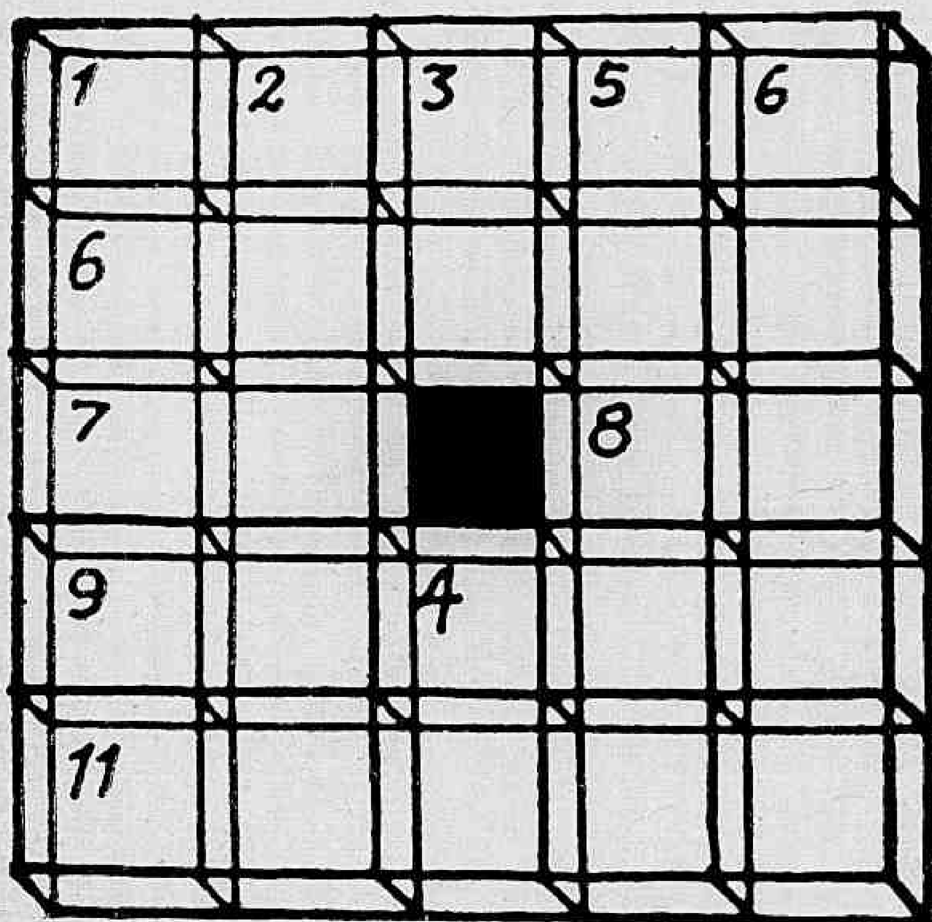
ENIGMA FIGURADO — 50



Segon — (Rio)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1



Cysneirense Júnior

Horizontais — 1 — Casca; 6 — Confederar; 7 — Chega!; 8 — Cachimbo; 9 — Cada uma das duas asas do nariz; 11 — Ramal.

Verticais — 1 — Catar; 2 — Comentário para dar aspecto sensacional a um fato (gíria jornalística; 3 — Símbolo do sicilício; 4 — "Conformidade"; 5 — Grangea; 6 — Praia.

Problema n.º 2



Nelson Bernardo — (São Paulo)

Horizontais — 1 Pôrto de Arequipa. Peru; 2 — Sacas; 3 — Antes de Cristo; 3 — Letra do alfabeto grego; 4 — **Horizontalidade; 5 — Tinta** amarelo avermelhada com que são tintos os queijos flamengos; 6 — Fôlha de palma.

Verticais — 1 — Planta da fam. das leguminosas, divisão cesalpináceas; 7 — Carrapateira; 8 — Vogar; 8 — Fôrma apocopada de vale; 9 — Traquinas.

PUBLICAÇÕES

Temos recebido pontualmente as seguintes, que agradecemos:

Mocidade, Maceió-Alagôas; **O Charadista**, Lisbôa-Portugal; **Revista de Palavras Cruzadas**, capital; **Cruzadismo e Charadismo**, Capital; **Norte Charadístico**, Recife Pernambuco, **Edipismo e Palavras Cruzadas**, Estremoz Portugal; **Revista do Globo**, Pôrto Alegre; **Artigas**, Montevidéu Uruguai; **Seleções Recreativas**, Capital; **O Enigmista**, Santos e outras, cujos nomes nos escaparam.

TRIBO DOS TAMOIOS

De Cabo Frio — Esta valente tribo, agora enriquecida com os nossos valentes confrades **Dr. Anquinhas** e **Ralvo Ilvas**, voltou às lutas no EU SEI TUDO, assim recebemos com especial agrado as soluções do 4.º torneio de 1953.

ENIGMISTICA

Deve aparecer por êstes dias o livro **Enigmistica**, de autoria do nosso velho amigo e colaborador **Ueniri** (Irineu Vilas — Boas Esteves). **Enigmística** é um livro diferente, pois além da parte de ensinamentos, trás um estudo completo sôbre a história do charadismo, nome de tôdas as revistas e seus cultores, pseudonimos novos e antigos e muitos outros assuntos.

É um grosso volume de cêrca de 500 páginas e seu preços não irá além de duzentos cruzeiros.

CIRCULO ENIGMÍSTICO DE SANTOS

No dia 28 de Janeiro foi eleita a sua nova diretoria, que regerá o C.E.S. no biênio de 1954-1955, assim constituída:

Presidente — Nínio Mendes da Silva (Zednem); Vice-Presidente — Heládio Marques (Oidaleh); 1.º Secretário — Armando Petrarchi Filho (Arpetra); 2.º Secretário — Nilo Gago Gonzalez (Olin); 1.º Tesoureiro — Júlio Melo Fernandes (Jumedes); 2.º Tesoureiro — Isaltino Soares (Só Ares).

Vogais: Algirdas Viltrakis (Tim); Roberto Henrique Simões (Rohen Seomis); Tarcísio José Marques Ferreira (Tarcísio).

Conselho Fiscal: Belmiro Gomes de Almeida (Begoal); Érdener A. Franco (Malba Tantan); Nelson Bernardo (Brigadeiro).

"AMARALINA"

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)



Já se encontra a venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616
OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309





COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBILIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VÉSPERA

· CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 21 de fevereiro:

Heliotropio (Pôrto Alegre) — Sua colaboração é recebida com muito carinho. Gratos.

Pierre Poli (?) — A sua inscrição foi registrada em novembro de 1947, faltando, entretanto, o seu endereço que pedimos mandar. O problema de palavras cruzadas, depois de examinado, será publicado.

Marion (Minas) — Não aceitamos sinônimo de sinônimo, como conceito; **bravo** — veja **almoço**, almoço: **primeiro acontecimento do dia: bravo** como **primeiro acontecimento**, não serve. Outro: **fino**, o mesmo que **pronto**, pronto **rápido** — **fino** não é **pronto**.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência. sôbre charadas deve ser dirigida ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

EU SEI TUDO

Nº 443 — Ano XXXVII Nº 11 — Abril de 1954

SUMÁRIO:

"Torta" Paulinho 3
A grande pescaria 3
Renovar quase sem despesa 4
Homem rico, homem pobre ou "O drama de abril" .. 6
Anebulosa de Andromeda... não é uma nebulosa 6
Extremos 6
O botão dourado (conto) 7
Ouro no alvo (Episódio real) 11
Quando Deixarão de Caluniar as sogras? 11
São Jorge — História, Tradição e Lenda 12
Êle queria ouro (conto) 19
Visão mundial: TRIESTE, pôrto da confusão — A política do Adriático na antiguidade, na época atual e também no futuro 23
O automóvel mais leve 29
Poder e saber 29
Sensacional! Foi desnecessária a bomba atômica contra o Japão 31
Uma advogada no processo de Jesus 34
A fôrça de um juramento (romance, continuação) .. 39
A vida das abelhas — Algo de novo e maravilhoso, revelado pela observação microscópica (em policromia) 47
AR — Pressão esmagadora — O paradoxo de Bernouilli — Encher um copo por contrôle remoto — Levantar objetos pesados com ar — O transparente ar é matéria pesada — Fôrça de recuo — Bolas com efeito — Ferver café com gêlo — Medir oxigênio num copo — Como voa um avião — Por que a forma influi na velocidade — Ação e reação 54
O hóspede das noites de chuva (episódio real) 61
Dois venenos... Para viver! (conto) 62
40 milhões de operários trabalham no estômago 67
Percorrendo o mundo: — Os adoradores do diabo .. 70
A jangada da Medusa flutua no Museu Grévin (400 quilos de cêra e 28 meses de trabalho) 72
Apanhados com anzol (episódio real) 76
Mapa do mundo em escala de 1/1.000.000 76
Detetor de mentiras (episódio real) 77
Usar ou não usar chapéu? 77
Para não mais voltar (novela) 78
Invasores... de cartola 86
Por trás da porta amarela (romance, continuação) .. 87
Sôbre que conversavam? 95
Cibernética 97
A boa resposta do mês 100
Memento EU SEI TUDO 101
Curiosidade da morgue 111
Quebra-Cabeças, Charadas, etc. 113

CORRESPONDÊNCIA

Luís Otávio, Rua Barão de Itaipu, 186, Vila Isabel — D. Federal — Recebemos e agradecemos.

Henrique Souza Camatti, Londrina Paraná — Recebemos sua excelente exposição. O artigo, publicado em revista científica que se edita na Itália, era acompanhado pelos desenhos que publicamos. O seu trabalho e gráficos serão estudados imediatamente. Ficamos desde já muito gratos por seu interêsse.

Charles do Amaral Sheppard, Icaraí. Niterói — E. do Rio — Creio que publicamos tudo ou, pelo menos, quase tudo o que de melhor foi escrito pelo citado autor. Ùltimamente não temos lido qualquer referência a novos trabalhos do mesmo.

Ernesto G. Seixas, Belém, Estado do Pará — Êsse é problema tão insolúvel como o dos transportes, do qual, aliás, depende diretamente. Por nossa parte estamos distribuindo sempre com boa antecedência.



A CAPA — Com uma composição especial de Ramón para êste magazine, rendemos homenagem ao grande santo do mês, São Jorge, que conta com inumerável legião de devotos em todo o Brasil e sôbre o qual, o leitor encontrará, à página 12 do presente número, minucioso artigo ilustrado.